

Adocção

Corações que
se abriam
para acolher
e amar

AM

Organizadora:
Des.^a Mariangela Meyer Pires Faleiro



Adocção

corações que se abriam
para acolher e amar



Realização



Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais

Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes - EJEF

Rua Raul Pompeia, nº 101, 7º andar, São Pedro, Belo Horizonte/MG

CEP 30330-080

Endereço eletrônico: www.ejef.tjmg.jus.br

E-mail: gejur@tjmg.jus.br

Os conceitos e afirmações emitidos nesta obra são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

A186 Adoção: corações que se abriram para acolher e amar /
Mariangela Meyer Pires Faleiro (org.) ; Ana Leticia Seiler
Poelman Pinheiro... [et al.] -- Belo Horizonte: Tribunal de
Justiça do Estado de Minas Gerais, Escola Judicial "Des.
Edésio Fernandes", 2021.

324 p.

ISBN: 978-65-87273-02-0

1. Adoção – Coletânea. I. Faleiro, Mariangela Meyer Pires
(org.). II. Pinheiro, Ana Leticia Seiler Poelman.

CDU: 347.633

CDD: 342.1633

Des.^a Mariangela Meyer Pires Faleiro

Organizadora

Adoção

corações que se abriam
para acolher e amar

Belo Horizonte
Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais
2021

Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais

Desembargador Gilson Soares Lemes

Presidente

Desembargador José Flávio de Almeida

1º Vice-Presidente

Desembargador Tiago Pinto

2º Vice-Presidente

Desembargador Newton Teixeira Carvalho

3º Vice-Presidente

Desembargador Agostinho Gomes de Azevedo

Corregedor-Geral de Justiça

Desembargador Edison Feital Leite

Vice-Corregedor-Geral de Justiça

Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes

Comitê Técnico

Desembargador Tiago Pinto

Desembargadora Mariangela Meyer Pires Faleiro

Desembargador Jaubert Carneiro Jaques

Desembargador José Marcos Rodrigues Vieira

Desembargador Moacyr Lobato de Campos Filho

Juiz de Direito Murilo Sílvio de Abreu

Diretora Executiva de Desenvolvimento de Pessoas: Thelma Regina Cardoso

Diretor Executivo de Gestão da Informação Documental: Fernando Rosa de Sousa

Produção Editorial

Gerência de Jurisprudência e Publicações Técnicas - GEJUR/DIRGED

Coordenação de Publicação e Divulgação de Informação Técnica - CODIT

Centro de Publicidade e Comunicação Visual - CECOV/ASCOM

Coordenação de Mídia Impressa e Eletrônica - COMID

Projeto gráfico: Shirley Moraes / Ilustração capa: Fernando Lima

Sumário

Prefácio - <i>Des. Gilson Soares Lemes</i>	7
Apresentação - <i>Des. Tiago Pinto</i>	11
Introdução - <i>Des.^a Mariangela Meyer Pires Faleiro</i>	13
Nota da organizadora	16
Os depoimentos	17
Promovendo encontros - <i>Ana Leticia Seiler Poelman Pinheiro</i>	19
Experiências de adoção - <i>Bruno Terra Dias</i>	29
Um encontro de amor - <i>Carolina de Senna Figueiredo e Ramon Fernando Gual</i>	35
Adoção nunca foi opção - <i>Catarina Terezinha Barreto</i>	45
Adotar, acolher e amar - <i>Clarisse Alves de Oliveira Pires</i>	61
Grande encontro - <i>Cynthia Aparecida Alvim Machado</i>	71
O amor supera - <i>Enilva Rosa de Sousa Machado</i>	79
Amor com responsabilidade - <i>Ionélia Maia e Cláudio Ney de Faria Maia</i>	93
Adoção: uma gestação no coração - <i>Irene Barbosa da Silva</i>	103
Nossa história de adoção - <i>Isabelle Marques Gonçalves Meireles</i>	117
Ao filho do coração - <i>José Arthur de Carvalho Pereira Filho e Maria Fernanda Pires de Carvalho Pereira</i>	123
O DNA não faz uma família. O Amor faz - <i>Juliana Gomes de Carvalho</i>	129
O amor que muda histórias - <i>Kelly Godfrey Bornelli</i>	139
Adoção: unindo sonho à realidade - <i>Lucinéia Bernardo Nunes Fernandes e Enéias Fernandes dos Santos</i>	149
O Anjo e a Filha - <i>Magali Mary Vilar de Almeida</i>	155

A história de Luísa e Júlia - <i>Marcilene Rita de Oliveira</i>	171
Adoção, um plano maior para minha vida - <i>Maria Elaine Bragança de Souza</i>.....	179
Adoção: ato de amor incondicional sem racionalidade - <i>Maria Helena Militão</i>..	191
Iara: uma filha concebida na alma depois de uma longa espera - <i>Mariangela Meyer Pires Faleiro</i>.....	199
Deus é bom! - <i>Mário César Vieira Júnior</i>.....	213
Adoção: a magia do amor - <i>Marli dos Santos</i>.....	221
Adoção, uma história de amor - <i>Mayre Rodrigues Costa</i>	227
Um genuíno amor: desinteressado, inexplicável... como deve ser - <i>Monique Chiara de Assis</i>.....	235
Pai solo e adoção tardia: a paternidade e o amor como escolhas de vida - <i>Randhal Wendel Fernando de Souza Santos</i>.....	241
Minha história de amor incondicional - <i>Roberta Aparecida Antunes do Nascimento</i>	255
Adoção internacional: um verdadeiro paradigma para a mudança - <i>Roberto Apolinário de Castro</i>	263
Um menino para ser meu irmão - <i>Rógerson Miranda</i>.....	271
Filhos nascidos no nosso coração - <i>Roldney Bessa Silva</i>	279
Na fila da adoção: expectativa e amor - <i>Rosemary Doralice Sant'anna Couto</i>...	283
Adoção - Linhas do amor: costurando vidas - <i>Sirlene Barbosa Rocha Melo</i>.....	291
Uma inesperada história de amor - <i>Solange Aparecida Silva Santos</i>	303
O arco-íris da adoção - <i>Valéria Cristina Barbosa Pacheco</i>.....	309
Marronzinha, dos cabelos cacheados! - <i>Vanessa Santos Gomes</i>	315

Prefácio

Des. Gilson Soares Lemes

Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais - TJMG

A adoção é um ato de amor incondicional, irreversível e absoluto. Gesto que pode romper a trajetória de abandono de uma criança, permitindo que ela bem como aqueles que a adotaram construam juntos uma nova história de vida. É a ação que tem o condão de permitir a construção de laços afetivos inabaláveis e profundos entre os envolvidos, além de possibilitar o singular exercício da paternidade e da maternidade para quem acolhe o adotante e de oferecer uma família para quem é adotado.

Conceituar adoção, para além dos significados jurídicos e objetivos do termo, é um exercício por demais desafiante, que tangencia o imponderável. Melhor que tentar defini-la, portanto, é dar voz àqueles que foram tocados de perto por essa experiência. E é isso o que o presente trabalho buscou fazer, trazendo um conjunto de relatos, permeados de emoção, de autobiografados que tiveram suas vidas transformadas por ela. As percepções que emergem, no momento em que as pessoas recontam suas histórias, são ao mesmo tempo um esforço de rememoração e de ressignificação de vivências. Esta obra torna-se, assim, um referencial importante sobre o tema, revelando o sentido maior da adoção.

As narrativas dessas belas experiências — dos pais biológicos, dos pais adotivos e dos adotados — são apresentadas abrangendo aspectos que ultrapassam as questões meramente jurídicas, alcançando também os sentimentos e as emoções envolvidos nos casos, além de serem atravessadas por todo um viés da simbologia familiar. São testemunhos relevantes e, não

raro, impactantes. São também, e, sobretudo, singulares, pois a experiência de adotar ou de ser adotado é sempre única.

Em um resgate histórico, verifica-se que uma das primeiras normas jurídicas brasileiras sobre a matéria remonta a 1828, tendo sido esse instituto estabelecido de maneira mais organizada no Código Civil de 1916. Contudo, nesse dispositivo, a adoção ainda era apresentada de forma limitada e conservadora: apenas pessoas heterossexuais casadas e sem filhos biológicos podiam adotar, por exemplo, entre outras condições que restringiam sobremaneira o perfil dos potenciais adotantes e que nem sempre visavam ao melhor interesse da criança.

Posteriormente, surgiram outras normas relacionadas, e mudanças significativas foram pouco a pouco sendo introduzidas no olhar jurídico sobre o assunto, até chegarmos à Constituição Federal de 1988, quando foram fixados os parâmetros que figuram hoje na nossa legislação. Entre as disposições contidas na Carta Magna sobre o tema, ressalte-se o art. 227, § 6º, em que está expresso que “os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação”. Importante, ademais, foi o fato de o texto constitucional estabelecer o papel crucial do poder público nos processos de adoção.

Já em 1990, com a entrada em vigor do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), marco jurídico das questões relacionadas à infância e à juventude, surgem mais avanços. Entre eles, o que se refere à celeridade para a concretização da adoção, que teve suas regras simplificadas. Outra legislação basilar surge quase duas décadas depois, em 2009, com a Lei nº 12.010, que reitera uma vez mais a igualdade legal entre filhos adotivos e biológicos, cria um cadastro nacional de crianças aptas a serem adotadas e introduz aspectos para dar mais proteção e segurança aos processos.

O instituto da adoção, contudo, ainda enfrenta algumas dificuldades. De acordo com dados divulgados pelo Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), ligado ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ), existiam, nos primeiros dias de fevereiro de 2021, mais de 34,5 mil pretendentes à adoção, para um total de 5 mil crianças disponíveis em nosso país. O número de

pessoas que desejavam adotar era nada menos que sete vezes superior ao dos meninos e meninas à espera de um lar.

Diante desse descompasso, a questão que se coloca é: por que milhares de crianças e adolescentes se encontram neste momento em instituições de acolhimento, quando há tantos interessados aguardando na fila para adotar?

A resposta a essa pergunta tem relação direta com um ideal de filhos e filhas que ainda ocupa o imaginário de muitos que sonham ser pais e mães. A adoção tardia, por exemplo, ainda é exceção — a maioria prefere adotar recém-nascidos; quanto mais velha, menor a chance de uma criança ser adotada. Uma mudança cultural, para que os pretendentes se abram a outras possibilidades — como adotar crianças com problemas de saúde, grupos de irmãos ou maiores de sete anos — é um movimento que precisa atingir a sociedade brasileira. O amor não pode esperar.

As inspiradoras histórias que compõem esta obra pretendem emocionar, ajudar a romper preconceitos e encorajar a adoção. Em especial, em seu conjunto, estas páginas intencionam contribuir para que mais e mais crianças e adolescentes deixem para trás os dias em abrigos e possam vivenciar a inenarrável experiência de serem acolhidos como filhos ou filhas por uma família com a qual não mantêm vínculos sanguíneos. E que mais pessoas possam plasmar suas vidas com o amor dessas crianças e desses adolescentes.





Apresentação

Des. Tiago Pinto

2º Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do
Estado de Minas Gerais - TJMG

A significância desta obra dada ao público pelo Tribunal de Justiça do Estado de Minas, através da Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes, conota especial fenômeno da atividade judiciária, que envolve o processo de adoção. O alcance das normas de proteção à infância e adolescência tem finalidade que transcende os termos e os significados dos textos legais e, simplesmente, nos toma o espírito de humanidade.

É ato de amor — esse que move o sol e as estrelas — e nos guia ao seu talante, como o vate do poeta maior, na Comédia — divina.

Adotar é empreendimento de racionalidade, de declaração que conforma a vontade de adotar, mas é relação que se exprime em forma humana de compreensão e inspiração.

Adoção: corações que se abriram para acolher e amar. É o título da obra.

São relatos de experiências vividas e que são agora compartilhados. Exemplos que estimulam e provocam o envolvimento da sociedade, mostrados por relatos, vivências bem-sucedidas e retratadas de adoção e a sua relação com a ambiência familiar na construção de uma vida social possível, humana, em que prosperam o amor e a compreensão.

Tenha o livro devida recepção no meio jurídico e social. Alcance o sucesso que lhe espera. Cumpra a sua missão de estímulo à realização de adoções e se realize.

Da Escola Judicial todo o estímulo e apoio aos Juízes da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, especialmente à idealizadora do livro, a Desembargadora Mariangela Meyer Pires Faleiro, exemplo de dignidade e fê na humanidade.



Introdução

Des.ª Mariangela Meyer Pires Faleiro
Superintendente-Adjunta da Escola Judicial Edésio Fernandes - EJEJ

É sabido que a decisão da adoção de uma criança ou adolescente pode ter diferentes motivações pessoais, como dificuldades em gerar o próprio filho ou a necessidade emocional de fazer esse ato de amor ao próximo. Há, ainda, os casos de famílias compostas por pessoas do mesmo sexo, que, por questões biológicas, ou de preferência, não podem gerar os seus, mas possuem amor de sobra para adotar e criar.

Portanto, são inúmeras razões que levam ao mesmo resultado: **um ato de amor**. Mas, mesmo sabendo que o sentimento tão aguardado nessa situação é o amor, há diferentes anseios, medos e dúvidas que podem abalar o emocional do pretendente à adoção. Como:

– “Será que vai dar certo? Será que a criança poderá não se adaptar à rotina da casa ou da família?”.

Não podemos deixar de lado esses impactos. É preciso uma grande preparação para que a vontade de ser um pai ou uma mãe adotivos se realize.

A pretensão deste livro é oferecer aos leitores as histórias das experiências adquiridas com adoções das mais variadas. É mostrar como aconteceu o processo de adoção de cada autor, e também tratar das questões emocionais que envolveram aquele momento.

A ideia é acalmar os ânimos, diminuir as tensões, as preocupações, a ansiedade emocional, demonstrar como houve a reestruturação de cada família,

as mudanças na rotina do casal e do dia a dia, e noticiar os fatos que decorreram daquele ato de amor.

A ideia de criar uma coletânea sobre Adoção surgiu com foco na necessidade de desmistificar um pouco o processo, e de tentar amenizar o sentimento de tensão e dúvida que domina aqueles que pretendem adotar.

Achamos importante mostrar que, assim como um filho biológico, o filho adotivo demanda as mesmas cargas de imaginação, idealização e desejo, antes mesmo de estar na presença física dos pais.

Pretendemos evidenciar que essa decisão tem que ser firme, não pode haver lugar para dúvidas emocionais.

Acreditamos que se mostra de grande importância que saibam o porquê da adoção, a motivação que os leva a escolher e decidir por adotar.

E espera-se que, diante de tantos casos aqui narrados, seja possível verificar e entender os pontos fortes e fracos nesse processo de decisão, e o que foi que deu a certeza e a confiança para que os adotantes seguissem em frente e concretizassem aquela adoção.

As histórias carregam uma grande dosagem de sentimento e de emoção, pois sabemos que ter um filho envolve situações desafiadoras para o emocional de todos da família acolhedora.

Sabemos que, na hora de deliberar pelo recebimento de uma criança em adoção, essa nova situação envolve custos como educação, lazer, cuidados com a saúde, entre outros, e, embora haja a necessidade de se preocupar com isso, as dificuldades de assumir todos esses compromissos vão se dissipando aos poucos e gradativamente sem que se perceba.

Em que pese inexistir uma regra absoluta para que o vínculo emocional seja criado, aguarda-se que a presente obra coletiva possa permitir que as coisas sejam conduzidas de forma bem mais natural do que se imagina, porque fruto de muito carinho e amor.

Temos a expectativa de que cada história traga consigo inúmeras informações no sentido de como tudo aconteceu, de como foi gerado o laço de con-

fiança entre eles. Para tanto, por mais que pareça difícil, é muito importante que a criança tenha o conhecimento de que foi sim adotada, quanto mais cedo melhor. São atitudes corajosas e desprendidas que permitem essa revelação mais breve, até para a garantia de que aquele ser adotado sinta que não foi enganado ou ludibriado em momento algum.

O importante é ser honesto, para que se possa receber de volta afeto, gratidão e confiança.

Com esta obra, pretendemos oferecer à sociedade um conjunto de textos diversos, de adoções várias e de pessoas diferentes, cujo ponto comum foi o de abrir seus corações para acolher alguém que precisava de amparo, carinho, dedicação e muito, **muito AMOR.**





Nota da organizadora

Para a análise dos depoimentos enviados à campanha pública a fim de integrar este livro e a coleção da Biblioteca Digital do TJMG, foi instituída a Comissão Técnica de Avaliação, composta pelos seguintes membros:

- **Cynthia Aparecida Alvim Machado**
- **Clarissa Duana Silveira de Souza**
- **Thelma Regina Cardoso**
- **Washington Luiz da Silva**
- **Sidnéia Simões**

Os depoimentos que integram esta obra foram enviados, voluntariamente, pelos autores que aderiram à campanha pública do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais e refletem suas opiniões, pensamentos e crenças, sendo deles a responsabilidade pelo conteúdo.







Promovendo encontros

Ana Leticia Seiler Poelman Pinheiro

Introdução

Numa perspectiva histórica, a adoção existe há séculos, como prática de estabelecimento de vínculo de filiação.

Durante muito tempo, a adoção serviu para suprir as necessidades de casais que não podiam ter filhos, aparecendo como estratégia de manutenção da família, na maioria das vezes, para responder a seus anseios afetivos, econômicos, políticos e religiosos.

Somente a partir das duas Grandes Guerras, a preocupação começa a se voltar para as necessidades das crianças órfãs. A adoção passa, então, a ser tida como alternativa para dar um lar e melhores condições de futuro para crianças sem pais.

No Brasil, essa perspectiva da adoção focada no interesse das crianças só foi legalmente respaldada em junho de 1990, com a promulgação da Lei nº 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

A referida legislação trata a adoção sob novos princípios, priorizando as reais necessidades e interesses das crianças e adolescentes acolhidos e destituídos do poder familiar. O ECA garante que a adoção só será deferida quando representar reais vantagens para a criança, fundando-se em motivos legítimos e garantindo-se ao filho adotivo o mesmo tratamento dispensado ao filho biológico.



Entretanto, a consolidação do novo paradigma proposto pelo ECA deve ser compreendida como processo histórico de mudança, de um foco centrado no interesse do adulto para um foco centrado na garantia do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar.

Nesse contexto de mudanças na cultura da adoção, necessário se faz refletir sobre a prática da adoção, amparada legalmente pelo ECA.

Este artigo se propõe a discutir as práticas relacionadas aos processos de habilitação para adoção, uma vez que uma nova cultura da adoção, centrada no direito de crianças e adolescentes, só se consolidará com o preparo adequado dos futuros pais por adoção.

Perspectiva legal do trabalho com os pretendentes à adoção

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em sua redação original, previa a necessidade de que cada comarca mantivesse um registro de pessoas interessadas na adoção, assim como determinava que o deferimento de inscrição nesse sentido ocorresse a partir de consulta aos órgãos técnicos do Judiciário, usualmente compostos por psicólogos e assistentes sociais (art. 50. Publicação original do ECA).

Entretanto, no texto original da referida legislação, ainda não havia previsão em relação aos procedimentos para o deferimento de inscrição no cadastro de adoção, deixando a cargo de cada comarca estabelecer sua própria metodologia de avaliação de pretendentes.

Somente após a publicação da Lei nº 12.010, em 2009, o preparo de postulantes para o exercício de uma paternidade ou maternidade responsável passa a ser exigido como pré-requisito para o processo de habilitação para adoção (art. 197-C). Conforme texto da lei, tal processo deverá incluir preparação psicológica, orientação e estímulo à adoção inter-racial, de crianças ou de adolescentes com deficiência, com doenças crônicas ou com necessidades específicas de saúde, e de grupos de irmãos.

Essa perspectiva de preparo para adoção é ampliada pela previsão legal de contato entre os pretendentes e as crianças/os adolescentes em regime de





acolhimento familiar ou institucional, trazida pela Lei nº 12.010 e reafirmada na Lei nº 13.509, de 2017.

Perspectiva prática do trabalho com os pretendentes à adoção

A partir de minha experiência como técnica no Fórum da Comarca de Betim, onde atuei de 2002 a 2018, no período em que fui cedida pela Prefeitura Municipal, venho trazer algumas reflexões pertinentes à prática de preparação e habilitação de postulantes à adoção.

No início dos anos 2000, dentre os técnicos que atuavam no Judiciário e trabalhavam com os pretendentes à adoção, ainda predominava um trabalho de caráter diagnóstico, pautado na crença de que uma avaliação psicossocial seria suficiente para predizer as chances de sucesso ou não do acolhimento de uma criança como filha. Os técnicos do Judiciário – assistentes sociais e psicólogos – deveriam aferir se os pretendentes à adoção reuniam condições de exercer a maternidade/paternidade de forma adequada e responsável, na perspectiva de predizer a possibilidade de sucesso de uma adoção.

A relação que se estabelecia entre os técnicos do Judiciário e os candidatos à adoção era de autoridade e poder, num relacionamento vertical de saber sobre o outro.

Em minha prática profissional, a experiência apontava que esse padrão de atuação criava uma distância entre nós – técnicos do Judiciário – e os pretendentes à adoção, o que impedia um trabalho conjunto de amadurecimento do projeto de filiação adotiva.

Intuitivamente, compreendemos que precisávamos criar uma nova forma de atuar junto aos pretendentes à adoção, entendendo o processo de habilitação como um caminhar junto, contribuindo, de fato, para o processo de reflexão e elaboração para a construção de um projeto de adoção.

Nesse sentido, tomamos como fundamental estabelecer uma relação de confiança com os pretendentes à adoção, em que ficasse explícita nossa disponibilidade como técnicos para parceria com os pretendentes nas re-



flexões sobre um projeto de filiação adotiva, a ser desenvolvido de forma responsável, a partir do comprometimento destes últimos.

Estabelecida essa relação de confiança, seria possível intervirmos com os questionamentos necessários para elaboração mais refletida e amadurecida das questões relativas à filiação.

Além disso, essa nova forma de nos relacionarmos com os pretendentes à adoção também propiciaria que tivéssemos atuação mais efetiva no período de adaptação de uma criança ao grupo familiar substituto, possibilitando-nos acompanhar e contribuir para a superação de conflitos, tensões e dificuldades que certamente se apresentariam na fase de construção de vínculos entre pais e filhos.

Reconsideramos, então, a forma como nós, técnicos, nos apresentávamos aos pretendentes. Entendemos que era necessário abdicar de uma relação de poder para construir uma relação de parceria e confiança, acreditando que nossa função não se esgotava na avaliação dos pretendentes, mas também contemplava nossa contribuição para a preparação das pessoas dispostas a serem pais por adoção.

Ao invés de tomar para nós a função de atestar a capacidade do pretendente à adoção de exercer a maternidade/paternidade adotiva de forma adequada, criamos condições para que cada pretendente pudesse refletir sobre seu projeto de adoção, elaborando suas próprias questões a partir de nossas intervenções e colocando-se de forma responsável no projeto de filiação.

A partir de uma proposta de relacionamento mais horizontal entre os técnicos do Judiciário com os pretendentes à adoção, foi possível construir outro tipo de relação, pautada na confiança e numa escuta respeitosa, acolhendo as dores e frustrações do pretendente e contribuindo para a construção de um projeto consistente e responsável de filiação.

Sentindo-se acolhidos e considerados ao longo de todo o processo, os pretendentes colocavam-se de forma genuína e sincera no processo de preparação para adoção, sentindo-se seguros para apresentarem-se de maneira mais autêntica, trazendo conteúdos pessoais significativos para uma reflexão conjunta.



Nossa escuta proporcionava aos pretendentes a possibilidade de responsabilizarem-se por seu projeto de parentalidade adotiva, compreendendo o tempo de espera pelo filho adotivo como fundamental no processo de preparação interna para a adoção.

Essa concepção de atuação profissional não estava mais centrada na expectativa de que o saber do psicólogo fosse suficiente para predizer o sucesso de uma adoção.

Pelo contrário, nosso trabalho estava centrado na concepção de que cada uma das pessoas envolvidas no processo de adoção tem papel ativo, sendo responsável por suas escolhas.

Atuando dessa forma, deixamos explícito que técnicos do Judiciário e pretendentes à adoção somos parte de um mesmo processo, na perspectiva de garantir a convivência familiar para as crianças e os adolescentes que não puderam ter seus direitos garantidos no seio de sua família de origem e de assegurar a possibilidade de filiação para aqueles que escolheram a via da adoção.

Na perspectiva de acompanhar a formação de novas famílias constituídas a partir da adoção, dispusemo-nos a um processo de preparação e *formação continuada* que não se restringia à tramitação de um processo judicial nem à mera avaliação dos pretendentes.

Não bastava ter contato com o pretendente durante o período de habilitação e somente retomá-lo quando da possibilidade de uma adoção concreta. Nesse lapso temporal entre estar habilitado e receber a criança, também era importante manter o contato.

As famílias passavam por mudanças durante esse período, e era importante acompanhá-las também durante o período de espera pela chegada do tão sonhado filho.

Entendemos, então, como necessária a manutenção de convivência contínua com as famílias pretendentes à adoção, já habilitadas ou ainda em processo, como possibilidade de fortalecimento de um vínculo de confiança tal que nos possibilitasse intervenções efetivas não só no período de preparação para adoção, mas também no período de adaptação da criança à família substituta.



Implementamos então encontros mensais, para os quais eram convidadas pessoas com o processo de habilitação em andamento e aquelas no período de espera pela chegada de seu filho. A esse grupo também se juntaram as famílias já formadas por adoção, aquelas que já tinham o filho consigo e buscavam orientação e troca de experiências.

Esses encontros foram se constituindo como possibilidade de discussão dos aspectos objetivos relacionados ao processo de adoção, mas também como reflexão sobre os aspectos subjetivos relacionados à maternidade/paternidade adotiva.

Os encontros tornaram-se também oportunidade de troca de experiência entre iguais, momento de compartilhar angústias, medos, expectativas e possibilidades. A partir deles, muitas famílias criaram vínculos de amizade e apoio mútuo entre si, possibilitando que, mais tarde, fosse criado um Grupo de Apoio à Adoção no Município.

Além das oportunidades de reflexão proporcionadas pelos encontros mensais, também instituímos em nossa prática momentos de contato e convivência entre os pretendentes e os acolhidos, experiência fundamental para que a visão dos futuros pais sobre a criança a ser adotada pudesse ser menos idealizada e mais próxima da realidade.

Para isso, realizávamos eventos em que fosse possível a convivência dos pretendentes com os acolhidos, em oportunidades como Cafés da Manhã nas unidades de acolhimento do Município e comemorações diversas – Festa Junina, Dia das Crianças e Natal.

Nossas intervenções tinham início na preparação desses encontros. Quem se comprometia com o que seria oferecido às crianças e aos adolescentes eram os próprios pretendentes.

Nós criávamos a oportunidade de interação, mas eram eles que assumiam postura ativa na organização do evento e na interação com os acolhidos.

Nos momentos de contato entre pretendentes e acolhidos, fomentamos interações fundamentais para a construção de vínculos de afinidade e afetividade que posteriormente se consolidaram como possibilidade de pertencimento familiar, principalmente considerando as crianças maiores e adolescentes, assim como aquelas com necessidades especiais.





Nesses eventos, famílias conheceram seus filhos e acolhidos adotaram seus pais.

No encontro com as crianças reais, novas possibilidades se apresentavam para os pretendentes à adoção e para aqueles acolhidos disponíveis para adoção e com poucas possibilidades de inserção familiar a partir do então Cadastro Nacional de Adoção.

A interação entre pretendentes e acolhidos nos mostrava com muita clareza que o processo de tomar uma criança como filho vai além do que nosso conhecimento teórico pode prever ou de mera coincidência no cruzamento de dados de adotantes e de crianças/adolescentes disponíveis para adoção, somente considerando-se o critério cronológico de habilitação dos pretendentes.

Mais recentemente, a convivência dos pretendentes à adoção com as crianças e os adolescentes destituídos do poder familiar vem sendo reconhecida como estratégia legítima na garantia do direito à convivência familiar e implementada em diversas comarcas.

Deve-se considerar que adotar é um processo subjetivo de criar um laço com o outro. Para os pais, significa tornar familiar o que me era estranho, fazendo com que se possam reconhecer no filho. Para os filhos, ser adotado significa se apropriarem daqueles pretendentes como figuras significativas e de referência afetiva.

E, nesse contexto, os profissionais envolvidos no trabalho com adoção têm a possibilidade de acompanhar a formação de famílias e de promover felizes encontros!



Reunião mensal com pretendentes à adoção.
Fórum de Betim. Fevereiro de 2015.



Convivência entre pretendentes à adoção e acolhidos promovida
em festa junina. Unidade de Acolhimento Institucional Casa
Esperança. Junho de 2012.



Hoje queremos agradecer a você,

Que esteve ao nosso lado nas horas que choramos

E nas horas em que sorrimos,

Nas horas em que lamentamos

E nas horas que de uma forma ou de outra demonstramos total alegria.

Agradecemos pelo sorriso diário, sem mágoa nem rancores,

Agradecemos de peito aberto, de alma explosiva...

Você fez, faz e sempre fará parte de nossa história!

Maria José e Jair, pais de Clara e Tiago

Cartão recebido de casal acompanhado e preparado para adoção na Comarca de Betim. Dezembro de 2017.







Experiências de adoção

Bruno Terra Dias



Pais e filhos.

Pergunto-me: o que faz de mim e de Stella pais de José Francisco, Maria Tereza e Maria Clara? O que faz deles nossos filhos? Certamente que não um ato, uma simples conduta registrada em algum lugar na memória ou no tempo, que se perde por morte ou derrelição, por efeitos de uma demência que se instala imperceptível na senilidade que se anuncia de repente, quando não é mais possível negar, a despeito de tantos sinais no decurso dos anos. Seguramente, a força da juventude nos auxiliou, porém jamais foi suficiente ou mesmo imprescindível; a perda de massa muscular, de força física e de



elasticidade, de forma alguma, comprometeu nossa condição de pais. A melhor renda de uma velhice que se anuncia ainda com disposição e trabalho igualmente nada altera a não ser os cuidados e a intensidade das emoções, a vontade de proximidade e o respeito pelas opções que eles fazem, como nós fizemos em décadas passadas.

Um sorriso, um recolhimento, um olhar de esperança em sofrimento, instantes iniciais do nascimento e da descoberta de vidas que então se comunicaram para o sentido do sempre. Desconhecia esse tipo intenso de amor que dispensa espera e que imediatamente quer proximidade, abraço, calor do corpo, todo tipo de afeto, braços abertos desde o rosto incontido simplesmente da alegria de estar. O primeiro dia, o inicial momento da aventura maior de nossas vidas, e nem sabíamos que seria assim, tão bom que sou incapaz de dizer. Um dia após outro, aprendemos quem somos, nas circunstâncias em que somos, até que nada mais faz sentido se não for vida compartilhada, existência de um com o outro condicionada. A densidade e a certeza de que daria minha vida por eles, pois tudo perderia sentido e espiritualmente paupérrima seria a jornada sem eles.

Já não somos pais, senão unidade com nossos filhos. Como o seixo que rola nas margens do rio, perdemos nossas arestas, mas não para ficar menores. Aproximamo-nos do Criador enquanto nos livramos do que é inessencial, do que fere e aborrece. Tornamo-nos como esferas, podendo oferecer algo de bom sem precisar ficar de lado para ninguém. Se viver o amor familiar nos faz assim melhores para conviver, o inverso hipotético corresponde à aspereza que machuca à aproximação e impede o compartilhamento feliz de nossas melhores emoções.

Fiz-me pedra em memórias do nascimento de meus filhos, para que não haja transformação de datas tão delicadas em passado, para que não haja esquecimento, um risco que não é do tempo, porém do ser e de sua subjetividade. Sei também que me fiz lembrança aberta à novidade, à transformação, em cada filho, em sua capacidade de olhar o passado e se reconhecer no presente, saber o presente e se imaginar no futuro. Contrasta a felicidade, que expande e é realizante, com os traços do infeliz, que tem necessidade de esquecer de si mesmo, mas não pode adotar o esquecimento perpétuo da própria infelicidade, pois o esquecimento não é vitória, é apenas trégua sobre o sofrimento.





Seis nascimentos

Talvez sejamos aferrados demais ao aristotelismo para pensar o corpo como organismo, o nascimento como surgimento no mundo vivo e morte como extinção funcional do organismo; se toda estrutura se subordina a uma função, isso definiria a vida, enquanto a perda da função, desfazendo a estrutura, definiria a morte, o eterno sono, a migração em retorno ao Criador. Porém, há mais do que os sentidos podem nos informar nessa vida. E o nascimento não é apenas um acontecimento dinamizando estruturas e cumprindo funções. Seria demasiadamente filosófico e escassamente humano assim nos referirmos ao que somos ou podemos ser, ao que são ou podem ser nossos filhos. Nessa seara, melhor reconhecer que o muito que se sabe é bem pouco diante do que se tem para viver e dizer, que a vida é finita e nenhum de nós alcançará a inteira verdade do alumbramento de ser.

Se a percepção sensorial é tão falível quanto a competência que alguém tenha para produzir ilusões, por que razão haveríamos de confiar apenas nos sentidos de que somos dotados para pretender esgotar o que seja um nascimento? Um conhecimento se revela insuficiente quando não abarca a integralidade daquilo que pretende anunciar e decifrar para a posteridade. O nascimento é um desses conhecimentos que se ampliam enquanto se vive, mas não se completam mesmo ao termo de uma longa existência. No entanto, algo da soma de humanidades em nós permite, na falibilidade da finitude e na limitação individual da capacidade de compreensão de nossa própria origem e de nosso destino, dizer que o vir à luz é mais do que sugere a superficial apreciação do termo de uma gravidez.

A angústia de ser para o mundo, de ser transitório e sabedor de que a culminância da encarnação é seu desfazimento e que esse desfazimento é atributivo de sentido ao ser, soa heideggeriana demais para o conjunto de sentimentos que une pessoas pelo que denominamos de “Amor”. Então, compreender a vida em seus extremos pode requerer algo além do que indica a mera percepção sensorial, fazendo-nos distintos na Criação. A constante capacidade de ampliação da compreensão dos símbolos componentes do significado e mistério de viver e frutificar dignifica o que é mais do que condicionamento pela força das restrições do meio em que nos educamos, dignifica cultura e civilização, dois termos tão discutidos e imbricados com o que nos ufanamos de ser.



Pais e filhos.

É assim que José Francisco, Maria Tereza e Maria Clara nasceram primeiro para o mundo e, depois, para Bruno e Stella. É assim, também, que nasci para a paternidade e Stella para a maternidade, em tantos momentos que nos definem na origem e na continuidade. É assim que nos apresentamos onde quer que estejamos e aonde quer que nos dirijamos, uma família que nasceu do amor humano e desprendido de todos e por todos, que me ensinou quando eu pensava ser mestre e orientador.

Adoção é humanidade

Somos seres lançados no mundo, porém seres dotados de afetos e paixões, que não meramente se multiplicam, mas que se enxergam na continuidade das gerações e se perdem quando deles não resta lembrança, memória ou traço distintivo perpetuador ético de sua passagem. Sofremos com o que nos acontece, por ato de vontade ou por fato a que não nos podemos opor, e assim nos transformamos, no cumprimento do que se pode reconhecer como autêntica lei da humanidade: temos origem na extinção de nossa anterior



condição de não-ser, somente somos quem e o que somos, aqui e neste momento, para saber que nosso devir é tornar à condição de não-ser individual e ser no amoroso abraço do Pai.

Miméticos, somos apenas imagem e semelhança, não somos o nosso próprio Criador, embora tantos passem da potência à ação como se o fossem. Somos tão pequenos que somos significantes apenas em conjunto. A humanidade se perde na solidão, sem jamais encontrar semelhante, e o *homo sapiens* imitará o que os sentidos indicarem e viverá como fera sem saber de si, pois se confundirá em ser imagem e semelhança do ambiente ao seu redor. A reprodução orgânica, com estruturas destinadas a realizar funções, é uma singularidade misteriosa e maravilhosa, porém, por si, não nos faz humanos. Há muito mais do que estar no ambiente e mimetizar, o que outras criaturas são perfeitamente capazes de fazer.

A mim me ilumina a palavra, ser comunicacional que não me esgota no sexo. Comunicamos, eu e Stella, a José Francisco, Maria Tereza e Maria Clara, não o nosso genoma, mas quem e o que somos: humanos. Adotar é transmitir à posteridade a humanidade que há em nós.



Pais e filhos.





Um encontro de amor

*Carolina de Senna Figueiredo
Ramon Fernando Gual*

Nossa história de adoção começou no início de 2016, quando resolvemos entrar na fila... Não! Nossa história começou bem antes, quando nós, Carol e Ramon, nos conhecemos, aos 15 anos, no colégio. No dia 18 de maio, aos 17 anos, começamos a namorar, e aos 27 nos casamos. Desde sempre, sabíamos que seríamos pais. Desejávamos ter filhos, mas ainda não tínhamos definido quantos seriam biológicos e quantos por adoção. Sim, a adoção sempre foi um desejo...

Em 2014, começamos a tentar engravidar. E a criança não veio... fizemos todos os exames e nada parecia impedir a gravidez... Em 2015, fizemos duas inseminações com ótimas condições de sucesso, mas ainda não era a vez... a nossa médica então sugeriu que tentássemos uma fertilização. Pensamos, pensamos e começamos a perceber que talvez esse não fosse o nosso caminho... As tentativas insistentes da gravidez biológica sem sucesso começaram a nos cansar... Então, reavivamos a ideia da adoção e definimos que essa seria a direção a ser seguida! Em março de 2016, entramos com os papéis na Vara da Infância. Preencher um papel com o perfil do seu possível filho é algo estranho. Talvez por parecer que se está excluindo algumas possibilidades, mas, por outro lado, nos abre caminhos para determinar o que nos deixa mais seguros. E, assim, fomos traçando esse caminho, que chegou ao seguinte perfil: menina, dois a três anos, que poderia ter doenças tratáveis, e sem distinção de raça/cor.

Documentos entregues, curso preparatório agendado. O tempo de espera nos trouxe leituras, discussões e conversas. Na verdade, uma das primeiras



perguntas que nós, pretendentes à adoção, devemos nos fazer é: queremos realmente ser pais? Porque maternidade/paternidade, independentemente se por via biológica ou por adoção, requer responsabilidade, doação e muito amor. Hoje sabemos como o período de espera foi importante. Na época era um misto de alegria, expectativa e ansiedade... Tentávamos imaginar como seria nossa filha, qual era a sua história, quais seriam os desafios. Adoção é um ato de amor, entrega e coragem.

Assistimos “Histórias de adoção”, um programa do canal GNT, sempre com lágrimas nos olhos e soluços engasgados. Foi um tempo de preparação e reflexões. Foi nessa época que nos surgiu uma questão interessante: estávamos prontos para o desafio da adoção de uma criança negra? Essa questão é só mero detalhe ou precisa de algum preparo? Como casal branco, a questão do racismo e preconceito era algo distante. Percebemos que precisávamos nos preparar também para sermos pais de uma criança negra. Passamos a nos envolver mais com o debate sobre racismo, ler e conversar com amigos negros sobre essas questões.

Nessa espera, que durou dois anos (entre a entrega da documentação e a chegada da nossa filha), fomos também conversando e de certa forma preparando nossos familiares e amigos. A adoção ainda é um tema cercado de mitos e cheio de preconceitos, e devemos estar, de certa forma, preparados para lidar com isso.

Também fomos organizando nossa vida e nossa casa para a chegada da nossa filha. Carol cursava doutorado e apressou-se em fazer o maior número de disciplinas, enquanto Ramon organizou sua agenda profissional para permitir mudanças na rotina e horários. Começamos a pensar no quarto da nossa filha. Escolhemos o tema de circo para a decoração, como quem quer antecipar a alegria desejada. Cada dia parecia perto, mas ainda muito imprevisível. Uma espera por um dia que não se sabia qual. Mas havia uma certeza, o desejo de termos uma filha e de sermos pais.

Após dois anos, imaginávamos que estávamos mais próximos da chegada de nossa filha. O Dia das Mães se aproximava e Ramon resolveu comprar um presente para surpreender Carol. A entrega atrasou, mas a surpresa maior estava por vir. Assim, numa sexta-feira, 18 de maio (data de nosso início de namoro e noivado), o interfone tocou. Carol atendeu, eram os Correios:





entrega do presente! Nossa! Que coincidência! O enfeite principal do quarto da nossa filha chegou na nossa data mais importante! Tirou fotos, mandou mensagem com vários corações agradecendo o presente. Passadas poucas horas, o telefone tocou. Do outro lado da linha: “Boa tarde, poderia falar com a Carolina?”. Coração a mil... Era a Lúcia, assistente social da Vara da Infância. Explicou para a Carol que tinha uma menina, negra, de 3 anos e meio, que havia operado o ouvido recentemente. Carol parecia escutar, mas também não sabia bem o que dizer. Uma emoção enorme! Chorava de alegria, ao mesmo tempo que tentava prestar atenção em tudo que Lúcia falava. Desligou o telefone.

– E agora? Tenho que ligar para o Ramon, dar essa notícia, nossa filha chegou, está chegando... Que notícia maravilhosa bem no dia do nosso aniversário de namoro!

O encontro

Ansiedade grande. Estava agendado para terça-feira o primeiro encontro com Ana Luíza. Agora tínhamos um nome e uma breve história. Na hora marcada, na sede da Família Acolhedora, fomos recebidos pela psicóloga Marcília. Família Acolhedora é um serviço que oferece uma possibilidade de acolhimento domiciliar e temporário às crianças e aos jovens afastados de suas famílias. Marcília nos explicou que Ana Luíza vivia com uma “família acolhedora” há mais de um ano. Morava com Márcia (que ela chamava de vovó Márcia), o marido Fábio e as filhas Talita e Isabela. Uma família que acolheu Ana Luíza com muito afeto e carinho.

A ansiedade só aumentava! Onde estava Ana Luíza?

— Agora vou buscá-la na escolinha e aí terão uma hora aproximadamente para se conhecerem.

Somos invadidos por um misto de alegria e apreensão. Ela estava chegando... Iríamos finalmente conhecê-la... Como seria esse encontro?

De repente, escutamos uma vozinha suave de criança subindo a escada. Nossos ouvidos estavam atentos. Ela dizia para Marcília que já esteve ali,



que já conhecia aquele lugar. Nossos olhos pareciam não acreditar! Nunca iremos esquecer a primeira imagem da nossa filha! E para nossa sorte e alegria, Ana Luíza nos deu um abraço espontâneo e carinhoso. Carol já estava com lágrimas nos olhos. Era muita emoção! Fomos todos para uma sala cheia de brinquedos. Ana Luíza rapidamente pegou um monte deles e começou a brincar com vários ao mesmo tempo. Se esquivava das nossas primeiras perguntas, parecia estar mais interessada nas brincadeiras. Pediu para ir ao banheiro, falou que queria fazer xixi.

Interessante pensar que, na adoção, uma atividade tão rotineira como ir ao banheiro pode ser uma boa oportunidade de se estreitar os vínculos...

Então, Carol se ofereceu para levá-la. Elas foram para a cabine, Carol a ajudando com a roupa, os olhares se encontraram. Ana Luíza a encarou de uma forma doce e disse: “Ei, eu sou a Ana Luíza!”

Período de aproximação

O período de aproximação nos surpreendeu. Apesar de todo o preparo que havíamos feito, esse período foi um desafio. Talvez por não termos pensado muito sobre ele? É, talvez não...

Dia sim, dia não, buscávamos Ana Luíza na casa da vovó Márcia para termos pequenos momentos a três. Iniciamos com passeios em locais próximos, depois passeios em nossa casa, até termos finais de semana completos com ela. Tudo ia muito bem, mas os sentimentos eram muito complexos e, por vezes, ambíguos. Como educar uma criança com um vínculo tão inicial? Quando a conhecemos, fomos apresentados a ela como amigos, mas tínhamos que exercer o papel de pais. Sentíamos como se fosse nossa filha, mas todos os dias tínhamos que levá-la de volta. Esse lugar de sermos pais, sem sermos pais integralmente, nos incomodava. Também havia dias em que estávamos cansados pela rotina própria de trabalho e estudo, mas não queríamos transparecer isso nos encontros. Às vezes, vinha um sentimento de que os encontros não eram espontâneos. Entretanto, estávamos muito envolvidos com todo o processo e dispostos a enfrentar esses desafios. E, a cada encontro, aos poucos, tudo parecia mais natural. Os vínculos iam se fortalecendo, Ana Luíza, nossa filha, cada vez mais perto!





Período de aproximação.

Chegada em casa

Para Ana Luíza ir morar na nossa casa, aguardávamos o término do período de aproximação e a audiência de guarda. Finalmente, a audiência foi agendada para sexta-feira 13. Dia de azar? Nada! Para o amor não existem superstições. Enfim, termo de guarda assinado, pronto! Alívio e alegria. Agora poderíamos levar Ana Luíza para casa em definitivo, nossa família completa. Tudo pronto! Casa preparada: travas nos armários baixos, telas nas janelas, roupinhas novas, brinquedos a postos. Corações também preparados: vontade enorme de ser pai e mãe, desejo de tê-la para sempre conosco.

Assim, saímos da Vara da Infância, rumo à casa de vovó Márcia. Ana Luíza nos aguardava ansiosa. Na despedida, vovó Márcia começou a chorar e, logo, todos nos emocionamos. Tínhamos muita gratidão por Ana Luíza ter sido tão bem cuidada, e era evidente todo amor que aquela família tinha por ela. Dissemos para vovó Márcia ficar tranquila, não seria uma despedida de “nunca mais”. Era uma despedida de “até breve”.

Chegamos em casa felizes e animados! Estávamos em família, estávamos juntos. Era o que mais importava. Ana Luíza era “Aninha”, “filhinha”, “fi-



lhota”. Em pouco tempo, deixamos de ser “Ramon” e “Carol” para sermos “papai” e “mamãe”.

Aninha foi conhecendo tios, tias, primos, primas, avós. Ela não parecia estranhar ter tantos parentes que não conhecia. Sem timidez, sem constrangimento, com total pertencimento a seu espaço e a sua nova família. “Chegou, chegando”, como gosta de dizer.

Tínhamos, também, que escolher uma nova escola para Aninha. Queríamos uma escola que a acolhesse e respeitasse sua história. Assim, deveria ser um local onde questões familiares fossem abordadas de maneira natural e a diversidade fosse valorizada.

Assim, Aninha enfrentou mudança de família, de casa e de escola num mesmo período. Impressionante sua capacidade de adaptação e de tentar levar tudo numa boa. Rapidamente ela se apropriou desses espaços. Era como se sempre fizesse parte... e de certa forma sempre fez!

Certidão de nascimento

Ainda havia questões para resolvermos. O processo de destituição do poder familiar da Aninha já estava em andamento, mas ainda não havia finalizado. Sendo assim, nosso processo de adoção só estaria concluído após o término dos trâmites legais. Após um ano, fomos comunicados de que deveríamos ir à Vara da Infância, pois o processo havia sido concluído. Na prática, isso significava que finalmente teríamos a certidão de nascimento dela, com nossos nomes e sobrenomes. Mais uma conquista, mais uma alegria!

Carta à Ana Luíza

Em 2019, a escola da Ana Luíza solicitou que os pais escrevessem uma mensagem para os filhos para um projeto de fim de ano. Então, escrevemos esta cartinha para ela:



“Aninha,

Queríamos aqui te falar da lindeza que é ter você nas nossas vidas! Queríamos também dizer de como nos sentimos honrados em ser seus pais. Queríamos escolher palavras lindas e delicadas e também fortes e precisas... assim como você... mas o sentimento... Ah, o sentimento que temos aqui em nós desde que você nos tornou pais é algo que não temos como dizer... só sabemos sentir... e só sabemos que parece que é mais que amor, é mais que belo, é pra lá de profundo... e em nós fica a certeza de que nosso mundo é bem melhor com você. Você nos ensina um bocado de coisas lindas... Por exemplo, que uma cigarra que morreu tem grande valor, que conversar com as plantas faz bem, que andar sem pisar nas linhas é muito difícil e... divertido. Que a passagem do caminhão de lixo é o grande evento do dia... Que semente de umbela e folhas secas que encontramos no caminho a gente só dá para quem a gente ama de verdade. Você é uma pessoa que ama fácil! E também é muito fácil te amar! Você é alegria, alto astral, pula-pula, aumenta o som que quero dançar. É carinho, abraço aberto, beijinho delicado e mordi-beijo. É inventiva, imaginária, faz-de-conta, gatinho, bebê, é quem quiser ser. É forte, linda, espetacular, única. Você é Amor. E por tudo isso, filha, nós te amamos muito, muito, muito, no coração, mais que todo o infinito do mundo!!!”



Família completa: Ramon, Ana Luíza e Carol.



Como estamos hoje

Que coisa mágica é a vida: Ana Luíza chegou no dia do nosso aniversário de namoro! No mesmo dia em que o amor nos uniu como casal, ele também nos transformou em uma família. Assim, a data se transformou no “dia da família”, como a própria Aninha nomeou e comemoramos com muita festa. Há dois anos e meio, Ana Luíza chegou, e é engraçado pensar que, mesmo sendo pouco tempo, parece que ela sempre esteve conosco. Definitivamente não há maior vínculo que o amor.

Sempre conversamos com ela sobre essa nossa história... a emoção do telefonema da Vara, a primeira ida ao banheiro, as idas e vindas do período de aproximação e a alegria da sua chegada. Ela gosta de ouvir sua história, se sente especial em ter três avós, brinca de casinha e finge que tem filhos por adoção e filhos “da barriga”. Certo dia, na hora de dormir, fomos agradecer ao papai do céu pela nossa família. Ela corrigiu: “Temos que agradecer ao papai do céu, à vovó Márcia e ao Juizado”.

“– Verdade, filha, você tem toda razão!”



Aninha e suas três avós: Rosa, Márcia e Dora.



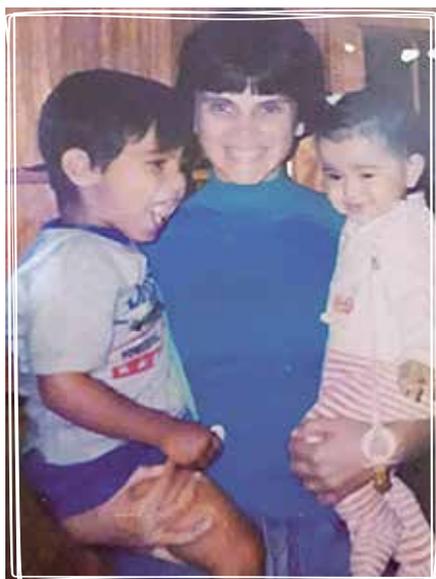






Adoção nunca foi opção

Catarina Terezinha Barreto



Após três anos de casamento e dolorosos tratamentos para engravidar, sem sucesso, agravados por uma sequência de erros médicos que viriam, alguns anos depois, a causar a retirada do meu útero, as dúvidas de meu marido se resumiam a escolher entre inseminação artificial e barriga de aluguel. Descendente de poloneses, casado com uma mulher muito clara e de olhos azuis, queria ter controle sobre a cor e os traços fisionômicos de seus descendentes. Além disso, dizia que na adoção não teríamos como saber da índole e da personalidade da criança, acreditando que fossem fatores determinados unicamente pela genética.



Enquanto todas essas divagações ficavam ali no campo das possibilidades, sem nenhum movimento para que acontecessem, nossas vidas seguiam normalmente sem qualquer cogitação sobre adoção, até o dia 7 de outubro de 1992, quando, no meio da tarde, “do nada”, tornei-me para sempre mãe de um menino.

Do nada é uma forma muito simplista de me expressar, servindo apenas para deixar claro que não havia qualquer sinal de que isso fosse acontecer quando acordei naquele dia.

Em 1992, ocorreram as primeiras eleições municipais realizadas em dois turnos no Brasil. O primeiro turno aconteceu em 3 de outubro, e o segundo turno, em 15 de novembro. Importante mencionar esse fato para me situar na história no momento do meu “parto”.

A apuração dos votos naquela época era manual, formando-se várias mesas com pessoas convocadas pela Justiça Eleitoral para procederem à contagem dos votos. A totalização era normalmente bastante demorada, estendendo-se por dias ou semanas.

Bom, voltando ao meu “parto”, eu havia sido convocada e já estava há quatro dias naquele processo de contagem dos votos, quando, na manhã do dia 7 de outubro, bem no começo dos serviços, me bateu uma vontade inexplícável de tomar café. E a garrafa ficava do outro lado de um enorme salão, na entrada do clube onde estávamos.

Ao chegar até a garrafa, deparei-me com um policial militar subindo as escadas à procura do Juiz. Eu o atendi e disse que o Juiz ainda não havia chegado, que talvez estivesse no prédio do Fórum. Foi então que o policial, “do nada”, retirou do bolso um papel e me mostrou um santinho desses que se distribui nas igrejas, com uns manuscritos atrás.

Nossa Senhora de Guadalupe. Atrás se podia ler, numa bonita caligrafia, as palavras: “Ricardo – nasci em SP no dia 01/10/92, com 3,500 gramas e 53 centímetros.” Essas palavras ficaram gravadas na minha mente e no meu coração desde aquele dia, há 28 anos. Nunca as esqueci.

O policial militar então me contou que estava à procura do Juiz para saber o que fazer com uma criança que havia sido abandonada numa pousada da





cidade, perto da rodoviária, com apenas aquele bilhete deixado ao lado. Comentou que, pelas informações dos donos da pousada, a pessoa que deixou a criança tinha as minhas características físicas. Isso é importante de dizer, pois usei a meu favor na hora de tentar convencer meu marido.

Começavam ali minhas “contrações”. A partir daquele momento, eu já não tive mais qualquer controle sobre minhas ações. Na verdade, desde o momento em que decidi tomar aquele café e estar no exato local para receber aquele policial, eu já não mandava mais em mim.

Não tive filhos biológicos, mas imagino que seja igual ao momento em que a mulher recebe o resultado do seu teste de gravidez. Se ela deseja ser mãe, sabe naquele instante que não há mais o que fazer, que seu destino está traçado e alterado para todo o sempre.

Voltei para a mesa de apuração e comentei o ocorrido com as demais pessoas, falando quase sem pensar: “– Será que o Juiz não dá ele para mim?” Acrescentei que era difícil a compreensão de por que motivo, enquanto algumas mulheres se esforçavam tanto para engravidar, outras abandonavam seus bebês. Minhas “contrações” não me permitiam entender as razões por trás desse tipo de abandono. E elas existem, talvez provocadas pelo abandono delas mesmas pelos companheiros, talvez pela falta de condições de proverem sozinhas uma criança, talvez por imaturidade. São muitos os “talvezes”, mas, com certeza, algum, ou mais de um deles, se não justifica, ao menos explica essa atitude.

No meu horário de almoço, junto ao meu marido e aos meus pais, visto que morávamos com eles à época, comentei o que havia acontecido, com aquela cautela de as “contrações” serem um “alarme falso”. Como não cogitava da menor possibilidade de adotar aquela criança, cheguei a alterar um pouco a verdade, dizendo que o policial havia dito que a criança era clarinha como eu. Vai que essa característica animasse meu marido. Eles ouviram, comentaram, mas não levaram o assunto adiante. Era ali só uma conversa à mesa como outra qualquer.

Na volta para o clube após o almoço, não me lembro mais o motivo, meu marido não pôde me levar de carro como habitualmente fazia, e tive que ir de ônibus. Se ele tivesse me levado, provavelmente teria me deixado na porta do clube, e eu não teria “parido”.



O ponto de ônibus ficava na porta do Fórum. Desci e, “do nada”, resolvi ir até lá antes de ir ao clube. Podem pensar que eu já estava envolvida demais com aquela história e era natural eu querer ter notícias. Mas eu não estava. Conscientemente não estava. A decisão de ir ao Fórum foi surpresa até para mim. Nem sabia o que estava indo fazer lá.

Não demorei a descobrir. Ao entrar no salão, uma das mesárias que estava comigo de manhã correu ao meu encontro e disse: “– Sobe que o Promotor está te esperando!”. Eu levei um susto muito grande e perguntei o que ele queria comigo, pois nem o conhecia. Ela disse: “– Você não quer a criança? Então? Soube que ele vai te dar ela”. Essa mesária era escritã no Fórum, comentou com o Juiz e com o Promotor que eu havia me interessado em ficar com a criança, e pronto! Naquela época, não havia um cadastro de interessados em adoção, não se fazia nenhum tipo de credenciamento prévio, ao menos na minha cidade.

Eu ainda me lembro da sensação, ou da falta de qualquer sensação, ao subir os degraus até a sala do Promotor. Eu estava em completo êxtase. Eu estava na maca, sendo levada à sala de cirurgia. Um misto de medo, de arrependimento, de pavor, de alegria, de ansiedade, de curiosidade, tudo junto e misturado, me forçando a subir aquela escada, me empurrando para cima, completamente alheia à minha vontade.

Tive que aguardar bastante para ser atendida e, durante todo aquele tempo, eu só queria sair correndo. O que eu diria ao meu marido? Ele era absolutamente contra a adoção.

Ao ser recebida pelo Promotor, foi esta a primeira pergunta que ele me fez: “– Seu marido está de acordo, né?”. Eu só balançava a cabeça afirmativamente, não tinha coragem de abrir a boca. Ele então me explicou que não queria que a criança continuasse no hospital, para onde o policial a havia levado, que ficaria sujeita a infecções, que eu havia sido bem recomendada pela escritã, era pessoa de confiança, bancária, meu marido funcionário público federal, que ele preferia que a criança ficasse conosco enquanto durassem as investigações sobre o seu abandono.

O policial da manhã estava presente na sala. O Promotor então mandou que ele buscasse a criança no hospital, enquanto eu buscaria meu marido no serviço. A repartição onde ele trabalhava era ao lado do Fórum.



Eu saí do prédio do Fórum no “piloto automático”. Eu não pensava mais, só agia. O medo de ter que voltar e dizer ao Promotor que meu marido não havia aceitado me entorpecia. Saí do Fórum, caminhei pela rua, cheguei à repartição onde meu marido trabalhava, o chamei no balcão e disse: “– Sabe aquela criança que te falei no almoço? Então? O Promotor quer nos dar ela. Está te esperando no Fórum”.

Meu torpor passou para ele. Naquele momento, para quem acredita em Deus, e eu acredito e muito, pareceu que uma mão pousou sobre a cabeça dele e começou a guiá-lo. Ele não disse uma única palavra, nem a favor nem contra. Caminhou mudo ao meu lado até o Fórum.

Quando chegamos, juro que não me lembro de mais nada do que foi dito. Talvez do Promotor nos instruindo a procurar um advogado, nos dando alguma recomendação. Eu só ansiava pela chegada do menino. Ansiedade e medo. Eu havia dito ao meu marido que ele era loirinho. E se não fosse?

E não era. Quando o policial chegou com ele no colo e o Promotor indicou para que nos entregasse, ele passou pela cadeira onde eu estava sentada e o colocou no colo do meu marido. Eu olhei e vi um garotinho moreninho, com os cabelos bem escuros e um rostinho onde não havia um espaço sequer que não estivesse marcado por picada de pernilongo. Era muito feinho.

Fiquei apavorada. Achei que naquele momento meu marido ia desistir, mas ele continuou em silêncio, balançando a cabeça para tudo que o Promotor falava.

Fomos instruídos a passar com o menino por uma pediatra, e a comissária de menores nos acompanhou para garantir que fôssemos atendidos. Lá, no consultório, descobri que ele provavelmente passou muita fome no ventre materno, pois era absurdamente desnutrido. A moleira estava muito aberta.

Quando a médica me perguntou o nome dele, nem pestanejei, como se já soubesse há muito tempo. Escolhi pelo significado: enviado de Deus. Ali nasceu o Gabriel para mim.

Ao sairmos da médica, meu marido me deixou na porta de casa, mal conversando comigo pelo caminho, e voltou para a repartição.



Em casa, com meus pais, foi pura emoção. Os dois chorando e querendo pegar o neto. Sim, foi assim que Gabriel foi recebido. Eu me senti chegando da maternidade. Só que eu não tinha me preparado para aquela chegada, não tinha absolutamente nada em casa para atender a um bebê. Deixei o Gabriel com minha mãe, fui correndo comprar leite, pedi a mamadeira emprestada para a vizinha e fui para o centro da cidade comprar o básico para aquele primeiro momento.

Avisei minhas amigas mais próximas, e, na primeira noite do Gabriel em minha casa, ele já tinha um enxoval completo. Roupinhas usadas dos bebês das irmãs das amigas, banheira, Moisés para dormir, livro do Dr. De Lamare sobre os cuidados com o bebê, mais o que eu havia comprado.

Na nossa primeira noite em casa, minha mãe deu um rápido banho nele, o alimentamos e colocamos para dormir. Eu nunca tinha banhado uma criança. Ele dormiu aquela noite num Moisés sobre duas cadeiras ao lado da minha cama. Acordei várias vezes para alimentá-lo com a mamadeira, enquanto meu marido parecia dormir já acostumado à ideia de termos tido um filho.

Vou abrir aqui um parêntese para esclarecer que, apesar de todo o meu esforço e empenho em cuidar daquela criança, minhas emoções eram muito conflitantes. Você não consegue fazer desabrochar imediatamente aquele famoso amor materno incondicional por sua cria, quando nem pensava em ser mãe no começo do dia. Sentia falta de todo o processo gestacional que eu não tive, quando a mulher tem tempo para ir se acostumando com a ideia da maternidade, para ir desenvolvendo os vínculos maternais. Naquela noite, eu e ele já tínhamos tudo o que precisávamos, de material, mas naquele dia havia apenas começado nossa jornada de conhecimento um do outro.

Na manhã seguinte, depois de banhado e cuidado, inclusive do umbigo, que ainda não havia caído, meu marido chegou para almoçar e trouxe com ele sua irmã. Pensei que fosse para ela conhecer o sobrinho, mas não era.

Durante a noite, diferente do que eu havia pensado, meu marido sentiu-se extremamente desconfortável com a ideia da adoção, por isso no dia seguinte trouxe sua irmã para ajudá-lo a levar o Gabriel de volta ao Ministério Público. Disse que não havia conseguido pensar direito no dia anterior, que não estava de acordo e ia devolvê-lo.



Desta vez, a mão de Deus pousou foi sobre a minha cabeça e eu disse com toda a calma: “– Eu não vou criar um filho sozinha, sem o amor e o apoio de um pai, mas nos dê uma chance, por favor. Uma semana. Se ao final de uma semana você continuar pensando da mesma forma, eu mesma vou com você devolvê-lo”. Desnecessário dizer que esperava que acontecesse justamente o contrário.

Ele concordou e aquele trato amansou de tal forma seu coração que, naquela mesma noite, já tinha se tornado o pai mais enjoado do mundo. Exigia que as visitas lavassem as mãos e colocassem uma fralda sobre o peito antes de pegar o bebê, levantava de madrugada para dar a mamadeira, “corujava” de todas as formas.

Ao final de uma semana, perguntei qual era sua resposta, e ele me disse, do seu modo meio tosco: “– Se alguém se atrever a vir aqui buscar esse menino, eu recebo à bala!”.

A partir daí, fomos só cuidados e amor com o bebê. Eu tinha receio que houvesse algum tipo de preconceito por parte de algum familiar, mas nada! Ninguém se referia ao Gabriel como “o menino que peguei” ou “o menino que estávamos criando”. Eram avós, tios e primos que vinham visitar o neto, o sobrinho, o primo, todos com uma receptividade e carinho que me emocionavam.

Isso me faz lembrar uma pessoa que conheci, que adotou um menino com uns cinco anos de idade, mais ou menos, e tinha cinco filhos biológicos já criados. Sempre que eu estava com ela, e ela tinha que apresentar o menino, dizia: “– Esse é o menino que eu crio. Tenho cinco meus e crio este”. Não deu muito certo. O menino cresceu e deu vários problemas para a família. Não que, se fosse filho biológico, estaria isento de causar problemas, mas eu sentia que aquela forma como ela se referia a ele era uma constante cutucada numa ferida aberta, uma lembrança constante da rejeição. Ela não tinha adotado um filho, ela criava um menino.

Penso que, quando você adota um filho, você deve recebê-lo da mesma forma como se ele tivesse nascido de suas entranhas. Por alguma razão, ele precisou chegar a você daquela forma e você precisou passar por cima de vários conceitos e preconceitos e aceitá-lo daquela maneira. Entretanto,



essa consciência é fruto da maturidade e experiências que hoje eu divido. Levou um tempo até eu me permitir sentir-me mãe.

E aí se passaram os meses, com meu menino se desenvolvendo cada vez melhor, deixando para trás todos os problemas que trouxe, como uma asadura terrível e uma clavícula quebrada, provavelmente no parto. Comigo, não teve nem os problemas normais de recém-nascidos, como cólicas, dor de ouvido e afins. Dormia como um anjo. Nós o deitávamos às sete da noite, dávamos mais uma mamadeira às dez, com ele dormindo na maioria das vezes, e só acordava às sete da manhã do dia seguinte. Após os três meses de vida, ele não acordava à noite para nada.

Era um bebê sadio, feliz, sorridente e lindo, em nada mais lembrando aquela criança desnutrida que recebemos. Conseguimos sua adoção definitiva quando ele tinha seis meses.

Minha mãe tem cinco netos. Todos adotados. Meu irmão seguiu pelo mesmo caminho e adotou três. No início, tentaram procurar por uma criança com as características físicas deles, mas seu primeiro filho veio na cor preta. Quando resolveram adotar novamente, queriam um bebê. Minha cunhada estava no abrigo já com o bebê no colo quando a mãe biológica ligou desistindo. Nesse mesmo dia, conheceram e se apaixonaram por dois irmãozinhos já maiorzinhos e os levaram para casa. Meus sobrinhos são a razão de viver do meu irmão.

Fico pensando sobre casais que, se decidindo pela adoção, procuram por bebês com características físicas assim ou assado. Se não pode escolher quando engravida, por que deveria quando adota? Talvez não venha assim que nasce, talvez precise passar por outras experiências até chegar a você, mas é o seu filho! Abra seu coração e ele virá até você.

Penso também na ideia do meu marido à época, de que não conheceríamos a índole e a personalidade de uma criança adotada. Meu filho, apesar de todas as difíceis situações por que passou no ventre materno, como a desnutrição, sempre teve uma inteligência acima do normal. Eu era chamada à escola constantemente para receber elogios da performance dele. Quiseram até que ele pulasse um ano na escola, porque era muito adiantado para a sala que estava. Não deixei, queria que meu filho vivesse conforme a idade dele, com os amiguinhos da idade dele, sem pressa.





Meu filho Gabriel não tem apenas nome de anjo. Ele é realmente um ser iluminado. Nunca fez uma birra sequer, nunca desobedeceu, nunca brigou na rua ou na escola, sempre foi da turma do “deixa disso”. A única vez que discutiu com um amigo, já pré-adolescente, chorou de arrependimento a noite toda, esperando o dia raiar para ir pedir desculpas. Quer índole melhor?

Quando ele completou dois anos, tentei novamente uma adoção, mas, por razões alheias à minha vontade, vi a criança que seria minha, pois naquela época já havia um cadastro de adoção na cidade e eu era a primeira da fila, ser entregue à família que a encontrou. Fiquei muito mal na época, senti muita raiva e frustração, meu sentimento era de ter tido um filho tirado de mim.

Depois entendi o porquê de não ter dado certo. Aquele menino não era o meu filho, era o filho de quem o encontrou abandonado. Estava tudo certo. Minha filha estava sendo preparada para mim.

Diante da frustração da “perda do bebê”, resolvemos, durante um passeio, nos cadastrar numa cidade vizinha. Pouco tempo depois recebi a ligação informando que a minha filha tinha nascido. Nasceu em outra cidade, onde não tinha ninguém cadastrado para adoção. Então, a assistente social ligou para a cidade vizinha, onde havíamos nos cadastrado, e só havia nós.

Mais uma vez, fui encaminhada ao local certo, no dia certo, para minha menina poder chegar até mim.

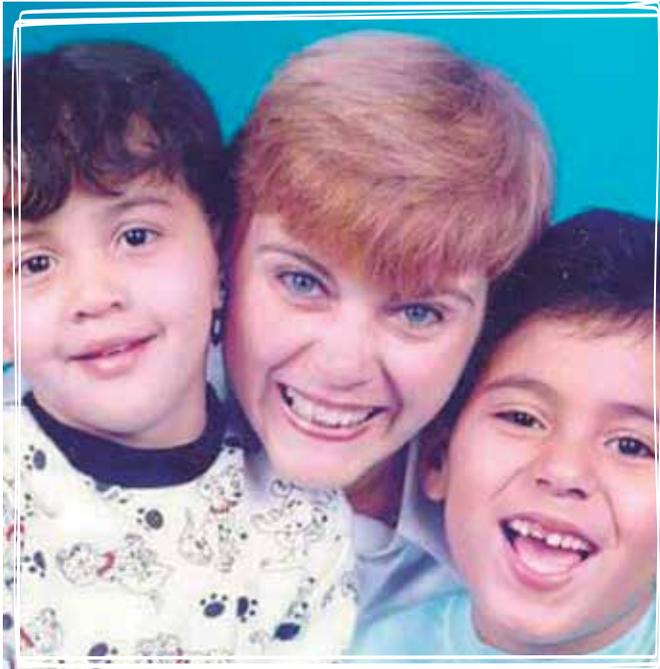
Recebi a ligação no trabalho, assim que cheguei. Meu coração quase explodiu de felicidade e expectativa, e mais uma vez fui eu tentar convencer meu marido a irnos buscá-la. Ele tinha uma ideia fixa de que não aceitaria menina, pois acreditava que cresceria revoltada com o fato de ter sido dada em adoção, diferente de meninos, que, pela sua teoria, aceitavam melhor essa condição. Dizia que, com certeza, daria muito trabalho na adolescência.

Após algumas horas de negociação, nem me lembro mais em que termos, mas me lembro de ter aberto mão de alguma outra coisa, ele concordou e saímos em direção à maternidade para que eu pudesse dar à luz meu segundo filho.

Dessa vez, já tinham passado todos os meus temores do primeiro “parto”, e pude extravasar a minha alegria ao ver aquele bebê rechonchudo no berço aquecido. Reconheci imediatamente a minha filha. Queria poder pegá-la, tirá-la de lá, levá-la para casa. Mas, como nasceu com icterícia, e precisava ficar mais um dia no hospital, fomos então atrás da assistente social para oficializarmos o pedido de guarda.

Com ela o processo foi diferente. A mãe biológica estava no hospital e havia concordado com a adoção.

Fiquei imaginando o que levaria uma mãe que carregou uma criança no seu ventre por nove meses a não querer ao menos conhecê-la. Foi quando soube da sua história. Solteira, desempregada, morando de favor na casa da irmã, sustentada pelo cunhado que se recusava a criar mais uma filha dela. Já criava a mais velha. Parece também que já havia entregado outra menina antes para adoção. Eu o escutei dizendo no Fórum que agora a colocaria para trabalhar e não aceitaria mais nenhuma criança dela.





Eu tive oportunidade de vê-la algumas vezes durante o processo judicial de adoção, mesmo ela não sabendo quem era eu. Percebi que não teve opção. Compreendi que não lhe foi permitido ficar com a filha, por isso não quis conhecê-la. A dor seria com certeza muito maior. Mas também compreendi que precisávamos, nós três, passar por isso, porque acredito que está sempre tudo certo, de acordo com os desígnios de Deus. Era a minha filha, precisava chegar a mim, e ela foi o instrumento para que isso acontecesse. Sempre lhe fui muito grata e rezei para que fosse feliz.

Aliás, isso foi algo que ensinei aos meus filhos desde pequeninos a fazer. Nas orações noturnas, pedir a Deus bênção e proteção para a “outra mãe”. Terem sido adotados, terem nascido de outra mulher, isso sempre foi conversado com eles desde pequenos, de maneira natural. Não havia razão para eu ter medo. Eu e eles sabíamos que éramos mãe e filhos. Que ninguém nem nada, nunca, iria mudar isso.

Mas, voltando à maternidade, retornei no dia seguinte com a roupinha com que minha filha sairia do hospital. A assistente social levou à maternidade, onde ela foi preparada e teve alta.

Então, pude levar minha menina para casa. Antes, porém, ficamos várias horas no Fórum, esperando o juiz assinar o termo de guarda. Já não era mãe de primeira viagem, havia levado fraldas e mamadeiras. A primeira vez que troquei a fralda dela foi sentada numa cadeira no salão do Fórum, com ela no meu colo.

Era o dia 15 de dezembro de 1994, e, por estar tão perto do Natal, minha mãe escolheu seu nome. Minha Natália estava em casa.

Minha mesmo, sem qualquer sombra de dúvida de que não fosse para ser assim. Sempre foi extremamente agarrada a mim. Só aceitava o meu colo e o da minha mãe. Nem meu marido conseguia pegá-la sem que chorasse. Foi batizada aos berros, toda vez que precisava ir para o colo da madrinha.

Diferente da forma como havia sido com o Gabriel, quando tive a oportunidade de ficar alguns dias com ele até retornar ao trabalho, com a Natália, no dia seguinte, eu estava trabalhando.



Hoje, mulher que adota tem o mesmo direito à licença maternidade que a mãe biológica, mas naquele tempo não era assim. Nunca entendi a diferenciação. A mãe biológica tinha nove meses de gestação para ir se preparando para a criança, sua recuperação física levava somente alguns dias, e tinha direito a meses de licença para a convivência com seu filho recém-nascido. A adotante, que, na maioria das vezes, recebia “no susto” seu filho, com as mesmas necessidades de cuidados que qualquer outra criança, não tinha o direito de usufruir dessa licença. Que importante essa conquista!

Mas, voltando às birras da Natália, com ela conheci todos os programas da TV na madrugada, pois, como eu trabalhava oito horas por dia e só estava com ela à noite, se recusava a dormir e só queria o meu colo. Parecia alguém que tinha passado muito tempo longe, perdida, e finalmente tinha encontrado sua casa. Parecia que tinha medo de se afastar de mim, ainda que fosse para dormir, e me perder novamente.

E isso se prolongou por muitos e muitos anos. Ainda hoje, adulta, e ela vai querer me matar quando ler isso, se consegue uma brecha, corre para dormir comigo.

Eu me separei de meu marido antes de a Natália completar um ano de vida. Acredito que era nosso destino. Apesar de todo o amor com que ele recebeu e tratou nossos filhos, eles na verdade eram mais meus. Vieram para mim, e ele também foi um instrumento para que isso acontecesse, pelo que sou extremamente grata.

Meus filhos cresceram saudáveis e felizes na medida do possível. Não consegui achar para eles o pai que eles mereciam, mas penso que cumpri bem esse duplo papel.

Gabriel hoje tem 28 anos. É formado em Ciências Sociais, bacharelado e licenciatura. Descobriu na faculdade que queria ser professor. A princípio, fiquei muito preocupada, pois sei das dificuldades pelas quais passa o professorado no nosso país. Queria mais para ele.

Fui obrigada a rever meus conceitos quando ele pegou uma substituição por três meses em uma escola, num município vizinho. Ao final, quando assisti, numa rede social, às despedidas que todas as turmas fizeram para ele, ho-





menageando-o, textões emocionantes dizendo o quanto ele tinha sido importante e feito a diferença na vida deles, desabei.

Perguntei a ele como, sendo totalmente inexperiente, dando aula de sociologia para adolescentes, uma vez por semana, por três meses, conseguiu mexer tanto com aqueles jovens, e ele me respondeu: “– Eu ouço eles”. Nesse momento, cessaram todas as minhas dúvidas. Ele estava fazendo o que veio ao mundo para fazer: ensinar.

Nós pais temos essa mania de achar que a profissão que vai realizar nossos filhos é aquela que remunera bem, que dá *status* social, nem sempre nos preocupando com o que eles vieram fazer nesse mundo, qual a missão de cada um. Meu filho veio para ser professor, e sou muito orgulhosa dele. Já tem um mestrado concluído em Educação. A carreira é árdua, ele sabe e vive isso diariamente, mas a atenção e o amor que dispensa a seus alunos, e recebe deles, tenho certeza que fazem dele um profissional realizado. Conseguiu a titularidade e continuou naquela mesma escola.

Natália estudou e concluiu o ensino médio por caminhos tortuosos. Sempre foi uma menina de personalidade muito forte e não era de fácil trato. Ainda no maternal, fui chamada à escola três vezes. Fiquei desesperada na época, pensando em como seria o resto de sua vida escolar. Passamos por muitas dificuldades, mas ela chegou lá. Se formou em Direito, na mesma faculdade onde eu me formei, lógico, me enchendo de orgulho. Tentou seguir o mesmo caminho, mas descobriu que não era para ela. Ainda bem. Quero que ela também encontre sua verdadeira vocação, que descubra sua missão neste mundo. Está se preparando para estudar Veterinária.

Criei meus filhos, pedindo a Deus unicamente que me ajudasse a torná-los pessoas do bem. E eu fui atendida. Isso me realiza como mãe. Tenho filhos honestos, justos, solidários.

Quantas vezes procuramos por algo e não encontramos. Acredito que, quando algo é para nós, de alguma forma vai chegar até nós. São aqueles momentos em que nos dá uma vontade louca de tomar café e vamos até onde está um policial militar procurando por um juiz, ou quando resolvemos, durante um passeio, nos inscrever no cadastro de adoção de alguma cidade.



Eu não sei por que tinha que ter recebido meus filhos através do ventre de outras mulheres. Só Deus sabe e eu aceito. Eu sempre senti que eram eles que estavam destinados a mim. Se tivessem nascido de mim teriam apenas outra fisionomia. Mas seriam eles, com certeza.









Adotar, acolher e amar

Clarisse Alves de Oliveira Pires



Gabriel, Natália, Clarisse e ...

Adotar – de acordo com o dicionário, significa “optar, assumir, aceitar”. Juridicamente falando, adotar significa “amparar ou acolher o filho de outra pessoa como se fosse seu, aceitar legalmente, perfilhar”.

Adocção, corações que se abriram para acolher e amar



A escritora Lídia Weber, em seu livro *Aspectos psicológicos da adoção* (2014, Curitiba: Ed. Juruá), narra, com muita propriedade e sensibilidade, lendas, mitos e desenhos animados do mundo mágico da Disney, onde são retratados diversos personagens que foram acolhidos por outros seres, inclusive de outras espécies. Como exemplo, ela cita Rômulo e Remo, adotados por uma loba; Hércules, um semideus, adotado por Anfitrião; e o Super-Homem, um super-herói que foi acolhido por simples humanos.

No desenho *Kung Fu Panda*, um urso panda foi adotado por um ganso. E, para mim, um dos momentos mais marcantes do desenho é quando o panda se surpreende ao descobrir que não era filho biológico do ganso, mesmo com todas as diferenças evidentes entre eles, mostrando com isso que, na relação entre pais e filhos, o que importa mesmo é o afeto e o reconhecimento da condição de pais e filhos.

Outro desenho animado que também abordou a questão da adoção foi a produção *Meu Malvado Favorito*, no qual o vilão Gru se vê diante de um grande desafio ao ter que cuidar de três meninas órfãs, que acabam o conquistando e sendo criadas como filhas pelo vilão.

Assim como nas situações acima citadas, podemos listar outras produções que também focalizaram as relações entre pais e filhos adotivos. O filme nacional *O Contador de Histórias* narra a saga de um adolescente de 13 anos que, desde criança, precisou sobreviver nas ruas, entre um abrigo e outro, até conhecer uma francesa que, através do carinho e do amor, o ajuda no processo de recuperação e da aprendizagem.

Nesse contexto, o mais emblemático é o caso do Tarzan, que, após uma tragédia – quando sua família foi morta por um tigre –, foi acolhido pela gorila Kala, que também tinha acabado de perder seu filhote.

No filme do Tarzan, o instinto maternal prevaleceu, bem como o desejo de proteger e estar junto, independentemente de quaisquer diferenças, seja na aparência ou de espécie. O fato de ela ser uma gorila e o Tarzan filho de humanos não teve nenhuma importância no laço que ambos desenvolveram.

Acredito que a questão de não conseguir ou poder gerar um filho biológico, como também aceitar um filho que não tem os seus genes, é mais difícil para



os homens do que para as mulheres, em função do conceito machista perpetuado pela história de que o homem deve gerar descendentes.

Ao mesmo tempo em que eu – assim como muitas mulheres – não podia gerar, outras têm grande facilidade em conceber, mas não estão preparadas ou não têm o desejo de acolher, cuidar ou amar um filho, pois há uma grande diferença entre *maternidade* – gerar – e a *maternagem*, que é a disposição afetiva para acolher esse filho. Há um senso comum de que o amor materno seja inato, mas isso é um mito.

Quanto à minha experiência, quando resolvemos adotar, já tinha passado por vários processos de inseminação artificial e de fecundação *in vitro*. Reconheço que, até então, nunca tinha pensado em adotar, como também pouco sabia do assunto.

Acreditávamos que ter filhos biológicos e adotivos fossem experiências muito diferentes. Hoje, compreendemos que a diferença existe apenas no processo de chegada do filho à família.

A ideia geral era de que filhos adotivos poderiam vir com muitos problemas devido à genética e ao desconhecimento de sua história anterior. É claro que hoje sabemos, por experiência própria, que ser pai ou mãe é muito mais do que fecundar, gerar e dar à luz. É construir uma relação de afeto e amor, que está além da biologia.

E, após passarmos por esses procedimentos, o desejo de sermos pais ainda era grande. Entretanto, adotar não era o plano, devido ao desconhecimento, à insegurança e ao preconceito em relação à adoção.

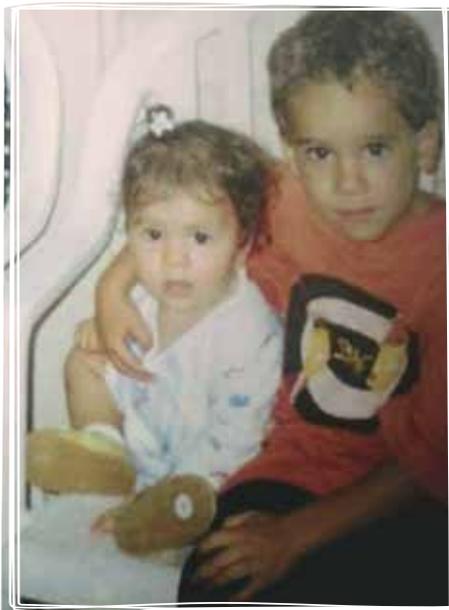
A nossa sorte foi que a decisão de buscarmos um filho através da adoção foi muito bem aceita em nosso núcleo familiar e de amigos. Contudo, havia aspectos que nos deixavam muitos ansiosos: a fantasia a respeito da história pregressa do filho adotivo, seus antecedentes, e o receio de doenças hereditárias e transtornos psicológicos. É claro que numa gravidez também podemos ter esses mesmos receios e inseguranças.

Falando de nossa experiência, quando resolvemos que iríamos tentar a maternidade através da adoção, fomos muito bem acolhidos e orientados pela equipe da Vara Cível da Infância e Juventude de Belo Horizonte, onde pas-

samos por avaliação com assistentes sociais e psicólogos e fomos cadastrados no programa Família Substituta. Hoje não sei se o nome permanece o mesmo.

Após 10 meses de espera, no dia 23 de dezembro de 1997, às 16 horas, recebemos a notícia de que havia um bebê apto a ser acolhido e deveríamos comparecer ao Juizado naquele mesmo dia para buscá-lo, se fosse de nosso interesse, se não seria acionado o próximo da fila. Me lembro de que meu coração pulou uma batida antes de decidir pelo sim, o medo bateu forte.

Entretanto, a emoção e o desejo falaram mais alto, e, em menos de uma hora, eu e meu marido já estávamos no Juizado para conhecer o nosso filho. O meu maior medo foi de que ele não gostasse de nós, mas, ao olharmos para ele, foi amor à primeira vista. Até então, desconhecíamos uma emoção tão visceral. Nesse momento, não pensamos em genética, biologia ou descendência. Quando o peguei no colo e ele olhou para mim, eu me entreguei. Naquele momento me tornei mãe.





É evidente que, apesar de todos os sentimentos envolvidos, tínhamos muitas coisas práticas a serem resolvidas e, assim, a família foi acionada para adquirir os itens básicos necessários, como leite, fraldas, mamadeiras, banheira, etc. O berço e as roupinhas básicas já estavam providenciadas e, quando chegamos em casa, fomos recepcionados por várias pessoas, que já estavam à espera da chegada do bebê.

Assim, de repente, o Victor – hoje com 22 anos – entrou para a nossa família como filho e ponto. A questão de ser biológico ou não foi totalmente esquecida, e ele foi amado e educado simplesmente como filho.

Como nunca tinha tido filhos, o meu receio era não saber cuidar, não conseguir acordar à noite se ele chorasse, que sufocasse e eu nem percebesse. Contudo, me lembro de que, no seu primeiro resmungo, eu já estava ao lado de seu berço. É um instinto natural de mãe, acho.

Quando o Victor completou um ano, resolvemos nos habilitar para adotar outro filho. Na primeira habilitação, optamos por não escolher o sexo da criança, mas, dessa vez, resolvemos que queríamos uma menina.

Passamos por novo processo, com avaliações da equipe técnica da Vara da Infância e Juventude. E, assim, ficamos gestando aquela espera, pois sabíamos que, quando se opta pelo sexo feminino, as chances são menores e a espera muito maior.

Enfim, dois anos depois, no dia 26 de dezembro de 2000, às 15 horas, recebemos a ligação de que nossa menina estava à nossa espera. Como da primeira vez, foi uma correria, pois tínhamos que buscá-la naquele momento.

Como da primeira vez, o receio também estava presente. Será que daríamos conta de criar, educar e sustentar outro filho?

Conversei com meu marido e ele não titubeou, e fomos imediatamente para o Juizado. Novamente, acionamos a família para ficar com nosso filho de três anos e providenciar os itens necessários para a chegada da menina. Dessa vez, nem o berço estava montado, e foi uma correria.

E, outra vez, a emoção foi forte e o amor e o vínculo estavam lá. A Júlia – hoje com 19 anos – foi recebida como um presente de Natal, quando tinha



apenas um dia de nascida. Ela nasceu no dia 25 de dezembro, e no dia seguinte já fazia parte de nossa família.

Adotar uma criança é escolher um filho e, sendo ele biológico ou não, é uma experiência maravilhosa, mas não tem nada que garanta os ditos resultados esperados, pois nem a genética nem a história de vida determinam o destino de uma criança.

Assim como no filme do Tarzan, o ambiente é muito mais importante na vida de uma pessoa do que a herança genética.

Muito se fala dos problemas emocionais e até pedagógicos apresentados por um filho adotivo e, na maioria das vezes, essas dificuldades nada têm a ver com a adoção em si. Temos a tendência de atribuir à adoção qualquer conduta ou distúrbio de comportamento ou fracassos escolares, sem considerar que essas questões podem afetar também o filho biológico.

Boa parte das inseguranças e das dificuldades em adaptar-se advém da ansiedade dos próprios pais adotivos, que colocam muitas expectativas nos ombros dos filhos, sendo eles biológicos ou não, sem considerar as suas particularidades.

Não vamos romantizar e dizer que é fácil educar um filho – seja biológico ou adotivo. Já passamos por muitos perrengues, mas, com amor e afeto, tudo se torna mais tranquilo. Tivemos muito receio de não conseguirmos desenvolver afeto por um filho que não foi gerado por nós e que não trazia nossos genes. Ou mesmo do filho que adotamos não nos adotar como pais – “e se ele não nos amar?”. São muitas dúvidas envolvidas nesse processo, que só serão solucionadas com muita dedicação e amor.

Outras três questões nos tiravam o sono – primeiramente era a capacidade de educar e amar um filho, seja adotivo ou não – estaríamos preparados para essa missão?

Segundo, como saber a hora adequada para revelar a condição de filho adotivo?

E, terceiro, como proceder se o filho quiser buscar suas origens?





Com relação à primeira questão, no nosso caso, foi amor à primeira vista e nunca tivemos nenhuma dúvida do amor de nossos filhos por nós e vice-versa.

A segunda questão se refere ao momento propício para revelar ao filho que ele “não nasceu de minha barriga”. É um momento em que, se você não tiver maturidade suficiente para encarar com tranquilidade, pode gerar muitos conflitos – qual o melhor momento, qual a idade adequada? Como abordar o assunto?

Escolher o momento certo, de acordo com a maturidade da criança, é essencial, mas nunca esconder esse fato, pois ela precisa conhecer a sua história e suas origens para viver com segurança, e mentiras não ajudam nesse processo.

No nosso caso específico, optamos por contar as suas histórias desde quando eles eram muito pequenos – por volta de três anos de idade – através de contação de histórias e com o suporte de livros infantis, respeitando a maturidade de cada um. E, na medida em que foram crescendo e se tornando mais curiosos sobre a questão, nunca deixamos de responder a nenhuma pergunta, seja sobre sua origem ou os prováveis motivos de a mãe biológica os entregarem para adoção, sempre deixando muito claro que, independentemente dos motivos, agora eles são muito amados e são nossos filhos para sempre.

A terceira questão – também outro momento muito difícil para os pais – é quando eles desejam buscar suas origens. Principalmente quando chegam à adolescência, isso se torna uma obsessão. Você precisa estar aberta a ajudá-los nesse processo, sem medos e receios de serem trocados pela família biológica, pois o laço que foi criado entre vocês é para sempre.

Eu, particularmente, tenho uma imensa gratidão às duas mulheres que geraram meus dois filhos e desconheço os motivos que as levaram a doá-los, mas acredito que não foi por falta de amor, pois devemos também diferenciar o *abandono* – quando a mãe deixa o recém-nascido em qualquer lugar – da *entrega* – quando ela o deixa no hospital ou alguma instituição para que ele possa ser cuidado por outros. No nosso caso, ambas entregaram seus filhos para adoção e nos deram filhos maravilhosos que nos trazem muitas alegrias. Eles são perfeitos, com todas as suas imperfeições.

O meu filho passou por essa etapa e queria muito conhecer sua família biológica e tentar entender os motivos de a mãe biológica o ter abandonado. Naquele momento, demos todo o apoio e, no final, ele chegou à conclusão de que não queria mais continuar com essa busca, alegando que era nosso filho e ponto final. A minha filha nunca questionou a sua origem, dizendo que nós somos a sua família. Mas continuamos abertos e dispostos a ajudá-los nessa busca, se isso for realmente o desejo deles no futuro.

Finalizando, devemos sempre desmistificar a adoção, e, quanto mais falarmos do assunto, melhor será para todos.

Mas uma coisa é certa: devemos estar cientes de que qualquer filho necessita ser efetivamente adotado pelos pais, sendo biológico ou não.









Grande encontro

Cynthia Aparecida Alvim Machado

A oportunidade de revisitar minha história para contá-la aqui foi uma experiência fantástica.

Horas e horas pensando e apenas sentindo tudo.

E o texto?

Só veio devagar... bem devagar. Veio saltando os fatos para entrar nos compartimentos mais sensíveis e profundos da vida destas três pessoas: Cynthia (eu), Fábio (meu pai) e Antônia (minha mãe).

Vidas que se encontraram e que, na singularidade de cada uma, se somaram, tecendo a história que é de antes e será de sempre.

Vamos lá?

“Não sei cuidar de criança!” — foi o que disse, de pronto, minha mãe, quando perguntada pelo meu pai sobre a possibilidade de adoção.

O mais engraçado disso é que, hoje, eu entendo perfeitamente o que ela disse, quando meu pai pensou na ideia de adotar uma criança.

Foram o medo e a responsabilidade que atingiram, em cheio, o coração dela.

Ela não tinha filhos e não sabia se seria capaz de atender a tudo o que envolve ser mãe.



Era o anúncio e a necessidade de construção de um espaço totalmente novo, inesperado, inseguro.

Meu pai, persistente, disse que ela não estaria sozinha e que a adoção seria algo bom para o casal.

Vagarosamente, a vontade e o amor foram ocupando os espaços do medo.

Minha mãe, então, decidida, disse: “Vamos!”.

Preparou quarto, brinquedo, tudo que veio à sua mente para receber, de coração aberto, a criança que seria sua filha.

Após os trâmites legais, eu cheguei.

Dois meses de idade, estava eu lá na casa nova.

Ainda muito bebê, não tenho, naturalmente, lembrança dessa chegada. Sei, no entanto, que não eram poucas as alegrias deles e a minha.

Ana — grande amiga da família — repete sempre para mim que, quando me viu no berço, pela primeira vez, eu abri um sorriso gostoso que a fez pensar que ter filho deveria ser algo bom. Na época, ela ainda jovem, nem sequer pensava em casamento e filhos. Até hoje, atribui a esse sorriso a decisão de ter as três filhas que tem.

Fui uma criança de todas as brincadeiras e algumas crises de bronquite.

Cheguei à adolescência sem grandes percalços.

Quando soube do processo de adoção — já adolescente — pude visitar a parte da minha história que antecedia meus dois meses de idade.

Minha mãe, com a necessidade de dizer a verdade sobre o assunto, foi dando as informações na minha medida, ou seja, se e caso eu perguntasse alguma coisa. Tudo foi natural. Não marcamos data nem horário para conversar sobre a questão.

Construí a certeza de que é mesmo muito importante tratar do assunto da adoção com o filho. É parte da sua localização no mundo saber do passado.





A construção dos meus sentidos sobre a família biológica foi acontecendo sem espaço para dúvidas não respondidas, nem mesmo, confesso, grandes curiosidades de minha parte.

Fui olhando para as costuras do tecido do meu passado, inclusive para os pontos que compunham o seu verso, serenamente. O amor, o cuidado, a absoluta certeza sobre eles e o preparo que me davam para a vida não me deixaram espaço para dúvidas.

Era muito interessante observar que algumas pessoas do meu convívio, estas sim, manifestavam muita curiosidade.

Queriam saber quem era a família, quais os nomes, onde estava, o que a teria motivado a deixar uma filha para o processo de adoção...

No meu caso, pensar que minha mãe biológica viveu grandes conflitos na gestação e que entregar a filha ao processo de adoção não poderia vir de outro sentimento que não amor foi suficiente para amarrar a história toda e me deixar tranquila sobre qualquer ausência.

O contexto da minha adoção não se deu em um estado de abandono de um bebê, mas da consciência de que ela — minha mãe biológica — não poderia oferecer tudo o que uma mãe gostaria, inclusive, o suporte material. Questão que o gaúcho Carpinejar retratou com a beleza que hoje muito bem compreendo:

O encaminhamento para adoção não deixa de ser uma responsabilidade. Alguém percebe que não conta com condições de criar a criança e repassa para aqueles que possuem mais recursos. É um processo legal, honesto, representa um direito, não implica nenhum crime. [...] Demonstra um senso de preocupação e de proteção para o seu bebê. [...]. Não fez por mal, possivelmente acreditou que era o melhor a ser feito. Resolveu de acordo com a régua de seus medos.¹

¹ CARPINEJAR, Fabrício. Mãe que encaminha filho para adoção não é desnaturada. Disponível em: <https://www.facebook.com/carpinejar/posts/2125441234142844/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

Perguntavam sempre: “Você é adotiva??? Como??? Você se parece tanto com sua mãe!”

Essas memórias me fazem remeter, de novo, a outro escrito do Carpinejar, quando ele diz “do quanto filhos adotivos passam a se parecer com os seus responsáveis. [...] Há um DNA da ternura mais intenso do que o próprio DNA”. E acrescenta: “Família é feita de presença mais do que de registro. [...] Não existem pai e mãe por decreto. Representam conquistas sucessivas”.²

Aos poucos, fui ampliando meu amor por tudo o que aconteceu.

Diferentemente de Antônia, Fábio preferiu se dedicar ao presente e ao futuro da filha. Cuidou, dia a dia, de transmitir as lições de vida mais importantes; de tudo que pudesse dar sustentação aos passos que eu daria na vida. Muitos, talvez, sem a presença dele.

Hoje, penso que meus pais dividiram, assim, o exercício de amar.

Para o meu pai, importava muito dar suporte material e emocional para a condução da vida no futuro. A conversa sobre a adoção não assumiu o protagonismo para ele.

Minha mãe, além dos cuidados de amor do dia a dia, pensava que era bom que eu soubesse sobre os detalhes de como e de quem foram meus pais biológicos. Ela sentia que a verdade sobre o passado deveria ser esclarecida e compreendida.

Sabiam eles que “dividir o teto não garante proximidade, o que assegura a afeição é dividir o destino”.³

A propósito das minhas recordações, há duas circunstâncias que eu vivi e que valem ser registradas.

² CARPINEJAR, Fabrício. Parente e família. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/09/carpinejar-parente-e-familia-4842961.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

³ CARPINEJAR, Fabrício. Parente e família. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/09/carpinejar-parente-e-familia-4842961.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.



Certa vez, já adulta, tive um problema de saúde que demandava uma cirurgia. Enfrentar essa etapa da vida foi difícil. Tudo aconteceu de forma rápida e muito impactante.

Procurei, então, uma psicóloga para me ajudar a elaborar minhas angústias sobre a futura cirurgia. Foram dois meses de terapia.

Num determinado dia, ela conduziu a sessão me levando a retomar, imaginariamente, a fase uterina. Questionou-me sobre quais emoções estavam sendo experimentadas por mim com essa proposta terapêutica. Como eu não havia nunca pensado nisso, foi uma vivência muito interessante. Percebi que era um pouco desconfortável aquele útero. Sair daquele espaço era importante e urgente.

Não eram emoções negativas propriamente, tais como medo, rejeição, tristeza, entre outras. Era apenas a urgência de ir para a vida. Como se muita coisa tivesse que ser feita “lá fora”.

A experiência provocada em terapia, com todo o envolvimento que eu me deixei ter naquele dia, resultou em muita serenidade e na certeza de que a adoção é uma realidade elaborada e madura dentro de mim. Do contrário, poderia ter experienciado algo dolorido.

Não foi.

O que clamou foi a urgência da vida em mim, a vontade de desbordar dos limites do útero.

E, vejam só! Tudo faria sentido por meio do encontro que me foi possível com a minha mãe e meu pai adotivos aos dois meses de idade.

Ah, essa vida e suas muitas coisas para viver!

A outra situação ocorreu quando eu estava precisando renovar a carteira do clube esportivo do qual sou sócia.

Para a renovação, precisei apresentar a certidão de nascimento. A funcionária me questionou sobre a informação “averbação” no bojo do documento. Eu disse a ela que se tratava do meu processo de adoção.



Ela — nitidamente acanhada — abaixou a cabeça e, sem qualquer outra palavra sobre o documento, procedeu rapidamente à renovação da carteira.

Saindo de lá, refleti sobre aquela experiência e pensei como ainda há dificuldade no trato do tema pelas pessoas. A palavra adoção trouxe para alguém uma referência que eu jamais saberei qual é, mas que demonstrou ser difícil e capaz de causar desconforto.

Fiquei indagando quais os muros estamos ainda deixando existir entre as experiências de afeto e, com isso, permitindo divisas em categorias estanques de pais, mães e filhos biológicos e adotivos.

Bem...

A gratidão é o sentimento que permeia minha vida. Não a gratidão porque a família de origem me “abandonou” e fui “salva” pelos pais adotivos. Se assim fosse, minha elaboração denotaria alguma dívida dos pais biológicos; talvez mágoas e conflitos com o passado.

A gratidão que eu sinto — a verdadeira gratidão — é pela história toda da minha vida.

Foi porque tudo aconteceu assim, exatamente como foi, que os laços da família biológica, que não se rompem (eles são parte de mim), permitiram o encontro único entre três pessoas: Cynthia, Fábio e Antônia.

É verdade que a forma de viver a adoção é muito singular. Ser filha do coração é um exercício sem fórmulas prontas. Entretanto, se a gratidão e o amor são o ponto da costura, o verso do tecido, construído desde o primeiro alinhavo, compõe a imagem que nos veste inteiramente hoje e sempre. Tudo tem significado e importância.

Finalizando minha narrativa, ao lado do computador, estão algumas das minhas roupas de criança, que guardo com carinho e que guiam, de novo, minhas lembranças e a certeza desse grande e feliz encontro.









O amor supera

Enilva Rosa de Sousa Machado

Em busca de um sonho

Eu, Enilva Rosa de Sousa Machado, parti bem menina da minha cidade, Cristália, interior de Minas Gerais, vale do Jequitinhonha, rumo à cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, para estudar e trabalhar. Minhas irmãs já moravam, estudavam e trabalhavam em Ribeirão. Vim com muita batalha, estudei e moro aqui até hoje. Desde criança eu queria ser enfermeira. Comecei a trabalhar bem jovem. Fiz minha faculdade de enfermagem trabalhando como auxiliar de enfermagem, às vezes passando até 36 horas em atividade contínua, para me dedicar aos estudos. Para a minha formação, o apoio e a dedicação da minha família foram primordiais.

No início de minha carreira, conheci meu marido Jaime. Começamos a namorar e, após seis anos, nos casamos. Logo que me casei, procurei tratamento para engravidar, pois não usava método contraceptivo e ainda assim não engravidava. Por ele, eu não teria me submetido a nenhum tratamento e teríamos entrado de imediato na fila de adoção. Entramos na fila de adoção logo que nos casamos, mas, mesmo assim, fiz vários tratamentos, todos sem sucesso. E não houve diagnóstico que comprovasse o motivo pelo qual eu não engravidava. Mamãe era viva e minha família sempre soube de tudo. Durante o primeiro tratamento, mamãe faleceu de forma súbita, vítima de lúpus. Com todo esse estresse, a médica que me acompanhava achou melhor que eu o interrompesse. Com a partida dela, foi como se tudo desabasse, parecia impossível viver sem ela. Ela foi presente, batalhadora, dedicada, alegre, companheira, com pouca cultura, porém sábia, e vibrava com o sucesso dos filhos, queria ver todos formados e tomando um bom rumo na vida. Tempo depois reiniciei o tratamento, porém novamente malsucedido.



Após três anos do falecimento de minha mãe, minha sogra, já idosa, foi diagnosticada com tumor maligno no pâncreas. Considerando seu estado fragilizado, optei por interromper mais uma vez o tratamento de fertilização *in vitro*, na tentativa de propiciar a ela, naquele momento, uma melhor qualidade de vida, cuidado que se estendeu até o seu falecimento.

Última tentativa

Dentre as opções oferecidas pela medicina, foram realizados cinco tratamentos, sendo o último uma fertilização *in vitro* com doação de óvulos. Mesmo na incerteza de um resultado positivo, optei por todos os métodos oferecidos pela medicina na ocasião, e isso me tranquilizava no sentido de me sentir segura por ter utilizado todos os recursos e de não me culpar por não ter experimentado todas as chances possíveis. Além do alto custo de todos os tratamentos fracassados, do sofrimento com os efeitos colaterais provocados pelos medicamentos, da angústia minha e de minha família por tentativas malsucedidas, foi preciso me manter em equilíbrio, por sentir em mim acesa a chama do desejo de ser mãe, embora não tenha havido sucesso em nenhum dos tratamentos.

A fila de adoção

Eu e meu marido nos cadastramos como pretendentes para adoção no Fórum de Ribeirão Preto. Não fizemos nenhuma objeção quanto a cor, sexo, etnia, origem e doenças. Sugerimos que a idade fosse até 5 anos e poderiam ser gêmeos ou irmãos. Apesar das informações na mídia do grande número de crianças a serem adotadas, o processo corre de forma cautelosa e demorada. Eu queria ser mãe, eu queria ter uma criança, mas nunca chegava a minha vez. Para todas as cidades por onde viajei, levei comigo a carta de habilitação, contatei fóruns e conselhos tutelares, apresentando-me e deixando lá minha proposta para adoção. Numa dessas viagens, após o falecimento de minha mãe, retornei a Cristália, aproveitei a oportunidade e fui ao Fórum de Grão Mogol-MG, cidade vizinha, e deixei lá a carta de habilitação, bem como uma carta de próprio punho expressando meu desejo de ser mãe.



Chegada inesperada

No dia 9 de janeiro de 2014, às 17 horas, meu telefone tocou e era a minha irmã, que reside em Cristália, dizendo: “Chegou a sua criança! Você tem certeza de que ainda quer?” Eu respondi: “É tudo o que eu mais quero na vida”. Ela disse:

Olha, a criança não está aqui comigo, mas o conselho tutelar está retirando uma criança de uma mãe que, segundo eles, não tem condições nenhuma para criá-la. Foram lá algumas vezes e estão tentando fazê-la aceitar a criança, mas de modo que, se não retirar, a criança não vai aguentar. Só que vai ter que esperar todo o processo, porque é a justiça quem vai decidir. E como aqui não tem abrigo, eles perguntaram se podem ficar a criança e a genitora em casa, comigo, até o desfecho desse processo. Então você tem certeza de que você quer?

Respondi: “Tudo o que mais quero na vida!”.

Naquele momento, algo forte “veio” e me encheu de paz como uma brisa a me cobrir de calma. Nada mais me deu aflição e tive a certeza de que aquela criança seria a minha filha. Esperei com a maior tranquilidade, com toda a paz do mundo. Ela chegou à casa de minha irmã nesse mesmo dia e ficou de 9 de janeiro a 4 de abril de 2014. E eu em contato o tempo todo. A criança, quando chegou, apresentava sinais de maus-tratos, estava emagrecida, desnutrida, desidratada, grandes assaduras em região perineal. Os dias passaram e a minha irmã dizia: “Essa criança tem algum problema, essa criança não é normal”. Eu dei a seguinte orientação: se você acha isso, veja um bom pediatra em Montes Claros-MG, sendo que lá é o local mais próximo com recurso médico diferenciado, e a leve para ser examinada. Na minha cidade, não tem pediatra. Quem avaliou a criança, na hora de levar para casa da minha irmã, foi um médico clínico, ele solicitou que a genitora fosse junto para forçar a amamentação, porém, mesmo permanecendo junto, recusava-se a amamentar. E minha irmã começou a dar mamadeira para a criança. O tempo passou, e a minha irmã disse: “Olha, essa criança engasga, essa criança fica roxa, essa criança fica preta”. Após a chegada dela na casa da minha irmã, providenciei judicialmente o pedido da guarda provisória. Quando a audiência foi agendada, nos deslocamos de Ribeirão Preto para Cristália.



Ao chegarmos, vivenciei uma cena inesquecível e repleta de saudade que trago comigo. Todas as vezes que eu saía de Ribeirão para ir passar férias com mamãe em Cristália, ela aguardava de pé no primeiro degrau na entrada da sala. E a primeira vez que eu voltei lá, após o seu falecimento, que eu cheguei na porta daquela casa e não tinha aquela mulher me esperando, foi muito triste, havia algo incompleto. A segunda vez que eu voltei, foi para buscar Isabela, e minha sobrinha estava no mesmo lugar onde minha mãe ficava me esperando, e falou assim: “Vem, tia, entra, vem aqui no quarto ver”. Eu cheguei na porta do quarto, aquela coisa mais linda deitada em cima daquela cama me esperando. A Isabela era a bebê mais linda! Tenho a primeira foto de quando eu a avistei, ela dormia tranquilamente e, despertada pela minha sobrinha, abriu os olhos e um sorriso enorme, parecia que nos reconhecia. No dia seguinte pela manhã, meu marido deu o primeiro banho, ele fazia isso todos os dias, e, após o banho, ele passeava com ela pela praça. Ela o esperava para passear, e se ele não passeasse, ela chorava muito.

Na primeira audiência, foi solicitado ao serviço social uma melhor averiguação da real condição da genitora e se ela estava realmente disposta a não assumir a criança e disponibilizá-la para adoção. No dia 4 de abril de 2014, às 17 horas, ocorreu a segunda audiência, com presença minha, do meu marido, da minha irmã, que foi responsabilizada para os cuidados durante o curso do processo, e da genitora. Nesse dia, foi concedida a guarda provisória.

Cuidados da prima

Durante o período de acolhimento na casa da minha irmã, sua filha Ana Beatriz, adolescente com 14 anos de idade, assumiu os cuidados da criança de forma intensa, estabelecendo um laço de afeto e de proteção, impedindo que ela fosse exposta a qualquer situação inconveniente. Segundo informação da genitora, a criança nasceu sem ter sido feita a escolha do nome, sendo assim, a enfermeira da maternidade que lhe prestou os cuidados sugeriu o nome com o qual ela foi registrada e chamada por todos. Eu e meu marido, em particular, a chamávamos de “meu bebê”, “minha princesa”, “meu amor”.



A partir da concessão da guarda provisória, me reuni com as pessoas da minha família presentes nesse período e informei que a partir daquele momento ela seria chamada de Isabela, nome escolhido há muitos anos por mim e meu marido.

Na madrugada do dia seguinte, partimos com ela para Ribeirão Preto, onde o restante da minha família aguardava ansiosamente pela nossa chegada, chegada essa triunfal, acompanhada de sorrisos, choros, fotos, abraços, emoção. Era uma alegria estampada no olhar e na expressão de todos que se encontravam naquele momento, enfim, era uma alegria única e difícil de descrever.

A guarda definitiva foi expedida aproximadamente em 10 meses após o início do processo.

Saúde da Isabela

Nada me tirava da cabeça que ela tinha algum problema de saúde muito sério. Desde o primeiro contato com ela, observei que tinha dificuldade na deglutição, apresentava vômitos e engasgos frequentes, seguidos de cianose acentuada, necessitando de manobras para reversão.

Chegando a Ribeirão Preto, ela continuou com episódios de vômito e engasgo, mas me sentia amparada por conhecer muitos médicos pediatras bons e fui em busca de ajuda. As primeiras pediatras que procurei eram renomadas e as conhecia há muitos anos. E o que uma delas me disse foi:

Enilva, isso é ansiedade de mãe adotiva e, por isso, você não está conseguindo lidar bem com a situação. Isabela tem refluxo e, nessa idade, é normal. Você vai colocá-la para dormir sentada e vai ver que, com o passar do tempo, ela vai melhorar.

Isabela era uma criança aparentemente saudável, ativa, risonha, uma bolinha. Eu queixava para os médicos e eles: “Mas como? Criança que tem um problema de saúde como você queixa não é gorda como a sua filha”. Eu ouvia isso deles o tempo todo, mas eu dizia: “Ela não consegue engolir, eu dou na seringa”. Eu a levei muitas vezes ao atendimento de urgência. Na hora que eu chegava para o atendimento, eu já havia realizado manobras para o de-



sengasgo e afastado o risco de complicações. E falavam: “Mas a criança não tem nada, porque uma criança que tem alguma coisa não é gorda assim”.

Para o meu olhar, o estado de saúde dela parecia cada vez pior e fui em busca de profissionais que me ouvissem e entendessem minha fala. Num dado momento, ela foi avaliada por um cirurgião pediatra, que solicitou alguns exames e diagnosticou refluxo gastroesofágico, e, segundo ele, o tratamento seria cirúrgico, porém, minha angústia aumentava, uma vez que, diante do meu questionamento se caso o procedimento cirúrgico não tivesse sucesso, o que seria feito, ele respondeu: “Isso veremos depois”. Diante do fato, busquei opinião de um outro profissional com a mesma formação, fui orientada que, em princípio, não seria indicado cirurgia, por não ter um diagnóstico fechado, disse ainda que um procedimento cirúrgico errôneo poderia deixar minha filha em estado vegetativo pelo resto da vida.

Nesse período de investigação, dei entrada com ela no pronto atendimento, engasgada. Fomos atendidas por uma médica gastropediatra, que eu conhecia há muitos anos, e, segundo ela, minha filha tinha um problema que não era simples e que deveria ser melhor investigado. Desde então, começou-se a investigação, e houve a suspeita de estenose esofágica, por isso foi submetida ao procedimento de dilatação esofágica, porém, malsucedido, havendo a suspeita de acalasia, doença rara nessa idade.

Na época, me afastei do trabalho, sem remuneração, pois o documento da guarda provisória não foi aceito pelo INSS, que alegou faltar informação. O juiz da comarca de Grão Mogol orientou que eu desse entrada novamente na guarda provisória em Ribeirão, para que eu pudesse resolver tudo por aqui, e isso foi feito. Passaram-se meses até eu obter a guarda provisória e conseguir receber pelo INSS. Nada é ao acaso, tudo veio a calhar, mesmo minha família me ajudando muito naquele momento, eu não poderia retornar ao trabalho e deixá-la sem o meu cuidado.

A Isabela tinha esse problema de saúde de difícil diagnóstico. Meses se passaram e eu fui uma mãe que não conseguia me deitar para dormir. Eu passava as noites sentada com a Isabela deitada em mim. Eu não tinha coragem de me deitar, porque uma das vezes em que deitei, eu achei que a minha filha não fosse viver, que ela ia morrer nos meus braços. Eu a coloquei deitada no berço e, minutos depois, notei que ela estava pálida, com os olhinhos parados, e me vi desesperada, a peguei nos braços e a chacoalhei, até que



ela chorou. Quando ela respirou e retomou sua cor, consegui me aliviar. E, em decorrência dessas intercorrências, ela foi vítima de várias pneumonias e outras complicações. Eu não sabia mais o que fazer, cheguei a pensar que não tinha mais a quem recorrer.

Fé na vida

Entendo que, na vida, nada é ao acaso, que, para tudo, existe um porquê e que Deus não teria me concedido a graça de ter uma filha, para não poder criá-la. Quando houve a suspeita da doença acalasia, meu mundo ficou estreito, buscava força interna para suportar. Fui à procura do cirurgião indicado para operar minha filha, o mesmo disse o seguinte:

Essa doença é muito rara, e, na verdade, não sei como operar. Eu vou ter que estudar, ir atrás de outros cirurgiões, de outros lugares, para saber como a gente vai operar. Mas, antes de vermos tudo isso, eu vou te encaminhar para um gastro-pediatra, praticamente um menino, mas é de grande confiança e não custa termos uma segunda opinião.

E, assim, agendei uma consulta com o profissional indicado.

Eu sentia em mim

“Meu Deus, me dê uma luz, alguma coisa o Senhor tem que me mostrar.”

Isabela tinha um ano e dois meses e, no dia 2 de janeiro de 2015, estávamos eu e meu marido com ela dentro do hospital sendo avaliada pelo gastro-pediatra Mateus Andrade. Realmente era um menino, realizou o exame de manometria e me disse:

Sua filha tem um problema sugestivo de subestenose esofágica, não se sabe ao certo a causa, que podem ser várias, mas vou conseguir tratá-la, ela vai crescer com uma vida normal, o tratamento tem os seus riscos, mas preciso de um voto de confiança, pense, converse com sua família e sintam-se à vontade para decidir.



Na conversa com minha família, entendemos que essa seria a luz no final do túnel.

Fomos para o tão esperado procedimento: dilatação esofágica com balão hidrostático — sob anestesia geral. Eu e o meu marido aguardávamos ansiosos na sala de espera, e o tempo que ali esperamos parecia uma eternidade. Quando avistei o Dr. Mateus vindo em nossa direção, me faltavam forças para ouvir o que ele tinha a nos dizer, eu nunca vou me esquecer o rosto, a fisionomia, o olhar e o que ele nos disse: “Pais, eu dilatei o esôfago da filha de vocês”. Esse foi o dia mais feliz das nossas vidas, por pensar que ela não tinha um diagnóstico tão raro. A partir daí seriam realizadas outras dilatações, pois o tratamento se faz de maneira gradativa. Ela tinha o esôfago praticamente fechado e o médico não conseguia entender como fui capaz de conseguir alimentar minha filha por tanto tempo, praticamente na seringa, e ainda mantê-la com o aspecto saudável. O fato de ela sentir muita fome e ter ânimo para comer colaborou para que eu passasse horas do meu dia alimentando-a na seringa. Quando ela não conseguia se alimentar de jeito nenhum em casa, passava horas em pronto atendimento recebendo soro endovenoso. Até então, era mais uma criança vomitando, e ninguém me dava ouvido de que o vômito dela não era normal. Até que, graças a Deus, surgiram essas pessoas na vida da minha filha e, a partir de então, começaram a tratá-la. Ainda hoje ela tem engasgos, porque o local onde foi dilatado é um local que não possui elasticidade e motilidade. Então, é normal que ocorra o engasgo, mas hoje é grandinha e tenho os devidos cuidados com sua alimentação. Ela é orientada, reconhece e sabe dizer quando o alimento para no esôfago, ela mesma toma um golinho de água e o alimento desce. Sobrevivemos a muitos engasgos. O último ocorreu há uma semana, de modo mais complexo, pois houve a necessidade de realizar a retirada do corpo estranho, sob anestesia geral, e mesmo diante de tanto estresse, ela me acalmava o tempo todo, dizendo: “Fica calma, mamãe, eu estou bem”.

Saúde da mãe

Ninguém conseguia enxergar que eu, mãe, estava internamente doente, não sabia o que era me deitar, fiquei mais de um ano passando noites e noites sentada.





Minha filha falou antes de se sentar. Numa madrugada, ela estava irritada e chorava sem parar. Eu não aguentava mais e a coloquei no berço, sentada no bebê conforto. Nessa madrugada, ela olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas e, pela primeira vez, pronunciou “Mamã! Mamã!” e, com olhar triste, sinalizou que queria voltar para o meu colo. Minha filha não teve o direito de se sentar no período do desenvolvimento normal da criança, pois vomitava sem parar e eu tinha medo de ela engasgar. Meu marido trabalhava o dia todo e à noite também, chegava em casa na madrugada e dizia: “Deixa que agora eu fico com ela”. E eu tinha medo, porque eu pensava: “Ele está mais cansado do que eu, vai dormir e poderia até deixá-la cair”. E eu respondia: “Não, deixa que eu fico”.

Isa - Desenho de Deus

Entendo que Deus desenhou essa história, desenhou essa filha para nos dar. Ele fez tudo perfeito, de todas as maneiras, fez com que ela pudesse se tratar, e, assim, sou muito feliz e grata a todos os profissionais que cuidaram dela e fizeram e fazem parte dessa história. Cito a Dra. Maria de Fátima Cabana Marchi, médica pediatra e homeopata, competente, dedicada, que exerce a escuta de forma digna, por quem tenho enorme gratidão, pois não conseguiríamos viver sem a presença dela em nossas vidas.

Choros incontroláveis

Antes do primeiro aninho de vida da minha filha, notei que ela apresentava intensas crises de choro, sem motivo aparente, um choro muito estranho, inclusive no meio das madrugadas. A primeira crise de choro que ela teve foi ainda bebê. Fui fazer umas compras com ela no *shopping* logo que cheguei aqui em Ribeirão, e, do nada, ela teve uma crise incontrolável de choro. Minha irmã mais velha, Anete, e o papai estavam junto comigo. A minha irmã a pegou dos meus braços e disse: “Tem alguma coisa, vamos tirar a roupinha dela”. Tiramos tudo, não tinha nada. Com muito custo, essa crise de choro passou e, pouco tempo depois, começou nas madrugadas. O que me chamava atenção era que Isabela, em decorrência de todos os problemas que teve, foi uma criança que tinha febre acompanhada de tremores. Eram tremores horríveis, e uma criança com tremores pode evoluir para crise con-



vulsiva. Sempre relatei isso à sua pediatra. Certo dia, ela estava com febre, e eu a levei ao consultório apresentando uma crise de tremores durante o atendimento, a pediatra salientou: “Isso não é normal”, e encaminhou para avaliação neurológica. Procurei pelo neurologista que a avaliou e, embora considerando o seu estado muito inquieto, os exames não mostraram nenhuma anormalidade. Ela continua sendo acompanhada pelo profissional e, ao longo do tempo, houve aumento da inquietação, com quadro de agitação importante e choros, por isso foi introduzido medicamento controlado para amenização dos sintomas. Porém, ela tinha outros problemas ainda não diagnosticados e precisaria de mais exames, antes de iniciar qualquer tratamento.

O primeiro diagnóstico foi de Transtorno Opositor-Desafiador, o TOD, que, em algumas fases da vida dela, foi muito acentuado, a ponto de me tirar o equilíbrio e o equilíbrio da família. Isso piorava cada vez mais, eu tentava ser forte para tratá-la da melhor maneira possível. Acessei todos os recursos disponibilizados para tratamentos, no intuito de oferecer a ela a melhor qualidade de vida, por exemplo: neuropsicologia, psicopedagogia, mandaloterapia, yoga e outros. Depois que ela fez uma avaliação neuropsicológica, a conclusão foi de que ela não tinha TOD, mas uma impulsividade exacerbada que leva ao Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, o TDAH. O neurologista tentou introduzir novos medicamentos, no entanto, não deram certo, pois não suportou os efeitos colaterais. Com tudo isso, estou sempre pronta a utilizar de todos os recursos dos quais disponho, para investir na boa qualidade de vida da Isabela. Nenhuma dificuldade me fez ou fará deixar de ter esperança e de acreditar na possibilidade de uma melhora efetiva para a vida dela.

Fala da Isa:

Eu gostava de mamá no tetê da mamãe. Eu apertava o peito dela. Eu queria ter nascido da barriga da mamãe. Isso me deixa triste. Eu sinto um amor pela mamãe, pelo papai, pela tia Anete e pelas tias do tamanho do mundo. Eu sou feliz. A mamãe se dedica pra mim o tempo todo. Um dia eu me perdi da mamãe no sítio do vovô e fiquei com medo de nunca mais encontrar ela. No sítio do vovô eu brinquei com os bichinhos, andei a cavalo... Eu amo muito o vovô... Amo minha escola, meus amigos e todas as pessoas de minha escola.



O amor prevalece

Aos 45 anos de idade, fui motivada a encerrar minha carreira como enfermeira, profissão à qual me dediquei e amei intensamente. Naquele momento, minha decisão foi pautada no objetivo maior da minha vida que é o de cuidar da minha filha. Ainda bebê, passei a oferecer o meu peito a ela, já explicava que no “tetê” da mamãe não saía leite, como no das outras mamães, porque ela não havia nascido de minha barriga. Por longo período, sugou o peito, mesmo sem a presença do leite. Ela carrega consigo um sofrimento, conforme relata, que gostaria de ter nascido de minha barriga, e, todas as vezes que ela se refere ao assunto, é dito a ela que, embora não tenha sido gerada em minha barriga, o importante é ter sido gerada em meu coração.

Por conta do quadro de impulsividade, apresenta dificuldade no aprendizado. Começou a frequentar a escola com um ano e oito meses de idade, em que a proposta era aprendizagem através da arteterapia, hoje, aos sete anos de idade, frequenta uma escola com metodologia Waldorf.

Tudo mudou

Ser mãe da Isabela é algo que me completa, pois, antes, sentia que faltava algo, e tudo mudou, hoje, eu sou outra pessoa, sou feliz. Vivia numa casa de bonecas, saía e chegava com tudo muito impecável, hoje é brinquedo esparado pela casa inteira, tenho que ser firme na educação. É graciosa com seu sorriso e seu abraço, afetiva, carismática, atenta às situações que ocorrem em sua volta, extremamente amorosa, gosta de brincar sozinha ou com outras crianças, adora frequentar a escola e se relaciona bem com as pessoas com as quais convive. Gosta de ser chamada de Isa ou Bela. Eu e a Bela temos uma relação intensa e verdadeira, de forma que não conseguimos nos manter distantes uma da outra por muito tempo.



Desenhos da Isabela

Bela e o papai



Bela e a mamãe





Mensagem

Deixo aqui a mensagem para as pretendentes à adoção: façam como eu, corram incansavelmente em busca dos seus sonhos e tenham em mente que ser mãe é uma batalha árdua, mas, acima de tudo, gratificante. Criar, educar, impor limites e abdicar de muitas coisas pelos filhos, tudo isso faz parte do contexto.

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus por me conceder a oportunidade do exercício da maternidade.

À minha família, por compartilhar comigo essa alegria.

Em especial, à minha irmã Nicinha e sua filha Ana Beatriz, pela dedicação.

À minha irmã mais velha, Anete, por nos acolher de forma amorosa em qualquer circunstância.

A todos os profissionais que cuidaram e cuidam atualmente da Isabela.

À Carolina de Souza Mesquita, por colaborar com a organização do texto.

A todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização do nosso desejo, nossa infinita gratidão.







Amor com responsabilidade

*Ionélia Maia
Cláudio Ney de Faria Maia*



Esta é uma parte da história da minha vida. Ficaria cansativa a leitura se me dispusesse a relatar todos os anos vividos desde a infância. Assim, opto por começar por aqui:

Um casamento abençoado com um homem digno, honesto, trabalhador e batalhador e, pasmem... além de tudo, bonito! Eita que tirei a sorte grande!!!

Então, este casamento que, entre trancos e barrancos, já dura memoráveis 29 anos, nos brindou com dois filhos, sapecas, saudáveis, espertos e lindos.

A vida de casados passou por muitos altos e baixos. Percalços que, se não fosse a fé, garra, coragem e determinação (de ambos), não teríamos esta vitória para contar.

Como a maioria dos casamentos, formar uma família é fechar com chave de ouro um ciclo da vida, e uma família com quatro pessoas era a personificação do nosso amor.

Bom, vou fazer uma pausa aqui, para retroceder alguns anos e relatar uma parte da história da minha mãe, que deu um novo colorido à nossa vida.

Sempre preocupada em ajudar o próximo, chegou aos ouvidos dela a dificuldade de uma mãe em sustentar quatro filhas com idades entre três meses e sete aninhos. Na busca de parceiras que pudessem cooperar, minha mãe me ligou para saber se eu podia ajudá-la na missão.

A princípio, acreditei que um emprego para a mãe das meninas seria a salvação; mas me demovi logo da ideia, porque com quem ficariam as crianças se a mãe fosse trabalhar? Dialogando com minha mãe, concluímos que, se ela fosse trabalhar na minha casa, poderia levar a menina de três meses, enquanto minha mãe cuidava das outras durante o dia. Para nós, eu e minha mãe, essa iniciativa era tudo de bom, mas qual não foi nossa surpresa quando, ao fazer a proposta para a mãe das crianças, ela pediu um tempo para pensar. Na verdade, foi um balde de água fria, porque ali eu já sabia que a resposta seria um não. E não deu outra. Na realidade, a intenção dela era deixar as crianças para adoção. Ficamos tristes, mas respeitamos a decisão que só cabia a ela.





Naquela época, eu, com 25 anos de idade, uma casa para cuidar, um marido com 28 anos para ajudar e dois filhos para criar (um com três e o outro com um aninho), ainda pensei na possibilidade de ficar com uma das meninas, para ajudar a criar. Resolvi, então, conversar com meu marido na tentativa de que duas cabeças pensam melhor do que uma. A conversa foi muito proveitosa. Como sempre, ele foi solidário ao afirmar: “Amor, o arroz e o feijão eu garanto, mas e você? Acha que está preparada para educar três anjinhos?”.

Aquela noite foi um suspense só, que terminou quando eu concluí que não daria conta de criar e educar um, dois e agora três, levando em consideração que não podia abandonar a casa e o marido. Então propus à minha mãe que ela ficasse com uma das meninas, e eu a ajudaria a criar dentro do que me fosse possível.

E assim foi feito. Sempre acreditei que nada é por acaso. Minha vida sempre foi regida por Deus.

Havia chegado o momento de fazer a proposta para a mãe das meninas. Ali não era para se fazer uma escolha de com quem minha mãe ficaria, mas, sim, era o momento de buscar o que já nos pertencia. Entendo que o amor supera os laços sanguíneos. Apesar de o sangue representar a vida, como separar um do outro? Naquela casa, com quatro meninas para adoção, Deus tocou meu coração, quando meu olhar cruzou não com a loirinha de olhos azuis, mas com a menina descabelada, magrinha, com a pele manchada, e eu afirmei: “Mãe, é ela!”. Minha mãe não entendeu a escolha, mas minha escolha não olhou idade, cor de pele, cabelo, olhos, não. Minha escolha olhou o coração.

O nome Beatriz, aquela que traz felicidade, aquela que faz os outros felizes... Ah! Não podia ser mais providencial. Beatriz, agora Bia para os íntimos, foi morar com a minha mãe, na condição de que a mãe poderia ir visitá-la sempre que quisesse, porque, até então, nossa intenção não era a adoção e, sim, ajudar uma mãe na condução da vida de suas filhas, sendo que uma delas nós ajudaríamos a criar.

Como a Bia ainda não era batizada, procurei acelerar o batismo, e fomos eu e meu marido madrinha e padrinho da Beatriz. A Bia logo se identificou com

nosso amor e passou a chamar minha mãe de mãe, o que me delegou o cargo de irmã e dindinha.

A infância foi junto com meus filhos, até então, seus tios. Férias, feriados, passeios, viagens, sempre juntos. Cuidar da Bia, ajudando minha mãe com a compra de livros, cadernos, roupas, sapatos, era muito normal. Ela só não morava conosco, mas, com certeza, já fazia parte da nossa família, que não era mais de quatro e sim de cinco.



Quis o destino, entretanto, que, quando a Beatriz completou 14 anos, em 2014, fase da adolescência, em que os cuidados e atenções devem ser redobrados, ela veio passar as férias de final de ano conosco, e esse período se estendeu por um tempo, quando acabamos por fazer uma viagem. No retorno dessa viagem, fui surpreendida quando minha mãe veio me dizer que estava passando por dificuldade financeira e que ficava muito tempo fora de casa para trabalhar, deixando a Bia sozinha. Me perguntou se, já que o ano iria iniciar, nós, eu e meu marido, não podíamos naquele ano ficar com a Bia. Para mim, aquilo não era dificuldade nenhuma. A Bia já era minha irmã, afilhada, tia dos meus filhos, e todos nos dávamos muito bem, inclusive com



os filhos dos irmãos do meu marido, que sempre receberam a Bia como se fosse prima.

Dúvidas, eu não tinha, mas precisava conversar com meu marido. Na verdade, a minha preocupação maior, naquele momento, era como falar com a Bia. Não queria que ela sentisse que minha mãe estivesse abrindo mão dela (nessas alturas do campeonato, era assim que ela se sentia com relação à mãe biológica, que a procurava de quando em vez). Antes, porém, de abordar o assunto com a Bia, fui conversar com meu marido, mas, como Deus é perfeito e maravilhoso, faz sempre as coisas fluírem de uma forma leve na minha vida. Após falar o que precisava, com o coração aos saltos, ouvi do meu marido (que é um presente de Deus, mas também é de poucas palavras) o seguinte: “Fala com sua mãe que essa é uma vinda sem volta”. Ele nem precisou explicar. Ali eu entendi que ele, como eu, estava disposto a trazer o rosa definitivamente para nossas vidas. Foi uma emoção indescritível e, ainda no auge da emoção, liguei para minha mãe e expliquei que a condição da vinda da Bia para a nossa família seria sua vinda em definitivo. Minha mãe ficou muito feliz, porque ela sabia que, na minha casa, a Bia ia ter todas as oportunidades que meus filhos tivessem.

Nossa intenção, lá atrás, não era a adoção. Era cuidar para que ela voltasse uma mulher bem-sucedida para a família de sangue; porém, sempre ouvi dizer que “a gente escolhe a linha, mas o risco do bordado vem pronto lá de cima”.



Aí passamos para a conversa com a Bia e com meus filhos. Ficamos pasmos ao descobrir que todos se queriam como irmãos. Não imaginava que meus filhos fossem ficar tão radiantes com a existência de uma irmã que pudessem chamar de “sua”.

Resolvidos os assuntos emocionais, daí em diante os próximos passos foram os práticos: vaga na escola dos meus filhos, uniformes, material escolar, transporte escolar... E o tempo cuidou, com todo o amor, para que tudo fluísse normalmente.

Após dois meses definitivamente conosco, totalmente adaptada, eis que me aparece uma amiga e me diz: “Você ainda não percebeu que a Bia é sua filha?”. Sentíamos um amor de mãe e pai por ela, mas sempre pisávamos em ovos ao abordar o assunto porque, na realidade, apesar de não ter sido adotada legalmente pela minha mãe, era ela que a Bia considerava e chamava de mãe.

Porém, como tudo é no tempo de Deus, esperamos, oramos e vigiamos, e a conversa sobre a adoção aconteceu quando nossa filha completou 15 anos. Aproveitamos a oportunidade para fazer uma festa e comunicar à família que dali em diante a Beatriz passaria a assinar o “Maia” no sobrenome.





Para a família, foi só um papel assinado; porém, sabemos e acreditamos que, numa adoção, a construção do relacionamento para reforçar o vínculo é uma tarefa diária. Há de se respeitar o tempo de cada um. Deus fez isso em nossas vidas com tamanha maestria, que nos permitiu construir aos pouquinhos, de forma bem leve, sem traumas, sem sequelas, só com muito amor.



A Beatriz, doce e carinhosa como ela só, um dia veio nos perguntar se podia nos chamar de mamãe e papai. Nossos corações se encheram de gratidão. Ali tivemos a certeza de termos feito o dever de casa direitinho. A missão que Deus nos confiou se solidificou naquele momento.

Já se vão alguns anos. Os meninos, entre idas e vindas, saem para morar sozinhos e, daí a um tempo, voltam para casa para, um tempo depois, saírem de novo. A Beatriz, essa não nos largou ainda. Formada com pós-graduação e empresária de sucesso. Dá muito orgulho de ver o empenho e a dedicação dela. Tem uma cabeça igual à do pai para os negócios, até parece que a genética está falando mais alto nesse quesito.

É o que eu digo sempre, quando me perguntam sobre a adoção:

A gente, quando engravida e dá à luz, é um ser que sai de dentro de você, mas, na adoção, acontece uma magia, porque é um ser que entra na vida da gente pelo canal do coração.

As pessoas têm o hábito de romantizar muito a adoção, mas, para mim, adotar não é só um ato de amor, é, antes de tudo, um ato de coragem com responsabilidade.









Adoção: uma gestação no coração

Irene Barbosa da Silva



A adoção é um gesto lindo, mas, muitas vezes, carregado de incertezas e, por que não dizer, de inúmeras surpresas. Minha história de adoção já completa aproximadamente 12 anos. E, como a grande maioria das adoções, existiu nela um período de gestação, que não se pode comparar aos nove meses da

Adoção, corações que se abriram para acolher e amar





gravidez de uma mãe biológica, pois, em se tratando de adoção, esta tende a perdurar por muitos anos. Especificamente no meu caso, foram mais de três anos de espera e, desde o início, tudo aconteceu de forma providencial, como em todas as coisas em que a presença de Deus se fez inquestionável.

Voltando no tempo, quando minha vida teve uma reviravolta... Eu acabara de sair de um relacionamento de quase 10 anos, e a ausência de filhos me desencantou completamente. Ainda que ele fosse um bom homem, ter filhos não fazia parte de seus planos. E eu, chegando aos 40 anos, comecei a correr contra o tempo, pois convivia com um mioma que só contribuía para diminuir minhas chances de engravidar, agravando ainda mais a minha situação e o sonho de ser mãe.

Sem um companheiro para essa jornada em busca da tão sonhada maternidade, todas as possibilidades começavam a povoar minha mente, desde a produção independente à inseminação artificial. Mas nenhuma me atraía, seja por questões morais, seja por questões financeiras. Foi nessa fase que a adoção começou a fazer parte dos meus planos. Nesse instante, uma onda de sensações e inseguranças começou a me tirar o sono. Porém, a vontade de ser mãe era maior que tudo isso.

E, no momento em que eu estava decidida a percorrer todos os trâmites de uma adoção, fui surpreendida novamente com outro sentimento, que me fez adiar esse sonho. Conheci Samara, a mulher responsável pela mãe que sou hoje, e confesso que, sem a presença dela na minha vida, a adoção não teria acontecido.

Com essa nova realidade, os problemas que eu enfrentaria ao retomar meu desejo de ser mãe pareciam impossibilitar a realização desse sonho. Eu estava vivendo uma união homoafetiva com uma jovem de apenas 19 anos, ou seja, 21 anos mais nova do que eu. Moramos em uma cidade pequena no interior do Triângulo Mineiro, e eu era conhecida por todos em razão do local em que trabalho e do cargo que exerço. Naquela época, não havia ainda casos de adoção entre pessoas do mesmo sexo, como ocorre nos dias atuais.

Após um período de aproximadamente dois anos de união, decidi que seria a hora de contar para minha companheira o meu desejo de ser mãe e que a adoção seria o caminho a ser percorrido. E, mais uma vez, ela se mostrou madura e, acima de tudo, companheira, abraçando esse sonho como sendo o



dela também. Nossa primeira atitude foi nos inscrevermos como candidatas à adoção. Com isso, demos início também à nossa gestação. Sabíamos que a espera poderia ser longa.

Essa fase da adoção foi a mais desafiadora, pois, ao mesmo tempo que precisei provar minha condição de ser mãe, veio também o período angustiante de expectativa. Preenchemos os requisitos e passamos os dias a esperar. Mas, como “Deus escreve certo por linhas tortas”, um problema familiar envolvendo o irmão da Samara nos trouxe à realidade em que vivemos hoje, depois de um longo caminho trilhado.

As drogas começaram a fazer parte da vida do meu cunhado e de sua esposa. Nesse tempo, eles tinham um casal de filhos, uma menina de três anos e um menino ainda recém-nascido. Lembro-me de que fui visitá-los certa vez e deparei-me com uma criança de olhar triste e um bebê que chorava muito. Pouco depois, percebi que esse choro era de abandono, devido às condições em que os pais se encontravam.

Diante do quadro que esse casal apresentava, não restou à justiça outra solução a não ser retirar essas crianças do convívio familiar e abrigá-las em uma instituição, até que os pais tivessem condições de oferecer-lhes um lar. Todavia, por mais que o local em que as crianças foram abrigadas fosse melhor que a convivência com eles naquele momento, o aperto no meu coração foi inevitável. E nosso primeiro impulso foi pedir à justiça que pudéssemos passar um final de semana com elas em nossa casa. Sendo a Samara tia, não houve nenhum empecilho, para que elas desfrutassem desses dias conosco e, diga-se de passagem, foi indescritível a nossa felicidade.

Como não houve nenhuma mudança no comportamento dos pais em relação ao uso de drogas, o retorno das crianças para junto deles ficava cada vez mais difícil. Dessa forma, repetimos o nosso pedido de levá-las para casa mais uma vez, e outra vez, e outra vez... E com esse contato contínuo, meu sentimento por eles, Andressa e Arthur, foi ganhando uma proporção que hoje se confirmou no amor verdadeiro de mãe.

Samara e eu começamos a nos questionar o que poderíamos fazer na vida dessas crianças, para minimizar os sofrimentos de total abandono sofrido até então. Decidimos pedir a guarda provisória dos menores, e só agora percebo que, a partir daquele momento, a nossa gestação entrava em um



período crítico. Estávamos assumindo uma responsabilidade de prestar a elas não apenas apoio material, mas, sobretudo, emocional. Encontramos num turbilhão de necessidades, uma vez que o Arthur era ainda bebê e necessitava de berço, fraldas, roupinhas, etc. A Andressa, apesar de ser mais independente, havia nela a questão emocional, pois sua memória trazia a imagem dos pais e de tudo que vivera com eles. Devido a isso, sua expressão era sempre de tristeza, e tínhamos que lidar com seu emocional abalado. Decidimos procurar assistência psicológica, para que ela pudesse ser acompanhada nesse processo.

Era o retrato de uma criança abandonada e desconfiada do amor das pessoas. E tinha razão, pois amor não era um sentimento constante em sua vida. Outra atitude que tomamos foi colocá-la numa escola particular, o que a ajudou muito na sua autoestima e convivência com outras crianças. A escolha pela particular foi em função do número menor de alunos em sala e de ter, além da professora, uma monitora. Precisávamos que ela fosse observada constantemente. Recebíamos um relatório diariamente do seu comportamento dentro da escola.

Com o passar do tempo, o inevitável aconteceu. Apaixonamo-nos pela experiência vivida e assumimos o papel de mães. A Samara sendo tia biológica preferiu continuar com o título de tia, apesar de ser uma mãe para os dois. E, diante do que vivíamos, também concordamos com ela, porque não podíamos confundir as crianças, apresentando-lhes duas mães. A sociedade ainda engatinhava nas questões homoafetivas e não queríamos que nossos futuros filhos fossem alvos de discriminação. Nascia aí um sentimento que toda mãe tem, o de tentar proteger seu filho de qualquer situação que venha a fazê-lo sofrer.

Conseguimos a guarda provisória das crianças e a consideramos como a vitória de uma batalha, mas não da guerra, uma vez que nossa caminhada estava apenas começando. Vivemos nosso primeiro momento de insegurança no dia em que a justiça concedeu aos pais o direito de passar um dia com a Andressa, não sendo estendido ao Arthur, pois ele era muito pequeno. Pouco tempo depois, houve outra visita. Dessa vez, ela voltou com aquele mesmo olhar triste e agora com o sentimento de medo de nos perder e ter que retornar ao convívio dos pais. Sentíamos uma sensação de impotência,



mas, naquele momento, era a justiça quem determinava, e, por mais que não concordássemos, tínhamos que aceitar.

Quando tudo parecia bem, tomamos conhecimento de que a mãe biológica estava grávida novamente. Uma mistura de sensações nos invadiu, ora de revolta, ora medo, ora incerteza... A única certeza que eu tinha, no meu íntimo, é que eu estava grávida novamente, porque pressenti que a criança que estava a caminho se juntaria aos irmãos. Era uma questão de tempo.

Quando completou um ano da guarda provisória das crianças, nasceu Maria Vitória. A Samara teve como primeiro impulso reunir os irmãos sob o mesmo teto. Pediu que eu solicitasse a guarda provisória dela também. Disse a ela que precisaríamos ter paciência, visto que o nosso tempo não é o tempo de Deus. Nesse momento, meus sentimentos se resumiam da seguinte maneira: estava grávida de duas crianças, porque a guarda provisória não me dava o direito de dizer que eram meus filhos. Ao mesmo tempo, havia descoberto que me encontrava grávida novamente, dizia que seria como uma gravidez não planejada, mas bem-vinda da mesma forma.

O tempo foi passando, sempre recebíamos notícias da Maria Vitória e não eram as melhores. Os pais não conseguiam se livrar do vício, e ela começou a viver as mesmas situações de abandono que seus irmãos passaram. Por mais que houvesse uma mobilização da assistente social que os acompanhava, nada de positivo e concreto aconteceu.

Essa criança ficou na companhia dos pais por aproximadamente um ano e meio, quando veio a decisão da justiça de que uma instituição de acolhimento, naquele momento, seria o melhor para ela. Ao tomarmos conhecimento disso, nosso primeiro desejo foi buscá-la para viver ao lado dos irmãos. Mas o tempo era um mal necessário.

Instintivamente, vinha me preparando para a chegada dela tal qual uma gravidez biológica. Primeiramente, analisando o espaço físico da minha casa, percebi que não haveria lugar para mais um berço. Então, a Samara e eu decidimos sair dali e nos mudamos para uma residência maior. Dessa forma, poderíamos acolher em caráter definitivo as três crianças, oferecendo a elas não um teto apenas, mas todo amor e carinho que nossos corações seriam capazes de proporcionar.



Segundo, preparar meus pais para receberem os três netos, porque, até então, tínhamos uma situação provisória e estávamos prestes a dar o passo mais importante de nossas vidas. De fato, naquele momento, constituíamos uma família. Vale ressaltar que, inicialmente, meus pais receberam a notícia com certo receio. Durante anos, sonharam com netos biológicos e ainda acreditavam que seria possível. Depois de expor todos os motivos que me levaram a decidir pela adoção, recebi por parte deles um “sim” e “conte conosco”. Por fim, era hora de a Samara e eu sentarmos, conversarmos e decidirmos o que fazer para sermos mães em definitivo.

Nossa história, em razão da cidade pequena em que residimos, tornou-se conhecida e não passou despercebida pela magistrada Dra. Elisa Marco Antônio, que, naquela época, atuava na Comarca de minha cidade. E assim que tomou conhecimento de que a Maria Vitória, que se encontrava em uma instituição, era irmã das duas crianças que estavam sob nossa guarda, chamou-me em seu gabinete e perguntou se nós ficaríamos com a guarda provisória dela. Confesso que nem eu mesma poderia imaginar qual seria minha reação. Surpreendi-me com o que respondi a ela naquele momento. Por um instante, esqueci que estava diante de uma Juíza de Direito e ousei dizer que ficaria, mas com a condição de que a guarda provisória se transformasse em adoção. Argumentei incisivamente que já tinha a guarda provisória e não queria que aquela situação continuasse por mais tempo. E ela, de forma serena e acolhedora, pois acredito que, naquele momento, já enxergava em mim uma mãe de fato, disse-me para entrar com a ação de adoção.

Abro aqui um parêntese para dizer que, em nenhum momento, diante daquele diálogo, houve por parte daquela magistrada uma atitude de parcialidade. Ela apenas constatou que, como funcionária do Judiciário há tanto tempo, detinha o conhecimento do caminho a trilhar, para resolver uma questão dessa natureza. Após essa conversa, a Dra. Elisa nos concedeu a guarda provisória da Maria Vitória, que, enfim, pôde se juntar aos irmãos. Foi um dia indescritível, e eu, particularmente, não me continha de tanta emoção. Recordo-me que não conseguia tirar os olhos dos três e não me cansava de ver a felicidade estampada no rostinho de cada um. Mais que depressa, busquei uma advogada e providenciamos os documentos necessários para ingressar com a ação de adoção. E esse momento foi vivenciado como se estivéssemos em trabalho de parto.



Muitos estranham até hoje o fato de decidirmos entrar com a adoção apenas no meu nome. O que nos ocorreu na época foi justamente o receio de não ser aceita a adoção feita por duas mulheres, pois era tudo muito novo. E pensamos também na questão vivenciada pelas crianças em sua fase escolar. Jamais iríamos criar uma situação em que elas fossem alvo de críticas, chacotas ou discriminação. Deixamos para que, futuramente, elas mesmas decidam essa questão em seus registros, pois já terão maturidade para encarar uma filiação com duas mães em seus documentos.

O início do processo de adoção foi outra fase bem diferente da guarda provisória. Se nessa passamos por inúmeras situações para comprovar à justiça que éramos capazes de cuidar de uma criança, no processo de adoção essas exigências foram mais profundas. Foi necessário provar que tínhamos todos os requisitos para sermos mães. Naquele momento, tivemos de provar ao Promotor, à Assistente Social e à Juíza que estávamos aptas para a maternidade e que possuíamos condições financeiras para proporcionar uma qualidade de vida satisfatória, tanto material, quanto moral, ética e afetiva. Um fator de suma importância para esse processo de adoção foi a concordância dos pais biológicos, quando foram ouvidos em juízo.

O primeiro a ser ouvido foi o pai biológico, que, por nossa sorte, nesse dia, encontrava-se lúcido. Diante da juíza, ele disse que não se opunha à adoção, ficando inclusive aliviado, porque tinha conhecimento de que os seus filhos estavam bem acolhidos. E, sendo a Samara irmã dele, manteria as crianças com o vínculo da família biológica. Esse foi um ponto muito importante para nós, haja vista que esse vínculo é verificado e tido como primeira opção.

Trazer a mãe biológica para a audiência pareceu quase impossível, pois ela não estava mais com o pai dessas crianças e seu paradeiro era incerto. Mas, como já disse em outra ocasião, vivemos numa cidade pequena. Recebemos a notícia de que ela se encontrava na casa de um parente, com a perna engessada devido a uma queda de um telhado, fruto dos delírios provocados pelos entorpecentes. O oficial de justiça conseguiu trazê-la, contudo, em razão da fratura na perna, sua presença na sala de audiência não foi fácil, pois havia alguns lances de degraus para subir. E, mais uma vez, a Dra. Elisa mostrou-se sensível ao caso e sobretudo disposta a realizar a audiência. Diante da manifestação da mãe biológica de que não subiria as escadas ainda que o oficial de justiça manifestasse o desejo de levá-la, antes que eu





desanimasse, ouvi um sonoro “eu desço”. Era a magistrada por cuja conduta eu tinha muito respeito e admiração.

Iniciada a audiência, a Juíza expôs todo o processo para a mãe biológica, que, após ouvi-la, manifestou apenas o interesse em ver as crianças de vez em quando. Após a magistrada esclarecer que essa questão seria resolvida comigo, ela concordou com a adoção. Foi um alívio indescritível. Sabia que o próximo passo era a manifestação do Ministério Público, e acreditei que ali, naquele momento, estava experimentando as contrações para dar à luz.

O parecer do promotor não demorou muito e, com a sentença julgando procedente meu pedido, após o seu trânsito em julgado, eu pude dizer que dei à luz no dia 26 de novembro de 2012 a três crianças. Enfim, nasceram Andressa, Arthur e Maria Vitória. E tal como o choro de uma mãe biológica, o meu não foi diferente. A partir daquele momento, eu sabia que eram meus filhos e que nada nem ninguém os separaria de mim. Receberiam em seus registros meu sobrenome e, por capricho do destino, também teriam o da Samara, já que nós duas temos o “Silva” em comum no nosso sobrenome.

Estava quebrado, daquele momento em diante, o vínculo com os pais biológicos, ainda que existisse uma ligação de sangue entre eles. Deixando de lado qualquer discussão sobre a relevância dessa ligação, me acalmava saber que meus filhos estavam unidos a Samara e a mim pelo sentimento mais profundo de amor ao próximo. E isso nos completava.

Em relação ao contato deles com os pais biológicos, após a adoção, foi totalmente nulo. O pai, em meados de 2014, foi assassinado, provavelmente como um acerto de contas ou queima de arquivo, pois estava envolvido com pessoas de alta periculosidade e vinha praticando diversos furtos. Já a mãe biológica, de vez em quando, há notícias de que fica um período sem uso de drogas, mas logo vem a recaída, e seu paradeiro continua incerto. Embora resida na mesma cidade que a nossa, nunca procurou os filhos. Acredito que, mesmo se ela os procurasse, estando ainda envolvida com entorpecentes, não seria saudável para eles esse reencontro. Talvez até seja uma atitude egoísta da minha parte, mas, como toda mãe procura proteger seus filhos, não me permitiria colocá-los numa situação que lhes trouxesse sofrimento.

Hoje eu olho para trás e vejo o tamanho da nossa jornada em busca desse sonho. Eu me sinto completa e em nada me vejo diferente de uma mãe bio-





lógica. Não estou aqui desmerecendo as fases de uma gravidez, no tocante aos enjoos, o peso da barriga, as dores do parto. Digo que a minha condição de adotante não diminui meu valor como mãe.

Posso dizer que vivemos o que eu chamaria de uma peregrinação, pois é a isso que mais se assemelha a nossa busca pela maternidade. Essa peregrinação iniciou no momento em que entramos com o pedido de guarda da Andressa e do Arthur, em 13 de março de 2009, e, após dois anos, a da Maria Vitória, em 6 de setembro de 2011. E só concretizamos a realização desse sonho em 26 de novembro de 2012. Foi uma gestação de três anos, oito meses e quatorze dias. E, durante esse tempo, tivemos que demonstrar condições financeiras para proporcionar não só qualidade de vida material, mas também provar que éramos providas de moral, ética e, sobretudo, dispostas a dar amor a essas crianças.

Tirando as questões fisiológicas vividas pelas mães biológicas, a adoção não me privou de outros momentos importantes vividos na companhia de uma criança. Com a Andressa, me emocionei ao ouvir a primeira vez que me chamou de mãe, pois, no início de nossa convivência, ela tinha pouco mais de três anos e me chamava de tia. Lembro-me da tristeza em seus olhos, quando na escola fizeram uma comemoração do dia das mães, e, no momento de entregar a lembrancinha feita por ela, eu estava lá, mas ela não me entregou. Sei que buscava a mãe que tinha na memória. Hoje, ela me tem como sua mãe e desconheço outra filha tão carinhosa e atenciosa, cheia dos bilhetinhos e lembrancinhas. Pude estar presente, desde então, em muitos acontecimentos na sua vida. A primeira paixão da escola, o dia em que se tornou mocinha, suas primeiras decepções com a vida e, por que não, suas rebeldias de uma adolescente normal. E, atualmente, estamos cheias de planos, o ensino médio se aproxima, logo vem a faculdade, escolher uma profissão, ou seja, pensando no futuro. A Andressa ainda não sabe o que deseja abraçar como profissão, mas tem potencial para ser bem-sucedida, tenho certeza disso. Tem preferência pelas matérias de geografia, história, inglês e ciências. Fato que abre as portas para inúmeras possibilidades profissionais. Seja qual for sua escolha, terá meu incentivo e minha ajuda incondicional. Se estive em todos os momentos importantes de sua vida no início, estarei nos demais e serei sempre uma mãe presente.



Com o Arthur, vivenciei outras situações, em razão de ser ainda bebezinho. Foi uma emoção também ouvir a palavra mamãe pela primeira vez, o início do engatinhado até o meu grito incontido quando ele deu o primeiro passo de um sofá para o outro. Uma mistura do medo de vê-lo cair com a alegria de ver que estava dando seus primeiros passos. Ele chegou à nossa casa com uma hérnia no umbigo, fruto das horas de choro por uma mamadeira. Estava com a cabecinha cheia de caspas, mas a Samara, sendo mais habilidosa do que eu, retirou-as com algodão embebido em óleo Johnson. Passamos noites e noites em claro com as famosas cólicas. E, como se não pudesse ficar ainda pior, vieram os dentes. Nada melhorava, não havia pomadinha, massagem... nada aliviava aquele incômodo. Houve uma noite em que pedi a Deus que permitisse que aquela dor passasse toda para mim, pois eu preferia sofrer a vê-lo chorando daquela forma.

Quando ele tinha aproximadamente três anos, percebemos algo diferente nele. Era agitado e várias vezes acordava de madrugada para brincar. Vimos um certo atraso na fala e resolvemos procurar um neurologista, pois tínhamos conhecimento de que a mãe biológica usara crack durante a gestação. Além disso, ainda recém-nascido, inalara a droga por várias noites seguidas.

Após diversos exames, ele foi diagnosticado com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade), e isso, num primeiro momento, nos preocupou. Hoje conseguimos lidar com esse transtorno, seguindo a medicação prescrita pelo médico e muita dose de paciência e amor. É um rapazinho de 11 anos, vivendo as emoções da puberdade, e mesmo sendo do sexo masculino, compartilha comigo, sem nenhum sentimento de vergonha, suas dúvidas e descobertas sobre a nova fase de sua vida. Alucinado por carros e robôs, vejo aí um engenheiro mecânico. Vive montando e desmontando coisas pela curiosidade nata em descobrir como tudo funciona. Acredito que tenha sido influenciado por meu saudoso pai, pois, desde pequeno, ao lado dele, numa oficina improvisada, o Arthur ficava fascinado com os consertos e sempre questionando sobre o encaixe das peças e para que serviam. Quando meu pai se foi, deixou uma caixa de ferramentas e uma coleção de livros de mecânica, herança que já havia sido destinada ainda em vida. Trata-as como sua riqueza particular.



Por fim, meu terceiro tesouro, a Maria Vitória. Embora seja a caçula, demonstra muita personalidade e, em determinadas situações, uma independência visível. Diria que “o nariz empinado” é sua marca registrada de autodeterminação. Tão carinhosa quanto os irmãos, impossível não se apaixonar por ela. Tem um espírito de liderança nato e se destaca entre as coleguinhas com sua natureza extrovertida. O assunto profissões não faz parte de nossas conversas. Em razão de sua tenra idade, seus sonhos ainda estão ligados às brincadeiras de boneca. Se questionada sobre o que deseja ser quando crescer, os desejos mais ecléticos podem surgir, que vão desde ser bailarina a ser médica. Por enquanto, vive num mundo mágico, cheio de fantasias e contos de fada. Influenciada com certeza pelos inúmeros livros que já leu.

O gosto dela pela literatura, incentivado tanto na escola quanto em casa, será com certeza a porta de entrada para qualquer profissão que escolher. E sabendo da importância da educação na vida de uma criança, sempre procuramos oferecer a elas o que consideramos ser o melhor, com melhor estrutura, aulas de reforço individual, uma escola que investe na tecnologia atrelada ao ensino, razão pela qual os três continuam frequentando uma escola particular.

A origem dos meus filhos poderia ser um motivo para que nós não optássemos em adotá-los, tendo em vista o grau de envolvimento com as drogas por parte dos pais biológicos. Seria impossível mensurar a dimensão das consequências tanto físicas quanto psicológicas em relação a isso, mas o amor falou mais alto e, em nenhum momento, tivemos medo ou pensamos em desistir. Apesar de tudo que passamos, digo e afirmo que faria tudo novamente, se fosse preciso, para ter esses meus filhos. Não faria nada diferente do que fiz, apesar de uma gestação tão longa.

Em suma, fica a experiência positiva da maternidade, independentemente de ser ela biológica ou por meio de adoção. No meu caso, posso garantir às mulheres que pretendem tornar-se mães que não precisam ter receio. Ainda que as dificuldades e os entraves burocráticos apresentem-se como um grande obstáculo, acreditem que, após vencê-los, desfrutarão de uma felicidade indescritível. Ter ao seu lado uma criança que veio ao mundo, mas não foi acolhida com carinho, sendo-lhe negligenciadas necessidades básicas, e

você ter a oportunidade, por meio da adoção, de fazer a diferença na vida dessa criança acredito que seja um presente de Deus.

É fundamental destacar que o fato de essa criança ser adotada não significa que ela será problemática e/ou se sentirá diminuída em relação a outras crianças. O importante é não usar de mentiras em relação à origem dela. Por mais que seja dolorido, o diálogo e a transparência sempre serão os melhores caminhos, principalmente se o assunto for adoção.



Com meus filhos, o assunto adoção nunca foi um tabu, pelo contrário, quando atingiram uma idade em que percebi estarem maduros para entender, foi amplamente conversado, sem meias verdades. Como resultado de nossas conversas, hoje eles são capazes de falar abertamente com qualquer pessoa sobre o processo de adoção pelo qual eles passaram. Tranquilamente dizem: “Eu nasci da parte mais importante do corpo da minha mãe: o coração”.

A olho nu, quando estamos juntos, nada nos identifica como uma família adotiva, nem mesmo pela aparência física. No máximo, a situação que já me ocorreu foi acharem que eu era a avó dos meus filhos e a Samara a mãe deles. Plenamente justificável em razão da minha idade e a semelhança física da Samara, principalmente com as meninas. Nesse caso, as crianças encararam com bom humor, quando fazem essa confusão. Normalmente, isso vem das pessoas cujo olhar procura no grupo uma família tradicional. Todavia,



na atualidade, essa cultura familiar apresenta-se com uma formação bem diversificada.

Tenho certeza de que, mesmo havendo diferenças físicas entre mães e filhos adotivos, instintivamente outras semelhanças surgem com a convivência, seja no modo de encarar determinadas situações, seja por compartilhar inexplicavelmente os mesmos gostos. O fato é que filho é filho e esse laço é constituído por um amor incondicional. Em simples palavras, o melhor presente que podemos receber.

Um autor desconhecido escreveu:

Não habitou meu ventre, mas mergulhou nas entranhas da minha alma. Não foi plasmado do meu sangue, mas alimenta-se no néctar de meus sonhos. Não é fruto de minha hereditariedade, mas molda-se no valor de meu caráter. Se não nasceu de mim, certamente nasceu para mim.

A minha história de vida e a trajetória da adoção dialogam diretamente com a citação desse autor. O relato de uma história de gratidão e o amor inexplicável pelos meus três filhos.







Nossa história de adoção

Isabelle Marques Gonçalves Meireles

Resuminho da nossa História de Adoção:

Início do processo de habilitação: 3 de abril de 2017

Conhecemos os três (Wallace, André e Ketlen): 20 de maio de 2017

Habilitação: 18 de agosto de 2017

Guarda para fins de adoção dos três: 6 de setembro de 2017

Conclusão do processo de adoção dos três: 8 de maio de 2019

Conhecemos a história da Naiara: 1º de novembro de 2019

Conhecemos a Naiara: 12 de novembro de 2019

Fizemos a proposta de adotá-la: 23 de novembro de 2019

Guarda para fins de adoção: 29 de novembro de 2019 (dia do meu aniversário!)

Naiara fez 18 anos: 11 de janeiro de 2020

Adoção da Naiara em andamento

Meu nome é Isabelle e sou casada com Thiago desde dezembro de 2014. Antes mesmo de nos conhecermos, o desejo de ter filhos por adoção já estava nos nossos corações. Logo nos primeiros meses de casamento, começamos a planejar o momento de termos filhos e decidimos que adotariamos antes de ter um biológico. Começamos a buscar informações sobre como era o processo de adoção em Betim e passamos a estudar essa possibilidade.

Foi em 2015, em um evento de Dia das Crianças, promovido por nossa igreja, que tivemos a oportunidade de ir a uma Casa de Acolhimento na cidade vizinha. Nessa ação, fomos despertados a respeito do perfil das crianças insti-



tucionalizadas. Então, decidimos que queríamos adotar uma criança de até 10 anos que poderia ter irmão. Como não tínhamos nem um ano de casados, decidimos esperar para iniciar o processo de habilitação.

Foi em 3 de abril de 2017 que levamos nosso documento e ficha de cadastro à Vara da Infância de Betim. Naquele ano, o curso de preparação era constituído por encontros mensais, e, logo no sábado seguinte, seria ministrado um deles. Fomos à reunião e, ao final, abordamos a psicóloga para nos apresentar melhor, informar que tínhamos entregado nossa documentação e falar sobre nosso perfil. Naquele momento, percebi que ela ficou surpresa conosco. Mais rápido do que imaginávamos e até um pouco fora dos padrões, em abril de 2017, iniciou nossas entrevistas. Nesse período, o GAABE (Grupo de Apoio à Adoção de Betim) começou a ser organizado, e esse contato nos fortaleceu (sou da Diretoria).

Em maio de 2017, tivemos nossas entrevistas (individual e em casal). No dia 18 de maio, chegamos para a reunião e lá havia uma pessoa diferente, a psicóloga do abrigo. No mesmo instante, já imaginei que falariam sobre alguma criança. Dito e feito! Só que não era uma, mas sim TRÊS! Isso mesmo, três lindas crianças que fazem parte de um grupo de seis irmãos!

Mas não pense que foi assim fácil concordar com um grupo de três. Como já contei, nosso objetivo era uma criança e, caso tivesse um irmão, aceitaríamos com alegria. As duas psicólogas foram muito sábias e não nos forçaram a nada, mas, como nossos corações estavam muito abertos, concordamos com a proposta de ir, no sábado, 20 de maio, ao abrigo, conhecer as crianças. Nessa ida, as crianças não ficariam sabendo da nossa intenção, apenas faríamos uma visita.

Saímos do Fórum com o coração ao mesmo tempo alegre e com medo! Adotar três crianças de uma vez só parecia irresponsabilidade e loucura. Como as sustentariamos? Como faríamos com os quartos (nosso apartamento tinha apenas dois quartos)? E a escola?

O sábado chegou. Diferentemente de muitas histórias de adoção, o nosso primeiro encontro não foi cheio de faíscas e conexões. Chegamos lá decididos que três era loucura. O Thiago foi excepcional nas mágicas e brincadeiras! As lembrancinhas que fiz lhes agradaram muito. Nessa ida, tentamos avaliar um pouco as nossas crianças. Voltamos para casa, e nossa conversa





se resumiu basicamente em buscar justificativas para dizer às psicólogas NÃO. Choramos muito, doía pensar que eles continuariam no abrigo. Doía imaginar que eles não experimentaram o verdadeiro amor em família.

MAS DEUS TINHA OUTROS PLANOS PARA AS NOSSAS VIDAS!

Em uma semana, tudo mudou. Emociono-me em lembrar que Deus agiu de uma maneira linda e surpreendente, tratando nossos medos, inseguranças e dúvidas. Que pai não tem medo? Quantos casais eu conheço que, ao receber o resultado do exame de gravidez, surtam! Por que seria diferente conosco? Não estou dizendo que não sentimos esse frio na barriga, mas digo que nenhum medo é maior que a nossa convicção de que Deus nos escolheu para sermos pais de Wallace, André e Ketlen.

Mais importante do que as faíscas e conexões no primeiro encontro é ter certeza da vontade de Deus. A partir daí, começamos a conviver com as crianças. No dia 24 de junho, foi a primeira vez que as crianças foram ao nosso apartamento, passaram o dia conosco! Foi péssimo devolvê-las ao abrigo. Na semana seguinte, conseguimos apadrinhá-las, e, a partir desse momento, todos os finais de semana seriam conosco! Mas as despedidas eram cheias de abraços e choros, regadas da esperança de que Deus muito em breve nos uniria definitivamente. No dia 18 de agosto, saiu a nossa habilitação! Agora sim poderíamos adotar!

No dia 6 de setembro, por volta das 14h30, recebi uma das melhores ligações da minha vida! Fui informada de que a guarda das crianças foi dada para nós! Eu fiquei tão surpresa, que não sabia se chorava ou ria! Parecia que meu coração iria sair do peito! Já fui ligando para o Thiago, tremia tanto, que mal conseguia discar. Seria a última vez que os buscaríamos no abrigo! Agora é para sempre! Que emoção! Desde o dia 6 de setembro de 2017, as crianças passaram a morar definitivamente conosco. O processo de adaptação foi tranquilo. Há dias em que nossa rotina é mais calma, mas, em outros, é uma loucura; mas em que casa não é assim?!

Nosso processo de adoção demorou a correr, e foi em 8 de maio de 2019 que Wallace, André e Ketlen passaram a ser legalmente nossos filhos.

Ao longo desses anos, meu engajamento no GAABE foi só aumentando. Em 2019, organizei uma megafesta de Dia das Crianças para os abrigos, que incluía os adolescentes. O resultado foi melhor do que o esperado. Tive uma

reunião com a equipe técnica da casa das meninas adolescentes e nossos caminhos se cruzaram com o da Naiara. Nesse dia, faltavam 71 dias para ela ser desacolhida, e ela não tinha absolutamente NADA e nem para onde ir. Iniciei, no mesmo dia, uma campanha para mobiliarmos a casa, e nossa família a apadrinharia.

MAS, NOVAMENTE, DEUS TINHA OUTROS PLANOS PARA AS NOSSAS VIDAS!

Desde o nosso primeiro encontro com a Naiara, já sentimos algo diferente. Apesar de ter sido tudo muito rápido com ela, tivemos muita conversa e reflexão. O Wallace, o André e a Ketlen foram fundamentais para que, ao invés de apadrinhar, nós a adotássemos. Não acordamos e decidimos que mais uma menina linda prestes a completar 18 anos entraria nas nossas vidas. De repente, ela já tinha entrado e conquistado o seu espaço, o seu cantinho. Quando menos esperávamos, meus filhos, agora irmãos, já a chamavam de irmã. Todos nós já a queríamos aqui o dia inteiro, no meio da nossa loucura, agitação e amor. Não sei dizer o momento exato que a Naiara se tornou minha filha, mas sei que nunca vai deixar de ser.

Devido à pandemia, ainda não correu o processo de adoção, mas, desde 29 de novembro de 2019 (que é meu aniversário), ela veio morar definitivamente conosco.

Adotar uma adolescente é muito diferente de adotar uma criança, pois existem aspectos específicos, mas é maravilhoso. Não podemos negar que a história pregressa dela é muito maior, mas estamos escrevendo um novo capítulo lindo e cheio do amor.

Curiosidades:

- O Wallace, o André e a Ketlen têm três irmãos biológicos. O João (sete anos), o Francisco (oito anos) e o Emanuel (nove anos), e temos uma excelente relação com a família que os adotou. Passamos todas as datas comemorativas juntos, se possível. É uma extensão da nossa família.

- A Naiara tem dois irmãos que moram com a mãe biológica, e temos um bom relacionamento com eles. (O que daria uma outra longa história!).







Ao filho do coração

*José Arthur de Carvalho Pereira Filho
Maria Fernanda Pires de Carvalho Pereira*

*“Amor é o que se aprende no limite,
Depois de arquivar toda a ciência herdada, ouvida.
Amor começa tarde.”
(Carlos Drummond de Andrade)*

Sempre tive o desejo de adotar uma criança! Não sei por que isso sempre rondou meu imaginário desde tenra idade, quase como se incrustado no meu DNA o desejo de formar uma família mais aberta, que tivesse lugar para um membro que viria de fora e que seria acolhido como se gestado em nossos corações.

Essa ideia foi potencializada depois de termos – Maria Fernanda e eu – duas filhas – Maria Laura e Maria Helena. A partir daí, pensando na hipótese de mais um filho, acendeu em mim o desejo da adoção. Mas teria que ser uma adoção plena, uma vez que não pretendia escolher o sexo da criança, nem mesmo as características físicas, cor de pele e outras, pois, embora entenda, não acredito em adoções com restrições ou critérios estéticos, mas sim naquela adoção que se faz com coragem, sem preconceitos, sendo mais um ato de amor do que de doação. Tive sorte, porque minha esposa, Maria Fernanda, concordou com todos esses requisitos prévios!

Seguindo essa trilha, veio o Pedro Henrique literalmente para o nosso colo: pequeno, franzino, quietinho, quase não chorava ou reclamava de nada, só mesmo na hora das mamadas.

Outra coisa importante foi que as “meninas” o aceitaram desde o primeiro momento, recebendo o Pedro como irmão desde sempre, o que fortaleceu, inclusive, os nossos laços de família e de afeto. Senti, assim, que éramos, de verdade, uma família que trabalhava bem a inclusão e que aceitou, de coração aberto, o novo membro da família.

Sobre ele, posso dizer que Pedro é um ótimo menino, embora meio monossilábico, é muito observador e engraçado e aceitou a adoção sem maiores obstáculos, até porque colocado esse fato desde o primeiro instante, sem sinuosidade, esconderijos ou rodeios. O nosso rapazinho só peca um pouco como estudante, pois não gosta muito das aulas, especialmente as atuais virtuais, que são mesmo muito chatas. Mas é um adolescente que vem crescendo dentro de seu estilo próprio, criando seu espaço e fazendo suas escolhas pessoais, especialmente sobre jogos de computador e roteiros de viagens, sendo esses os temas que fazem seus olhos brilharem, por serem suas reais predileções na atualidade.



Um dia desses, como fiz com minhas duas outras filhas, resolvi escrever um poema para o Pedro, o qual trago para este texto, visto que representa, ainda que metaforicamente, esse amor e real acolhimento que senti e que se deu, contudo, sem o esquecimento de que “o nosso filho do coração” teve



e tem sua história própria, edificada e construída em outro local, dentro de outro contexto, o que temos que respeitar, permitindo-lhe, se assim o desejar, saber de onde veio, quem são seus pais e irmãos. Isso é para nós uma questão absolutamente tranquila, cabendo a ele resolver, quando de sua maioridade, se deseja eventual aproximação, até porque não pretendemos que ele “apague a história que tem”, sendo dele — e somente dele — a prerrogativa e o direito de viver, ou não, esse fato, se e quando quiser.

Por fim, compartilho o poema que desenhei para o meu menino, como forma de demonstrar, um pouco mais, os caminhos que percorremos para acolhê-lo e de que forma isso se deu dentro de nosso coração.

Vamos lá:

Pedro,
Criança,
Gestado no vento.

Pedro da rua,
Germinado na terra,
Construído na lua.

Pedro do encontro,
Confeccionado do nada,
Forjado no escuro.

Pedro do ontem,
Embalado em meu colo,
Insurgência de água,
Brotada do meu solo.

Pedro,
Menino,
Desenhado nas pedras dos riachos,
Tatuado em minha pele,
Em vidas passadas.

Pedro,
Meu Filho...

Quero-te contundente e forte,
Como ferro e fogo.



Quero-te único e livre,
Como pássaro e pluma.

Quero-te transparente e líquido,
Como mar e onda.

Lágrima vertida de meus olhos,
Poema emergido do meu coração.

Não há mais nada a falar, senão sentir alegria e agradecer sempre por esse presente que recebemos de Deus!

José Arthur de Carvalho Pereira Filho

Indagada sobre meu sentimento acerca da adoção, tomo para mim um texto de autor desconhecido:

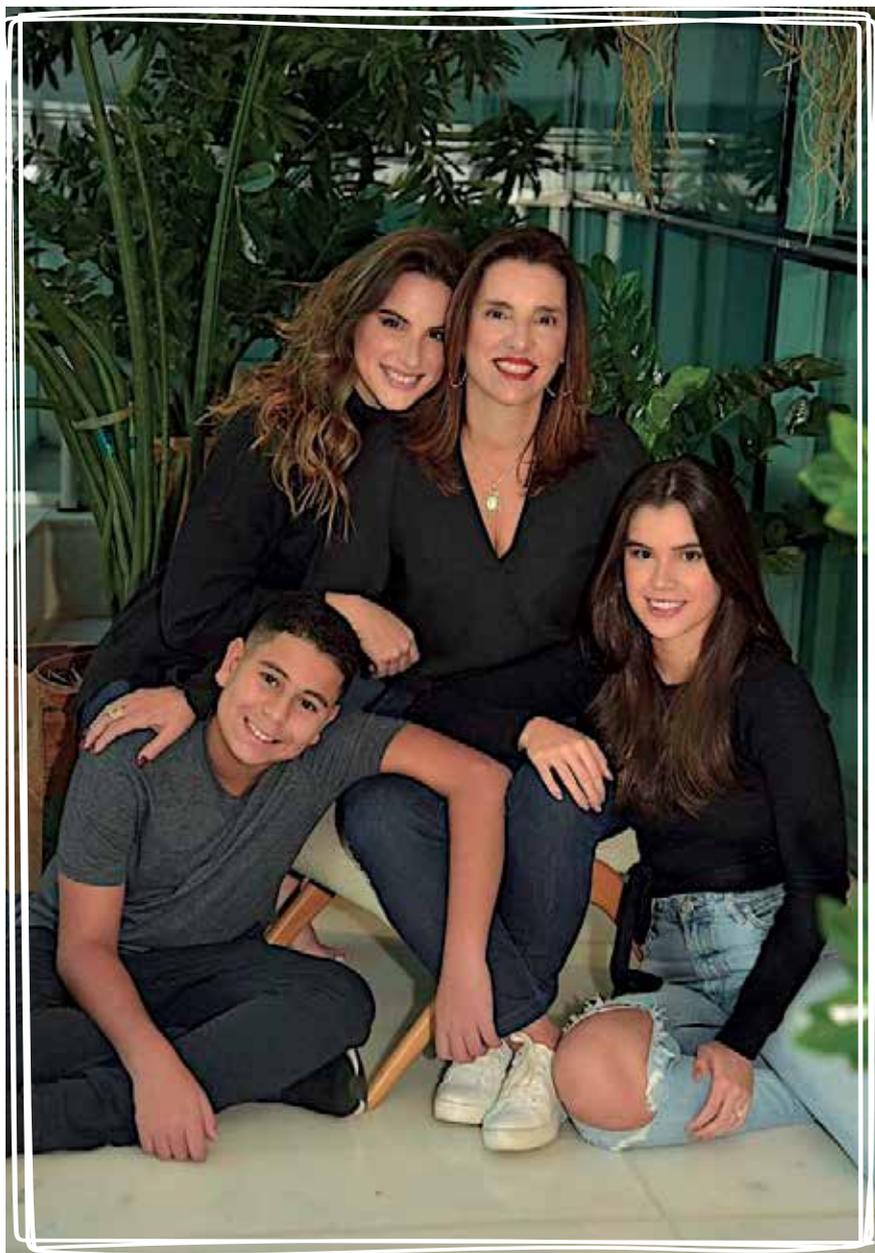
Não habitou meu ventre, mas mergulhou nas entranhas da minha alma. Não foi plasmado do meu sangue, mas alimenta-se no néctar de meus sonhos. Não é fruto de minha hereditariedade, mas molda-se no valor de meu caráter. Se não nasceu de mim, certamente nasceu para mim.

É exatamente o que sinto. Passados quase 14 anos, não temos duas filhas biológicas e um filho adotivo, mas sim três filhos.

Pedro Henrique foi verdadeiramente gestado na alma e no coração. Alimentado nos nossos sonhos, devolve-nos em afeto toda a nossa dedicação e todo o nosso amor. Não nasceu de mim, mas, sem qualquer dúvida, nasceu para mim.

Adoção é, assim, doação. Sou feliz por ter sido por ele escolhida...

Maria Fernanda Pires de Carvalho Pereira







O DNA não faz uma família. O Amor faz

Juliana Gomes de Carvalho

Coragem!

É o que dizem que nós tivemos ao adotar nossos meninos.

De fato, é preciso ter coragem para se ter um filho. Mas, antes de tudo, é preciso ter muito Amor, muita vontade de amar alguém.

E de onde surge essa vontade?

No meu caso, esse desejo surgiu ainda na infância. Eu sempre quis ter filhos adotivos, nunca me vi gerando uma criança, mas sempre me vi mãe.

Tive uma infância e uma adolescência marcadas pela dificuldade de aceitação da minha sexualidade: reconhecer-se lésbica, há mais de 30 anos, não era tarefa das mais simples, como, infelizmente, ainda hoje não é, em que pesem os avanços alcançados.

Apesar dos conflitos, internos e externos; das tentativas pueris de fugir da minha condição; e do medo terrível de não ser aceita pelas pessoas que eu amava, minha natureza gritava e me dizia: “Não podemos escapar daquilo que somos”!¹

¹ Willian Irwin.



Sei que, para muitos, a homoafetividade é vista como uma simples opção; entretanto, posso afirmar que não. A única escolha que eu tive foi: aceitar-me e ser feliz, ou mentir para mim e para os outros para o resto da vida.

Depois de anos de análise e sofrimento, eu decidi ser eu mesma e ser feliz!

Conheci minha companheira, Cris, ainda na adolescência, mas, nessa época, eu nem sonhava admitir minha homossexualidade nem ela a dela. Éramos amigas, tínhamos amigos em comum, e só.

Até que, por obra do destino, fomos estudar no interior de São Paulo e morar juntas. O que era amizade transformou-se em Amor, e lá se vão quase 20 anos de vida em comum!

Adotamos primeiro uma cachorrinha linda, a Duda. Ela deu um trabalhão e muita alegria, mas não era “ser mãe de gente”.

Sempre gostamos muito de crianças, amamos nossos sobrinhos e sobrinhas, somos presentes na vida deles. Frequentávamos lares de menores, brincávamos com as crianças, olhávamos aqueles rostinhos e pensávamos que podiam ser nossos filhos.

Nossa vida de casal sempre foi ótima, mas, um dia, olhamos uma para a outra com o mesmo sentimento: falta alguma coisa!

A Cris sempre desejou muito engravidar, então, tentamos uma inseminação artificial, com um doador anônimo. Mas não deu certo.

Isso causou muita frustração, e foi aí que tomamos a decisão mais importante de nossas vidas: adotar!

Iniciamos o processo legal na Comarca de Belo Horizonte. Preenchemos todos os questionários, traçamos nossos perfis, o perfil das crianças, fizemos várias entrevistas, recebemos assistentes sociais em casa, enfim, fizemos tudo como manda a lei!

Tivemos alguns dilemas, e, nessa tomada de decisão, ajudou-nos muito a Psicóloga Mônica Pinheiro.



Há que se ressaltar o trabalho primoroso e amoroso dos profissionais da Psicologia, da Assistência Social e do Direito que trabalham na Vara da Infância e da Juventude de BH. São pessoas que entendem a importância da missão que cumprem: a de encontrar bons pais para as crianças.

Demorou uns três meses para o Juiz deferir nosso pedido de adoção, e, em julho de 2013, entramos no Cadastro Nacional.

No dia seguinte ao que ingressamos no Cadastro, a Assistente Social nos ligou e disse: “Temos dois meninos com o perfil que vocês traçaram, querem conhecer?”.

Quase tivemos um colapso!

Não esperávamos que, no dia seguinte, a sorte já sorrisse para nós. Mas sorriu!

Fomos informadas de todo o histórico familiar dos meninos: alcoolismo dos pais, violência doméstica, vivência de rua, marcas no corpo, rejeições.

Fomos preparadas para encontrar dois “bichos do mato”.

Lembro-me de que o primeiro encontro com os meninos, na Casa dos Pequenos, foi marcado para o dia 25 de julho de 2013.

Eu estava com meu ingresso comprado para a final da Copa Libertadores da América, no dia 24 de julho, e pensei: amanhã posso ter duas das maiores alegrias da minha vida – conhecer meus filhos e ver o Galão da Massa campeão da América!

Dito e feito!

Chegamos ao abrigo de manhã e conversamos com a Administradora, que nos instruiu a observar os meninos em meio às outras crianças, como se fôssemos simples visitantes da casa.

As crianças mais velhas logo vieram em nossa direção, perguntando: “Você vai ser minha mãe?”. Confesso que é de cortar o coração. Dá vontade de pegar todas elas e levar para casa!

Esperávamos encontrar duas “feras feridas”, mas encontramos dois meninos lindos!

Foi o que podemos chamar de “amor à primeira vista”.



Brincamos com as crianças, conversamos com todas elas, que nos mostraram a casa toda, cômodo por cômodo.

Na saída, eu e Cris entramos no carro, olhamo-nos e, quase que ao mesmo tempo, dissemos: “São nossos filhos!”.



É difícil explicar com palavras o sentimento de RE-conhecer seus filhos. Tivemos ali, naquele momento, a certeza divina de que aqueles dois meninos estavam destinados a nós; de que aquilo, de alguma forma, já estava traçado!

Deixamos agendada uma segunda visita, desta vez só entre nós e eles. E foi mágico ver aquelas carinhas, sem entender direito o que acontecia, mas completamente abertas a nos conhecer, mesmo sendo duas mulheres, mesmo sendo brancas, mesmo sendo completamente estranhas a eles.

Até que chegou o momento do primeiro passeio! Nós queríamos mostrar o mundo inteiro para eles em um dia!

Ouvíamos o Luís Filipe, nosso Bravo Guerreiro, então com seis anos, contar suas histórias imaginadas, e tentávamos entender o Igor, nosso Príncipe da Paz (três anos), porque ele falava quase como um bebê: só o irmão conseguia traduzir!

Na hora de entregá-los no abrigo, foi aquele chororô, eles de um lado, e nós de outro.

Já era amor!

Saímos mais algumas vezes, e a cena se repetia a cada devolução.

Fomos autorizados, então, a passar o final de semana juntos. Nosso apartamento estava em reforma, não esperávamos encontrar tão rápido nossos filhos, e, apesar do imprevisto, foram dias incríveis!

Mas, na hora de devolvê-los... foi dramático! Aqueles meninos nos agarravam e pediam para voltarmos para casa. Tomamos a decisão: ou vai ou racha. Ou eles iriam em definitivo para a nossa casa, ou não iríamos mais fazer visitas. Chega de traumas!

Ligamos para a equipe da Vara da Infância e Juventude, e eles perguntaram: “Vocês têm certeza?”. Naquela tarde, de 19 de agosto de 2013, recebemos a guarda provisória de Luís Filipe e Igor.

A adaptação não foi fácil. No início, parecia que tínhamos dois “Moglis – meninos lobos” em casa: eles pulavam de um sofá para o outro, corriam de





quatro por todos os lugares, comiam como se não fosse existir o amanhã e nunca, nunca queriam dormir!

Nossas famílias e nossos amigos receberam a nós e aos nossos meninos de braços abertos! E isso fez e faz toda a diferença, porque nos sentimos amados, seguros e confiantes de que venceremos todas as barreiras.

Com o passar do tempo e com o apoio também de profissionais, fomos estabelecendo uma rotina, os combinados, fomos aprendendo a ser mães, e eles a serem filhos.

Os desafios eram e são enormes: duas mães brancas, homoafetivas, de dois meninos pretos. Vivenciamos várias situações de preconceito, de racismo (que alguns dizem não existir no Brasil).

Até a adoção dos meninos, eu imaginava que existia racismo, porém nunca havia sentido “na pele”. E, com meus filhos, eu tive a certeza de que ele existe e a compreensão de como é massacrante ser discriminado somente pela sua cor.

São olhares de estranhamento, de deboche, de espanto. São falas incompreensíveis, como: “Tem tanta criança branca, por que adotaram pretas?”. São atitudes perversas, como: “Saia daí, seu macaco, que o meu filho, que é branco, é que vai brincar!”.

Contudo, graças a Deus, há também o outro lado (que é maioria). São olhares de admiração, de solidariedade, de amor. São falas como: “Sua família é linda!”, “Vocês percebem como esses meninos são amados?”, “Vocês são exemplos de amor para mim!”.

Nunca quisemos ser exemplos de nada. Não somos uma família de propaganda de margarina: “Nós rimos alto, bebemos e falamos palavrão, mas não sorrimos à toa”.²

Somos uma família como qualquer outra, com suas questões, problemas, fases ruins, mas também com respeito, ternura e amor para enfrentar os desafios e superar as dificuldades.

² “Volte para o seu lar” – Arnaldo Antunes.



A vida escolar foi e é um desses desafios. Percebemos que as instituições de ensino até querem incluir, porém, é difícil fazer com que todos os envolvidos estejam na mesma sintonia.

Por isso, buscamos, dentro das nossas possibilidades, uma escola na qual nossos garotos não fossem os “estranhos no ninho”. Um lugar em que se sentissem acolhidos acima de tudo.

Ainda assim, não foi fácil a adaptação deles ao novo mundo. Mas, aos poucos, tudo foi progredindo, e alguns fatores foram determinantes: acompanhamento pedagógico, médico e psicológico, professores dedicados, muita atividade física, escotismo e orientação espiritual!

Temos verdadeiros anjos em nossas vidas, pessoas que abraçaram nossa causa e nos ajudam diuturnamente a melhorar como mães e filhos. A elas nossa gratidão eterna!

É muito importante compreender intimamente que vamos falhar muito durante o processo de nos tornarmos pais e mães e que está tudo bem! Não precisamos amargar a culpa de não sermos perfeitos, porque, de fato, não somos. E nossos filhos, mais cedo ou mais tarde, também perceberão isso de nós e de si mesmos.

O mais relevante é estar presente na vida deles, participar ativamente; não ter segredos, tabus, zonas proibidas. Eles precisam saber de onde vieram, de quem vieram, do porquê das coisas, para melhor ressignificarem tudo isso dentro deles!

É fundamental respeitar o passado das crianças, suas origens, sem temer ou se constranger quando elas tocam no assunto. É necessário contar e recontar a história delas a cada fase da vida.

Nós já ouvimos frases assim dos nossos meninos: “E se minha mãe estiver na rua me procurando?”; “Por que eu não tenho um pai?”; “Eu queria encontrar meus irmãos para ajudar”; “Quando eu tinha fome e não tinha o que comer, eu procurava no lixo”; “Eu tinha muito medo quando chovia e a rua enchia de água, eu procurava um lugar no alto para dormir”.

Coisas que dilaceram o coração. Coisas que nunca vamos conseguir entender. Sentimentos, vivências que nenhum de nós, adultos, está preparado





para sentir ou viver. Mas que eles, tão pequenos, passaram e sobreviveram e estão aqui, agora, construindo a felicidade todos os dias!

Queremos que nossos filhos cresçam compreendendo quem são, respeitando as diferenças, valorizando os bons sentimentos e lutando, sempre, para combater o orgulho e o egoísmo dentro de si e no mundo.

Ah! Outro fator importantíssimo para a mudança de comportamento dos meninos foi a introdução de mais um membro na família: nosso cachorrinho, Príncipe (Princito para os íntimos). Ele foi um divisor de águas para aplacar a rebeldia do nosso mais velho! – principalmente depois da partida da Duda.

Obtivemos a guarda definitiva em 10 de dezembro de 2014. Nosso processo foi rápido porque os pais biológicos foram localizados, citados, e não contestaram a ação.

A sensação de alívio e alegria foi tão enorme, que não dá para descrever!

Ver nossos nomes na certidão de nascimento deles é muito emocionante!

Passados sete anos de convivência diária, vemos claramente o progresso dos nossos garotos, reconhecemos seus pontos fortes e fracos e tentamos orientá-los a buscar a evolução, principalmente moral, para que seus alicerces sejam feitos de valores como bondade, amizade, solidariedade, respeito e amor.

Nós os educamos e somos educadas por eles, que nos ensinam, todos os dias, a também praticar esses valores.

O Luís Filipe está com 13 anos, já é um rapaz, forte, lindo, carinhoso, inteligente e muito esforçado, sempre disposto a ajudar. É o tipo do cara que toda sogra sonha como genro!

Ele foi e é o protetor do irmão mais novo. Cuida do Igor como se fosse o pai dele. Isso foi até uma questão entre nós, porque ele custou a entender que o papel dele na vida do irmão não era esse.

O Igor está com 11 anos. Pense num menino de bem com a vida!



Ele é charmoso, divertido, bem-humorado, inteligente, amoroso e sabe como aproveitar tudo o que há de bom no mundo!

Eles sentem que nossa casa é um porto seguro e sabem que estão no seu lugar.

Em 2020, com pandemia de Covid – pandemônio no mundo –, mais um integrante na família: um gatinho preto chamado Juca Baguera, resgatado das ruas pelo Luís Filipe. Dois adolescentes cheios de hormônios dentro de casa, quase sem sair, assistindo à aula *on-line*. É, não está sendo fácil!

Mas vamos em frente, afinal, se há uma coisa certa é que as mudanças sempre virão!

E aqueles que melhor se adaptam sobrevivem.³

Coragem!

É o que dizem que nós tivemos ao adotar nossos meninos.

Coragem é o que a vida quer de nós!⁴

O que eu sei é que o DNA não faz uma família. Mas o Amor faz!



³ “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças.” — Leon C. Megginson.

⁴ “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” — João Guimarães Rosa.





O amor que muda histórias

Kelly Godfrey Bornelli

Adoção, palavra que vem do latim, *adoption*, que significa “escolher, tomar alguém como filho”. Um ato praticado ao longo da história da humanidade para evitar a extinção da família e, posteriormente, para consolar casais que não podiam gerar um filho.

Entre tantos povos, a história da adoção praticada pelos romanos é reflexiva e inspiradora. O filho adotivo, acolhido e escolhido para herdar o nome do pai e suas propriedades, não era visto como o menor dos filhos, mas como o maior e mais amado.

Não tão diferente disso, um dia um coração também se abriu para me acolher e me amar.

Esta é a minha história:

Nasci em uma família extremamente pobre. Lembro-me do chão batido, das paredes sem reboco, do telhado de madeira preto por causa do fogão à lenha, dos poucos móveis velhos e sujos. Era uma casa de dois cômodos, um grande cômodo que era usado como quarto para mim, minha mãe, meu irmão mais novo e meus avós maternos; uma pequena cozinha e um banheiro que ficava do lado de fora. Havia também um terreno nos fundos, onde havia mais um pequeno cômodo em que morava meu tio.

Tudo era muito precário e sem estrutura nenhuma, onde eu e meu irmão andávamos descalços, entre galinhas, entulhos e sujeiras.



Minha mãe ficou grávida muito jovem. Sem estudos e sem apoio nenhum, ela se envolveu com vários homens. Ela teve uma menina (de olhos verdes) antes de mim, mas foi dada para uma família após sair da maternidade, uma história interessante por sinal. Permitam-me relatar.

Quando ficou grávida aos 16 anos, minha mãe quis dar a bebê e começou a anunciar nas rádios e nas ruas. Na época, era muito comum as mulheres “darem” seus filhos, sem o devido processo de adoção que conhecemos hoje. E foi o que aconteceu com essa minha irmã...

Logo após minha mãe sair da maternidade, um casal, em um fusca novo (carro de rico na época), parou na porta de casa, informando que ouvira a notícia no rádio.

Segundo relatos, a mulher tinha perdido uma filha e queria uma recém-nascida para confortar sua família. Consentida em dar a menina, minha mãe recebeu daquele casal um cheque “num valor alto”, pois ficaram comovidos e gratos. Porém, antes que saíssem, os vizinhos, não conformados com a situação, acionaram a polícia militar, e, em diligência ao local, foi permitida a entrega da menina àquele casal, porém sem pagamento de valores.

E o cheque? Fica a pergunta em aberto.

Dois anos depois, lá estava minha mãe grávida novamente, aos 18 anos, de mim, e, mais uma vez, não se tinha ideia de quem era o pai.

Dizem que eu seria registrada com o nome de “Maria Aparecida”, mas, no cartório, convenceram minha mãe a me registrar com um nome mais moderno, e saiu “Kelly” (Confesso que gostei mais desse nome!).

Então eu fui crescendo e vivenciando muitas coisas durante aquele período familiar.

Minha mãe bebia muito, lembro-me de que, na esquina de onde eu morava, havia uma casa de prostituição, e ali cansei de presenciar minha mãe entrando e sempre voltando alcoolizada para dormir. Houve algumas tantas vezes em que a vi se prostituindo com homens em carros e plantações de eucaliptos e café. Meu tio também era alcoólatra e, uma vez, chegou a agredir violentamente meu avô. Meu irmão mais novo, filho de outro homem, era muito agitado e vivia correndo nu e descalço pela rua. Lembro-me também



de que andávamos pelas ruas com minha avó pedindo esmola e catando lixo. E também que fui vítima de dois abusos sexuais (por vizinhos).

Algum tempo depois desses acontecimentos, minha mãe foi morar com um namorado dela. Ali tive a minha primeira experiência de morar em uma casa com melhores estruturas, porém, ainda não era o ideal.

Foi um período marcante, pois apanhava muito daquele homem e vivia muito doente. Mas também tive bons amigos e vizinhos. E foi através de um casal de vizinhos que minha história de vida iria mudar.

Sr. Tadeu e Sra. Maria Olímpia, um casal temente a Deus, correto e amoroso, começou a chamar minha mãe para cultos domésticos. Ali foram tocados e tiveram uma sensibilidade divina de que aquela menina, que era eu, precisava de um lar melhor.

Eles frequentavam uma igreja evangélica, onde conheceram Cynara Bornelli, uma mulher solteira, secretária, que vivia sozinha após a morte de seus pais. Entre cultos e conversas, houve a informação de que havia uma vizinha que gostaria de dar sua filha em adoção e, do outro lado, que a Cynara gostaria de adotar uma menina.

Os planos e propósitos divinos começaram a se alinhar.

Lembro-me de que, um dia, minha mãe me levou a um desses cultos domésticos, em que tive meu primeiro contato com a Cynara, mas não me lembro do seu rosto, pois estava com conjuntivite e não conseguia ver nada direito.

Creio que, naquele dia, o coração da Cynara começou a se abrir para a adoção e não demorou muito tempo para que ela contratasse um advogado e requisitasse minha guarda na Justiça. Assim, em torno de seis meses, ela já detinha a minha guarda judicial.

Eu tinha seis anos e havia chegado o dia em que eu iria para um novo lar. Eu me lembro do dia e da roupa que usava. Estava dançando e brincando na casa de uma amiga, com uma blusa gigante e uma calça de moletom preta, com listas brancas na lateral. Um carro parou na entrada da casa, e de lá saíram uma mulher (Cynara) e o meu avô. Ele me chamou e me disse: “Despede dos seus amigos, você vai mudar”, e assim eu fiz...



Após algum tempo transitando pela cidade, chegamos a uma casa. Essa casa tinha duas árvores de quaresmeira na frente, um portão de grade, uma varanda grande com pisos de caquinhos. A casa era cinza, tinha pisos no chão, tinha um jogo de sofás brancos com desenhos, as paredes eram brancas, tinha laje e muitos móveis e era tão grande e limpa!

Enquanto eu olhava tudo isso, meu avô se aproximou de mim, ajoelhou-se para olhar nos meus olhos e me disse: “Você vai morar aqui agora. Obedece ela tá?”. E assim eu concordei e fiquei ali, porque esse seria o meu novo lar.

Então eu fui levada até outro cômodo, um quarto, com uma cama e alguns móveis, um quarto cheio de brinquedos novos, roupas novas, sapatos novos. “É tudo pra mim?”, eu ficava pensando e, com um pouco de tempo, descobri que sim, era pra mim.

Eu sempre achei que esse dia havia sido difícil só para mim, mas, depois de muitos anos, descobri que esse dia e os próximos que vieram foram desafiadores também para a Cynara. Após aquele dia se encerrar, foi a vez de ela entrar no seu quarto e chorar atrás da porta. Como a vida é desafiadora, não é?

Daquele dia em diante, eu e a Cynara tínhamos uma nova história, uma nova família, um novo começo. Ali fui cuidada, amada, educada, abraçada e protegida.

Eu tive tudo o que uma criança deveria ter, fui matriculada na escola, aprendi a dormir e a comer na hora certa, a fazer tarefas, tomar banho, escovar dentes, viajei, tive festas de aniversário, tentei fazer balé (mas não gostei), tive animais de estimação, participava de almoços em família, tive muitos livros e histórias em quadrinhos e muito mais.

Durante toda a minha infância e adolescência, cresci me sentindo agraciada pela vida. A Cynara não era rica, mas me proporcionou viver com dignidade e alegria.

Durante um tempo, eu mantive contato com a minha família biológica, mas esse convívio era extremamente esgotante. O tempo passava, e não havia mudanças nem sinais de melhoras nos familiares. Minha mãe biológica continuava alcoólatra e com muitos relacionamentos destrutivos. Meu irmão mais novo envolveu-se com drogas e criminalidade. Meu avô falecera alguns



anos após eu ser adotada. E minha avó foi para o asilo, já que estava abandonada na velhice, além de outros problemas que aconteciam.

Havia um peso que eu carregava, como se eu tivesse o dever de socorrê-los, já que parecia muito egoísmo meu estar bem e ver todos eles sofrendo pelas suas escolhas ruins. Além disso, eu sempre era avisada, quando algo de ruim acontecia entre eles, para tentar ajudá-los (como se eu pudesse fazer alguma coisa tendo apenas entre 13 e 15 anos de idade). Eu nunca era vista como “a filha da Cynara”, por outro lado, sempre se referiam “à mulher que está cuidando da Kelly”, o que me intrigava bastante.

Nesses conflitos internos, fui crescendo e tentando discernir a hora em que eu devia evitar contato e a hora em que eu devia me aproximar.

Entendo também que, pelo fato de residir na mesma cidade que eles, seria muito difícil evitar contato ou ficar sem ter notícias. Não sentia rancor ou revolta por ter sido “dada” para outra pessoa, pelo contrário, sempre agradei a Deus e à minha genitora por terem me dado essa oportunidade. O meu conflito se desaguava na tentativa de ajudar aqueles que não queriam ser ajudados. Afinal, quem era a minha família?

Nesse ínterim e por toda a minha história, decidi que queria cursar Direito e ajudar as pessoas através da advocacia.





Sem condições de pagar uma faculdade particular na minha cidade, alcancei ajuda e apoio financeiro de familiares e de amigos e assim comecei a cursar Direito na minha cidade, em 2010.

Com pouco mais de três meses de curso, testemunhei novamente um novo milagre em minha vida, ao ser informada de que havia conseguido uma bolsa integral do ProUni, por meio da qual pude cursar a faculdade sem o peso das mensalidades.

Dois anos depois, durante uma aula de Direito de Família e Sucessões, mais especificamente durante uma aula sobre guarda e adoção, percebi que a guarda definitiva não era adoção e, caso desejasse ter os direitos de um filho adotivo, eu precisaria regularizar essa situação.

Naquele mesmo ano, fui agraciada com uma vaga de estágio na 4ª Promotoria Criminal da minha cidade, onde o convívio com os servidores, promotores e juízes me fez ampliar a visão do Direito em um nível mais profundo.

Então, no ano seguinte, em 2013, resolvemos regularizar o vínculo maternal. Eu tinha 20 anos de idade e estava em uma sala de audiência, sendo legalmente adotada. Um dia emocionante para mim, minha mãe adotiva e as testemunhas ali presentes.

Naquele local, percebi o cuidado, o zelo e a cautela da douta juíza do caso, da Defensoria Pública e do Ministério Público em tornar aquele ato o mais leve possível para nós. A balança da justiça pedia pela proteção da instituição familiar!

Então, a partir daquela sentença, eu estava legalmente adotada e ganharia um novo sobrenome, um novo registro, novos avós e uma nova mãe.

Esse ato público e legal fez romper aquele vínculo parental que deixava aquela menina em conflito com sua parentela e de quem ela era realmente filha.

Eu deixava a identidade de “Kelly Alves de Lima, filha de Laura, mas criada pela Cynara”, para a “Kelly Godfrey Bornelli, filha de Cynara Bornelli e ponto”.



Então, em 2014, consegui o tão sonhado diploma, a conclusão do curso superior. E, com mais um ano de estudo, a aprovação na OAB chegou também, agora sim, Advogada!

Alguns anos depois, conheci meu esposo, o Dr. Luiz Otávio Piva, advogado e homem temente a Deus. Nós nos casamos em 2018, quando me mudei para a cidade dele, e, juntos, montamos nosso escritório de advocacia, onde continuamos o trabalho de servir à sociedade através da nossa profissão. Ele como Advogado Criminalista e eu como Advogada Previdenciária.



O tempo e a verdadeira realidade da minha história foram os responsáveis pela formação do meu caráter e da minha identidade. Não vítima, mas sim agraciada por Deus, fui percebendo que tinha escolhas e podia não repetir os erros dos que me antecederam. Eu tinha a escolha de ser diferente, de conseguir, de vencer, de proceder corretamente, de ser feliz.

E, nesse período de 22 anos em relacionamento com minha mãe adotiva, percebi que é possível que “o solitário viva em família” (Salmo 68:6); que os pais “são o orgulho dos seus filhos” (Provérbios 17:6); e que os ensinamen-





tos e conselhos dos pais “serão um enfeite para a sua cabeça, um adorno para o seu pescoço” (Provérbios 1:8-9). Que a adoção gera filhos que são “herança do Senhor, uma recompensa que ele dá” (Salmo 127:3); e que, se você amar uma criança e ensiná-la, “segundo os objetivos que você tem para ela, mesmo com o passar dos anos, não se desviará deles” (Provérbios 22:6).

Acredite no amor que muda histórias. Adote!









Adoção: unindo sonho à realidade

*Lucinéia Bernardo Nunes Fernandes
Enéias Fernandes dos Santos*

Eu me chamo Lucinéia Bernardo Nunes Fernandes, tenho 42 anos de idade. Sou professora, casada, natural de Governador Valadares-MG.

No ano de 2004, eu me casei, e, dois anos depois, decidimos que teríamos um filho. Fizemos todos os exames, e estava tudo bem.

Logo veio a tão esperada notícia, estávamos grávidos. Então, uma alegria imensa encheu as nossas vidas. Segundo os médicos, estava tudo bem com o bebê. Fiquei tranquila. Algum tempo depois, tive um pequeno sangramento e precisei ficar em repouso. Com cinco meses de gestação, retornei à clínica de ultrassom, quando fui surpreendida pelo médico, com uma tamanha frieza, comunicando que minha filha tinha um problema de má-formação irreversível, e então meu mundo caiu, fiquei desesperada.

Dirigi-me ao consultório do meu obstetra, por sinal muito conceituado, onde o diagnóstico foi confirmado. A partir daí, foram dias muito difíceis. Foi encaminhada a um especialista em feto em Belo Horizonte, pois, segundo orientação, o aconselhável era interromper a gestação, pois foi confirmado o que eu não queria ouvir: eu gerava um bebê anencéfalo.

Ocorre que interromper a gravidez não era tão simples, sendo que eu poderia sofrer um parto prematuro, o que, no entanto, não aconteceu. Minha filha viria a nascer com 40 semanas, após ser rejeitada por alguns médicos, que não quiseram pegar o meu caso, o que me fez sentir humilhada.





Depois de tentar por muitas horas um parto normal, devido à minha situação, ela veio ao mundo através de uma cesariana bem-sucedida, tendo sobrevivido uma hora e meia e falecido, e eu não consegui conhecê-la. Isso foi muito forte para mim. Recebi alta, fui para casa, tive uma excelente recuperação, mas a dor era grande demais, e, por falta de informação, não tive ajuda psicológica, o que me trouxe muitos problemas de saúde.

Naquele tempo, continuamos tentando engravidar, pois os exames mostravam que não tínhamos nenhum problema. Fomos a especialistas em genética.

Ainda assim, sofri quatro abortos, o último em 2014, e cada aborto era mais uma frustração, uma dor que quem não sentiu jamais poderá imaginar.

Continuei na busca desse sonho. Troquei de médico por várias vezes, para ter outra opinião, e, através de exames de rotina, descobri que meus hormônios estavam alterados .

Em 2012, por meio de um exame de ultrassom, descobri que não estava ovulando. Daí meu mundo “caiu” mais uma vez. Os médicos ficaram sem entender o que estava acontecendo comigo. O ginecologista que até hoje me acompanha, desde 2012, achava que o problema era psicológico, por tudo que passei na primeira gestação, todo o trauma que vivi, e por ter que me fazer de forte para continuar vivendo. Então ele chegou à conclusão de que seria melhor que fizéssemos uma fertilização *in vitro*.

No início, até fiquei muito animada e conversei com meu esposo sobre essa sugestão. Ele se opôs, uma vez que não concorda com o método, e também por ser um procedimento muito caro, e nossas condições não permitiam. Foi quando ele me olhou e disse: “Por que não adotamos?”. Fiquei atônita e disse: “Adotar?”. Ele me olhou e disse: “Sim, ADOÇÃO é bíblico, não estaremos fazendo nada errado. Tantas crianças precisam de um pai e de uma mãe...”. Fiquei pensando sobre o assunto e orando a DEUS, que, se fosse da vontade dele, adotaríamos. Então comecei a pesquisar sobre adoção. Conversei com muitas pessoas e também profissionais da saúde, porque a sociedade em si é muito preconceituosa. Uns me diziam que, pelo fato de não ser filho de sangue, a criança poderia trazer problemas. Poderia herdar da família biológica os problemas, como, por exemplo: se a família biológica fosse viciada, a criança também seria e teria problemas de saúde. Ouvi muitas coisas



negativas, mas continuei a busca pela adoção, pois meu coração a cada dia queria mais. Fui tirando as dúvidas que foram surgindo.

Ao conversar com um médico sobre esses comentários, ele me deixou superconfiante. Disse que poderia ficar tranquila quanto a isso, porque laços sanguíneos não direcionam uma criança, e sim o ambiente em que ela vai crescer, o convívio com o meio em que vive.

Procurei o Fórum da minha cidade e peguei todas as informações que precisava para me tornar mãe, um sonho de anos.

Em julho de 2013, mais precisamente no dia 23, entramos com a documentação em prol da adoção. O tempo foi passando, a ansiedade aumentava, às vezes eu ligava para saber se tinham alguma novidade. O coração ficava a mil.

Mas, às vezes, ficava tranquila. Não fizemos escolha do sexo. Deixamos que fosse uma surpresa, porque, se fosse em uma gestação, não seria possível escolher. Então, na adoção, também seria da mesma forma.

Passava dias e noites sonhando com o dia em que chegaria nosso filho ou filha. Esperei, sonhava a cada dia, foi uma espera um pouco angustiante, tendo em vista a demora, mas doce por saber que, a qualquer momento, poderia me tornar mãe.

Neste ano de 2020, em meio a uma pandemia, exatamente no dia 14/4/2020, recebi a ligação mais esperada. Era a assistente social me dizendo que tinha um bebê de quase dois meses, uma menina, à nossa espera, para que a fôssemos conhecer.

Fiquei em choque, não consegui chorar. Fiquei paralisada, não conseguia me alimentar. Meu esposo não conseguiu trabalhar. Consegui avisar algumas pessoas da família, que vibraram com a notícia e foram me acompanhando até a instituição. E chegou o momento... foi muito especial.

Quando a trouxeram e me entregaram, coloquei-a nos meus braços com os olhos cheios de lágrimas. E quando a coloquei junto ao meu peito, ela me cheirava procurando mamar.

Em minha família, também, ficaram todos derretidos de emoção. Naquele momento e ali, eu vi que ela era minha e não me importava como ela tinha





vindo, de onde e quem a gerou. Mas sim o que seria dali para frente, a nossa história. Quando a tive em meu colo, foi uma mistura de sentimentos, alegria, amor, preocupação, medo por saber o tamanho da responsabilidade que estava assumindo a partir daquele momento, pois ela se tornou minha filha e, independentemente do que pudesse acontecer, ela era minha filha.

No dia 17/4/2020, deixamos a instituição e fomos para a nossa casa. Ela foi colocada na cadeirinha do carro e então começou a chorar, chorar. Foi assim até chegar em casa, pois tudo era novo para ela. Ela tremia, parecia sentir medo, insegurança, e para nós, pais, também começava ali um mundo desconhecido, mas maravilhoso, com o qual sonhávamos e que se tornava realidade.

Ao chegar em casa, apresentamos a ela seu novo lar. A partir daí, começamos a providenciar tudo de que um bebê precisa. Foi uma correria, mas deu tudo certo. Nossa filha encheu o nosso lar e as nossas vidas de alegria.

É uma criança muito saudável, feliz, muito amada. Deu uma nova cor para nossos dias, foi muito desejada, é muito amada e será sempre.

Foi muito bem-recebida pela família, e todos os amigos que a conhecem, sabendo ou não da forma como ela chegou para nós, ficam encantados com ela.

Estamos muito felizes. Formamos uma família linda, e, para ser sincera, sinto o mesmo amor que senti pela filha que gerei na barriga. Às vezes, penso que ela veio da minha barriga, de tanto amor que sinto por ela. Não dá para explicar tanto amor. Daquela dor que sentia, antes de ela chegar, hoje me lembro, claro, mas de outra forma. A ferida fechou, ficando somente a cicatriz.

Hoje nossa filha está com nove meses. Está sendo uma experiência incrível ser mãe, e já pensamos em aumentar nossa família. Neste texto, compartilho com vocês a nossa história.









O Anjo e a Filha

Magali Mary Vilar de Almeida

Adoção é simples assim: é a forma que nossos filhos encontram para chegar até nós. Ou vice-versa: a forma que nós encontramos de chegar até os filhos que não geramos. Porque, com certeza, uma ligação muito forte existe, ninguém chega até à casa de alguém através de uma adoção por acaso. Acho até que, nesses casos, a ligação é maior do que uma simples ligação de sangue.

Acho interessante que as pessoas pensam — e, no próprio regulamento do projeto que nos convida a escrever este texto, encontramos esta frase — que “adotar é fazer a diferença na vida de outro ser”, como se eu fosse uma pessoa muito generosa, altruísta e só estivesse pensando, o tempo todo, em fazer um bem para uma criança. A minha intenção, no entanto, não foi nada disso. O que me impulsionou, de verdade, a adotar foi o desejo de ser mãe.

Sempre me pedem para contar a história de Maria Clara e de Ana Beatriz; falar sobre a minha experiência com a adoção. Dizem: “Magali, fala o que vier na cabeça!”. Então fecho os olhos, e vem tudo. Mas, na hora de pôr no papel, eu fico titubeante... Foi assim sempre. Escrever, independentemente do assunto que seja, é um bloqueio que ainda não consegui vencer completamente. Mas, hoje, em nome de Maria Clara e de Ana Beatriz, eu decidi encontrar um jeito de contar.

Desde muito nova, eu sonhava em ser mãe. Não sei se foi porque a minha mãe teve nove filhos e eu, como mais velha das mulheres, cresci exercendo indiretamente esse papel. A grande questão era que, no momento em que decidi que tinha chegado a hora, eu não tinha um relacionamento nem dava





conta de assumir uma gravidez solteira. Mas esse lugar de mãe eu queria que fosse preenchido na minha vida.

Quando eu acordei para essa questão, eu estava prestes a completar 42 anos. Era março de 1994, em maio, seria meu aniversário. Foi aí que vi: se eu não tomasse logo alguma atitude para concretizar o meu desejo, iria se fechar mais uma porta na minha vida. Eu pensava: “Adotando uma criança com 42 anos, quando ela estiver com 18, eu vou estar com 60! Não posso passar disso!”.

Foi bem peculiar esse meu despertar. Quando a gente precisa enxergar alguma coisa, Deus sempre manda uma mensagem, um sinal. Sei dizer que, em março daquele ano, eu trabalhava no Tribunal de Justiça, na EJEJ, quando recebi um telefonema, no meio de mil telefonemas, de uma amiga do interior, perguntando se, por acaso, eu não queria adotar uma criança que havia sido abandonada no hospital. E eu achei aquilo estranho: como é que aquela amiga fora logo pensar em mim? Na época, eu trabalhava praticamente o dia todo, saía de casa todos os dias às 7 horas da manhã para só voltar às 10 horas da noite. Onde haveria espaço para uma criança naquela rotina?

Na verdade, eu nunca cheguei a ter contato com aquela criança. Mas ali foi o meu acordar. Porque eu literalmente não dormi naquela noite, pensando naquilo tudo. Fiz as contas, refleti, meditei e decidi que essa porta eu não queria fechar na minha vida. Essa decisão germinou até maio, quando eu resolvi que, realmente, iria adotar uma criança. Em junho, fui ao Juizado; em julho, Maria Clara chegou.

“Como aconteceu tão rápido?” — muitas pessoas me perguntam até hoje. O fato é que a única coisa que eu pedi, no Juizado, foi um bebê. Eu não escolhi sexo, nem cor, nem nada. Eu queria um bebê. Foi a única exigência que eu fiz, por assim dizer. E aí fiquei aguardando. Passei por todos os trâmites, pesquisa, entrevista. Até que, em julho, me ligaram, dizendo que uma criança havia acabado de chegar ao Juizado.

Acho graça quando relembro isso hoje. A partir do momento em que eu fui ao Juizado, achei que ia aparecer a criança no dia seguinte. Então, de 2 de junho até 11 de julho, eu não saía para nada, com medo de eles ligarem e eu não estar em casa. Porque eles falaram: “A gente liga e, se a pessoa não estiver, ligamos para outro candidato!”.



“Não! Vocês vão me achar!” — garanti com veemência.

Por segurança, deixei o telefone da minha mãe, porque, em casa, era realmente difícil me achar. Afinal, há 25 anos, não havia celular dessa forma como hoje existe. Naquele dia, eu fui tomar um café na minha mãe; quando eu entrei, ela já foi logo me dizendo: “Olha, ligaram do Juizado!” De imediato, o meu coração disparou. “Disseram que sua neném chegou” — minha mãe continuou, confirmando as minhas expectativas.

Naquele momento, senti uma alegria que até hoje não sei como descrever. Alegria misturada com ansiedade. Minha mãe foi comigo buscá-la. O sentimento que me veio, assim que eu entrei em contato com a Maria Clara, no primeiro abraço que eu dei nela, foi de saudade. Muita saudade!... Era muito bom ela estar ali comigo! Naquele mesmo instante, eu tive certeza de que era por ela que eu estava esperando.

Somente quando fui preencher os papéis, para a defensora me dar a guarda provisória, ela me entregou a ficha do hospital. Notei que havia uma observação, escrita no final da ficha: “Microcefalia???”. Ali eu fiquei sabendo que ela não era uma criança normal. Mas não disse nada, fiquei em silêncio. Ela estava no colo da minha mãe, ao meu lado. Eu li isso, a advogada lá esperando, eu só olhei para ela e pensei: “Eu não vou deixá-la, essa é minha...”. Minha mãe, muito danada, olhou para mim e perguntou: “O que é que foi? O que foi que você leu aí que te deixou tão pensativa?” “Não, estou pensando é no nome” — respondi.

Olhei, então, para a moça e disse: “Pode bater Maria Clara!”. E foi assim que Maria Clara veio. O nome Clara havia chegado para mim numa terça-feira de manhã, uma semana antes do nascimento dela. Veio-me aquele nome à cabeça: Clara, Clara... Imediatamente pensei: olha, é uma menina que está chegando!... E é Clara! E, se ela é Clara, é também Maria! E foi assim que chegou para mim o nome dela!

O detalhe é que eu não contei para ninguém sobre o que eu havia lido na ficha. Nem para minha mãe. Não contei sequer para a pediatra, com medo de que me pedissem para devolver a criança. A pediatra perguntou sobre a ficha do hospital, que, teoricamente, eu deveria ter recebido, e eu menti para ela, dizendo que não haviam me dado nada. Disse que sabia apenas que a menina tinha nascido de parto normal e que a mãe tinha 23 anos. Foi quan-





do ela nos encaminhou para o neurologista. Porque Maria Clara já estava com mais de um mês, e a moleirinha — a fontanela, que é o espaço amolecido entre os ossos do crânio dos recém-nascidos, não havia se fechado. Seria necessário fazer uma avaliação neurológica. Nessa hora, eu baqueei, pois sabia que tinha alguma coisa.

Quando eu levei meu bebê ao neurologista e ele me revelou a seriedade do quadro dela, eu não podia acreditar naquilo, porque a criança que estava no meu colo era uma criança normal como todas as outras. Ele então me explicou que, até os três meses, ela seria uma criança como qualquer outra, porque sua rotina, naqueles primeiros meses, seria apenas comer, beber e dormir. Mas, a partir daí, é que eu iria começar a notar as diferenças, porque ela não teria os desenvolvimentos normais esperados.

Foi feita uma tomografia, e eu me deparei com um quadro muito assustador. Ele me disse que ela tinha hidroanencefalia. Quer dizer, no lugar do cérebro, ela tinha água. Ela possuía somente o tronco encefálico, o cerebelo e apenas uma partezinha do cérebro. Isso possibilitava apenas o desenvolvimento de sobrevivência, comer, beber e dormir... De acordo com a medicina, ela teria pouca probabilidade de viver por muito tempo.

Foi um momento muito difícil. Ao mesmo tempo em que ele falou que ela tinha que fazer uma cirurgia com urgência, senão a cabecinha dela iria crescer, ele disse também que a chance de ela sobreviver à cirurgia era de apenas 10%. Depois de muito pensar, optei por não operar Maria Clara naquele momento. Eu resolvi que, já que ela iria morrer, eu queria curtir-la mais um pouquinho. A única coisa que eu perguntei a ele foi se ela iria sentir dor com a cabecinha crescendo. Ele disse que não, porque a moleira estava aberta. Mas que a cabeça ia crescer muito, muito e... enfim.

Quando ela completou seis meses, percebi que a cabecinha já estava realmente crescendo e resolvi operar. Tinha que fazer. A essas alturas, ela já havia adquirido um pouco mais de resistência, a probabilidade de sobrevivência cresceu um pouco mais.

Naquele momento, eu tive, na verdade, uma questão com Deus. Pensava como que Ele colocava na minha mão um serzinho tão dependente, que precisaria tanto de uma pessoa, quando eu, aos 42 anos, nunca, na minha vida, havia tido qualquer contato com uma criança excepcional? Ainda assim,





acreditava que, se Ele estava colocando na minha mão aquela responsabilidade, era porque Ele devia achar que eu dava conta. Mas a minha briga com Ele era num outro sentido: como que eu havia pedido a oportunidade de ter uma filha, e Ele me dava, para me tomar logo depois? E aí eu pedi para que ela vivesse. E ela viveu 20 anos.

O médico não dava nem um mês para ela. Chegou a falar para eu deixá-la num cantinho, que ela iria morrer a qualquer hora. Aliás, não foram poucas as vezes em que ouvi das mais variadas pessoas: “Olha, não se apegue muito, porque ela não vai viver...”. Como se tivesse jeito de amar só um pouquinho! “Olha, você ama só 10%, porque não tem jeito...”.

Eu resolvi fazer diferente. Maria Clara fez a cirurgia, e aí começamos. Eu a cuidar dela e a entrar em contato com todo o aprendizado que ela me trazia. Uma das coisas mais importantes que ela me ensinou foi viver no presente. Um dia de cada vez, valorizando cada pequena conquista: eu posso, a vida é hoje! E, em cada “hoje” que passamos juntas, dei todos os beijos e todos os abraços que tive vontade.

Maria Clara me trouxe a oportunidade de entrar num universo completamente diferente do de uma criança normal. Tudo o que eu aprendi, se ela fosse normal, eu não teria aprendido. A percepção, por exemplo, fica muito mais apurada. Qualquer sonzinho que ela fizesse já era suficiente para que eu soubesse o que ela estava tentando dizer. A gente entra num nível sensorial completamente diferente.

A vida com Maria Clara sempre foi muito conduzida pela sensação: eu sentia. Quando eu não entendia o que estava acontecendo com ela, eu a colocava no colo, a abraçava e ia tocando seu corpinho até descobrir de onde vinha o incômodo ou dor. No colo, eu sempre descobria o que ela tinha.

Aliás, teve um médico que examinou Maria Clara, a pedido da pediatra, que me deu um conselho de que eu nunca vou me esquecer: “Lembre-se: por menos que ache que conhece a sua filha, você a conhece mais do que qualquer outra pessoa” — ele disse.

Esse médico me trouxe um alento muito especial. Segundo o que me explicou na época, existem crianças que apresentam quadros menos graves do que o de Maria Clara, conforme os exames, mas que, no futuro, poderiam





ter um comprometimento muito maior do que o dela. Da mesma forma, ele também conhecia crianças com o mesmo diagnóstico de Maria Clara, que, no entanto, não apresentavam o seu mesmo desenvolvimento.

“Conhecemos ainda tão pouco a neurologia, que não há como saber que resposta cada criança poderá dar quando estimulada” — enfatizou, na época.

É solitário viver com um filho excepcional. As pessoas querem ajudar, elas palpitam, mas ninguém está na história com você, no sentido de estar no mesmo barco. Daí, na hora de tomar as decisões — “meu Deus, o que será o melhor para ela?” — você escuta: “Eu acho que...; eu, se fosse você...”, mas poucas, pouquíssimas são as pessoas que ajudam na prática. Eu sentia, nessa hora, a falta de um companheiro com quem pudesse dividir isso de igual para igual, que dissesse “essa situação é nossa”. Com o tempo, eu aprendi a compreender o receio das pessoas com relação ao excepcional. Porque eu também tinha muito medo antes de conhecer Maria Clara.

As maiores dificuldades que eu tinha eram com adultos. Todas as vezes que eu saía com ela, no carrinho, notava que os pais ficavam incomodados se os filhos se aproximassem e ficassem perguntando: “Por que ela não anda?” “Ela fala?”. Eles questionavam porque, afinal, a expressão do rostinho era diferente! Era tranquilo, para mim, responder a todas as perguntas que as crianças faziam. E os pais não querendo olhar, não querendo que suas crianças se aproximassem. Isso me fez ver que muito da dificuldade de inclusão que as crianças experimentam vem do adulto. De aceitar. De olhar sem tanto preconceito. A maioria dos pais adultos — também isso eu tive oportunidade de observar, quando entrei nesse mundo de fisioterapia, de fono, de terapia ocupacional, de todas as necessidades de uma criança especial — tem muita dificuldade de aceitação dos próprios filhos.

O que me tocava mais profundamente com relação à Maria Clara era quando eu me deparava com o nível de dependência daquele ser: qualquer um poderia fazer o que quisesse, que ela não tinha um mínimo de defesa. Até hoje, quando fico sabendo de algo que aconteceu com algum excepcional nesse sentido, eu só fico me lembrando dela... Como era delicado estar no mundo numa situação dessas...



Em função disso, eu não acreditava que existisse alguém com competência para cuidar da minha filha. Foi quando tive a oportunidade de me aposentar, de forma proporcional, com 25 anos de Tribunal.

Graças à minha aposentadoria precoce, posso dizer que fui eu que sempre cuidei de Maria Clara pessoalmente. Eu gostava de fazer isso! E como fiz descobertas nesse período! Descobri, por exemplo, que ela gostava de toque. E descobri também que a audição dela era perfeita. Descobri até mesmo que ela gostava de música e que fazia seleção!... E tudo através de som, a coisa mais linda! Era bonitinho demais quando ela não gostava de uma música. Ela ficava irrequieta no carrinho, começava a resmungar. Eu perguntava: “É a música?”. Mudava então de música, e ela ria. Daí eu tinha certeza de que era a música que a estava incomodando. Eu colocava muitas interpretações de piano para ela ouvir. Tinha, inclusive, um CD de músicas infantis e instrumentais. Sempre tive a impressão de que ela gostava mais das instrumentais do que das cantadas.

Tem um detalhe que é importante mencionar. A pediatra certa não chegou logo. Quem iria cuidar dela era uma amiga, mas essa amiga acabou não dando conta, porque não tinha prática nessa área, e me indicou outra pessoa. Assim, quando eu cheguei finalmente ao consultório dessa outra pediatra, eu estava com muito medo! Entrei no consultório e me debulhei em lágrimas. Minha angústia era pela minha ignorância, por não saber nada sobre criança excepcional. Eu estava muito perdida nesse sentido, com muito medo de que ela morresse, de que eu não soubesse cuidar dela... E, aí, essa pediatra, que me acompanharia por muitos anos, me respondeu uma coisa que ficou guardada em mim para sempre: “Quanto tempo ela vai ficar aqui, isso não cabe a nós decidirmos. Mas, enquanto ela estiver por aqui, você vai fazer a sua parte de mãe, e eu vou fazer a minha parte de médica. O resto vamos deixar nas mãos de Deus!” — ela enfatizou.

Era exatamente o que eu precisava ouvir. Quando, saindo dali, eu fui colocar Maria Clara no carro, aconteceu, então, a primeira grande surpresa: ela me deu seu primeiro sorriso! Ela estava com um mês e meio! Aquele sorriso significou muito para mim. Não só por acontecer justamente no momento em que eu acabava de deixar o consultório, ainda maravilhada com as palavras que eu ouvira daquela médica, mas também por ser algo completamente inesperado. Afinal, uma das coisas que um dos neurologistas havia me dito



era que ela nunca iria me chamar de mãe, que jamais iria me reconhecer ou entender algo que eu dissesse para ela. E, naquele sorriso, era como se ela não só me reconhecesse, como também dividisse comigo toda a minha felicidade por ter finalmente encontrado alguém que poderia acompanhá-la como médica.

Depois da chegada de Maria Clara em minha vida, tudo o que eu queria era cuidar dela, mas a aposentadoria não veio de imediato. Tirei licença-maternidade, férias prêmio, licença para acompanhar pessoa na família com doença, tive horário especial. E, com isso, arrastei o ano de 1995. Como profissional, fiquei péssima, porque era coordenadora do departamento de concursos da Escola Judicial. Pedi para me tirarem do cargo. Mas, não sei por que, meus superiores não quiseram fazer isso. Resolvi então cumprir os horários, o mínimo indispensável. No final daquele ano, como que por encanto, encontrei uma colega que havia entrado junto comigo, e ela me disse: “Ó, tô dando tchau, viu? Eu tô aposentando...” — “Ah, mas se você vai aposentar, eu também vou...” — prontamente respondi.

E assim, no ano seguinte, no dia 1º de fevereiro de 1996, eu estava me aposentando. Fechei também o consultório de psicologia e fui ser só mãe, fiquei por conta de cuidar dela.

Uma das dificuldades que eu encontrei, não posso deixar de dizer, é que tudo é muito caro para a criança excepcional. Caro, aliás, é pouco: é caríssimo! Uma cadeira de que ela precisava, que serviria para ajudar a moldar a coluna dela, custava 60 mil reais! Essa ela não teve.

Por outro lado, se Maria Clara foi uma criança “cara”, por assim dizer, em compensação, ela abriu todas as portas. Sempre que eu não podia arcar com algo que era necessário, ela ganhava. Tive muita ajuda! Ela foi muito bem recebida pela família inteira e pelos amigos à minha volta. Que criança com capacidade de unir as pessoas! E como que ela dava ordem, sem falar nada! Em qualquer comemoração ligada a ela, estava todo mundo presente! Foi o período em que os meus amigos estiveram mais perto de mim. Será que era perto de mim ou perto dela? Até hoje não sei dizer. O fato é que todas as pessoas que a conheciam ficavam tocadas. Impressionante aquela criança, como era cativante...



Então eu falo que Deus me deu um Anjo... e uma Filha! Desde o momento em que eu optei por ocupar meu lugar de mãe dessa forma, eu tinha para mim que seriam duas adoções. Eu havia, inclusive, dito a mim mesma que, se o primeiro fosse menino, seriam dois meninos; e, se fosse menina, seriam duas meninas. E eu achava que ainda podia e queria realizar esse sonho. Sentia que cabia ainda a “outra” na família que eu estava construindo.

E, assim, em outubro de 1997, comecei o mesmo processo no Juizado. Maria Clara tinha dois anos e meio. Eu não queria que se passasse muito tempo, que a diferença entre as duas fosse muito grande, embora soubesse, de antemão, que seriam duas histórias diferentes. Só que a segunda gravidez foi mais longa. Com Maria Clara, a espera fora de apenas um mês. Com Ana Beatriz, foram três meses. Como demorou!

Ela chegou em janeiro de 1998. Interessante que, quando a psicóloga (ou foi a assistente social?) me ligou, falando que havia chegado uma criança, a primeira coisa que a pessoa fez questão de dizer foi que era negra. Não precisava desse detalhe. Afinal, como da outra vez, eu não havia feito qualquer restrição, exceto que queria uma menina.

Ah, a reação de Maria Clara quando chegou Ana Beatriz foi bonitinha demais! Foi a maior gracinha! Para variar, eu estava na casa da minha mãe quando a notícia chegou. Dessa vez, eu estava pintando a sala do sítio da minha mãe, em Vespasiano, a 29 km de Belo Horizonte, quando me ligaram do Juizado. Já eram 5 horas da tarde, e eu avisei então que estava em Vespasiano, mas que iria buscá-la ainda naquele dia. Que eles me aguardassem porque eu chegaria. Eles ficavam até às 6 horas da tarde, e eu tive de deixar Maria Clara com mamãe para poder ir mais depressa. E realmente eles me esperaram.

O detalhe interessante que eu observei, logo ao chegar, foi a diferença na apresentação das crianças. A Maria Clara, ô meu Deus, me foi entregue num “moisés” todo feio, todo pobre, só com a roupinha do corpo, que era toda feinha, dessas que as pessoas fazem de flanela para doar... Já no caso da Ana Beatriz, foi tudo diferente. Fui buscá-la nas novas instalações do Juizado da Infância e da Juventude, então ela estava toda bonitinha, de roupinha linda, estava toda de verde me esperando, de cobertor novo e tudo!



Então peguei a Ana Beatriz, fui à minha casa buscar as roupinhas dela que já estavam compradas, buscar leite, e voltamos para o sítio. Quando nós chegamos, que coisa mais bonitinha!... Maria Clara percebeu que tinha alguma coisa diferente e ficou só prestando atenção. Daí a Ana Beatriz fez algum sonzinho, e ela ficou com os olhinhos pra lá e pra cá, pra lá e pra cá... Aí eu contei para ela da irmã, e Maria Clara começou a criar caso, a não querer a Ana Beatriz no meu colo. Naquele dia, quis comer só no meu colo, não quis comer com a minha mãe... Essas coisas que, para uma criança comum, seriam “normais”, quando aconteciam com a Maria Clara, me deixavam completamente encantada. Para ela, que era uma criança especial, essa atitude para mim era linda, maravilhosa! E ela ficava o tempo todo fazendo graça, emitindo sons para chamar a atenção.

Lembro que, naquela primeira noite de mãe de duas meninas, eu tive que juntar duas camas de solteiro e dormir no meio, a Ana Beatriz de um lado, a Maria Clara de outro. Ninguém dormiu direito. Se a Ana Beatriz chorasse, Maria Clara imediatamente acordava e solicitava também a minha atenção. Precisei até trocar fralda dela à noite, coisa que nunca acontecia. Era a forma de ela se manifestar.

As duas eram bem diferentes. Porque a Maria Clara sempre viveu muito no mundinho dela, de pouca comunicação, exigia mais cuidados meus. Já a Ana Beatriz sempre teve uma aceitação muito grande pela Maria Clara. Empurrava o carrinho comigo... Eu descia para elas tomarem sol, e a Ana Beatriz ia pendurada no carrinho... Mas não havia muita comunicação quando elas eram pequenas. Só com Ana Beatriz um pouco maior.

Até hoje me sinto um pouco culpada por isso. O meu erro foi que, na minha ânsia de proteger a Ana Beatriz e a Maria Clara ao mesmo tempo, eu não deixava que houvesse mais envolvimento entre as duas. Da parte da Ana Beatriz, porque, de tanto ouvir mães reclamando que elas assumiam as responsabilidades e os filhos tinham de pagar, eu sempre tinha essa preocupação de não sobrecarregar a minha filha mais nova pelas minhas escolhas. Ao menos, ela não iria nunca falar isso de mim! Ao mesmo tempo, eu não conseguia dividir os cuidados com a Maria com mais ninguém, nem mesmo com a Ana Beatriz. Hoje vejo que essa minha postura foi um tanto quanto exagerada. Acho que elas poderiam ter sido mais ligadas uma à outra, se eu tivesse deixado.



Houve uma vez em que a Ana Beatriz me falou uma coisa que me fez pensar muito. Disse que, como ela era saudável, não se sentia no direito de me dar trabalho! Como eu queria ter um jeito de apagar da minha filha esse sentimento, como me doeu ouvir isso! Eu estive presente em tudo na vida dela, mas não pude ser aquela mãe que brincava. Era sempre aquela mãe ocupada, sobretudo em cuidar. Na verdade, como toda mãe, eu também erreí muito, mas sempre tentando acertar. Em algumas coisas acertei, em outras, continuo ainda errando... Viver é assim.

Não conheci a mãe biológica de nenhuma das minhas filhas. Mas sou grata às mães de ambas. Por sinal, sempre tentei ensinar para Ana Beatriz: “Você deve sempre ser grata à sua mãe biológica, por ela tê-la trazido ao mundo para mim. Nessa vida, você veio para ser minha filha, e eu sou grata a ela por ter gerado você!”.

Quando ela era menor, devia ter por volta de uns oito anos de idade, eu cheguei a perguntar: “Ana, você um dia vai querer conhecer sua mãe biológica?” — “Mas é lógico!” — respondeu ela.

Eu então falei que, quando ela quisesse, era só me dizer que eu daria um jeito de descobrir. E o tempo passou. Alguns anos depois, nós duas, por acaso, assistimos juntas a um desses programas em que alguém reencontra seus pais biológicos com a ajuda de uma equipe televisiva. Quando terminou o programa, eu então perguntei a ela: “Ana, você ainda tem vontade de conhecer a sua mãe biológica, de saber como ela é?” E, para minha surpresa, ela respondeu: “Não, mãe, não tenho vontade de conhecer”.

“Mas por que não?” — eu estranhei, lembrando-me de suas palavras quando era menor. “Ah, eu acho que não vou ficar muito à vontade com ela não! Pra quê, mãe?” — ela disse.

Eu ri até! Também isso foi um aprendizado para mim. Todos os filhos que não foram criados com a verdade carregam isso, querem conhecer. Quando vêm a saber depois da adoção, muitas vezes, ficam traumatizados. Toda criança, o tempo todo, deve, precisa saber quem ela é nas origens. Eu sempre contei para Ana Beatriz a história de como eu a adotei, usando a cartilha que eu recebi no Juizado. Passava as páginas e mostrava para ela como que era o processo, como se fosse uma historinha... Lembro como se fosse hoje. Eu pegava a cartilha e contava para ela, utilizando as ilustrações: “Olha, essa



aqui é a mamãe... Aí eu fui lá para a reunião, aconteceu desse jeito e me fizeram essas perguntas... Daí, um dia, de repente, o telefone tocou! — e eu mostrava a ilustração do telefone. — De repente, o telefone tocou!!!”.

Repeti essa história não sei quantas vezes. No dia seguinte, lá vinha ela com a cartilha: conta de novo! Então a vida inteira ela soube que ela não saiu da minha barriga. Houve um momento, porém, quando ela estava no segundo ano do ensino fundamental I, em que ela falou para mim assim: “Mamãe, eu vim da sua barriga, né? Você é que não está querendo me falar a verdade!” E eu falei: “Não, querida. Você gostaria muito de ter saído da minha barriga, né? Mas foi quase. Porque na hora que você saiu da barriga da sua mãe, você já veio direto parar nos meus braços!”

Eu acho que a Ana Beatriz trouxe para mim a questão da normalidade: uma criança atrás da qual você corre, que te desafia, te desobedece, te questiona... Mas que conversa, que mostra seu jeito de pensar. É como se fosse assim: enquanto uma precisava ficar dentro de uma redoma, a outra estava no mundo. A Ana Beatriz era a companheira. A Maria Clara quase não podia ir a lugar nenhum. Mas a Ana Beatriz ia comigo para toda parte. Ela me trouxe muito isso, de quebrar essa solidão da mãe do excepcional. Beatriz, segundo a etimologia do nome, é justamente aquela que traz alegria, que faz feliz.

Fui mãe integral por oito anos. Quando me aposentei, fechei o consultório também, só voltei a atender quando fui morar em Caxambu, uma cidade bem mais tranquila para se criar filhos, no sul de Minas, onde escolhi viver com as meninas. Em linhas gerais, eu acho que a minha vida ganhou mais sentido depois que eu fui mãe. Sou muito feliz por ter atendido esse lado meu, sou uma pessoa realizada por ter ocupado esse lugar. Mesmo com todas as dificuldades, ainda acho que ser mãe é o melhor papel, é realmente o que vale a pena nessa vida, é muito especial...

Com Ana Beatriz, senti literalmente na pele a questão do racismo. Tem coisas que eu fiz das quais ela nem sabe. Uma delas foi numa festa junina. A professora mandou que os meninos escolhessem o par. Ela era a única negra da escola, e não a escolheram. Ela levou um choque. Tinha saído de casa toda feliz naquele dia, dizendo: “Hoje a gente vai escolher com quem a gente vai dançar!”, e voltou dizendo que queria sair da escola, porque não



ia dançar. E eu perguntei: “Mas por que não vai dançar? O que aconteceu?” “Ah, mãe, ninguém me escolheu”, ela respondeu entre lágrimas.

Naquela noite, liguei para a professora, acabamos encontrando um jeito de reverter a situação. Ela nunca soube que eu participei dessa “resolução”. No outro ano, porém, aconteceu outro problema. Fizeram de novo o método do sorteio, e Ana Beatriz saiu com outro menino. E ela foi toda arrumadinha, com um vestido que era a coisa mais linda. O tempo todo, porém, o menino olhava para o pai dele e fazia uma cara horrível... Fiquei uma fera. Nessas horas, é aquela coisa: mexe comigo, mas não mexe com meu filho! A vontade que eu tive na hora foi de pegar o menino, de rodá-lo no ar e mandá-lo para os quintos! De raiva, de antipatia!

Alguns anos depois, eu me vi obrigada a denunciar esse mesmo menino ao Conselho Tutelar. Ele e mais dois estavam fazendo *bullying* com ela. Diziam que o negro ou era filho do diabo ou então do macaco. Ou era de um ou de outro. E que ninguém podia pegar no cabelo da Ana Beatriz, porque senão “espinhava”, e toda uma série de brincadeirinhas que magoavam muito a minha filha.

Ela, a essas alturas, já estava no quinto ano e, de novo, não queria mais ir à escola. Eu fiquei muito brava, acabei indo até o Conselho Tutelar fazer a denúncia contra os meninos, atendendo à sugestão da própria diretora da escola. A sorte deles é que tinham só 11 anos. Se já tivessem 12, teria de ser feito um boletim de ocorrência. Minha intenção, no entanto, era de apenas dar um susto, para que não fizessem mais isso. Foi convocada, então, uma reunião com os pais pela diretora. Uma reunião pesadíssima. Teve um pai que até chorou:

Eu ajoelho nos seus pés e te peço o seu perdão, sabe por quê? O meu filho jamais tinha direito de fazer isso com a sua filha, porque ele já sofreu muito *bullying* — ele falou. — Meu filho é surdo, ele usa aparelho e sabe o que é exatamente esse sofrimento. Agora, ele fazer uma discriminação dessa, eu não aceito!

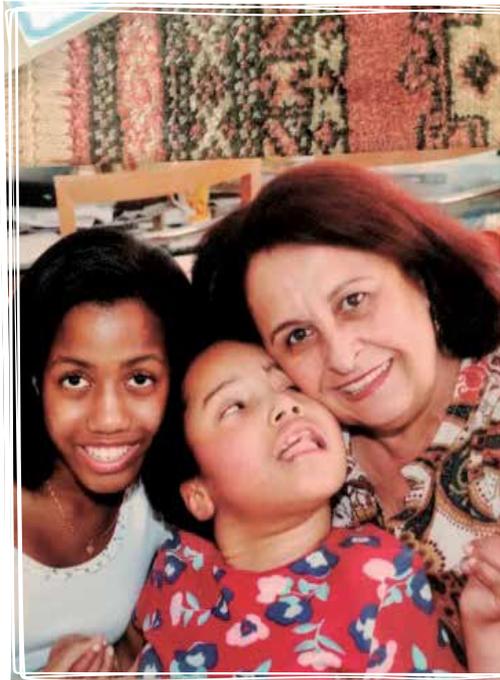
Foi uma situação bem delicada, mas valeu. Depois disso, a turma, como um todo, amadureceu, e ela nunca mais teve problemas naquela escola. Mas até hoje eu sinto. Eu achava que a questão do negro havia ficado lá atrás, mas,



através da Ana Beatriz, eu percebi que isso ainda é muito presente na nossa sociedade. Às vezes, as pessoas esquecem que eu tenho uma filha negra e mostram o quanto são racistas, sem perceber que me machucam com isso.

Independentemente disso tudo, Ana Beatriz só me deu motivos de orgulho. Hoje, aos 22 anos, além de uma moça linda, ela é universitária e se prepara, com muita dedicação, para uma carreira em relações internacionais, conquistando, dia após dia, seus próprios passos e caminhos.

Acho que ser mãe é sobretudo uma oportunidade de sentir o amor incondicional. A Ana Beatriz me traz muito isso porque, ao longo de toda a vida, me fez experimentar essa verdade. Por exemplo, quando um filho faz uma coisa errada, o que está errado é a atitude, o amor continua intacto. A gente mistura muito esse sentimento quando lida com outras pessoas. Mas quando se trata de um filho, o amor é limpo. Não é uma coisa errada que ele faça que vai levar você a deixar de gostar dele. Não! O amor fica, ainda que você precise se trabalhar muito para engolir aquela atitude. A chateação não tem nada a ver com o amor, tem a ver com a atitude.





No final das contas, o que ficou para mim foi que valeu! Faria tudo de novo. Do jeitinho que foi. O que eu hoje diria para alguém que quer adotar? Diria que é a melhor coisa. Se você tem vontade, faça. Realize o seu sonho se você quer ser mãe. Adote, se você sente que uma criança vai fazer diferença na sua vida. Seja qual for a idade da criança. O bem que você fizer para você, aí sim, se refletirá naturalmente naquele que recebe. Eu só lamento ter acordado tarde. Provavelmente, se eu tivesse acordado mais cedo, eu teria adotado mais uma criança. Não tenho dúvidas! Quem sabe seria a Helena? Fica o sonho para uma próxima encarnação...







A história de Luísa e Júlia

Marcilene Rita de Oliveira

Meu nome é Marcilene Rita de Oliveira. Casei-me, em fevereiro de 2006, com Marco Túlio de Castro. Somos advogados militantes em Divinópolis, Minas Gerais.

Neste texto, contarei nossa história com a adoção.

Alguns anos após nosso casamento, surgiu o desejo de nos tornarmos uma família maior, ter filhos, como a maioria dos casais, embora sabedores de nossas limitações físicas para tanto. Já imaginávamos que o caminho seria longo, através de tratamentos, ou através da adoção, que já havia sido pactuada antes mesmo do nosso casamento. Assim, como não era possível a realização desse sonho de forma natural, primeiramente buscamos tratamentos em clínicas de fertilização em Belo Horizonte, que, mesmo com nossa persistência, não resultaram em gravidez.

Ainda no árduo caminho pelos tratamentos, clínicas e fertilizações, em maio de 2012 ingressamos com o processo para habilitação para adoção, participamos dos cursos e entrevistas com as psicólogas e assistentes sociais da nossa comarca e, em 2013, finalmente, já compúnhamos a fila do cadastro para adoção de nossa comarca, bem como do Cadastro Nacional de Adoção.

Logo no início da nossa espera, foi-nos ofertado um bebê, por uma mãe que estava grávida, em situação de risco, devido às drogas. Mas sabíamos que não era legal aceitar uma criança dessa forma. Recusamos e imediatamente informamos ao pessoal do psicossocial de nossa comarca, que tomou as





providências cabíveis para o encaminhamento daquele bebê ao abrigo e, após, ao casal que estava na primeira posição na fila de adoção da comarca.

Quando fomos abordados por aquela mãe, fizemos a análise sobre a possibilidade de aceitarmos, com fundamento na “adoção à brasileira”, prescrita no nosso Estatuto da Criança e do Adolescente. Mas observamos que não era possível, não se enquadrava honestamente no artigo da lei, razão pela qual decidimos não aceitar.

Para nós, era muito importante contar a verdadeira história da criança a ela. Por isso, decidimos não aceitar aquela adoção e permanecer na fila de adoção da nossa comarca até que fôssemos chamados para regularmente sermos pais por adoção.

Ainda durante a espera pela adoção, como era prevista a demora na fila, fizemos mais alguns tratamentos de fertilização, sempre em vão. Nunca ocorreu gravidez.

Decidimos, então, dedicar-nos ao trabalho e aproveitar, enquanto tínhamos tempo e disponibilidade, para realizar viagens e outros desejos pessoais e do casal, além de desfrutarmos de uma vida social ativa.

Ocorreu, então, que, no dia 6 de outubro de 2017, estávamos em Belo Horizonte, num supermercado, quando Marco Túlio recebeu a ligação que mudaria nossas vidas. Lembro-me como se fosse hoje. Ele atendeu a ligação e disse: “Psicossocial? Uma menina? Seis meses? Vou passar o telefone pra minha esposa”. Naquele momento, eu explodi de alegria, foi a ligação mais importante e que mudaria tudo para sempre.

Era uma sexta-feira à tarde, e a psicóloga pediu que fôssemos naquele dia mesmo ao Fórum de Divinópolis para ela nos informar sobre a menina. Como o trânsito em Belo Horizonte é muito tumultuado, eu pedi a ela que me passasse as informações por telefone mesmo, para que nós pudéssemos conhecer a criança no sábado. Ela disse que, por telefone, não passaria mais informações, mas que poderia nos esperar no Fórum, até chegarmos.

Foi a viagem mais demorada de nossas vidas. Saímos de Belo Horizonte por volta das 17 horas e só conseguimos chegar ao Fórum, em Divinópolis, às 21





horas. A psicóloga nos esperava e, finalmente, nos mostrou a foto daquela que seria nossa filha.

No sábado, fomos conhecê-la no abrigo. Logo nos impressionamos, pois ela se parecia muito com o Marco Túlio. Ela era saudável, gordinha, fofinha, linda, mas tinha um semblante triste. Não pudemos levá-la imediatamente para casa, porque dependia de requerermos a guarda, o que poderia ser resolvido apenas a partir da segunda-feira.

Entramos em contato com uma colega advogada, para que cuidasse dos trâmites legais, enquanto preparávamos o enxoval, o quarto, a casa e, principalmente, nossa vida, pois tínhamos prazos a cumprir, audiências a fazer, reuniões em outras cidades, tudo com nosso emocional extremamente feliz.

Importante mencionar que tínhamos e temos uma grande fé em Nossa Senhora Aparecida. Visitamos anualmente o Santuário Nacional de Aparecida, morávamos muito próximos do Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Divinópolis e servimos naquela paróquia, como Ministros da Sagrada Eucaristia. Praticamos nossa fé, através de uma vivência ativa na Igreja.

Assim, como não poderia ser diferente, no dia 11 de outubro de 2017, recebemos a guarda da nossa filha e a levamos para casa no mesmo dia. Costumamos dizer que só foi dia 11, porque dia 12 é feriado, e exatamente por isso não seria possível recebermos a grande graça de nossa vida no dia dedicado àquela que nos protege, nos ampara e nos guiou durante o árduo percurso pela espera da nossa filha. Na verdade, consideramos que foi exatamente nesse tão importante e abençoado dia.

Então, tínhamos que escolher o nome de nossa filha. Desde namorados, gostávamos do nome Luísa, mas, ainda na dúvida, resolvemos pesquisar quem foi Luísa na história da Igreja e encontramos a Santa Luísa de Marillac, menina adotada, que dedicou sua vida a cuidar dos necessitados. Ficamos impressionados com a coincidência, pois, apesar de gostar do nome, nunca tínhamos ouvido falar sobre a história dessa santa que foi adotada! Não restaram dúvidas de que o nome “Luísa” aguardava por ela.

Além de todas essas alegrias, vimos que, na certidão de nascimento primitiva, apesar de Luísa ter nascido em 24 de março de 2017, ela foi registrada no dia 22 de maio, dia do meu aniversário!



Ela chegou com seis meses e 17 dias de vida, linda, muito fofo e muito parecida com o pai adotivo. Nossa casa ficou com perfume de bebê, parecia que o mundo todo parou para vivermos aqueles momentos com nossa filha.

Já na primeira noite, ela dormiu a noite toda, estava muito tranquila, calma, e, ao conhecer as avós, começou a sorrir. Recebendo nosso amor, começou a mudar o semblante triste para um leve e feliz. Assim pudemos perceber que ela também nos adotou com muito amor.

Nossa família também a adotou. A felicidade era estampada no rosto de todos, nossos amigos, vizinhos, comunidade da igreja, colegas de trabalho, funcionários e todo nosso ciclo social também adotaram a Luísa com todo o carinho.

Nossa felicidade não parou por aí!

Levamos Luísa ao pediatra, fizemos vários exames, que constataram que ela tinha uma saúde plena, totalmente normal. Nasceu saudável e permanecia assim. Sua mãe biológica a deixara no hospital por não ter condições físicas, mentais e emocionais para criar e cuidar da filha. Embora tivessem sido feitos exames em Luísa nessa época, estes nunca tinham sido apresentados aos pediatras que cuidaram anteriormente dela. Por isso, os buscamos para que o nosso pediatra os analisasse e assim pudéssemos guardá-los, já que eram do dia do nascimento.

Pensando nesse cuidado, Marco Túlio foi até o hospital e solicitou à enfermeira-chefe tais exames. Ao realizar a pesquisa no sistema do hospital, pelo nome da mãe biológica, a enfermeira noticiou a ele que a Luísa teria uma irmã ou um irmão, pois sua mãe estava grávida novamente.

Assustado com a notícia, Marco Túlio me ligou imediatamente, e, no meu coração, eu senti que teríamos outro bebê. Nessa hora, o sentimento foi bastante confuso. Não sabíamos se nasceria, se a mãe entregaria esse outro bebê também para adoção e, se entregasse, não sabíamos se poderíamos adotá-lo. Mesmo assim, sem entender direito, eu passei a sentir um amor incondicional por aquele bebê. Rezava por ele e pela mãe todas os dias, afinal seria irmã(o) da nossa filha.



Esperei passar alguns meses, imaginando que a gestação já estaria no fim, e liguei para a advogada que cuidara dos trâmites processuais do caso da Luísa, pedindo a ela que averiguasse se teria nascido o bebê irmão de Luísa.

Imediatamente, ela me respondeu que, no dia anterior, ficou sabendo que a irmã da Luísa nascera e estava abrigada, pois, assim como a Luísa, foi deixada no hospital logo após o parto.

Sem questionar, pedimos que aquela advogada requeresse a guarda dessa outra criança para a criarmos juntamente com sua irmã.

Luísa estava com um ano e dois meses, iniciando os primeiros passos, e então recebemos nossa filha mais nova, Júlia, que já contava com quatro meses de vida. A diferença de tempo entre elas é de apenas 10 meses e 15 dias, pois a Luísa nasceu em 24 de março de 2017, e a Júlia nasceu em 10 de fevereiro de 2018.

No dia do nascimento da Júlia, comemorávamos 12 anos de casamento!

Nós requeremos a guarda da Júlia sem a conhecer. Já sabíamos que era nossa filha bem antes de ela nascer, por isso abrimos mão de vê-la fisicamente.

Mas, no dia em que recebemos a guarda e fomos, eu e Marco Túlio, ao abrigo buscá-la, ela nos sorriu com tanta pureza, com tanto amor, olhava para mim como se já me conhecesse por toda sua pequena vida. Eu a segurei nos braços, e ela não tirava o olhar de mim, e o sorriso de seu pequeno rostinho de bebê de quatro meses... Foi muito emocionante, momento que guardarei para sempre em meu coração.

Levamos a Júlia para casa, a apresentamos à Luísa, as duas logo se sentiram irmãs, como efetivamente são. Não houve qualquer trauma de adaptação, o amor sempre se destacou na relação entre elas.

Júlia tem a cara da alegria, sorri sempre, chama a atenção de todos por onde passa, fica sempre ligada nas pessoas, todos se apaixonam por ela. É uma criança muito feliz.

Passamos por muitos desafios, já que duas filhas com idades muito próximas demandam muita atenção e cuidado. Mas nunca nos arrependemos de



recebê-las como filhas; pelo contrário, nos sentimos abençoados pela graça de podermos criar e cuidar dessas duas lindas meninas.

Contamos a elas, de forma bastante lúdica e natural, as suas lindas histórias. Sempre, em minhas orações, peço a Deus a graça de cuidar da mãe biológica delas, assim como dos pais, que, provavelmente, não são a mesma pessoa, dadas as diferenças físicas entre elas; nosso sentimento por eles é de gratidão.

A mãe biológica, principalmente, foi muito digna, ao deixá-las no hospital, já que não teria condições de cuidar e criar. Penso muito no amor dessa mãe por elas, já que superou até mesmo a condição instintiva de ficar com o filho, independentemente da forma como poderia criá-lo.

Os oficiais de justiça da comarca a procuraram em diversos lugares onde poderiam encontrá-la, fizeram até investigação, mas não a acharam; no processo, há um relato dela, dizendo que não é de Divinópolis, que estava apenas de passagem.

Como explicar o fato de essa mulher passar por aqui e deixar essas duas lindas crianças nos nossos braços? Entendo que foi um milagre, que ela é uma enviada de Deus, para fazer nossas filhas chegarem até nós.









Adoção, um plano maior para minha vida

Maria Elaine Bragança de Souza

Eu tracei um plano de vida. No entanto, Deus tinha algo maior para mim: a adoção de um ser humano, que, a princípio, não estava nos meus planos.

Após um ano de casamento, eu e meu marido começamos a tentar engravidar, porém, logo tomamos ciência de que não seria possível pelo meio tradicional. Fizemos vários tratamentos de fertilização *in vitro*, sem sucesso. Assim se passaram 10 anos. Durante esse período, estudei e passei no concurso do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, até que começamos a conversar sobre adoção, porque desejávamos ter filhos.

O que é adoção? O que é ter um filho? Quais são as responsabilidades que advêm desse ato? Meu marido foi resistente à ideia no início; esperei dois anos para ele decidir se queria se tornar pai por meio da adoção. Até que, durante uma viagem, ele me disse que concordava em adotar uma criança. Fiquei feliz com a ideia. Finalmente, meu sonho se realizaria. Nesse momento, começamos a escolher o nome para o nosso filho, com a condição de ser um nome proveniente da Bíblia. Assim, se fosse menina, seria Raquel Bragança Souza, e, se fosse menino, seria Pedro Bragança Souza.

No dia seguinte, quando chegamos de viagem a Belo Horizonte, meu marido foi ao Juizado da Infância e da Juventude para obter informações sobre o processo de adoção. Senti que ele precisava providenciar a documentação necessária para amadurecimento pessoal. Então, passamos por entrevistas com psicólogo e assistente social, mais o curso de preparação para adoção



oferecido pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Mas o mais estranho que achamos foi escolher o perfil da criança, se seria branca ou parda, idade, com doença tratável ou não, vítima de abuso ou não, e o sexo da criança. Nós nos sentimos constrangidos no início com esse fato, parecia que estávamos fazendo a compra de um produto; mas pedimos a direção de Deus e continuamos em frente. Decidimos que seria um bebê de até um ano, da cor parda ou branca, e com doença tratável, uma vez que queríamos vivenciar os primeiros anos de vida dessa criança, porque, afinal, estamos gerando um filho no nosso coração, com a diferença de que as nossas decisões definiriam as características físicas do nosso filho. Após dois anos, estávamos habilitados e na fila de adoção.

No dia 20 de junho de 2013, fomos surpreendidos com a ligação da assistente social do Juizado da Infância e da Juventude, uma vez que foi nos dito que o tempo de espera na fila de adoção, devido ao nosso perfil, era de aproximadamente quatro anos.

Haviam-se passado nove meses e alguns dias na fila de adoção. Meu marido, ansioso, ao telefone me pergunta onde eu estava, pois já havia me procurado no meu local de trabalho. Dizia que nós tínhamos apenas duas horas para chegarmos juntos ao Juizado da Infância e da Juventude, na Av. Olegário Maciel, no Centro. Foi quando eu lhe disse: “Estou em casa, lembra? Inverti o meu horário de trabalho por causa das minhas avaliações da faculdade!”. A resposta dele foi: “Me espera na portaria do condomínio, estou chegando aí para te buscar”. Olhei para os meus livros e não enxerguei mais nada, meu corpo congelou. Na época, eu estava tendo hemorragia e teria de passar por uma cirurgia para retirada de um mioma no útero. Respirei fundo e olhei para o nosso apartamento, não tinha mais onde ter bagunça, a pia da cozinha estava lotada de louça suja. Ao invés de me arrumar... eu fui lavar as vasilhas. Pensei: “Como iríamos receber nosso filho? Não havia nada preparado”.

Em poucos minutos, meu marido abriu a porta nervoso, porque eu não o estava esperando na portaria. Falou: “Você nunca lava vasilha, agora que você vai lavar?”. Fomos calados dentro da viatura policial (meu marido é militar e estava trabalhando, não havia tempo para ele trocar de roupa ou de carro, pois, nisso, já se havia passado uma hora, mais ou menos, que ele estava me procurando, segundo ele). Ao chegarmos ao Juizado da Infância



e da Juventude, contaram-nos primeiro a história do bebê. Era um menino, recém-nascido, sua genitora o deixou no hospital e não quis vê-lo. Informaram-nos que ela assinou todos os documentos junto com a sua mãe. Ao final, perguntaram se queríamos conhecê-lo.

Quando eu vi o Pedro pela primeira vez, senti medo. Era meu filho ou não? Como ter certeza? O bebê era tão pequenino! Souza me perguntou: “É assim mesmo?”. Eu respondi nervosa: “Acho que todo bebê tem cara de joelho”. Mas foi quando o segurei nos meus braços que senti uma ternura pelo meu filho. Acho que, nesse momento, eu senti a presença do amor de Jesus, que permitiu o nascimento do meu filho para mim. Naquele momento, entrou a psicóloga e perguntou: “Então, o que vocês decidiram?”. Eu olhei para o meu marido, e ele me perguntou: “Vamos levá-lo para casa?”. Naquele momento, entregamos os nossos documentos para providenciarem o termo de guarda, e meu marido teve ciência de que a data de nascimento do nosso filho era a mesma data de nascimento da sua mãe, que havia falecido há um ano. Foi o sinal de Deus que faltava para ele ter certeza, uma vez que minha sogra não era favorável à adoção (só fiquei sabendo desse fato depois).

Liguei para minha mãe, meu pai atendeu e deu um grito de alegria do outro lado da ligação, junto com ela. Ouvi do outro lado da linha: “Estou indo para a rodoviária conhecer meu neto, chego aí de madrugada”. Na época, eles moravam no Rio de Janeiro. Nós ganhamos uma fralda, uma mamadeira, a receita com o nome do leite para dar ao Pedro e fomos para casa de viatura policial. Foi o colega de trabalho do meu marido quem nos lembrou de comprarmos fralda, lenço umedecido e o leite. Paramos na primeira farmácia que vimos. Liguei para a madrinha do meu filho, que mora em Vespasiano, e ela também veio nos ajudar. Naquele dia, à noite, fomos ao *shopping* fazer o enxoval (a vendedora também ficou feliz, afinal exagerei um pouco nas compras). Não havia tempo de lavar e secar nenhuma das roupas do meu filho, pois estava muito frio. Ele usou as peças só passadas. Não tínhamos berço, e o medo de machucar o nosso bebê era tão grande que o colocamos deitado em um colchão aos pés da nossa cama. Assim, podíamos admirá-lo enquanto ele dormia. Estávamos tão felizes, que simplesmente não conseguimos dormir naquela noite. Minha mãe chegou de madrugada toda sorridente perguntando onde estava o Pedro (eu me lembro de que a madrinha dele e minha mãe até tentaram pegá-lo durante a noite para dormirmos, mas não deixamos).



Aliás, passamos a primeira semana sem conseguir dormir, só olhando para o nosso Pedro (meu docinho mais gostoso), não acreditando que finalmente havíamos encontrado nosso filho tão sonhado. Lembro que foi muita correria, inclusive por causa da cirurgia que tive de fazer, uma confusão de sentimentos, de alegria, de felicidade, sentíamos que o nosso amor se fortalecia a cada dia pelo nosso filho, e meu marido, na primeira semana de vida dele, disse-me que queria adotar mais um bebê, queria dar um irmãozinho para o nosso filho. Minha única condição foi que eu queria uma menina.

Pedro era um bebê lindo, carinhoso, cauteloso, risonho, ele não gostava de comer comida sólida e vomitava quando insistíamos. Também tinha crise de bronquite, mas, segundo a pediatra, seu desenvolvimento estava dentro da normalidade. Contudo, ele não conseguia desenvolver a fala, e isso me deixou preocupada. Por isso, nós o levamos a uma fonoaudióloga e seguimos a sua orientação, sem sucesso. Após três meses de tratamento, ela pediu para fazermos uma consulta com um psiquiatra infantil. Naquele momento, não perguntei o motivo, quando cheguei em casa, é que eu me perguntei o porquê. Comecei a observar o meu filho e vi que ele tinha mudado o comportamento. Foi quando comecei a pesquisar na internet sobre comportamento infantil e me deparei com o autismo. Ficamos assustados, e me deu um desespero (será que eu tinha feito alguma coisa errada?). Chorei escondida. Quebrei um avião que o Pedro ficava sempre girando e olhando fixamente apenas por raiva (por que o meu filho?) e o coloquei para dormir na minha cama, porque percebi que o Pedro já não queria mais contato visual e físico conosco. Senti que estava perdendo o meu filho. Foi horrível. Desse modo, tacitamente o adotamos novamente, com nosso amor incondicional, paciência e aceitação de que o nosso filho não é o que nós idealizamos, e sim o que Deus havia preparado para nós. Doeu muito saber que o meu filho nunca seria uma criança típica, mas, ao mesmo tempo, eu sentia um medo enorme de perdê-lo para o autismo e não conseguia imaginá-lo em outro lugar. A partir daquele ano, nossa vida tornou a mudar novamente. Nós nos concentramos nas terapias (fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, equoterapia...) e começamos a ler e estudar sobre formas de ajudar o Pedro a encontrar o equilíbrio.

Mas continuamos nossa vida com a alegria de termos nosso filho e em oração pela vinda da nossa filha, Raquel. Pedro estava com dois anos quando fomos habilitados e incluídos na fila de adoção novamente. Dessa vez, foi



mais tranquilo, pois já conhecíamos o procedimento. Como optamos por uma menina, branca ou parda, de até um ano, com doença tratável, disseram-nos que a espera seria longa. Assim, continuamos nossa vida com a alegria de termos nosso filho e estarmos fazendo parte de sua vida. Pedro estava respondendo bem às terapias, e decidimos confiar nos planos de Deus.

Em 2018, eles nos ligaram: era um bebê dentro do nosso perfil. Gelei. “E agora, meu Deus, me ilumina para saber se é minha filha!”. Pedro ainda não estava falando. Fomos até o Juizado da Infância e Juventude, mas o bebê estava em um abrigo e havia tido sífilis congênita quando nasceu. Levei um susto e fiquei chocada. Pensei que isso não acontecia mais. Meu marido reagiu melhor que eu a esse fato. Só consegui pensar no tratamento do Pedro, que ainda fazia cocô na fralda. No entanto, o desejo de termos nossa filha era enorme. Assim, fomos ao abrigo conhecer a bebê. Levamos o Pedro conosco, por entendermos que lhe faria bem conhecer a sua irmã também, afinal estávamos conversando muito sobre esse assunto com ele e, todos os dias, orávamos juntos pela nossa filha Raquel. Para mim, estava tudo bem. Saímos do abrigo com a condição de voltarmos no dia seguinte, dessa vez sem o Pedro. Contudo, a assistente social nos ligou no mesmo dia à tarde, pedindo para não voltarmos ao abrigo no dia seguinte, pois precisavam conversar conosco antes. Meu marido olhou para mim e me disse: “Eles não vão permitir que adotemos esse bebê”. Eu me senti triste, péssima, e ele perguntou: “E agora, o que vamos fazer?”. Eu lhe respondi: “Eu quero a minha filha!”. Senti que ela estava me esperando em algum lugar, não sei onde, não queria e não poderia desistir dela. Passamos novamente por outra avaliação psicológica e conversamos muito sobre esse assunto. Mudamos o perfil para “sem doença tratável”, a fim de evitar problemas, e continuamos na fila de adoção e em oração.

Pedro estava se desenvolvendo bem, já havia parado de usar fraldas, e nós estávamos construindo uma casa maior em Ipatinga para podermos nos mudar pra lá. Tomamos essa decisão para que nossos filhos tivessem a oportunidade de estreitar os vínculos afetivos com os primos e avós maternos, uma vez que não tínhamos parentes próximos em Belo Horizonte.

No meio de ano de 2019, decidimos mudar o perfil com relação à idade de nossa filha para até dois anos. Já estávamos nos sentindo mais seguros





com relação ao Pedro e ansiosos pelo “nascimento da nossa filha”. Assim, procuramos o Juizado para fazer a alteração do perfil com relação à idade.

Contudo, logo depois, na semana do dia 20 de novembro de 2019, enquanto eu trabalhava, a assistente social me ligou e disse que havia uma menina (Giovana), com dois meses, dentro do perfil que nós escolhemos inicialmente, que ela estava disponível para adoção e se encontrava em um abrigo. Naquele momento, meu coração parou por um minuto. Eu senti que era minha filha, tive medo de perdê-la sem mesmo conhecê-la. Tudo o que eu queria era ver minha filha, mas teria de esperar até o dia seguinte. Liguei para o meu marido e expliquei a situação. Ele disse: “Fica calma, vai dar certo!”. Naquela noite, não conseguimos dormir, estávamos ansiosos demais. No dia seguinte, fomos até o Juizado da Infância e da Juventude para conversarmos sobre a história da minha filha. Enquanto ouvia a história de que a sua genitora engravidou de um homem casado, só soube da gravidez no quinto mês de gestação e resolveu dá-la em adoção, eu só pensava na minha filha. Eu queria vê-la e levá-la para casa. Entretanto, teríamos de ir primeiro até o abrigo conhecê-la. Saímos do Juizado com a carta de autorização para podermos conhecer a nossa Raquel (Giovana), e, em seguida, eu liguei para o abrigo a fim de agendar o horário para o dia seguinte, na parte da tarde. Quando chegamos, fomos recebidos por uma bebê sorridente que não tirava os olhos de mim nem do meu marido. Fiquei apaixonada por ela, queria levá-la para casa, não queria ir embora do abrigo sem ela. Assim, acabamos ficando até tarde, fomos embora porque tinha de buscar o Pedro na escola. Lembro que fiquei inconformada de não podermos levar nossa filha para casa. Liguei para a assistente social, contudo nos disseram que o juiz titular da vara estava de férias, e que a bebê estava bem cuidada. Teríamos de esperar pelo retorno do juiz e, enquanto isso, poderíamos ir visitar a Giovana (minha Raquel).

No terceiro dia, levamos o Pedro para conhecer sua irmã. Foi um sofrimento, senti muito medo de sermos julgados, não havíamos falado que o Pedro era autista e não sabíamos qual seria a reação da psicóloga do abrigo. Essa, para nós, foi a pior prova pela qual passamos. Graças a Deus, correu tudo bem, ele reagiu bem. Percebemos que ele sentiu ciúmes. Retornamos nos dois dias seguintes com o Pedro. Assim, passou uma semana, inclusive com um final de semana no meio sem direito a visita. Fiquei agoniada com essa situação, mas aproveitamos o tempo para fazer o enxoval. O tempo de visita



no abrigo é desconfortável, parece que estamos em um aquário e que estão nos observando. A impressão que tivemos é que estávamos sendo analisados, sem que nos conhecessem de verdade, e, ainda, tínhamos o receio de sermos prejudgados erroneamente.

Minha mãe chegou no final de semana para conhecer a neta. Na segunda-feira, também não conseguimos levá-la para casa. Na terça-feira, dia 26 de novembro de 2019, conseguimos o termo de guarda e fomos buscar nossa filha para nossa casa. Foi um momento único em nossas vidas. Ficamos extasiados quando saímos do abrigo com nossa Raquel e em paz. Finalmente minha filha iria para casa conosco.

Pedro chegou da escola e olhou para a irmã. Não deu ideia. Foi como se ele nos enxergasse pela primeira vez na vida dele. Lembro que, no dia seguinte, ele chegou da escola e olhou para a Raquel deitada no sofá e falou: “Bebê de novo!”. Era como se dissesse: “Esse bebê não vai embora?...”. Porém, ele se transformou de uma hora para outra. Começou a falar mais e a nos procurar. Estamos sempre fazendo a mediação entre os dois. Meu marido está aposentado (reformou) e ajuda a olhar as crianças, e sempre procuramos estar junto dos nossos filhos. Nós nos mudamos em janeiro de 2020 para nossa casa (chácara) em Santana do Paraíso. Raquel é uma menina precoce, andou com nove meses, está começando a falar e fica o tempo todo atrás de nós. Ela gosta de ficar em cima do Pedro ou perto dele; puxa o cabelo dele, bate nele para chamar a sua atenção, e ele lá parado. Quando ela era mais novinha, ele a pegava no colo e a mudava de lugar. Logo ela chorava. Nós conversamos com ele sobre como a Raquel se sentia e explicamos que não pode. Hoje ele só fala: “Para, Raquel, de puxar meu cabelo... para, Raquel, de me bater... não pode!”.

Raquel trouxe renovação do amor para nossa família. Ela completou as nossas vidas, inclusive a do Pedro. Não conseguimos imaginar nossas vidas sem os nossos filhos. Para mim, um completa a vida do outro, e a nossa também.

Meus pais, primos e tias são apaixonados por ela. Meu pai às vezes brinca que a Raquel vai ficar no sítio. Pedro fica muito bravo e diz: “Mamãe, entra no carro. Papai, entra no carro. Raquel, entra no carro. Levar Raquel pra casa!”. Só consegue se acalmar quando todos estamos a caminho de casa.

Aprendemos que o amor, quando cultivado, cresce e pode dar bons frutos para todos ao nosso redor.

Estamos passando por um processo de evolução constante. Procuramos demonstrar o nosso amor pelos nossos filhos e conversamos sobre a adoção normalmente, inclusive na frente das crianças. Procuo não pensar na reação dos meus filhos quando tiverem ciência de que foram adotados, pois entendemos que é um direito deles saberem a verdade sobre o seu nascimento. Contamos histórias infantis sobre adoção para as crianças, a fim de inserir o assunto e incentivar perguntas por parte do Pedro. Ele está com sete anos e até agora não nos perguntou sobre esse assunto. Apesar disso, às vezes, eu penso que ele já sabe, porque usamos o espelho para explicarmos as diferenças entre as pessoas ou para podermos brincar de riscar e desenhar, e ele é bem moreno, e nós somos brancos. Fisicamente não nos parecemos, no entanto, a personalidade dele a cada dia que passa fica mais parecida com a do pai. É impressionante, e a da Raquel o pai dela fala que está ficando igual à minha (risos).

Devido à pandemia, no momento, estou em teletrabalho. Está sendo um aprendizado para todos nós. Procuramos respeitar as diferenças de cada um e conviver com elas, aceitando cada um como somos de verdade. Eu me sinto grata a Deus, pela oportunidade de ter finalmente encontrado meus filhos, e à minha família, que sempre nos apoiou. Também nos sentimos mais fortes quando estamos perto deles, e privilegiados, principalmente quando nos chamam de mamãe e papai, porque esse foi o plano de Deus para nossas vidas.

Os dias passam sem percebermos, todos os dias nossos vínculos afetivos são fortalecidos por meio de um sorriso novo que as crianças nos dão ou de uma palavra nova que elas falam, ou quando o Pedro faz bonito na piscina, nadando para chamar nossa atenção, e a Raquel tenta acompanhar o irmão. Ou um beijo inesperado. Sempre há uma nova descoberta, uma surpresa boa. Por exemplo, quando o Pedro disse: “Te amo!”. Eu me segurei para não chorar. Ou “Mamãe, tirei o dente!” ou “Mamãe, olha só pra mim, eu tirei o dente!” ou “Mamãe, vem dormir comigo!”. Raquel para nós representa a esperança de que as coisas podem ser diferentes. Ela é cativante, sempre com um sorriso no rosto e nos procurando o tempo todo para conversar. Andou



com nove meses e tem um entendimento das coisas ao seu redor que nos deixa impressionados por causa da sua idade.

Nosso desafio, no momento, é a alfabetização do Pedro e as aulas *on-line*, mas sei que ele vai conseguir no tempo dele, assim como ele já superou várias etapas. Com relação à Raquel, é dar a ela um tratamento de acordo com a sua idade, e não de acordo com suas atitudes, porque ela é muito esperta.

Eles são “o polo sul e o polo norte”, porque têm personalidades muito diferentes um do outro, mas os dois completam as nossas vidas, e um a vida do outro.

Entendo que a renúncia é um ato praticado constantemente quando optamos por ter filhos, pois nossas atitudes é que vão definir o comportamento deles. Por exemplo, fica mais fácil lidar com uma crise de birra da Raquel quando conto de um até dez e respiro, ou com uma crise do Pedro (autista) quando simplesmente paro e fico observando ele se acalmar e vendo se não vai se machucar. E então pergunto: “Você está mais calmo, podemos conversar?”. E depois explico, de forma objetiva, o que está errado e, se ele fez algo errado, retiro as coisas de que ele mais gosta, desenho ou o acesso ao telefone celular, por um tempo. Se a crise é de grito, peço para ele ir para o seu quarto, fechar a porta e gritar e depois voltar para conversar. Por enquanto, tem dado certo na maioria das vezes. Nós renunciamos a castigos físicos ou psicológicos, porque achamos essas atitudes abusivas.

Queremos que nossos filhos sejam independentes e tenham opiniões próprias. Meu lema é: “Você consegue, porque você é forte e inteligente”. E faço o que tem de ser realizado junto com eles, e não para eles. Aprendi com o Pedro que toda brincadeira tem a sua função social.

No entanto, até agora, a nossa lição aprendida foi de que tudo pode mudar a qualquer momento e de forma inesperada, e que ninguém é perfeito, mas são essas diferenças que nos tornam pessoas melhores.

Vivemos o presente pensando no futuro para os nossos filhos; nós nos sentimos felizes e em paz como mamãe e papai do Pedro Bragança Souza e da Raquel Bragança Souza, meus filhos gerados no amor e no encontro das nossas almas, frutos da escolha de Deus para os nossos destinos. Também gosto de pensar que, de algum modo, nossos filhos nos escolheram, pois ambos



são crianças tranquilas e parecem ser felizes conosco. Todos que participam do nosso círculo familiar acolheram muito bem nossos filhos e têm um carinho especial por eles. Eu brinco que minha Raquel é um bebê apaixonante, e o Pedro foi o meu primeiro docinho, com um sabor único.

Temos plena consciência de que continuaremos tendo grandes desafios pela frente, como qualquer família, mas estamos tranquilos com relação a esse fato, pois a minha família, há 20 anos, está sendo construída no amor de Deus, e acreditamos na lei do retorno. Todos os dias, pedimos a Deus sabedoria, para sabermos falar as palavras certas no momento adequado, e saúde, física e mental, para os nossos filhos, que Ele nos dê amor no coração uns pelos outros, e agradecemos a Ele por tudo que tem feito e por tudo que ainda há de fazer por nós.

Optamos por sempre falarmos a verdade para as crianças, mas de modo que elas entendam, sem pular etapas. Nós nos sentimos gratos também aos genitores dos nossos filhos, por terem nos dado a oportunidade de termos encontrado nossos filhos. Assim, vamos crescendo e evoluindo um com o outro, em constante aprendizado e renovação do amor.

A verdade é que não existe uma fórmula mágica para sermos uma família, seja por vínculo sanguíneo ou afetivo. Acreditamos que tudo nesta vida é uma escolha, e junto vêm as suas consequências, mas o que temos certeza é de que vale a pena amar e viver.



Meu marido e eu, Raquel e Pedro.



Pedro Bragança Souza, sete anos.



Raquel Bragança Souza, um ano e dois meses.







Adoção: ato de amor incondicional sem racionalidade

Maria Helena Militão

Meu nome é Maria Helena, sou mais conhecida como “Lena costureira”, a minha história não é exceção em um país como o Brasil, que tem, em sua grande maioria, e como formação, a população negra e pobre. Eu sou mais uma, a minha história podia ser bem comum entre tantas, mas resolvi dar um sentido muito maior a ela, um propósito em que acredito. Então, vamos lá, vamos entender como a adoção entrou em minha vida de maneira inusitada e como foi a minha trajetória.

Eu venho de uma família que tem origem em Oratórios, que era então distrito da cidade de Ponte Nova, no Estado de Minas Gerais, com uma população de cinco mil pessoas aproximadamente. Sou a irmã mais velha de sete irmãos e que depois se tornaram nove. Como uma boa família do interior mineiro, naquela época, a filha mais velha se chamava Maria e o filho mais velho se chamava José, portanto, temos aí o significado do meu nome Maria, por ser a filha mais velha, e Helena por causa da protagonista da radionovela *O direito de nascer*. Meu pai, Sr. Polino, como é chamado, e minha mãe, Terezinha, eram trabalhadores braçais de roça e lavoura e, depois, abriram uma pequena venda que tinha de banha de porco a cachaça para vender. Tanto meu pai quanto minha mãe não eram alfabetizados, por isso o estudo, para eles, nunca fora uma prioridade e um desejo para os filhos. Estudei até o quarto ano primário e, mesmo assim, indo escondida para a escola,





saindo do meu trabalho da venda sem que meu pai notasse, e com a ajuda das professoras, porque eu que fazia as anotações e leituras necessárias na venda. Inclusive, lembro-me de uma passagem em que eu estava com tanto frio na escola, por não ter agasalho, que a professora me mandou ficar no sol para esquentar.

Assim foi a primeira fase da minha vida; apesar da pobreza extrema, era uma vida feliz, perto dos meus primos, no interior, e com a grande influência da minha avó paterna, Sá Ana, que teve um lugar preferencial na minha vida e que tem grande responsabilidade pela pessoa que sou hoje.

Aos 14 anos, meu pai chegou em casa e disse que mudaríamos para Belo Horizonte, para tentar uma vida melhor, pegando todos de surpresa; mudamos um mês depois, colocando toda a bagagem em cima do caminhão e partindo para a cidade desconhecida, que era a capital mineira. Fomos morar na periferia de BH, em um bairro denominado Nazaré, perto de um córrego e com uma situação muito precária. Lembro-me de que ficava imaginando como seria Belo Horizonte e vislumbrava uma cidade grande, estruturada, mas, quando cheguei e vi onde moraríamos, fiquei intrigada e decepcionada, pois era pior que o nosso interior.

Em Belo Horizonte, meu pai conseguiu alcançar o seu propósito, e a nossa vida financeira realmente melhorou; na venda que ele abriu, por ser em um bairro que estava começando e não tinha comércio direito, tudo que era exposto era vendido. Mas, como a vida não é justa, se a vida financeira melhorou, outros aspectos pioraram, meu pai se tornou alcoólatra e agredia constantemente minha mãe, verbal e fisicamente, e a nossa vida se tornou um verdadeiro inferno.

Com 22 anos, não suportando mais ver a situação a que era exposta a nossa família, saí de casa e fui tentar minha vida, uma nova sorte. Estava, nessa época, trabalhando como *arremateira* e comecei a aprender a costurar, durante meu horário de almoço, em uma fábrica de calça jeans. Mesmo com toda dificuldade, aprendi, de maneira autodidata, esse ofício e consegui emprego em uma fábrica de costura; e foi assim que aprendi a profissão da minha vida.

Nessa fase, começa um novo momento para mim; como fora sempre privada de uma vida social na adolescência, por ter que ajudar no trabalho e com a



família, essa era a primeira vez que tinha salário e podia sair e conhecer a vida social de BH.

Em um desses eventos sociais, conheci o pai da minha filha e, algum tempo depois, para minha angústia, me vi grávida. Chamei-o para conversar, e ele me falou que não estava pronto para ser pai. Ao contrário dele, eu estava pronta para ser mãe e decidi ser mãe solo e criar a minha filha, minha Isabela de Souza Damasceno.

Como a vida não é fácil e tem sempre que nos oferecer provações e dificuldades, para melhorar o enredo, quase morri no parto, por diversas complicações, e tive também uma mastite. Para dificultar ainda mais, morando de aluguel em um barracão, dependendo desesperadamente do meu trabalho para viver, me encontrei mais uma vez em uma situação complicada; foi a primeira vez em que tive medo de morrer, ao mesmo tempo em que caía na real e percebia que tinha uma pessoinha que só contava comigo para sobreviver.

Mas, felizmente... Depois da tormenta vem mesmo a bonança, a Bel foi crescendo e se mostrando uma menina inteligente e resolvida, toda dona de si, e as coisas foram se ajustando, me mostrando que o importante é manter a integridade e o amor.

Então chegou o dia em que ficamos sabendo que minha mãe tinha sido acometida de um câncer agressivo; em pouco tempo, faleceu, deixando o legado da grande mulher que ela fora. Voltei a morar na casa do meu pai, para ajudar a criar meus irmãos mais novos, que ainda se encontravam adolescentes.

Nova fase aí se inicia, meu pai, que, antes, renegava a Isabela, ficou encantado com ela, e ela, com ele. Eu trabalhava firme para a criação dos meus irmãos e da Isabela, que seguia crescendo, cheia de vida. Continuamos morando na periferia de Belo Horizonte, mas, no aniversário de 11 anos da Isabela, vi que seria melhor criá-la em uma cidade pequena, o nosso bairro ficava cada vez mais perigoso.

Com a minha determinação e impulsividade, mudamos eu e minha filha para a cidade de Mateus Leme, e, hoje, faço a leitura de que era o destino conspirando para a entrada do Jefinho na nossa história. Morávamos de aluguel,





e montei uma lojinha de costura. Isabela, sempre inteligente e proativa, fez prova para um colégio federal, onde iria estudar o dia todo e fazer um curso técnico, o que gerou vários gastos. Esforçava-se muito e fazia tudo para que o seu sonho, que era estudar, se tornasse realidade, e foi nesses tempos que comecei a sentir que ainda nos faltava algo, que era preciso que ocorresse algo maior na história de nós duas.

Então, um dia, uma amiga minha, também costureira, me intimou para ser testemunha dela, em uma ação de alimentos, na comarca de Mateus Leme, e, enquanto eu lá aguardava, veio-me um sentimento de que eu deveria me inscrever para a adoção. Assim, sem muito pensar, mas cheia de afeto no coração, caminhei para a sala da assistente social, que me atendeu de uma maneira tão linda e acolhedora, que fiz mesmo a minha inscrição, em que exigi apenas uma coisa: eu queria uma criança — independentemente de sua situação, idade, ou estereótipo.

Algum tempo depois, Luzia, a assistente social, apareceu inesperadamente em minha casa: era para uma visita surpresa de sindicância! Não tínhamos xícaras e, nesse dia, um gesto simbólico de Isabela me mostrou que estávamos no caminho certo: enquanto eu estava conversando com a Luzia, a Isabela foi ao mercado próximo e comprou duas xícaras para “anotar”, no intuito de servir café — segundo ela, a xícara era importante para mostrar que queríamos a criança.

No começo, sendo aqui muito sincera, não tinha nenhum plano de adotar uma criança, tendo em vista minha situação financeira e minha condição de mãe solo. Naquele dia em que não resisti à minha impulsividade e fiz a inscrição, pensei mesmo que não daria em nada, mas as coisas foram acontecendo, não de uma maneira *racional*, mas *incondicional* — uso essas palavras porque, se analisarmos bem friamente, uma mulher negra, assalariada, sem casa própria, mãe solo, adotar uma criança é uma atitude totalmente irracional — mas o amor é incondicional.

A nossa história com o meu Jefinho começa nesse exato momento em que a Luzia chega lá em casa, de maneira inesperada, e diz que havia irmãos para adoção no abrigo municipal, mas me falando de um deles especificamente. Tratava-se de um menino de nome Jeferson, com seis anos de idade, e que ela achou que tinha meu jeito, com uma história de vida, até então, triste, a



mãe, garota de programa, usuária de droga, o pai gigolô, e que as crianças estavam passando fome e maus-tratos quando foram abrigadas, e foi destituído o poder familiar.

Na primeira vez em que vi o Jeferson, logo senti que o conhecia de outras vidas. Um olhar singelo, com os dentinhos todos estragados, cheio de manchas espalhadas pelo corpo, me chamando de tia. Nesse dia, eu decidi que seria mãe dele, e assim meu filho entrou na nossa vida.

Decidi, também, sempre deixá-lo ciente da sua própria história e do seu passado, respeitando toda a situação pela qual ele passou até chegar a nós. Ele sabe que Renata, sua mãe biológica, e seus cinco irmãos, residiam na mesma cidade que a gente. Expliquei a ele todo o contexto em que nasceu e contei que sua mãe engravidou pela primeira vez aos 13 anos de idade, tendo passado por todo tipo de violação que uma mulher pode sofrer, dando à luz crianças que precisavam ser protegidas, mas que, infelizmente, isso não ocorreu.

Tenho a lembrança exata do nosso último encontro com ela em vida: estávamos descendo a rua principal da cidade, e ela estava na porta do quartel municipal de Mateus Leme, envolvida em alguma ocorrência. Chamei o Jeferson e lhe disse para cumprimentar sua mãe. Ao ouvir isso, ela me falou que não era mãe dele, “a senhora que é” — abraçou o Jefinho e lhe deu uma foto 3x4 dela, a única lembrança que o Jefinho tem. Pouco tempo depois, Renata faleceu de forma trágica, no auge dos seus 30 e poucos anos. Levei o Jeferson ao sepultamento, para prestar as últimas homenagens a ela, e sempre conversei com ele sobre compreender toda a questão social a que ela fora exposta.

Cada um dos cinco filhos de Renata teve um destino diferente: o irmão mais novo, pela situação de insalubridade em que vivia a mãe, foi acometido por um câncer, adotado por uma família, e não soubemos mais notícias dele. O mais velho, infelizmente, entrou para o mundo do tráfico e foi assassinado com nove tiros. O irmão acima de Jeferson, chamado Júlio, é um menino trabalhador e honesto, mora em Betim e tem contato com o Jefinho sempre, o abaixo do Jeferson, o Pedro, é o mais franzino de todos, mora na cidade e sempre tem contato com o irmão.



Criei Jeferson sozinha, trabalhando como costureira, sempre pagando aluguel, passando muita dificuldade, às vezes, pensava que seria impossível. Lembro-me de todas as dificuldades por que passamos, até finalizar o processo de adoção, o medo de não conseguir, e a felicidade de ler a certidão quando saiu com meu nome, meu sobrenome e constatar que consegui cumprir meu objetivo.

Somos uns pelos outros e nós três; quando a Isabela foi para a faculdade, mobilizamos todos para ajudá-la a estudar, o Jefinho dançou a valsa com ela no baile, e sempre foi assim, não criei nenhum dos dois com luxo, ou mostrando uma realidade fora da nossa, criei meus filhos mostrando o valor do trabalho, a honestidade, as boas intenções e com caráter.

Penso, hoje, que a adoção não se resume a uma questão financeira, ou a uma família modelo, “propaganda de margarina”, como dizem por aí. A adoção é feita por pessoas reais, que passam dificuldades reais, que têm defeitos e virtudes; a base para a adoção, a meu ver, é o amor e a boa intenção, com isso se superam todas as dificuldades que aparecem.

Atualmente, meu Jefinho se encontra com 18 anos, ele não é um menino modelo, ele é um menino real, como eu sou uma mãe real, como a Isabela é uma irmã real, não existe a perfeição dos seres humanos que adotam ou são adotados. Tenho um orgulho danado do meu filho, um menino bom, trabalhador, honesto, que me dá muitas alegrias; problemas, temos muitos, mas nada que não seja superado; hoje, meu maior problema com ele são as namoradas, que são muitas, e eu tenho que vigiar!

A minha mensagem, ao concluir este relato, é que, para a adoção, não existe fórmula, não existe padrão, não se trata de um robô, que seja possível controlar e adicionar as virtudes que nos convêm — são crianças que vêm com uma bagagem e que têm uma história de vida, que não pode ser apagada. Hoje, afirmo, com toda certeza, que minhas duas melhores opções, na vida, foram meus filhos. Eles são tudo que eu tenho, e, para tê-los, não foi preciso deter grandes riquezas ou bens materiais, mas deixar fluir um amor incondicional.





Primeiro aniversário de Jeferson após a adoção.



Jeferson, Isabela e eu, Maria Helena.



Baile de formatura da Isabela.





Lara: uma filha concebida na alma depois de uma longa espera

Mariangela Meyer Pires Faleiro

Meu nome é Mariangela, e o nome do meu marido é Márcio.

Nosso casamento foi em 10/2/1973, e, de nossa união, tivemos três filhos homens, que nos deixaram extremamente felizes e quase realizados como pais. Disse “quase”, pois queríamos muito uma filha para completar a família de forma plena.

Começamos, então, a programar, sob orientação médica, a concepção de uma menina, para a realização desse sonho acalentado por muitos anos, até que veio o triste diagnóstico de que não poderíamos mais ter filhos, ou seja, eu não poderia mais engravidar.

Cientes de que a adoção, muito mais do que uma relação de afeto e solidariedade, é uma demonstração do amor incondicional de quem deseja se tornar um pai e uma mãe de criança, adolescente ou pessoa maior de 18 anos, independentemente de sua origem e sem distinção com os filhos biológicos, decidimos que iríamos adotar uma menina, de preferência, recém-nascida.

Fizemos nossa inscrição em vários locais, tivemos a visita da assistente social. Fizemos o nosso estudo e ficamos aguardando por mais de 12 anos, sem êxito, até que, atuando como magistrada numa comarca do interior, aconteceu um fato que marcou para sempre nossas vidas.

Era o dia 10 de outubro de 1995, final da tarde de uma quarta-feira. Encontrava-me trabalhando no Fórum local como magistrada, quando chegou a notícia de que uma mãe havia dado à luz uma menina, num hospital da cidade, e que ela teria dito que queria colocá-la para adoção e pretendia sair do hospital com a questão resolvida, sem ter que levar a criança para casa.

Contei o fato ao promotor de justiça da época, e este designou o dia seguinte (11/10), uma quinta-feira, para a oitiva, tomada de depoimento da mãe e início dos trâmites para a efetivação daquela adoção.

Cuidei de entrar em contato com os casais inscritos para adoção e com o estudo social pronto, para certificar a disponibilidade para procederem à imediata adoção.

Para ser ouvida em juízo, a mãe deixou a criança no hospital e foi ao Fórum, tendo sido designado um procurador dativo, advogado atuante na comarca, ocasião em que foi regularmente ouvida e cientificada do caráter irrevogável e irretratável daquele ato de disponibilidade.

Na busca pelos casais habilitados e capacitados, por incrível que pareça, nenhum dos três inscritos apresentou e demonstrou condições de poder receber a menor adotanda naquele momento, por problemas vários que os impediam de acolher aquela menina em seus lares.

A tarde daquela quinta-feira 11/10 caiu, e a mãe recebeu alta. Tinha que deixar o hospital, e a criança precisava tomar o seu destino. Foi então que decidi ir pessoalmente até lá para levá-la para minha casa, onde ela ficaria aguardando pela resolução da adoção, no final de semana, enquanto outros nomes de candidatos inscritos e habilitados seriam buscados.

O dia seguinte era 12/10/1995, uma sexta-feira, feriado nacional, dia de Nossa Senhora Aparecida. A cidade estava cheia de visitantes, era festa de rodeio, e a dupla João Paulo e Daniel iria cantar naquela noite.

Nossos três filhos maiores, Márcio Henrique (22), Francisco Otávio (20) e Pedro Gustavo (17), estavam eufóricos e superanimados, recebendo os amigos que tinham chegado para assistir ao rodeio e ao show da dupla, que iria acontecer naquela noite.



Todos nós ficamos encantados com aquela linda menina que já tinha um nome provisório, Iara, nome este escolhido antes mesmo da chegada do nosso primeiro filho, caso nascesse uma mulher.

Iara então foi colocada no meio da cama do casal, e logo o Chico buscou uma caixa de supermercado, colocou um travesseiro dentro, e o berço improvisado estava pronto, em cima do criado, onde ela passou sua primeira noite.

Não tínhamos qualquer estrutura preparada para receber e cuidar de uma recém-nascida. Tínhamos, apenas, um desejo enorme de acolhê-la, acariciá-la e dar a ela muito amor, enquanto não se decidisse para onde seria levada.

Márcio (pai) então pediu que eu fizesse uma lista do que precisaria ser comprado na farmácia (as lojas todas já fechadas), uma vez que não havia sequer fraldas, mamadeira, leite em pó, lenços umedecidos, nada...

A partir daí, surgiu um desejo muito grande da nossa parte de que aquela boneca ficasse para sempre conosco. Mas era preciso ouvir os demais casais que aguardavam a oportunidade de adotar, por uma questão de respeito a eles.

Esperamos até segunda-feira, dia 15 de outubro, para a consulta aos demais casais, e, à medida que iam sendo ouvidos, surgia um empecilho que justificava a razão de ser para que eles não pudessem receber aquela recém-nascida naquele instante.



Até que, finalmente, o último casal ouvido também não estava disponível, naquele momento, para acolhê-la.



Agora sim, um suspiro de alívio, alegria, satisfação, realização e, sobretudo, esperança de poder fazer algo por alguém que dependia da generosidade do mundo para sobreviver e ter a garantia de um lar, que pudesse lhe oferecer cuidados, atenção, carinho, afeto, educação, sustento e muito amor.

A partir de então, teve início o procedimento regular de adoção, para que ela ficasse conosco, e ela já passou a ser chamada, oficialmente, de IARA. Os irmãos foram aprendendo, pouco a pouco, como lidar com um bebê, como trocar fraldas, preparar mamadeira e se dedicar à irmãzinha que tinha chegado com tanta energia positiva, tanta luz, alegria, e havia entrado em nossas vidas para integrar de corpo e alma a nossa família.

A dinâmica que envolve todo o processo que precede e aquele posterior à adoção é bastante complexa, e não se pode deixar de lado a realidade do risco do arrependimento por parte da mãe biológica, no espaço de tempo entre a entrega do(a) filho(a) até a efetivação da adoção. Por isso, costuma acontecer um sentimento de medo e até insegurança por parte dos adotantes, até que a questão seja resolvida. E essa incerteza ocorre porque mães biológicas, na maioria das vezes, sofrem muito a perda do(a) filho(a), pois algumas não entregaram seus filhos simplesmente por vontade livre e desembaraçada, ao contrário, vários fatores podem ter concorrido para que isso acontecesse.



Cumpre lembrar que Deus usou o ato de adoção como exemplo a ser seguido, ao colocar José, um simples carpinteiro, para ser o pai adotivo e criar, alimentar, educar e cuidar de Jesus. Adotar uma criança, portanto, é um ato que nos faz agir como o Deus de Amor age.

Porém, desde o início, tínhamos uma grande preocupação: “Qual seria o momento ideal e a idade certa, para contarmos a ela que ela teve outra mãe e irmãos, e que seria filha do coração?”

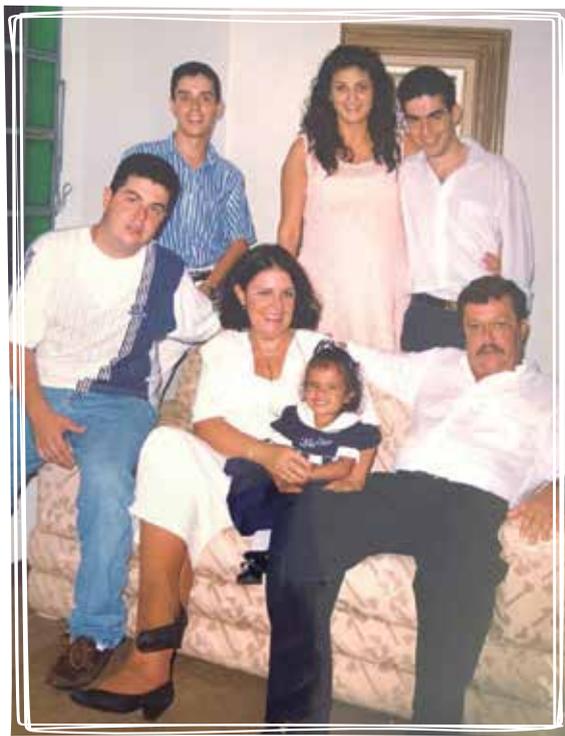
Já com dois anos de idade, Lara adorava ouvir estórias, então decidimos fazer de uma forma diferente das outras. Contávamos para ela as estórias de Branca de Neve, Cinderela, Os Três Porquinhos, Cachinhos Dourados e a – Estória da Lara. Para tanto, peguei um caderno pouco usado, com várias folhas em branco, e ali coleí gravuras e uma mãe com três filhos, grávida, e que tinha decidido “dar” a filha que estava na barriga e que ia nascer para o papai e para a mamãe.

Na estória da Lara, a gente perguntava: “Marcinho, você quer a Lara?”. E ele respondia: “Quero”. Perguntava para o Chico: “Você quer a Lara?”. E o Chico respondia: “Quero”. Para o Gustavo também, e o Gustavo dizia: “Quero”. E o papai também. E a gente continuava contando da caixa onde ela dormiu primeiro, da ida à farmácia, etc...



Assim ela foi crescendo, esperta, comunicativa, viva, alegre, um toquinho de gente capaz de fazer a família inteira feliz.





Não sabíamos o que o destino nos preparava, a partir de então... Nosso filho mais velho, Marcinho, seria acometido de um tumor cerebral maligno, numa trajetória de tratamento que duraria cerca de cinco anos, com quatro cirurgias, quimioterapia, radioterapia e muita resignação e sofrimento até que chegasse a hora de ele partir de volta para o Pai. Ele chegou a se casar nesse intervalo e teve um filho, que tinha quatro anos quando ele se foi.

Ele veio a falecer no dia 11/5, um sábado, véspera do dia das mães... Eu tinha decidido deitar e ficar na cama durante os sete dias a que tinha direito pelo óbito... Tive um dia das mães (12) muito triste, e, na segunda, tomei café e voltei para cama com a ideia de ali permanecer durante a semana toda, para descansar e me afastar do mundo, para lidar com a grande dor que tomava conta de mim e de todos da família... Mas, que nada... A lara, com seis anos de idade, não permitiu que eu continuasse naquele sofrimento.

Entrou no meu quarto, abriu as cortinas, deixando que a claridade entrasse e me disse: “Mãe, você esqueceu que hoje é dia das mães na minha es-



colinha? Você precisa levantar, pintar o cabelo, passar esmalte e colocar um batom vermelho, bem lindo, para ir à minha festinha à tarde”. Era uma segunda, o salão que eu frequentava estaria fechado, quase impossível isso acontecer... Foi quando um dos meninos disse: “Mãe, eu vi a Marilda lá no salão fazendo faxina”. Então liguei para ela e ela prontamente me atendeu, dispôs-se a pintar o meu cabelo e fazer a minha unha.

Naquele momento, descobri a maravilha que foi a chegada da lara em nossa família, pois ela nos fez voltar os olhos para a vida, nos fez entender que existiam outras razões para nos alegrar e que a vida tinha que continuar...

Criei coragem, aprontei-me bem bonita, passei o batom vermelho e fui para a festinha dela, arrasada por dentro, mas sendo obrigada a ser forte para o mundo de fora, pois a vida tinha que seguir em frente e tínhamos que nos apegar às coisas boas para que pudéssemos ser felizes novamente.

Consumada a adoção, de acordo com o art. 47, § 7º, do Estatuto da Criança e do Adolescente, ela se tornou irrevogável e atribuiu à lara condição de filha, com todos os direitos e deveres, não se admitindo qualquer designação discriminatória quanto à sua origem (art. 227, § 6º, da Constituição Federal).

Mesmo sendo irrevogável, tem ela o direito de conhecer sua família biológica (previsão contida no art. 48 daquele Estatuto). E, a partir da decisão judicial transitada em julgado e proferida no processo de adoção, foram rompidos os laços de sangue antes existentes entre ela e sua família biológica, estabelecendo nova relação de parentesco, ressaltando-se apenas o impedimento matrimonial.

Cumpramos ressaltar que uma das características da adoção é a de ser plena, o que significa dizer que a lara passou a ter os mesmos direitos e deveres dos seus irmãos, filhos biológicos, incluindo os sucessórios.

Como o amor é o sentimento mais profundo, no caso da adoção, ele tem o poder de “curar” as feridas, cicatrizar as mazelas e resgatar as perdas que porventura existiram para aquele que está sendo adotado.

A criança adotada passa a ter sentimentos de valorização, de pertencimento a uma família, a um lar, onde todos estão dispostos a se entregar, para fazê-la feliz. E, apesar de poder até haver algumas características da fa-



mília biológica, o certo é que a experiência tem demonstrado que sempre é possível mudar, transformar e agregar valores saudáveis, nesse novo ambiente, mesmo em se tratando de pessoas com origens diversas.

Por tudo isso, o papel dos adotantes é fundamental. Eles têm que fazer tudo no sentido de acertar e de buscar superar os obstáculos, construindo uma relação segura de afetividade emocional.

Necessária, portanto, a superação dos medos e desafios, a fim de que a história daquele adotado seja construída como fruto daquele amor incondicional, na certeza de que o aprendizado é mútuo, ou seja, é uma verdadeira troca de ambos os lados.

A principal disposição do adotante deverá ser a de acolhimento, livre de preconceitos, prejulgamentos, na certeza de que aquele ser será muito amado, confortado e integrado àquela família, independentemente dos laços de sangue e de herança genética.

Sobreveio a adolescência da lara, sem problemas, tornando-se ela uma moça sonhadora, mas com os pés no chão, dedicada e responsável, até que, aos 18 anos de idade, teve vontade de conhecer sua mãe biológica...

Um frio no coração... Isso porque não sabíamos como isso ia acontecer. Não tínhamos ideia de qual seria a reação dela, da mãe, dos próprios irmãos de sangue, e de como seria esse encontro. Mas o fato é que não poderíamos negar a ela essa oportunidade assegurada por lei.

Costumávamos frequentar a cidade onde ela nasceu e conseguimos localizar o endereço da mãe. Fomos até lá, mas, por ironia do destino, não havia ninguém em casa... não foi daquela vez...

Em uma segunda tentativa, de outra feita, tentamos programar o encontro entre filha e mãe biológica, novamente sem sucesso.

A mãe biológica da lara tinha mais três outros filhos, dois homens e uma mulher, esta última com problemas sérios de saúde, fato que teria justificado a impossibilidade de ela ficar com a lara.

Através de amigos, lara conseguiu o contato via WhatsApp com um de seus irmãos, trocaram mensagens, conversaram, e até se encontraram, quando



ela veio a revelar sua história para um dos irmãos, que disse desconhecer o fato de sua mãe ter colocado uma das irmãs para adoção. Só que, ao indagar a mãe sobre a veracidade dessa notícia, esta passou mal, e, parece, não teria confirmado aquela versão, talvez porque ainda não tivesse contado para os filhos...

Acho importante constar que, embora tenha revelado a lara quem era sua mãe biológica, ela preferiu não dar tanta importância ao fato, e, pelo visto, deixou claro que não a tem como mãe, assim como não considerou a existência dos irmãos de sangue. Parece que os laços de sociabilidade tentados com a família biológica não se mostraram sólidos e seguros.

Ao que tudo indica, esse momento de curiosidade, de busca das origens, de vontade de conhecer a mãe e os irmãos biológicos foi se dissipando com o tempo, até que lara mostrou uma conformidade com a situação e não mais falou no assunto.

lara passou no vestibular do Ibmec para o curso de engenharia de produção, cursou alguns semestres e, de repente, entendeu que sua vocação não seria aquela. Dirigiu-se a nós e disse que, na verdade, queria fazer o curso de *designer* de moda, uma vez que era o que mais gostava, e acreditava que esse seria o seu futuro.

Prestou novo vestibular, foi exitosa e deu início à faculdade de moda.

Realmente, ali se encontrou profissionalmente. Aos poucos foi se dedicando de corpo e alma, mergulhando no mundo da moda e criando modelos lindíssimos da coleção a ser lançada, a qual recebeu o nome de Unique, três modelos de alta costura.

Mas era preciso editar um vídeo em um lugar especial onde houvesse mar, montanhas, flores e muito verde. Então, ela não poupou esforços para que tudo aquilo acontecesse. Conseguiu emprestada uma casa de praia com os pais de amigos, arranhou um fotógrafo, uma maquiadora, duas modelos e partiu para Angra dos Reis para conseguir realizar o vídeo em grande estilo.

Esse vídeo já era trabalho de faculdade, valendo pontos para o encerramento de curso.

Então, marcaram a data da formatura, ocasião em que ocorreu o desfile não só dos modelos criados pela lara, como os de seus colegas de curso. E os colegas que nos desculpem, mas não houve termo de comparação entre a beleza, o visual e a elegância dos vestidos elaborados por ela frente aos demais, modéstia à parte.



A partir de então, ela criou a sua marca, perfeccionista ao extremo, exigente, criteriosa e muito responsável, fez cursos vários para se inteirar das exigências da profissão escolhida, buscou consultoria contábil, instituiu uma microempresa e começou a receber clientes para todo tipo de evento, sempre com foco na alta costura e com atendimento personalizado e exclusivo para aqueles que passaram a procurá-la.

Lara tem demonstrado uma autoestima elevada, uma autoconfiança tal que consegue passar para os seus clientes credibilidade total na sua proposta de trabalho.

Hoje ela está com 25 anos de idade, mas parece ter maturidade de 30 anos, filha amorosa, presente, companheira e, sobretudo, preocupada com os irmãos e conosco, seus pais.

A adoção da lara foi um divisor de águas em nossas vidas, e não temos dúvida de que valeram a pena todos os sacrifícios, preocupações, angústias e noites sem dormir, porque, muito mais que isso, sua presença também veio



recheada de muitas surpresas, alegrias, risos, realizações, carinho, afeto e um amor imensurável.

Agradecemos a Deus e a Nossa Senhora por ter colocado a Lara em nosso caminho e desejamos que ela seja muito feliz em sua vida e tenha muito êxito na profissão que escolheu.

Depoimento de **Francisco Otávio**, irmão da Lara:

Ainda lembro, como se fosse ontem, o dia em que a Larinha chegou lá em casa. Eu ouço muitos relatos de pessoas cujas vidas foram reviradas de cabeça para baixo, devido aos problemas e situações trágicas que aconteceram de um dia para o outro, em algum momento da vida. Mas o que aconteceu lá em casa é que nossas vidas foram reviradas e transformadas devido a um milagre divino. Uma imposição firmada pelo destino, que foi a chegada de uma recém-nascida, que veio num momento confuso, sem um preparo mínimo, tanto físico quanto emocional. Porém, com o decorrer de um tempo, você descobre que as coisas vão se ajeitando à sua maneira, e que o prazer é tão grande em ter aquele pedacinho de gente transbordando amor ao seu lado, que, se existiu algum obstáculo ou problema, você se esquece de tudo. Hoje tenho um orgulho muito grande da oportunidade dada a você, Lara, de ter escolhido a gente para chamar de família. Só posso lhe agradecer por você existir. Amo você de paixão.

Depoimento de **Pedro Gustavo**, irmão da Lara:

A Lara em nossas vidas já chegou arrebatando nossos corações... A ficha demorou a cair, pois, na época, já tinha 17 anos. Nossos pais não nos prepararam para tamanha mudança em nossas vidas. Ela chegou com apenas um dia. Eu, antes, nunca tinha sequer pegado no colo um bebê... Era difícil acreditar que tinha uma irmã. Havia também o medo. Medo de a mãe biológica se arrepender e querer buscá-la de volta, em nossa casa, depois de já estarmos apegados a ela com tanto carinho e afeição. No dia em que ela chegou, sem qualquer aviso, minha mãe foi à farmácia comprar o que a pequena Lara necessitava, já que ela não tinha nada. Veio da maternidade apenas enrolada em um cobertor de São Vicente. Eu fiquei com ela sozinho...

SOZINHO!!! Eu, que nunca tinha ficado antes com uma criança tão pequena... Foi nossa mãe sair e ela abriu a boca a chorar, e eu não sabia o que fazer... O desespero tomou conta, não tive coragem de carregá-la no colo, foram minutos de muita aflição até nossa mãe voltar. E, mesmo passando os dias que se seguiram, demorou um bom tempo para a ficha cair e o medo passar. Mas o amor chegou instantaneamente, assim que ela entrou em nosso lar! Ela era um bebê lindo!!! A alegria reinava em nossa casa com a presença dela. Posso dizer que fui irmão e também pai dela, pois troquei muita fralda, dei muita mamadeira, dei banho, chamei a atenção dela, pus de castigo, enfim, penso que ela teve quatro pais: o meu pai, meus dois irmãos e eu. Aliás, mesmo depois, quando nossa família passou por tempos difíceis com a doença e morte do nosso irmão mais velho, o nosso refúgio de alegria era aquela pequena menina, já que, só de olhar para ela, abríamos um sorriso!!! Lara era e é, até hoje, muito sapeca, levada, mas, ao mesmo tempo, emotiva, amorosa e responsável.

Se me perguntarem se há diferença entre um irmão adotivo e um irmão de sangue, eu digo que há sim, pois, quanto ao irmão de sangue, o amor surge pelos laços de sangue e se fortalece ao longo da vida. Já quanto ao irmão adotivo, a gente vai construindo aos poucos os laços do amor até que, de repente, ele é tal e qual os irmãos biológicos. E esse amor se fortalece a cada dia.

Minha irmã é o símbolo de que o gesto da adoção é nobre, lindo e puro... É amor que transborda... Adotar é sinônimo de amar...

Depoimento da **lara**:

O que a adoção significa para mim: A adoção significa VIDA, Amor, carinho e dedicação.

Se não fosse a adoção (essa chance enviada por Deus de nascer de novo, de poder escolher uma família), eu não seria quem sou hoje e nem teria conquistado tudo que conquistei até aqui.

Não me assustei e nem tive medo. Não fez diferença para mim,





quando minha mãe disse que eu tinha sido adotada. Pelo contrário, a certeza de ter encontrado uma família que me recebeu me fez sentir muito amada. Escutar a minha história de vida desde pequena me fazia bem.... era a história da lara.

Certa vez tive até curiosidade de conhecer os meus irmãos de sangue, que moravam em outra cidade, para ver se pareciam comigo ou não. Mas, a mãe biológica, acabei perdendo a vontade, porque meus pais são, na verdade, Márcio e Mariangela. Não guardo rancor nem mágoas da minha mãe de sangue, agradeço a ela de ter me dado a oportunidade de ter pais tão maravilhosos e irmãos que me amam, em minha vida! Não tem muito o que prolongar, palavras me faltam, porque o sentimento no coração é enorme! Só uma pessoa que foi adotada por uma família como a que ganhei pode descrever o que eu sinto. É uma explosão de sentimentos. Sinto-me especial, como um ser enviado por Deus com objetivo de alegrar a família à qual passei a pertencer. Por isso, estarei sempre disposta a largar tudo para ajudar as pessoas que estão próximas de mim e à minha volta.

Mãe, pai, irmãos, amo vocês eternamente. Obrigada por terem me adotado!







Deus é bom!

Mário César Vieira Júnior

Deus é bom!

Gostaria de iniciar o relato da minha história dizendo que eu acredito que Deus tem um plano perfeito para cada um de nós. Quando buscamos Sua vontade em primeiro lugar e entendemos que amar a Deus e ao próximo é vida, o cuidado de Deus nos acompanha todo o tempo.

Vivemos numa sociedade que se preocupa muito com as coisas materiais, a aparência e o que o outro vai pensar. Gastamos muito tempo nos **preocupando** com coisas supérfluas; literalmente fazendo o que a palavra diz: ocupando-se antes da hora.

Quando me foi pedido para contar um pouco da minha história, veio-me à mente a verdade maior, que todos nós já conhecemos, mas que, muitas vezes, recusamo-nos a aceitar. O futuro não pertence a nós; o passado já passou, e o dia de hoje tem a palavra mais próxima ao seu real significado: presente!

Nascido em Belo Horizonte em 1973, fui criado num lar cristão. Ali aprendi a amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo. Porém, nunca poderia imaginar a tarefa que Deus colocaria à minha frente. Em 2005, encontrei minha esposa, natural dos Estados Unidos, menina simples e com o maior coração do mundo que eu já conheci.

Christi nasceu numa fazenda no Estado de Montana em 1977. Com 25 anos, mudou-se para Atlanta/GA, onde, andando pelos bairros pobres do centro da cidade, encontrou algumas crianças sozinhas em um apartamento de um



quarto com menos de 10 metros quadrados no total. As crianças viviam sem o cuidado de um adulto no dia a dia.



Imediatamente, Deus encheu o coração de Christi com um amor sobrenatural por aquelas crianças. Christi aguardou a mãe biológica retornar à casa e ali ofereceu ajuda, depois de conversarem, e ela dizer que não tinha nenhuma condição de criá-las.

Com a autorização da mãe, naquele mesmo dia, Christi partiu com as quatro crianças, de idades entre um e cinco anos, levando-as para sua própria casa. Um ato de puro amor e voluntariado, sem ter a mínima noção do que acabara de fazer, mas confiante que Deus estaria no controle. Aos finais de semana, Christi levava as crianças para visitar a mãe.

A partir daquele momento, sua vida mudara para sempre. Do mesmo local onde havia encontrado essas quatro crianças, outras mães e avós começaram a ligar pedindo para que aquela “menina loira” pudesse levar e cuidar de suas crianças também, pois não tinham como cuidar delas e permaneciam em uma situação precária. Christi amava essas crianças e, à medida que o tempo foi passando, ela entendeu que essa seria sua missão de vida nesta terra; o seu chamado. Abdicando de qualquer possibilidade de se casar e sacrificando tudo que havia materialmente conquistado até aquele ponto, entregou-se a esse projeto.



Deus, que sempre nos surpreende, fez com que nossos caminhos se cruzassem, e por ela eu me apaixonei. Christi, naquela época, alertou-me a respeito da missão em que sua vida havia se tornado e do rumo que decidiu seguir; disse que se houvesse qualquer chance de nós dois caminharmos juntos, eu deveria ter que “comprar o pacote completo”. Mudei-me então para os EUA para conhecer e acompanhar a tão famosa história de abnegação e tentar entender o que ela queria dizer sobre o pacote completo e a real proposta sobre um caminho a dois. Ao chegar à sua casa, já havia sete crianças vivendo com aquela mulher linda de 25 anos. Essas crianças já estavam com ela por dois anos e sem nenhuma perspectiva de elas retornarem à vivência diária com suas famílias.

Sem medir palavras, ela me disse, de forma bem direta (como a Christi sempre foi... se vocês tiverem a chance de conhecê-la, verão que eu não minto), que aquelas crianças viveriam com ela até crescerem e virarem adultas, pois ela era tudo o que elas tinham. Depois de um ano vivendo próximo a esse projeto, entendi que o meu coração não somente era da Christi, mas também havia sido entregue totalmente àquelas crianças e quantas mais Deus colocasse no nosso caminho a partir daquele momento.

Fato é que, muitas vezes, não valorizamos o que dizemos, pensamos ou sonhamos, mas Deus está sempre à escuta. Christi e eu nos casamos em 2008 e, já no nosso casamento, tínhamos 12 crianças vivendo conosco. Confiávamos em Deus e no Seu cuidado para com todos nesse projeto.

Nesse caminho, já houve muitos altos e baixos, muitas lutas e tribulações, mas Deus, em todo tempo, permanece fiel, nos fortalecendo e renovando nossa fé e amor. Em 2010, eu me tornei bombeiro e paramédico na cidade de Atlanta, onde exerço essa função até o dia de hoje. Brinco com meus amigos que apago mais “fogo” na minha casa do que na cidade inteira. Hoje já passaram por nossa casa mais de 80 crianças. Algumas voltaram bem para a sociedade ou família, outras enfrentam desafios, e ainda temos esperança de que um dia veremos os bons frutos do tempo e de todo amor que semeamos enquanto estivemos juntos.

Nossa casa vive e existe pela fé. Um dia de cada vez. Sou o único que tenho um trabalho remunerado, e minha esposa cuida da casa 24 horas. Não temos nenhuma ajuda do governo, mas, ao mesmo tempo, Deus sempre traz





“anjos” (família e amigos), que, conhecendo nossas necessidades, ou não, sempre nos abençoam com o que precisamos.

Eu teria que escrever um livro inteiro se fosse contar todos os milagres que nossos olhos já viram acontecer em nossa casa. São realmente milagres, quando humanamente vemos coisas inesperadas e até impossíveis de acontecer, mas que acontecem sem qualquer explicação. É assim que o Deus em que eu confio age e cuida. Houve uma época em que, de uma só vez, tínhamos 35 crianças conosco. Hoje temos 25 crianças vivendo conosco. Dessas 25 crianças, adotamos oficialmente cinco, que somam aos nossos quatro filhos biológicos. Das outras crianças temos a *guarda total* de cada uma delas.

Costumo dizer que não sei quem é o mais “louco” e corajoso nessa história, se minha esposa, que havia iniciado essa aventura, ou se eu, que disse “sim”, sabendo onde eu estava “amarrando minha mulinha”.

A verdade é que somos dois loucos que aprendem a amar todos os dias. Sinto-me abençoado e privilegiado por poder compartilhar um pouco do muito que Deus me deu, na esperança de viver com propósito, sabendo que minha vida nesta Terra não foi em vão.

Nesse mundo incerto, em que todos nós estamos vivendo neste momento, eu lhes deixo aqui uma palavra dita por Jim Elliot, um missionário americano. Faço das palavras dele minhas palavras: “He is no fool who gives what he cannot keep to gain that which he cannot lose”, o que significa: “Não é tolo aquele que dá o que não pode guardar para ganhar aquilo que não pode perder”.

A certeza de uma missão cumprida com dignidade e uma vida de propósito é o maior prêmio que podemos levar desta vida. Finalizo com uma última palavra da Bíblia, que, desde pequeno, tornou-se o meu lema: **“Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro”** (Filipenses 1:21).













Adoção: a magia do amor

Marli dos Santos

Depoimento de Jussara de Souza Lemos Moraes - Assistente Social Judicial - Comarca de Varginha (MG):

Quando a Juíza da Vara da Infância e da Juventude me falou sobre o projeto de um livro de histórias sobre adoção, desenvolvido pela Escola Judicial do Tribunal de Justiça, solicitando que apresentássemos um caso da nossa comarca, não me veio outra história em mente que não fosse a que apresentarei a seguir, diante da sua peculiaridade, já que, em um único núcleo familiar, me deparei com diversas formas de adoção.

Há 16 anos, quando ingressei como assistente social na comarca de Varginha, um dos primeiros casos em que trabalhei foi no acompanhamento da convivência de uma menina chamada Sabrina, que havia sido colocada em família substituta. Ao realizar uma visita domiciliar, fui recebida pela mãe Marli, avó Tereza, tia Rose e prima Tereza Cristina. Naquele momento, já foi possível perceber uma energia de muito amor que envolvia todas aquelas mulheres. Ao me apresentar, expliquei a razão da minha visita, dizendo que gostaria de saber notícias da bebê Sabrina, e ainda tenho nítido na memória a fala de Marli, com um largo sorriso no rosto: “Sabrina, aqui não tem Sabrina, tem a Mariana”. Logo fui apresentada a uma menina sorridente e de olhar curioso, visivelmente acolhida pelas mulheres daquela família.

Após aproximadamente um ano, por ocasião da implantação, no município, das Instituições de Acolhimento - Casas Lares, também foi desenvolvido o projeto Famílias Acolhedoras, no qual, para nossa grata surpresa, nos deparamos com o cadastro da Sra. Tereza, avó da menina Mariana, que, junto com sua família, se propunha a receber em sua casa, pelo tempo que fosse necessário, crianças em situação de vulnerabilidade/risco, até que a equipe técnica trabalhasse o caso. E assim nascia nossa parceria com aquela famí-



lia, que acolheu quase 50 crianças, mais especificamente os bebês, assumindo todos os custos daquela empreitada, de fraldas a consultas médicas. Em todos os casos, era possível perceber a alegria e a sensação de dever cumprido de todas elas, quando íamos buscar aquela criança que ali havíamos deixado, agora com sua situação já definida.

Marli esteve presente também por alguns anos no Grupo de Apoio à Adoção, coordenado pela equipe técnica do Judiciário, contribuindo, com sua vivência, para o enriquecimento do nosso trabalho. Registramos, em um *banner*, alusivo ao tema Adoção, em um de nossos eventos sobre o Dia Nacional da Adoção - 25 de maio, o pensamento de Marli, que temos certeza ser também de sua família, sobre o que é ser filho:

**“O filho biológico se ama porque é filho,
o filho adotivo é filho porque se ama.”**



Meu nome é Marli dos Santos, e a minha história na família do coração começou no ano de 1978, quando fui contratada para ajudar no serviço doméstico na residência da Dona Tereza Bernardes. Na época, eu tinha 18 anos e ensino fundamental completo, o que era raridade para uma empregada doméstica. A casa era simples, mas exalava amor e respeito. O serviço era pouco, e eu acabava cedo e voltava para casa. Lá viviam mãe e filha, Dona Eliza, a mãe, com 86 anos, e Tereza, a filha, com 46 anos. O tempo foi passando e os nossos laços foram se estreitando. Comecei a voltar cada vez mais tarde para casa, comecei a estudar, até que um dia não voltei mais, passando a visitar apenas nos finais de semana minha família biológica, com a qual nunca perdi o vínculo. Tornei-me professora, mas, no entanto, continuei como empregada, pois eu jamais deixaria a Dona Eliza, a quem eu sempre fui muito grata. A nossa relação era de avó e neta. Dedicava-me totalmente a ela. Em 1984, precisei intensificar os cuidados com a Dona Eliza e tivemos que contratar uma ajudante. Depois de muitas tentativas, conseguimos uma pessoa meio que sem jeito, Rozilane Pereira de Andrade, com 18 anos, a quem chamamos de Rose. Em fevereiro de 1985, a Dona Eliza faleceu, aos 92 anos. Eu já não era mais a empregada, era a filha da Tereza,



professora do ensino fundamental e universitária. Fui acolhida, amada e respeitada por toda a família.

A Rose assumiu todo o trabalho da casa, e eu fui trabalhar na escola como professora. Era necessário investir na escolaridade da Rose, porque ela tinha apenas a 4ª série primária. Tentamos, e, com pouco sucesso, o máximo que ela conseguiu foi chegar até a 7ª série do ensino fundamental. A Tereza resolveu construir uma casa no bairro Sion e assim o fez. Mudamos do bairro de Fátima para o Sion, e Rose veio conosco e só voltava para a casa dela nos finais de semana. Era mais um acolhimento que acontecia e, na casa, éramos três solteironas. Num dado momento, a Rose decidiu que iria mudar o seu estado civil. Ficamos apreensivas, pois, a nosso ver, as perspectivas não eram boas, mas, no entanto, a decisão era dela. E lá se foi a Rose para uma experiência conjugal que resultou numa gravidez problemática e de risco aos 34 anos de idade. O relacionamento terminou e ela veio morar com a gente já no terceiro mês de gestação, sendo que tinha perdido o apoio de sua mãe, que veio a falecer. Nós a recebemos de volta e começamos a nos preparar para a chegada do bebê. A casa se encheu de alegria com a chegada da Tereza Cristina, em 20 de agosto de 1998. Agora éramos três solteironas e um bebê, que se tornou o nosso xodozinho. A Tereza vó trabalhava no Hospital Regional, e eu trabalhava os dois períodos na escola, e a gente não via a hora de chegar em casa para curtir e pajar.

A maternidade da Rose mexeu comigo, e eu me pus a pensar: o que fazer para agradecer ao Cosmo tudo o que a vida me proporcionou? Então resolvi: vou fazer aos outros tudo aquilo que fizeram por mim. Decidi entrar no cadastro de adoção e assim o fiz em 2003, tendo apoio da família do coração e da biológica. Cumpri todas as formalidades e comecei a fazer o enxoval da minha pequena. Pedi à assistente social uma menina recém-nascida, sem nenhuma outra característica específica, pois filho a gente não escolhe, eles é que nos escolhem. Pronto, fiquei grávida e, como toda gestante, sonhava com a minha pequena o tempo todo. Num dos sonhos que tive, ela não era recém-nascida, já ficava sentada no colo. Reclamei, pois eu queria um bebezinho. O mais interessante é que, no sonho, eu não desisti. Alguns dias depois, a assistente social me ligou, dizendo que tinha uma menina que não era recém-nascida, devia ter uns dois meses. Minha gravidez durou seis meses e foi um momento mágico, pois me lembrei do sonho e fui ao encontro da minha filha. Apesar dos seus três meses e meio, era um bebezinho que





me recebeu com um sorriso apaixonante. Mariana Eliza dos Santos, esse é o seu nome. Ela estava no hospital se recuperando de uma pneumonia, tinha assaduras horríveis e outras mazelas, mas era dona do mais lindo sorriso que contagiava a todos. A família ficou num alvoroço só, todos queriam conhecê-la. Passada essa primeira fase, retomamos o curso normal de família e o desenvolvimento da minha pequenina seguiu normalmente.

Quando ela fez um ano e meio mais ou menos, as assistentes sociais do Fórum aqui de Varginha criaram um projeto chamado Família Acolhedora. As crianças que eram tiradas de situação de risco eram colocadas nessas famílias, até que o Judiciário decidisse a situação do menor. Nós fizemos o cadastro e começamos a trabalhar em conjunto com as assistentes sociais e recebemos em casa 49 crianças no espaço de, mais ou menos, cinco anos. Cada uma com a sua história de maus-tratos, abandono e negligência. Dessas 49 crianças, graças a Deus, 46 foram adotadas e três voltaram para suas famílias biológicas.

Decidi, nessa época, que estava na hora de uma segunda adoção. Habilitei-me novamente e comecei a me preparar para receber agora a Eliza Maria. Como eu trabalhava na escola, conhecia e conversava com muita gente, então, um dia, conheci uma senhora que chorava muito e estava acompanhada do marido. Indaguei qual era a razão do choro, e ela me disse que os filhos dela, que estavam na escola, tinham sido levados para a “Casa Lar”, instituição de acolhimento de crianças. Percebi que ela estava grávida e exalava álcool e, na conversa, perguntei qual era o sexo do bebê. Ela me disse que era menino. Logo pensei: se fosse menina, bem que poderia ser a minha. Isso se deu no mês de setembro de 2009, e a criança nasceu em dezembro e era uma menina. No mês de janeiro de 2010, eu disse para o meu irmão: o meu bebê já nasceu e só não me entregaram ainda... eu sentia isso. Em 24 de junho de 2010, recebia a minha segunda filha, Eliza Maria dos Santos, com seis meses de idade e era exatamente o bebê daquela senhora. Chegou em casa assustada, chorava muito até dormir por exaustão, porém, quando acordou e abriu os olhos, viu a Mariana do seu lado e, ao receber o carinho da irmã, tudo se acalmou. A afinidade dela conosco foi impressionante, se adaptou rapidamente. Formamos um núcleo familiar diferente, mas com muito amor.





Meu sonho era fazer da minha família a *Casa das Sete Mulheres*, mas tive que me contentar com as *Seis*. Maternidade é um dom de Deus e filho é responsabilidade eterna. Adotar é abrir o coração e receber uma criança como seu filho. Costumo dizer, para as pessoas, que a vida me deu duas grandes mulheres: uma me deu a vida e a outra me ensinou a viver. Hoje, a vovó Tereza já não se lembra de muita coisa, está com 88 anos. Eu, Marli, com 61 anos, sou responsável pelo núcleo familiar e posso contar com a ajuda da Rose, com 55 anos. Sua filha Tereza Cristina, com 22 anos, cursando o 6º período de Odontologia, com muita garra, e minhas filhas Mariana Eliza com 16 anos e Eliza Maria com 11 anos.

Sou eternamente grata aos meus pais biológicos, que me oportunizaram estar aqui, e à minha família do coração, que me deu condições para eu ser o que sou, pois, com o apoio deles, posso plantar no coração das minhas filhas e amigos a semente do amor e do bem.







Adoção, uma história de amor

Mayre Rodrigues Costa

Tudo começou quando perdi meu filho Kelvin. Com uma gravidez tumultuada, ele nasceu e viveu 12 horas. Quase enlouqueci, pois seria minha última gravidez, e a minha paixão era ter mais um filho; graças a Deus, Ele já havia me dado dois filhos, Henrique e Suellen. Eu queria mais um. Comecei a orar a Deus pedindo outro filho, e que, se não fosse gerado por mim, colocasse um em meu caminho.

Nesse meio tempo, liguei para bancos de inseminação, e todos me diziam que eu não poderia optar por esse método. Assim, continuei procurando incessantemente por todas as pessoas que falavam em dar o filho, eu corria atrás. Um dia, resolvi entrar na fila de adoção, mas sem muita fé, pois todos me diziam que seria muito difícil, que a burocracia era demais, sem contar que a renda do meu ex-marido era muito baixa. Ainda assim, continuei orando e pedindo a Deus, cada dia com mais fé e confiança.

Um dia, ou melhor, dois anos depois, chegou um amigo enfermeiro perto de mim e me contou uma triste história de um bebê que acabara de nascer na maternidade, havia sido transferido para o hospital regional de Betim e estava no CTI, pois a mãe dele tentou aborto, e ele tinha 27 semanas. O estado do bebê estava muito grave, pois havia tido hemorragia cerebral, sem contar também uma série de outros problemas, e que, por causa disso, ele teria sérios problemas cerebrais, e a mãe, então, o havia abandonado. Não pensei duas vezes, só troquei de roupa e saí correndo para o hospital para vê-lo. No momento em que meu amigo me contava aquela história, eu já sabia que aquele era meu bebê, tinha já a certeza de que Deus o estava colocando em meu caminho e de que aquele era o filho que Deus havia escolhido para mim.



Chegando ao hospital, não quiseram me deixar ver o bebê, afinal eu não era parente nem nada dele. Assim, fui até à assistente social do hospital, mas não a encontrei. Voltei para casa triste, mas não desisti, pois, por aquele bebê, faria qualquer coisa. No outro dia, fui cedo para o hospital e, quando eu cheguei lá, meu amigo enfermeiro já havia conversado com a assistente social sobre mim e, assim, ele me pediu que fosse até o Juizado de Menor, pois eles já estavam a par da situação daquela criança e iriam cuidar da adoção. Mas, antes de sair do hospital, fui até a porta do CTI e pedi que o enfermeiro fosse lá fazer um carinho nele por mim e viesse e me contasse qual havia sido a reação dele. Assim fez o enfermeiro, foi lá, fez o carinho nele, voltou e me disse: “Ele é muito dengoso e lindo”. Fui para casa na maior alegria, pois era como se eu tivesse pegado no queixinho dele... Na realidade, eu já amava aquele bebê, sim, eu já o sentia como meu filho amado.

No outro dia, fui até o Juizado e conversei com a assistente social que já estava designada para tratar daquela adoção. Por coincidência, quando eu e minha filha estávamos subindo a escada do Juizado, encontramos outra assistente e, quando perguntamos pela situação da criança e com quem poderíamos falar, ela nos informou que, naquele momento, ela estava indo registrar aquele bebê. No mesmo instante, quis saber o nome, e ela me disse que o juiz havia escolhido Emanuel, por causa da luta que ele estava tendo para viver. E logo eu pensei: Emanuel, que significa Deus conosco, nunca havia pensado naquele nome para registrar uma criança, mas, naquele momento, era o nome mais lindo do mundo, dizia justamente o que eu estava sentindo naquele momento, “Deus está comigo”. E assim aconteceu, fui até a assistente social, disse que já estava na fila de adoção e que gostaria muito de adotar aquela criança, pois já a estava amando muito. A assistente social me contou sobre a situação daquela criança, que ela teria problemas cerebrais sérios e perguntou se eu estava disposta a adotá-la mesmo assim. No mesmo instante, eu respondi que não me importava com a situação dela e que eu a amava muito. E ainda tem gente que diz que não podemos amar a quem não conhecemos... E assim se passaram alguns dias, e Emanuel saiu do CTI e voltou para a maternidade, e eu continuei indo todos os dias à maternidade pedindo aos enfermeiros que fizessem carinho nele e viessem me contar qual havia sido a sua reação.

Até que, no dia 7 de outubro de 2003, a assistente social me chamou e me disse que havia 10 famílias na fila para adoção, mas ninguém quis ficar com



o Emanuel por causa dos sérios problemas de saúde dele. E aí foi quando ela me perguntou se eu realmente queria ficar com ele, apesar dos seus problemas de saúde. Eu, mais do que depressa, respondi que sim, agradecendo a Deus por ter me escolhido para ser mãe daquele ser que eu já amava muito, mesmo não o conhecendo. Na mesma hora, assinamos os papéis e fomos para o hospital para ver aquele serzinho que eu já amava muito e com quem tanto sonhei.

Quando chegamos ao hospital e vi aquele bebê tão pequenino e que ainda estava tão debilitado, tão fofinho, tão lindo, comecei a chorar de tanta felicidade. Meu ex-marido, quando o pegou no colo, Emanuel coube certinho na mão dele; era incrível como ele era tão pequenino. Conversamos com a pediatra que estava cuidando dele, e ela nos disse que ele corria sérios riscos de não ouvir, não falar e não andar e ter sérios problemas no cognitivo, e, mesmo assim, eu ainda o queria mais e mais, eu o amava cada vez mais e mais. Nesse dia, chegou perto de mim um médico e me disse que não era para eu me apegar muito àquele bebê, pois ele iria morrer, mas eu sabia que Deus estava me presenteando e que aquilo não aconteceria.

Continuei indo todos os dias ao hospital para acompanhar o tratamento dele e fazer mãe canguru. Meu filho, meu filho querido... eu chorava muito, não acreditava que, por causa de uma mãe tão desnaturada, que tentou um aborto, meu filho teria sérios problemas, e também de ver que o tratamento dele era tão sofrido. E o entreguei nas mãos de Deus.

Cada dia que se passava, eu o via ganhar peso e melhorar cada vez mais. A própria pediatra disse que ele melhorava mais rápido do que o esperado. Até que, no dia 14 de outubro, ele ganhou alta. Eu nem acreditava que meu filho estava indo para casa e, quando estávamos saindo do hospital, encontrei minha irmã, com quem, já há algum tempo, não conversava mais — pois lá estava ela com seus filhos e duas medalhinhas para o Emanuel. Quando cheguei em casa e meus filhos o viram, logo se apaixonaram por ele. No outro dia, fui à casa de meu pai mostrar seu mais novo netinho, e, quando ele o viu, logo colocou o apelido no Emanuel de Pedro Martelinho. Não sei por que, mas todos logo se apaixonaram por ele, e, sem que me dissessem nada, logo começou a preocupação entre eles de que o bebê morresse, pois ele era tão pequenino, tão fraquinho... e, se isso acontecesse, eu morreria junto, pois não suportaria a perda de outro filho.



O tempo foi passando, e Emanuel ficava, cada vez mais, forte e lindo. Passado algum tempo, uma senhora chegou até mim e me entregou um papel, que me encheu de orgulho e que dizia assim:

A maioria das mulheres torna-se mãe por acidente, muitas por opção, algumas por pressões sociais e umas poucas por hábito. Este ano, aproximadamente 100.000 mulheres serão mães de crianças com algum tipo de deficiência física ou mental. Alguma vez, você já se perguntou como Deus escolhe as mães de deficientes? De alguma forma, eu visualizo Deus passeando sobre a terra, escolhendo e selecionando seus instrumentos para a preservação da espécie humana com grande cuidado e deliberação. À medida que vai observando, ele manda seus anjos fazerem anotações num bloco gigante. “Elizabeth Souza, esta vai ter um menino, anjo protetor São Mateus. Mariana Ribeiro, menina, anjo protetor da mãe Santa Cecília. Cláudia Antunes, esta terá gêmeos, anjo protetor... mande São Geraldo, ele está acostumado com quantidade”. Finalmente, Deus a um dos anjos sorri e diz: “Para esta, mande uma criança deficiente”. O anjo, cheio de curiosidade, diz: “Por que justamente para esta? Ela é tão feliz”. “Exatamente”, diz Deus sorrindo. “Eu poderia confiar uma criança menos perfeita a uma mãe que não conhecesse isso? Isso seria cruel”. “Mas será que ela vai ter paciência o suficiente?”, pergunta o anjo. “Eu não quero que ela tenha paciência demais, senão ela vai acabar afogando num mar de desespero e autocompaixão. Quando o choque e a tristeza inicial passarem, ela controlará a situação. Eu a estava observando hoje, ela tem um conhecimento de si mesma e um caso de independência, que são raros e, ao mesmo tempo, tão necessários para uma mãe. Veja, a criança que vou confiar a ela tem seu mundo todo próprio. Ela tem que trazer esta criança para o mundo real, e isso não vai ser nada fácil”. “Mas, senhor, acho que ela nem acredita em Deus”, Deus sorri. “Isso não importa, dá-se um jeito; essa mãe é perfeita, ela tem a dose exata de egoísmo de que vai precisar”. O anjo engasga: “Egoísmo? Isso é uma virtude?” Deus balança a cabeça novamente e diz: “Se ela não for capaz de se separar da criança de vez em quando, ela não vai sobreviver. Sim, aqui está uma mulher a quem vou abençoar com uma criança ‘menos perfeita’ do que as outras. Esta mãe ainda não sabe, mas ela vai





ser muito invejada. Ela nunca vai considerar banal qualquer palavra pronunciada pelo seu filho. Por mais simples que seja um balbúcio desta criança, ela o receberá como um grande presente. Nenhuma conquista da criança será vista como corriqueira. Quando a criança disser ‘Mamãe!’ pela primeira vez, esta mulher será testemunha de um milagre e saberá reconhecê-lo; quando ela mostrar uma árvore ou um pôr do sol ao seu filho e tentar ensiná-lo a repetir a palavra árvore e sol, ele será capaz de enxergar minhas criações como poucas pessoas são capazes de vê-las. Eu vou permitir que ela seja mais forte do que tudo isso, ela nunca estará sozinha, eu sempre estarei com ela a cada minuto de cada dia de sua vida, porque ela estará fazendo meu trabalho e estará ao meu lado”. “E qual será o anjo protetor desta mãe?”, pergunta o anjo, com a caneta na mão. Deus novamente sorri e diz: “Nenhum, basta que ela se olhe no espelho”.

Com cinco meses, começamos o tratamento de fisioterapia e fonoaudiologia com ele, pois ele era muito molinho e não conseguia suportar o peso da cabecinha, que só ficava caída. Com um ano e meio, ele já estava firmezinho e já usava o aparelho de abdução e o tutorzinho, pois ele estava com encurtamento de tendão e só ficava com as perninhas em tesoura. Fizemos todos os outros exames, e ele ouvia e enxergava, só faltava falar e andar. Com dois anos, ele começou a pronunciar suas primeiras palavrinhas. A minha maior alegria foi ouvir ele dizer “mamãe”.

Assim, o tempo foi passando, e a melhora dele era cada vez mais visível, fazendo fisioterapia todos os dias. Até que, com três anos e meio, tive duas boas notícias: uma era que ele estava de alta da fonoaudióloga, pois já estava falando e era superinteligente. Lembro-me até da frase que a fonoaudióloga disse: “Mayre, seu filho já está de alta, agora é só você colocar limites, pois é muito inteligente e já formula suas próprias frases.” A segunda notícia era que ele iria fazer a cirurgia nas perninhas. Quase enlouqueci, não sei se era de alegria ou de medo, pois toda cirurgia tem seus riscos; mas agradei a Deus e coloquei Emanuel nas mãos d’Ele, pedi que Ele tomasse conta dele e o protegesse.

Em abril de 2007, ele foi operado, a cirurgia dele durou seis horas. Foram as seis horas mais apreensivas da minha vida. Quase morri de medo de perdê





-lo e orei a Deus o tempo todo. O que me ajudou muito foi que a minha família me tranquilizou o tempo todo, por telefone, e, quando não era um, era outro, e assim passei o tempo conversando com eles. Até que o médico, Dr. Eduardo, saiu do bloco cirúrgico e me disse que tudo havia sido um sucesso e que eu já poderia entrar para acompanhar sua recuperação. Quando meu filho me viu, a primeira frase dele foi: “Mamãe, segure a minha mão, eu vou andar, mamãe, com fé em Deus, eu vou andar.” Chorei muito ao ver que meu filho tão pequeno já confiava tanto em Deus. Quando levantei o cobertor, ele estava com as duas perninhas engessadas, e o médico disse que havia feito oito cirurgias nas perninhas dele e que ele era uma criança muito forte. Passado algum tempo, subimos para o quarto do hospital, e meu filho sempre dizendo: “Segure minha mão, mamãe, pois estou sentindo muita dor.” No outro dia, fomos para casa, e a recuperação dele foi rápida. Passado um mês, ele já tirou o gesso e continuou com a fisioterapia todos os dias.

Hoje, ele ainda não anda como as pessoas que se dizem “normais”, mas vai a todos os lugares com sua cadeira de rodas. Meu filho é muito inteligente e muito lindo. Hoje, andar é só um detalhe na vida dele. Às vezes, as pessoas chegam perto de mim e me dizem: “Você é louca de ter adotado uma criança deficiente!”. E aí eu respondo: “A deficiência está no olho de quem não o conhece.” Meu filho é perfeito aos meus olhos e aos olhos de Deus. Hoje, eu acho que as pessoas que não sabem amar é que são deficientes, pois quem ama de verdade não enxerga defeito nos outros. Hoje, meu filho é um atleta, ele é bicampeão mineiro de bocha módulo 2. Ele é conhecido como Manu da Bocha, já viajou para alguns lugares para competições; ele também criou o Apurma (aparelho urinário reciclável masculino adaptado para cadeira de rodas) e, com essa criação, ele ficou em primeiro lugar em Engenharia - Ensino Médio e primeiro lugar em Ciências Humanas; conquistou também um lugar para apresentar seu trabalho na Cidade de Porto, em Portugal.

Meu filho é um verdadeiro guerreiro. Gosto muito de uma frase que ele fala sempre: “No pain no gain”, que significa: sem dor, não há ganhos, sem lutas, não há vitórias. E, para mim, ele já é um verdadeiro vencedor. Meu filho Emanuel é muito conhecido pela sua humildade, inteligência e pelo seu carisma. Ele é nosso presente de Deus.

E se eu puder deixar um recado às pessoas que tentam ou fazem o aborto, é que, por favor, se não querem um bebê, vocês têm de se prevenir, pois hoje



temos tantos métodos eficazes para não acontecer uma gravidez indesejada! Mas, se acontecer uma gravidez, que, por favor, não tente o aborto, pois prejudica tanto o bebê quanto a mãe também, pois há tantos casos de crianças especiais vítimas de tentativas de aborto e várias mortes de mães que optam por esse método! Se vocês não puderem aceitar uma gravidez e amar essas crianças, então as deem em adoção, mas nunca tentem um aborto. E às pessoas que querem fazer uma adoção eu digo que, por favor, não fiquem escolhendo a cor da pele ou dos olhos, ou se é loiro ou ruivo, ou se é menino ou menina, pois como saberiam se, em uma gravidez legítima, seu filho sairia do jeito que você quer? Todas as crianças que estão para adoção, antes de qualquer coisa, querem um lar, carinho e muito amor, porque qualquer criança que está para adoção é, antes de tudo, filho de Deus.

Eu agradeço a Deus todos os dias por ter me dado o Emanuel. Ao contrário do que muitos pensam, ele não me dá trabalho algum, pois tenho muito amor em tudo que faço por ele, eu o amo muito. Hoje, meus três filhos são a razão do meu viver. Hoje, sou uma mulher muito feliz e realizada e agradeço a Deus por ter me dado a chance de ser mãe pela terceira vez.







Um genuíno amor: desinteressado, inexplicável... como deve ser

Monique Chiara de Assis

A adoção me mostrou possibilidades. Primeiro, por ter me proporcionado uma família para chamar de minha, evidentemente. Mas, sobretudo, trouxe-me acolhimento e amor, estrutura mínima e essencial a todo ser humano. Através de tão nobre gesto, fui apresentada ao lado genuíno do amor: desinteressado, inexplicável, como deve ser. Ter sido adotada mudou a minha vida. Se, antes, estaria entregue à própria sorte, sem o primeiro impulso à construção de minha própria vida, pós-adoção, tive um norte, maiores expectativas e também pude começar a pensar nos meus sonhos, bem como realizá-los.

A obra de Deus é tão perfeita em minha vida que, após 11 filhos, todos adultos, encaminhados em suas vidas, pais já aposentados, que poderiam ter o tão aguardado sossego, eis que, certo dia, minha mãe se decide por mais um membro no clã familiar, assim chego. Tamanho foi o zelo e amor a mim dispensados desde sempre, que enfrentei mais uma situação, dessa vez já com minha família. A saúde não estava ok, mas lá estavam para me apoiar e lutar de todas as formas possíveis. O prognóstico médico era de que não seria capaz de andar e não me desenvolveria adequadamente. No entanto, minha família persistiu, acreditou em meu desenvolvimento completo, colocou Deus no controle, com isso, deram um novo rumo à minha vida, mais uma vez, e a chance de vivê-la em sua plenitude. Fui acompanhada por fi-





sioterapeuta, inclusive, me tornei uma, minha vida se desenrolou, sou uma pessoa saudável, graças a Deus e também àqueles que não titubearam e lutaram e à profissional que me conduziu nesse período. Minha família é obra de Deus na minha vida desde sempre. Sou a prova de que os elos criados vão muito além do laço sanguíneo, o amor vai se construindo e se fortalecendo dia após dia. Muitos filhos biológicos acabam por não desenvolver todo o amor que poderiam. Não têm o que eu possuo, não conhecem e não vivem o amor em sua integralidade como eu. No meu caso, Deus presenteou-me de tal forma que o sinto muito forte.

Agradeço sempre tamanha generosidade de Deus para com a minha vida. À família que Ele me deu, só posso visualizar, desde lá de trás até o presente, o quanto já fizeram por mim e ainda fazem, e dizer quanto sou grata e me sinto privilegiada por tê-la. Valorizo, após todos esses anos, ainda mais a vida, como acho linda a minha! Não há contratempo que surja, que se faça um obstáculo intransponível em minha trajetória, pois já estive à mercê de um destino bem diferente, sem dúvida, tudo poderia ter sido totalmente diferente, e eu não ter tido tamanha dádiva. Quem tem essa chance tem a oportunidade de ouro na vida! Independentemente da história pregressa, de qual tenha sido o motivo que leva alguém a estar para adoção, ter a oportunidade de mudar uma realidade cruel de um ser indefeso, que apenas luta para sobreviver e passar a ter um lar, isso é maravilhoso. Quem adota abre o mundo para aqueles que, até então, teriam que enfrentá-lo sozinhos. Muitos acabam por não dar conta. Entregam-se aos vícios, sofrem por toda uma vida com o fantasma da rejeição, não se posicionam como seres detentores da dignidade que lhes cabe. Esse ato, além de humano, propicia novos olhares a quem o exerce, impressões enraizadas são desfeitas, o amor é construído não por se tratar de um laço sanguíneo, mas simplesmente porque assim se optou. Quando feito de coração e tendo a mais absoluta certeza, é ganho para todos os lados. No que tange a mim, como Deus vem cuidando de tudo desde o ventre! Sem sombra de dúvidas, foi o melhor que poderia ter me acontecido! Vemos quem de fato nos quer pelo que somos, não porque tem que ser.

A adoção, não à toa, se inicia pela mesma letra das palavras amor, acolhimento e aceitação. É uma mistura de tudo isso. Palavras que exprimem grandeza e construção gradativas. O mundo seria outro, se todos pudessem vivenciar o amor genuíno. Eu o vivo por meio da adoção. Pelas mãos



de Deus, posso vivê-lo. Àqueles que me acolheram minha eterna gratidão. Mudaram minha vida. Devo dizer, ainda, que, embora tenha sido adotada, muito raramente me lembro de tal fato, pois me integrei. Costumo dizer que a vida se encarrega de nos dar grandes oportunidades. Saber aproveitá-las, usando-as com sabedoria, nos alça a voos inimagináveis. Conduzirá a uma vida plena e, mesmo em meio às adversidades, saímos vitoriosos. Um dia, Deus, em sua infinita compaixão, fez com que um feto se desenvolvesse e a ele deu um destino promissor. Colocou nos corações da melhor família o desejo e a perseverança para que lutasse incessantemente. A essa família proporcionou a fé e a coragem necessárias. Há os que questionam, mas, muitos mais são os que vibram e parabenizam. Definitivamente, há coisas que o dinheiro não traz. De todas as riquezas possíveis, me considero altamente privilegiada e sortuda.

Pelo olhar de quem adota agora...

A minha história quanto à adoção foi a seguinte: minha mãe, depois de ter 11 filhos, todos maiores, certo dia, disse ter a vontade de adotar uma criança. Decidida que era, nem quis a opinião de ninguém, era muito conhecida na cidade de Carangola, uma cidade pequena, tinha, inclusive, conhecidos nos hospitais. Desse modo, comunicou-lhes sua intenção e fez o cadastramento. Passados alguns meses, precisou ir a Belo Horizonte, para fazer uma cirurgia de rins. Foi internada. Nesse intervalo, apareceu uma menina muito linda no hospital. Eles então ligaram para o meu pai e falaram a ele sobre o cadastramento feito por minha mãe. Meu pai era Oficial de Justiça, foi logo procurar pela filha, disse que só aceitaria se fosse criada como filha legítima, com todos os direitos e carinho, com o que todos concordamos. Ele mesmo, junto com minha irmã, foram comprar o melhor berço e roupinhas. Mamãe estava internada em BH ainda, fizemos surpresa para ela, a alegria foi geral. Passado um ano e meio, meu pai veio a falecer. Deixou todos os trâmites da adoção completamente acertados, foi uma tristeza geral. Era um homem muito emotivo, carinhoso com os filhos, mas tivemos que aceitar. Foi ele quem nos pediu que escolhêssemos o nome. O nome que eu queria era Monique e foi o escolhido. Foi ela que nos ajudou a aguentar a dor pela perda de nosso pai. Mamãe, mulher forte que era, foi em frente, com uma criança para cuidar. À época, eu estava solteira, trabalhava e ajudava a cuidar, gerava até ciúmes entre minha mãe e eu. Quando Monique tinha 10



anos de idade, eu, já casada e com uma filha, mamãe retornou a Belo Horizonte, e recebemos a notícia de que estava com um tumor no cérebro. Ela faleceu e Monique veio morar comigo, me ajudava e eu a ajudava a passar por mais essa perda. Passei a ser sua tutora. Ela é uma pessoa maravilhosa, companheira, amiga e irmã. Fico sempre agradecida a Deus, por me dar uma pessoa tão abençoada e boa, somos inseparáveis, eu 30 anos mais velha que ela. Ela veio para me mostrar o quanto é gratificante tê-la ao meu lado. Como a cidade é pequena, há pessoas que acham até que somos mãe e filha e ficam surpresas ao contarmos que somos irmãs. Outras pessoas sabem, me procuram para dizer que têm vontade de adotar, mas têm medo. Eu as encorajo a ir em frente, pois é um amor incondicional e inexplicável. Tive uma experiência tão gostosa e boa! É uma bênção. Monique mora comigo, posso contar com ela para tudo, dividir todas as minhas experiências e desejos, minhas fraquezas. Ela é um amor comigo, amor que não tem explicação, sinto como um amor de filho, duplicado. No início, tive muito medo de perdê-la, mesmo com todos os documentos, eu ainda sonhava que a estava perdendo para os pais biológicos, acordava muito aflita. Ela só foi saber da adoção bem mais tarde, me sentia muito insegura, como minha mãe não quis contar e nos proibiu de fazê-lo, deixei passar, por medo. Às vezes, ocorriam situações em que chegávamos perto de pessoas que me perguntavam onde estava a menina que meus pais haviam adotado, eu desconversava. Como meus pais, quando apareciam crianças com problemas, levavam para minha casa até a situação se resolver, achava um jeito de dizer que se tratava de outra criança. A situação só ficou insustentável, quando meu irmão mais novo faleceu em um acidente de carro. Ficamos muito baqueados. No velório, apareceram os irmãos biológicos. Não os conhecia, ficaram nos rodeando. Só soube da presença deles, quando minha irmã veio e me disse que queriam conversar com Monique. Fiquei apavorada, fomos embora para casa, não pudemos nem esperar o enterro, fato que a deixou muito chateada, chorando e dizendo que não pôde nem esperar o enterro do irmão. Nesse momento, me vi obrigada a falar, choramos muito, mas, passados uns dias, ela me disse que poderia haver outra família, mas a família dela era aquela que a criou, lhe deu carinho e amor. Ainda assim, continuei insegura. Conversando com meu irmão mais velho, ele me disse que, caso ela quisesse conhecer o pessoal, iríamos marcar uma reunião. O dia da reunião foi péssimo para mim. Apareceram os irmãos e as irmãs, a mãe biológica não compareceu. Tudo transcorreu tranquilamente, mas meu irmão não ficou muito



satisfeito, pois ela não havia conhecido a mãe biológica. Ele a levou para conhecer. Lá conversaram. Porém, ela deixou claro que, ainda que fosse sua mãe biológica, sua família era a nossa. Para mim, ela é como minha filha, às vezes, até brinco com ela e digo para me chamar de mamãe. Ela me diz que seus pais faleceram, mas que sou sua irmã amada e muito querida. Agradeço a Deus por essa dádiva. Por essa bênção em nossa vida.

Um olhar de “sobrinha-irmã”...

Dentre as possibilidades que uma adoção traz, posso dizer que tenho uma tia e irmã na mesma pessoa. Sou filha única. Quando tinha três anos, Monique veio morar conosco, portanto, cresci ao seu lado. Compartilhamos diversas alegrias e dificuldades, tê-la ao lado me trouxe um afago de irmã. Algumas coisas são inexplicáveis para quem está de fora, poderia escrever mil coisas, mas, hoje, palavras não são suficientes para expressar o tamanho do meu amor por ela.







Pai solo e adoção tardia: a paternidade e o amor como escolhas de vida

Randhal Wendel Fernando de Souza Santos

O início de um sonho...

Meu nome é Randhal Wendel, tenho 36 anos e sou Oficial de Apoio no TJMG, comarca de Uberlândia, há quase 18 anos. Dentre os vários setores nos quais já trabalhei, passei pela Vara da Infância e Juventude, onde trabalhei por cerca de quatro anos. Foi onde tive meu primeiro contato com a adoção.

Isto é, claro que já havia convivido com pessoas adotivas. Mas falo sobre o lado jurídico, as formalidades e “burocracias” da adoção. Além, claro, do – não menos importante – lado emocional e psicológico, o qual nem sempre se nota com todas as suas implicações no mero conviver com outras pessoas. Na Vara da Infância, por outro lado, onde inclusive tive a oportunidade de participar de várias audiências, acabamos nos inteirando desse lado.

Isso, obviamente, tem um duplo efeito sobre nós: deixa à mostra o lado maravilhoso e gratificante das histórias das famílias adotivas, como também os medos, as dificuldades e os desafios pelos quais passam essas famílias. Serve como incentivo, mas também nos deixa apreensivos e inseguros.

Foi nesse estado anímico que me encontrei, quando comecei a considerar seriamente a possibilidade de iniciar minha família de modo nada tradicional: um pai solo cuidando de um garoto pré-adolescente, a quem acabou





de conhecer. Prestes a terminar a universidade, a ideia começou a ganhar contornos mais concretos em meu espírito e em minha mente.

Definido o perfil do futuro filho, e após passadas todas as etapas do processo de habilitação, toca a esperar...

Espera difícil pelo grande dia...

Não foi nada fácil esperar o grande telefonema que me traria o melhor presente da minha vida. Ansiedade e angústia eram minhas companhias constantes. Tive tempo, inclusive, de modificar o perfil da criança tão esperada. Até que, finalmente, após alguns telefonemas infrutíferos, recebi o telefonema que mudaria para sempre a minha vida.

A ligação veio de um Estado vizinho. Havia um garotinho de 10 anos que, como eu, esperava por uma nova família. Foi então que começou realmente a ansiedade. Dúvidas cruéis assolavam minha mente: e se eu não conseguisse criar o garoto? Se não fosse um bom pai? Pior: e se o garoto, que por tanto tempo esperava por uma família, de repente não me quisesse? Afinal, um garoto de 10 anos já tem direito às próprias escolhas. Poderia dizer não. Afinal, não é muito comum uma criança ser cuidada por um pai solo. Na realidade do nosso país, é muito comum a criança crescer apenas com uma mãe, tia ou avó. O garoto certamente deveria ter coleguinhas nessa situação na escola; logo, não estranharia caso aparecesse uma mãe solo querendo adotá-lo. Mas um pai solo, sem uma mãe? Qual a garantia de que ele me aceitaria?

Com esse medo terrível, fui até sua cidade conhecê-lo. E, claro, apesar de todos os medos, já queria trazê-lo para casa no primeiro dia! Obviamente, tive que voltar para casa sozinho. Mas, para meu alívio, na segunda vez em que fui visitá-lo, ocasião em que ele foi informado de que eu pretendia adotá-lo, ele se abriu para a possibilidade de ser adotado por mim e aceitou me conhecer melhor.

Por cerca de longos quatro meses, desloquei-me até sua cidade quinzenalmente para passarmos o fim de semana juntos. Devo admitir que o estágio de convivência não foi nada fácil, afinal, tanto eu quanto ele ansiávamos pela sua vinda definitiva para Uberlândia. O que finalmente aconteceu no



dia 2 de dezembro de 2016! Há exatos quatro anos éramos finalmente pai e filho...

Aprendendo a se conhecer e a se respeitar...

Devo também admitir que o estágio inicial não foi nada fácil. Claro que os primeiros dias trouxeram uma emoção e sentimentos difíceis de descrever. A vida adquirira um novo sentido. Éramos uma família e estávamos felizes com isso. Ajudou o fato de estarmos de férias nos dois primeiros meses.

Mas claro que nem tudo eram flores: havia as discussões, os gritos, o momento em que ele pediu para ser levado de volta para o abrigo... E, para “ajudar”, começaram as aulas. As tarefinhas detestáveis, as brigas diárias na escola, os recadinhos na agendinha e os chamados do vice-diretor...

Lembro-me da aflição no primeiro dia de aula. O medo de que ele se sentisse assustado e acabasse fugindo no fim da aula. Saí correndo para buscá-lo, passei sinal vermelho, fui multado, mas, para meu alívio, lá estava ele, a carinha ansiosa, esperando no portão de entrada.

Passamos bons momentos, como também momentos difíceis. Como no dia em que telefonaram no meio do expediente para dizer que Matheus havia se cortado. A primeira ideia que passou por minha mente foi de que ele estava infeliz, mas, felizmente, fora apenas um acidente. Corri para levá-lo ao pronto-socorro, ocasião em que levei outra multa por cruzar o sinal vermelho. As duas primeiras multas da minha vida. O desespero e o medo de perder o filho que acabara de chegar em minha vida... Lembro-me de sua vizinha pré-adolescente dizendo que não queria morrer, que era muito jovem e que ainda tinha muito tempo para viver. E eu dizendo que ele não morreria, quando, lá no fundinho, a incerteza e o medo me corroíam. Felizmente, foi apenas um susto e quatro pontos no pulso.

Com o tempo – e muita sessão semanal de acompanhamento psicológico, sem falar na ajuda inestimável da Pontes de Amor – as coisas começaram a melhorar. Começamos a nos entender, fomos aprendendo, aos poucos, a conversar e a argumentar, a explicar e a expor os sentimentos, ao invés de gritar e ofender um ao outro. Ele foi aprendendo a importância de bem conviver socialmente, de respeitar os colegas e professores na escola... Aos poucos,





fui sendo chamado cada vez menos na escola. O dever de casa já não era mais uma tarefa hercúlea e desgastante. Ele aprendeu que não precisava tirar A em todas as matérias e provinhas, mas percebeu que não podia tirar C em tudo. Principalmente quando não havia um D, como eu pensara a princípio. Se C era a nota mínima, ele precisava se esforçar pelo menos para tirar um B. E eu, que sempre gostara de ler e estudar, percebi o valor da paciência nesse aprendizado gradual. Era preciso entender que nunca ninguém dissera que ele devia estudar, que devia fazer tarefinhas, que devia conversar corretamente... Como eu, ele também estava aprendendo.

Digo como eu, porque também tive minha cota de aprendizado. Ser mais tolerante no trânsito, por exemplo, pois descobri com o tempo que era constantemente observado. E, claro, copiado. E, normalmente, copiado nas coisas não muito boas. Então, acabei tendo que me forçar a ser mais paciente, a não brigar no trânsito, a não buzinar a todo momento, a não acelerar e falar palavras e comentários indelicados e impróprios... Esse aprendizado, aliás, não parou por aí. Comecei a monitorar minhas atitudes no trabalho, no trato com os colegas e clientes internos e externos. Comecei a perceber a importância do diálogo no lugar dos conflitos diretos. Aprendi a respeitar ainda mais as pessoas e a separar os conflitos desnecessários das lutas que devem ser encaradas de frente. Quando se aprende a dar a importância correta a cada fato, ao invés de se deixar levar por cada pequeno aborrecimento, a vida fica tão mais fácil e divertida...

As nuvens sombrias começavam a passar. Finalmente, nós nos sentíamos realmente pai e filho.

Foi também o tempo que levou para findar o processo de adoção, ao final do qual, inclusive, Matheus decidiu que gostaria de ser Matheus Gabriel, o que o Juiz acatou. Foi o terceiro dia mais feliz de nossa vida. O primeiro, quando nos conhecemos. O segundo, quando ele veio para Uberlândia. E, então, o dia em que o Judiciário decidiu que éramos mesmo pai e filho e que essa situação era definitiva. Nunca me esquecerei de sua carinha feliz, quando mostrei a nova certidão de nascimento, com seu novo nome, com meu nome, novos avós... Vida nova!



Inspiração

Matheus Gabriel foi, sem dúvida, uma grande bênção e uma enorme inspiração para mim. Antes dele, eu escrevia poesias. Entretanto, escrevia movido pelas dores e pelas tristezas cotidianas. Com ele, aprendi a escrever movido pelas alegrias e pela felicidade, pelo amor e pela gratidão. Tanto que o garoto – e um girassol que comprei para ele certo dia – acabaram por me fazer aventurar além: resolvi escrever um livro contando nossa história! Embora, após todos esses anos, o livro ainda não esteja terminado, Matheus Gabriel acabou me inspirando a escrever outros dois livros, os quais publiquei de forma independente. E nosso livro segue em produção!

Dia dos pais, dia das mães...

Primeiro Natal, primeiro Ano Novo, primeiro Dia das Mães... E a sensibilidade da professora, para se decidir entre deixar o aluno “de lado” da atividade de fazer uma lembrancinha para a mãe que não havia ou fazê-lo entender que, de um modo diferente, seu novo pai estava sempre lá por ele, protegendo-o e ensinando, ajudando e cuidando, com amor e carinho, como faria qualquer mãe... E a alegria do pãe ao receber sua galinha de E.V.A., que até hoje pende orgulhosamente da porta da geladeira! O que foi uma bênção, considerando-se que, no primeiro Dia dos Pais, o garotinho estava suspenso





das aulas, e, portanto, não pôde fazer a lembrancinha para seu novo pai... Seja como for, a preciosa galinha de E.V.A. foi parar no WhatsApp de todos os contatos do celular do pão...

Ampliando a família...

Para quem sentia medo de não conseguir criar um garoto, surpreendi-me certo dia perguntando a Matheus Gabriel se ele desejava um irmãozinho. E ele, a carinha ansiosa: “Que dia ele chega? Como ele chama?” Tive que re-frear seu ânimo e sua ansiedade. Era apenas uma ideia. Precisávamos levar essa ideia ao Juiz. E torcer para que ele aceitasse. Após novas entrevistas, finalmente estávamos novamente na fila de espera!

Enquanto o novo rapazinho da família não vinha, um fato interessante aconteceu: ampliamos os amiguinhos da família. Passamos de dois para cinco cãezinhos. E de dois para quatro gatinhos, que depois acabaram se tornando seis. Obviamente, tudo isso não veio sem uma carga intensa de estresse – e de aprendizado. Certo dia, ao ver minha luta com os amiguinhos, separando brigas e comprando calmantes naturais na internet, para colocar em suas vasilhas de água, veio a pergunta: “Pai, se eles não se entenderem, quem você vai devolver: os que acabaram de chegar ou os que já estavam aqui primeiro?”

Então, minha cabeça trabalhou rapidamente:

Sente-se aqui, meu filho; vamos conversar. Uma coisa que você precisa entender: ninguém será devolvido, nem bicho nem menino. Todos vamos ter que nos entender, nem que, para isso, todos tenhamos que tomar remédios e ir para o psicólogo, psiquiatra, o que for preciso!

Nem dá para dizer a carinha dele, seus olhinhos brilhando felizes e reconfortados. Percebi que não era medo de ter que devolver os amiguinhos de quatro patas. Claro que as bolinhas de pelo eram importantes, mas o medo era mais profundo: qual dos dois garotinhos voltaria para o acolhimento institucional, caso as coisas saíssem do controle? Seria ele? Seria seu futuro novo irmãozinho? Era importante, então, não apenas garantir com palavras que isso não aconteceria, era preciso mostrar com atitudes. O que não foi



nada fácil, quando o novo habitante chegou. Mas isso só bem depois descobriríamos...

O novo irmãozinho e seus desafios

Quando fomos conhecer o novo irmãozinho, também em um Estado vizinho, percebemos que havia uma longa e árdua estrada pela frente. As coisas não seriam tão fáceis como da primeira vez. Para deixar isso claro, houve até uma tentativa de fuga! Em um dos finais de semana que Lucas viera passar conosco, houve uma briga entre os dois; inexperiente, ameacei bater em Matheus, por achar que ele estava judiando do futuro novo irmão. Quando percebi, Matheus havia conseguido abrir o portão eletrônico “no braço” e corria rua abaixo! Consegui alcançá-lo um quarteirão abaixo, e, após cerca de uma hora – talvez mais – apenas segurando-o para que ele não fosse embora, consegui finalmente convencê-lo a voltar. Não vou dizer das pessoas que passavam olhando. Nem das palavras que ouvi – que eu sabia não serem pessoais, mas que não deixaram de ser um pouco difíceis de ouvir.

Esse foi apenas o começo. Claro que, nem por um único momento, pensei em desistir, tampouco em devolver qualquer dos dois, ou mesmo me arrependi. Mas não posso dizer que foi fácil. As coisas, aliás, só começaram a melhorar – levemente – quando comecei a entender o motivo de tanta dificuldade de adaptação. E devo dizer que isso aconteceu graças ao empurrão da minha nova chefe. Por insistência dela, fomos parar no consultório do Dr. Renato, fantástico psiquiatra, que nos ajudou a entender a nova situação. Começamos a pesquisar e entender sobre condições como TDAH, TOD, surto psicótico, esquizofrenia, bipolaridade, síndrome de Tourette, autismo... Felizmente, algumas possibilidades foram logo descartadas. Outras, infelizmente...

Começou a luta. Mudança e adaptação de medicação. Professor de apoio, algo fantástico e indispensável em seu caso e que até então desconhecíamos completamente... Situações inesperadas e estressantes, como um telefonema da escola dizendo que um certo garotinho, irritado, fugira da guarda da “tia” da escola e corria loucamente no meio da rua, passando sem pensar na frente de carros e ônibus... Dias de choro e desespero. Não apenas isso: dias de perseverança, persistência, paciência e amor. Muito, muito amor incondicional.



Coincidências, ou não...

Além do fato de virem ambos os garotinhos do mesmo Estado – embora de cidades diferentes –, outros fatores chamaram a atenção. Alguns um pouco tristes, como o fato de terem ambos ficado acolhidos por cerca de quatro anos. Outros, entretanto, são daqueles que acabam nos fazendo refletir, se não há realmente uma força maior que dirige nossa vida, e que tudo já não estava escrito bem antes de começarmos a fazer nossos planos. Como, por exemplo, no dia em que Lucas, durante uma das visitas, disse que não gostava de ser Lucas, que queria ser Gabriel. Então, qual não foi minha surpresa ao dizer que poderíamos pedir ao Juiz que deixasse ele se chamar Lucas Gabriel, como havíamos feito com seu irmãozinho, que era apenas Matheus e se tornara Matheus Gabriel, e ouvir como resposta: “Mas eu já sou Lucas!” Surpreso e confuso, pedi a ele que se explicasse melhor. E veio a resposta: “Eu sou Lucas Gabriel!”

Se isso não é um sinal divino, não sei o que mais pode ser... Como disse minha grande amiga Loane: eu encontrara não um – mas dois – anjos Gabriel!

O amor é a chave

O tempo revelou algo de valor inestimável: o amor é a saída.

Se Matheus era do tipo que, desde os primeiros dias, gostava de abraçar, beijar e dizer “eu te amo” a todo instante, a história com Lucas foi um pouco mais longa. Se, por um lado, era um garotinho extremamente talentoso, tanto como bailarino quanto como desenhista, por outro era alguém tremendamente assustado e perdido em seu próprio mundinho interior de dor e sofrimento. Levou um tempo para ouvir palavras como “papaizinho”, “papi” e “também te amo”.

Também nesse processo foi de extrema importância o apoio da escritã Cristiane Alves Fernandes e do Juiz Dr. César Aparecido de Oliveira, quando surgiu a possibilidade de ter que reduzir a jornada de trabalho, para dar mais atenção às demandas inesperadas do garotinho, como a necessidade de terapias e consultas abundantes e as situações de risco em que se colocava na hora da raiva. Não tenho palavras para descrever minha gratidão eterna a ambos, por se mostrarem abertos e compreensivos nesse momento



de dificuldade extrema, mesmo sabendo que isso poderia comprometer o bom andamento do serviço!



No meio do caminho, tinha uma pedra, digo, pandemia...

Com o tempo, entretanto, as coisas também começaram a ficar mais fáceis. Não posso deixar de dizer que a pandemia causada pelo Covid-19 e o isolamento social forçado, o *home-office* e o *home-schooling* concederam-nos um tempo extra precioso e fundamental para nosso relacionamento. Aprendemos a nos conhecer e a nos entender melhor, a nos respeitar e a dialogar... Foram momentos de muito aprendizado para todos nós. Novamente, aprendizado que levamos para outras áreas de nossa vida, como a convivência no trabalho, na escola... Tudo nos levou a evoluir e a crescer um pouquinho mais a cada dia.

Obviamente não foi nada fácil no início. Tivemos que readaptar rotinas, redirecionar esforços... Mas foi inegavelmente um momento que, apesar dos desafios impostos pelo isolamento e pela convivência forçada, também nos



aproximou. Aprendemos a aceitar um ao outro como somos, com nossas qualidades e com nossos defeitos e desafios. Aprendemos a nos respeitar e a nos amar independentemente das coisas mais difíceis de gostar e de aceitar no outro.

Hoje, observando todas as dificuldades pelas quais passamos ao longo de todo esse tempo, devo dizer que, embora saiba que muitas dificuldades e tempestades ainda virão pela frente, há muito mais para me orgulhar e alegrar, do que para me deixar ansioso ou frustrado.

Matheus Gabriel aprendeu tanto ao meu lado! De garotinho tímido e assustado, sofrido e agressivo, agora tenho um adolescente *youtuber*, que já ganha seu próprio dinheiro, que já compra suas coisinhas, que já sabe o valor do dinheiro, já faz consultas na internet sobre taxas bancárias e avaliações de vendedores *on-line*, que tem seguidores, admiradores e fãs que o elogiam e, de certo modo, têm-no como ídolo e modelo, e que chegam até a declarar amor em longas e infindáveis horas de *lives* transmitidas via YouTube.

Lucas Gabriel, por sua vez, revelou um inimaginável e inesperado mundinho infantil magnífico e infinito, fantástico e incrível. Um mundo povoado de fadas e elfos, goblins e sereias, heróis e vilões... Seres maravilhosos – e, por vezes, assustadores – que ele tenta a todo custo transportar para nosso mundinho real. Em suas sábias palavras: “Mas, pai, se até outro dia nós não sabíamos da existência das borboletas e desse tal de covid, por que os superpoderes e os gnomos não podem ser reais também?”

Claro, fiquei sem saber como responder...

Mas não foram apenas as criaturas juvenis que aprenderam e se desenvolveram. Também estou em constante construção e desconstrução. Aliás, devo admitir: o aprendizado ao lado de ambos é praticamente um intensivão diário! Nada fácil, mas gratificante e extraordinário!

Amigos: uma chave extra...

Se o amor é a chave, devo dizer que a amizade é como uma chave extra, dessas que descobrimos em passagens secretas ou usando códigos de trapaça nos jogos eletrônicos. São um apoio, sem o qual dificilmente me imaginaria



onde estou. Começando pela preparação para a adoção: Tia Íris, Tia Maria Cecília, Tia Loane, Tia Sílvia, Tia Viviane... Passando pelo estágio de convivência e pelas incontáveis viagens: Vovó Cida e Tio Dudu...

A nova família, que os acolheu com amor e carinho: Vovó Meyre e Vovô Caiô, Tio Joel, Tia Mevalda e Tio Gessé, Tia Eunice e os saudosos Tio Meirielson e Tia Meilu, Tia Camila...

O apoio fundamental e inestimável da ONG Pontes de Amor e todo o seu pessoal: Andreia, Bruna, Letielle, Any, Nayana, Lorena, Ana Aquino e tantos outros...

Amigos que, ao longo do caminho, tiveram tanta paciência conosco, como o Tio Alex, Pedro e os outros colequinhas do balê, professores, diretores e vice-diretores, e os que demonstraram tanto apreço e nos acolheram de braços abertos, como a Bah (Tia Bárbara), o Tio Roh, Tia Mineia, Tia Denise, Tia Aline, Tio Luiz Fellipy, Tia Josi, Tia Michele, Tia Cleide, Tia Regina, Tia Mari e Tia Tati e tantos outros...

Cada um foi importante em cada momento dessa maravilhosa, mas árdua caminhada. Cada um foi um pontinho de luz a cada passo, um anjo sem asas enviado por Deus, para nos amparar e nos iluminar, para nos orientar e nos guiar nessa missão...

Para finalizar, devo alertar que, embora tenhamos “fechado a fábrica” depois do pequeno Lucas, as bolinhas de pelo são um fenômeno independente, que se multiplica independentemente da nossa vontade, como os movimentos involuntários do músculo corporal a que chamamos coração: atualmente, temos 20 amiguinhos, já que os 8 gatinhos tornaram-se 15 inesperada e repentinamente...

Resumindo: apesar dos mitos e das dúvidas que rodeiam a adoção e, mais especificamente, a adoção tardia, preciso confessar que não consigo mais imaginar minha vida sem meus moleques. Apesar de estar sempre cansado, com sono, com fome, atrasado e sem dinheiro... tenho a casa e o coração cheios de amor e felicidade! São dois anjos que a cegonha me trouxe que mudaram por completo – e para melhor! – a minha vida. São fontes diárias de amor e alegria da minha vida. Vida da qual nem me lembro mais como era antes deles! Sinto um orgulho imenso em falar deles e em contar nossa





história. E todos os dias, quando acordo e quando me deito para dormir, só há uma palavra para definir meus sentimentos: gratidão!

Nas palavras do grande Elton John: “Eu espero que você não se importe por eu colocar em palavras quão maravilhosa é a vida, agora que você está em meu mundo!”

*“Espero que você não se importe por eu
Colocar em palavras como a vida
É maravilhosa agora que você
Está em meu mundo.”*









Minha história de amor incondicional

Roberta Aparecida Antunes do Nascimento

Primavera de 2020.

Meu nome é Roberta Aparecida Antunes do Nascimento, tenho 48 anos, sou casada com Aline Helena Marques há quase quatro anos e mãe da Luísa Antunes do Nascimento, hoje com oito anos.

Falar de maternidade enche meus pulmões, oxigena minha alma e exala um amor que, às vezes, parece não caber em mim.

Recordo que meus instintos maternos começaram a aflorar aos 17 anos, quando falava para minha avó Florista que seria uma mãe independente, porque naquela ocasião eu já não via possibilidades de construir um relacionamento heterossexual.

A vontade de ser mãe era imensa, mas eu queria ter poder aquisitivo para oferecer à criança boas condições de saúde e educação. Porque amor é a coisa mais importante que uma criança precisa, mas criar um filho vai além disso. Já novinha sabia o quão injusta é a vida e que, além do meu amor, precisaria oferecer condições para que essa criança crescesse com capacidade de ter um lugar ao sol, um bom emprego e uma vida digna.

Eu já sabia que, além do meu amor, que seria realmente incondicional, precisaria passar todos os meus valores e auxiliar na condução do caráter que fosse construindo pela vida.



Ser mãe ou pai biológicos ou adotivos (porque a responsabilidade é a mesma) é o maior ato de coragem do ser humano. Digo isso porque, para mim, ser mãe não é somente os cuidados diários com alimento, vestuário, escola... ser mãe é conduzir 24 horas por dia o desenvolvimento de um ser em formação, é cuidar para que uma situação não seja mal interpretada, é compreender o sentimento daquele pequeno ser, é saber a hora de falar e de calar, saber se colocar, para que a criança entenda também suas limitações, enfim, é algo de extrema responsabilidade e que, numa condução equivocada, pode causar danos de grandes proporções.

Por que estou falando isso? Porque acho muito importante que as pessoas que, como eu, desejam adotar uma criança, tenham em mente a responsabilidade do seu amor. Para que estejam preparadas para acolher e amar incondicionalmente uma criança ou adolescente, sem cobrar-lhe eterna gratidão por “seu ato de caridade”.

A adoção não deve ser vista como um ato de caridade. Ela é, antes de tudo, uma oportunidade. E, para alguns, como eu, a única oportunidade de exercer plenamente a maternidade, ou paternidade para outros.

É uma troca de amor incondicional, em que eu me torno mãe/pai e a criança se torna filho(a) num ato recíproco de amor.

Mas voltemos à minha história.

Aguardando por ter condições materiais para ter um filho, que nessa época seria biológico, o tempo foi passando. Estudei, me formei, assumi a minha condição de homossexual, fui tia por duas vezes (o que neutralizou um pouco a minha ansiedade de ser mãe) e, por volta do ano de 2002, aos 30 anos, os hormônios começaram a “gritar”.

Nessa época fiz algumas tentativas de uma gravidez natural, com acompanhamento médico para controle de ovulação. Mas não aconteceu!

Estava em um relacionamento homoafetivo e pensamos então na inseminação. E partimos para a busca desse sonho (que era meu).

Em 2005 e 2006, fiz diversos exames e até um pequeno procedimento cirúrgico, para retirar três miomas que estavam na entrada do útero e poderiam dificultar a inseminação.



Em dezembro de 2006, já com 34 anos, estava na metade do curso de Serviço Social e tinha uma professora que era assistente social no Poder Judiciário. Conversei com ela sobre meu desejo de ter um filho, se eu poderia me cadastrar e como era todo o processo. Dias depois entreguei a ela toda a documentação e fiz meu primeiro cadastro para adoção, que, naquela época, ainda era realizado por comarcas (ainda não existia o Cadastro Nacional).

Fazer o cadastro de adoção me tirou muito a ansiedade por engravidar. Em 2007, fiz o meu cadastro em mais uma comarca e, em seguida, meu nome já estava no Cadastro Nacional.

Depois de me cadastrar, larguei a possibilidade de fazer inseminação para trás, porque era um procedimento de alto custo, com poucas garantias de dar certo. Naquela ocasião, também movida pelos conteúdos trabalhados no curso de Serviço Social, pensei que seria muito dinheiro investido, para garantir um vínculo genético, quando temos tantas crianças precisando de amor, cuidados e orientações para a vida.

Sobre o cadastro, gostaria de ressaltar que fiquei muito incomodada em preencher o perfil da criança que gostaria de ter, me senti quase construindo um avatar, desses que a gente monta hoje em dia nas redes sociais.

Quando as pessoas engravidam, pedem que o filho venha com saúde. Na hora de adotar, escolhem características e condições. Isso foi difícil para mim. No entanto, naquela ocasião, fiz minhas escolhas: Se quero dar amor, que seja para aqueles que têm menor chance de receber. Então coloquei no meu cadastro que queria uma criança indígena ou negra e, infelizmente, naquela época (em virtude das crenças limitantes), eu defini que a criança tivesse até três anos de idade. Coisa que não faria mais hoje.

Desisti definitivamente da inseminação.

Em dezembro de 2008, eu recebi o primeiro telefonema da comarca onde fiz o primeiro cadastro. Era um menino! Mas eu não pude recebê-lo. Eu estava desempregada, terminando faculdade e duas pós. Queria muito, mas não poderia.

Lembro-me de que encostei na parede e desci escorregando, chorando com meu coração apertado. Mas foi o mais sensato naquele momento.



Nessa ocasião, ouvi uma frase que nunca mais saiu da minha cabeça: “Se você quer adotar, nunca terá o momento certo, com as condições adequadas. Você sempre será pega de surpresa”. E isso é a mais pura verdade! Porque uma gestação você pode não planejar, mas tem nove meses para se organizar. Já a adoção é imediata: você quer ou não quer... não dá para pensar, porque existe uma vida aguardando para viver.

Em 2009, recebi mais duas ligações, mas, por questões éticas, que não vou adentrar aqui, não pude receber as crianças.

Dizer “não” para algo que desejava tanto foi muito doloroso para mim. Mas depois entendi que tudo tem seu tempo, e o que é para ser nosso chegará até nós em algum momento.

Em 2011, por questões de saúde, precisei fazer uma histerectomia total. Sofri muito, porque, enquanto eu estava retirando meu útero num bloco cirúrgico, nascia um bebê na sala de parto ao lado.

Um mês depois da cirurgia, o telefone toca novamente. Era uma ligação originada pelo Cadastro Nacional. Eu precisaria viajar e me organizei para isso. Mas, quando cheguei, algo deu errado, e a criança já estava em aproximação com outra família. Fiquei arrasada!

Em julho de 2012, recebi mais uma ligação. Era uma criança que demandava cuidados especiais. Eu trabalhava em duas cidades, quase 15 horas fora de casa. Não pude assumir tamanha responsabilidade. Esse caso, em especial, me fez entender que cada um chega aonde precisa chegar.

Em setembro do mesmo ano, recebo novamente uma ligação do Fórum. Era uma menina pretinha, de 28 dias de vida, que me esperava para ser sua mãe. Como a ligação ocorreu numa quinta-feira, pedi para pensar até segunda-feira, porque estava viajando. Meu coração disparou, fiquei apertada e compartilhei com minha mãe.

Meus pais me atormentaram, porque queriam ver a criança de qualquer jeito. Com muita negociação, consegui uma autorização para que meus pais pudessem visitar a bebezinha. Eles foram e se apaixonaram pela menina. O amor dos meus pais foi a condução para o meu “sim”.



No mesmo dia, liguei para o Fórum e pedi para seguir com a documentação de adoção, que eu estaria indo para a cidade buscar minha filha.

Assim foi a adoção da Luísa. Eu não a vi. Meu primeiro contato com ela foi no abrigo, no dia em que fui buscá-la. E, quando a recebi em meus braços, eu sabia que era a minha filha. Do primeiro telefonema ao dia em que cheguei para buscá-la passaram-se 12 dias. Luísa tornou-me mãe aos 40 dias de vida dela e aos meus 40 anos de idade, pois a recebi de presente no dia do meu aniversário. Esse é o melhor presente que tive e tenho em minha vida.

Estamos juntas há oito anos e comemoramos o aniversário dela em sua data oficial de nascimento, e, no dia do meu aniversário, comemoramos também nosso encontro. Temos uma relação de respeito, pautada na verdade. Não escondo nada sobre a história dela e, à medida que ela vai crescendo, vamos aprofundando no assunto sobre sua adoção.

Criar um filho não é uma tarefa fácil para ninguém, mas é o melhor sentimento que há na vida.

Às vezes, as pessoas falam que ter um filho adotivo é muito difícil. Ter um filho é difícil em qualquer circunstância. Só que, quando ele é gerado por você, terá que arcar com o que vier. Quando é adotivo, joga-se a culpa por qualquer coisa na genética ou na condição de vida daquela criança. Precisamos romper com os estigmas e crenças limitantes.

Adotar é um ato de amor para quem não fica esperando gratidão.

Adotar não é tampar um buraco na própria vida, não é fazer caridade, não é substituir uma perda. Adotar não é para qualquer pessoa!

Uma criança que está disponível para adoção não é uma criança problema, é uma criança que não teve oportunidades como outras, e que vem, na maioria das vezes, com uma história de dor, de abandono, de violência, entre outras coisas.

Ao se cadastrar para adoção, os pretendentes devem ter consciência disso e saber lidar com as adversidades que vão surgir com o tempo.

Luísa é geniosa, temperamental, brava e ao mesmo tempo amorosa. É difícil às vezes? É sim! Há momentos em que morro de raiva, fico triste por situ-





ações desnecessárias, mas nosso amor é maior que tudo. E vamos juntas atravessando as dificuldades na certeza de que temos uma à outra e estaremos sempre juntas.

O que quero reforçar é a importância de lidar com a verdade. De permitir que a criança saiba sua história no tempo certo para ela. É saber que, enquanto pais, somos frágeis também. Então eu digo para Luísa: filha, estou triste por você ter feito isso ou aquilo. Não precisa ser assim... É não vitimizar a criança por ter sido adotada e ser permissivo a tudo o que ela faz porque é uma coitadinha. Não! Crianças adotadas não são coitadinhas. São crianças que têm um lar, uma família que as ama, que devem ter todas as oportunidades de qualquer criança, mas também todos os limites e orientações para seu pleno desenvolvimento.

Sejamos verdadeiros e amorosos, essa é a melhor maneira, a meu ver, de ter êxito na educação de uma criança, independentemente se saiu da sua barriga ou do seu coração.

E, por falar em coração, quando Luísa (aos três anos) me perguntou, pela primeira vez, sobre o seu nascimento, se minha barriga tinha ficado muito grande, eu lhe expliquei da seguinte forma:

Luísa, mamãe não ficou com você na barriga. Eu tive um dodói e precisei tirar a bolsinha onde ficam guardados os bebês na barriga. Mas eu queria tanto que você chegasse, que eu pedi ao Papai do Céu para mandar você para mim de alguma forma. Aí ele colocou você na barriga de uma moça e disse para ela que, quando você nascesse, que entregasse você para mim. Assim, na medida em que a barriga dela crescia, você também foi crescendo em meu coração. E no dia que me ligaram avisando que você havia chegado, meu coração explodiu de alegria.

E assim vamos construindo nossa história de amor, embasada numa verdade poetizada, cheia de emoções, de altos e baixos e de muito, mas muito amor.









Adoção internacional: um verdadeiro paradigma para a mudança

Roberto Apolinário de Castro

Sou magistrado do Estado de Minas Gerais, desde 1995, tendo sido aprovado na turma de 1993.

Inicialmente, fui trabalhar como juiz substituto na Comarca de Novo Cruzeiro-MG, no Vale do Jequitinhonha, onde tive possibilidade de trabalhar em poucos casos de adoção.

Em março de 1997, fui trabalhar na 2ª Vara da Comarca de Timóteo-MG e deixei de ter contato com a jurisdição da Infância e Juventude, visto que esta era de competência da 1ª Vara.

No mesmo ano de 1997, em outubro, fui promovido para a Vara da Infância e Juventude de Governador Valadares-MG, com competência privativa para as questões relacionadas a atos infracionais e medidas de proteção, dentre as quais a adoção.

Permaneci, por quase dois anos, como titular da Vara da Infância e Juventude de Governador Valadares-MG, realizando dezenas de adoções nacionais e internacionais.

Toda adoção gera uma sensação muito prazerosa, pois uma criança ou adolescente é colocado no seio de uma família substituta que não pôde ou não



quis ter filhos biológicos, isso após passar por uma situação de extrema vulnerabilidade por parte da família biológica.

Durante mais de duas décadas de caminhada na magistratura mineira, o que mais chamou a minha atenção foi uma situação vivenciada na pequena Comarca de Galileia-MG, aproximadamente a 380 km de Belo Horizonte-MG, onde aconteceu uma situação, no início, digna de um filme de terror, quando oito crianças e adolescentes se encontravam em total estado de abandono, misturados aos animais para se alimentar do pouco que tinha na residência, já que os pais e avós eram alcoólatras e não tinham qualquer compromisso com a prole, e o neto foi abandonado pela mãe na situação indigna em que se encontravam os demais irmãos.

Por vários anos, os pais e avós dos oito menores passaram por todas as espécies de orientações e tentativa de auxílio, visando a minimizar o sofrimento daqueles que não pediram para vir ao mundo, ou tiveram opção de escolher outros pais.

Como na Comarca de Galileia-MG não havia abrigo, foi necessária a colocação das crianças e adolescentes na Comarca de Mantena-MG, bem distante de Galileia-MG, até que se processasse o pedido de destituição do poder familiar e tentativa de colocação em família substituta.

A situação vivenciada nesse caso fez com que o Poder Judiciário trabalhasse com o Poder Executivo, inclusive através de ação civil pública, para implantar, na Comarca, uma casa de abrigo, o que ocorreu, e a casa acolhedora até hoje continua recebendo crianças e adolescentes dos três municípios integrantes, Galileia, Divino das Laranjeiras e São Geraldo do Baixio, e as despesas com a manutenção do referido estabelecimento são custeadas pelos três municípios.

Como foi necessária a retirada das crianças e adolescentes das famílias naturais, instaurou-se procedimento verificatório e processos de destituição do poder familiar, pré-requisito para colocação em família substituta adotiva.

A destituição do poder familiar dos menores aconteceu em processos, obedecendo ao contraditório e à ampla defesa, pois, desde 2005, o Conselho Tutelar de Galileia-MG recebia notícias de que as crianças e adolescentes

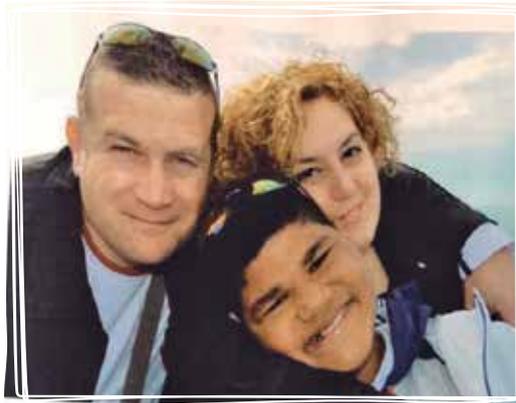


viviam em total situação de vulnerabilidade, o que foi comprovado posteriormente por equipe do Poder Judiciário.

A destituição do poder familiar dos pais de sete menores, José Moreira de Paula e Creuza Rosa de Jesus, ocorreu nos autos do Processo nº 0273.08.005614-9, e o Ministério Público foi o requerente do processo de destituição do poder familiar em favor dos menores Marta Rosa de Paula, nascida em 3/1/1995, Berguelino Rosa de Paula, nascido em 19/7/1996, Rosimeire Pereira de Jesus, nascida em 19/10/1997, Rosimar Moreira de Jesus, nascido em 16/10/1999, Carlos Miguel Moreira de Jesus, nascido em 8/7/2001, Verônica Rosa de Paula, nascida em 17/11/2003, e Lindemberg Rosa de Paula, nascido em 21/9/2006.

Quando de uma visita realizada pelo Conselho Tutelar em 20/9/2008, as crianças Lindemberg e Verônica foram encontradas sentadas no chão molhado do quintal, e a alimentação deles era sopa cheia de moscas, conforme constatado no processo de destituição do poder familiar.

A mãe da criança Carlos Emanuel Domingos, nascido em 4/5/2002, Valéria Rosa Domingos, não estava empreendendo os mínimos cuidados para o bem-estar do filho, o que ocasionou a destituição do poder familiar, através do Processo nº 0273.08.005613-1, por deixá-lo abandonado nas ruas da cidade, sujo, descalço e sem qualquer alimentação. Posteriormente, a criança foi deixada com a avó materna Creuza Rosa de Jesus, casada com José Moreira de Paula, e juntos tinham outros sete filhos, passando os oito a viver em total estado de abandono.



Em estudo social realizado, ficou comprovado que o local onde habitavam as crianças e adolescentes era totalmente inadequado, pois havia muita sujeira em toda a casa, comidas e fezes espalhadas pelo chão, moscas e roupas sujas por todos os lados, e então o poder familiar foi destituído, em decorrência da falta de capacidade dos responsáveis de proporcionar um ambiente de segurança e proteção aos menores.

Esses menores também não frequentavam escola, os pais eram alcoólatras, a mãe/avó sofria de transtorno mental, e os genitores não conseguiam controlar o comportamento social dos filhos, que ficavam pelas ruas, desprovidos dos mínimos cuidados.

Os pais e avós das crianças e adolescentes, em total estado de vulnerabilidade, permaneciam, grande parte do tempo, alcoolizados e levando para sua casa amigos igualmente alcoólatras, que dormiam juntos com as crianças, com denúncia inclusive e relatos de possíveis abusos sexuais.

Final parcialmente feliz: Depois de tanto sofrimento das crianças e adolescentes, pelo menos quatro deles foram colocados em famílias substitutas, através do excelente instituto da adoção.

Felizmente, a situação tão desastrosa acabou com final parcialmente feliz, em que quatro dos oito vulneráveis foram colocados em famílias substitutas através da adoção.

Sete eram irmãos, e um, sobrinho, dos quais o sobrinho e três irmãos foram levados à adoção, sendo o irmão mais novo dos sete, Lindemberg Rosa de Paula, nascido em 21/9/2006, adotado por uma família brasileira, e três por famílias italianas, um sobrinho e dois irmãos.

Os três que foram adotados por famílias estrangeiras, o primeiro deles, Carlos Emanuel, tio dos demais, foi para a família italiana de Andrea Balotti e Elisa Lucarelli, sendo que, posteriormente, dois sobrinhos dele, Verônica e Carlos Miguel, também foram adotados por família italiana, Piermichele Malucchi e Annarita Mura (Processo nº 0273.11.001437-3).

O mais comovente e importante de tudo isso ocorreu durante o primeiro contato da família estrangeira com Carlos Miguel, visando a conhecê-lo para uma pretensa adoção, quando ele disse para o casal pretendente da adoção



que tinha interesse de ir para o seio familiar, mas não gostaria de deixar para trás sua irmã Verônica.



A situação foi comovente, pois o casal pretendente à adoção de Carlos Miguel anuiu ao pedido dele e se interessou também pela adoção de Verônica, demonstrando, assim, que, embora em uma situação de total vulnerabilidade, as crianças se amavam e uma se preocupava com o bem-estar da outra.

Outra situação comovente verificada no curso dos processos foi a intervenção do primeiro adotado, para a concretização da segunda adoção, que se deu em razão de a primeira ter sido realizada em face de Carlos Emanuel, tio de Carlos Miguel e de Verônica, pois, ao chegar à Itália, começou a arquitetar com os pais adotivos a possibilidade de outras famílias adotarem os demais menores, o que deu ensejo à pretensão por parte de Piermichele Malucchi e Annarita Mura.

Na Itália, as famílias se encontram totalmente ajustadas e em um verdadeiro paraíso, pois o tio e os dois sobrinhos residem próximos e mantêm constante convivência, sendo excepcional a relação pós-adoção, e, pelo que se sabe, de vez em quando, os irmãos e tio que residem no exterior visitam os demais parentes aqui no Brasil, que alcançaram a maioridade e teriam, pelo que se sabe, constituído famílias ao deixarem a casa de acolhimento.

O mais novo de todos os sete irmãos, Lindemberg Rosa de Paula, foi adotado pela família brasileira Sueli de Oliveira Silveira e Laudelino Silvério da Silva,





pois, logo após a destituição do poder familiar dos genitores, foi colocado em família substituta, que se interessou por sua adoção, por ser ele o mais novo de todos.

Dos oito, quatro deles ficaram sem colocação em família substituta adotiva, pois eram os de mais idade, e ninguém se interessou pelo ato, tendo alcançado a maioridade ainda na casa de abrigo; porém, segundo informações, estão bem, inclusive com constituição de famílias.

Durante vários anos de exercício na magistratura, essa situação aqui relatada foi uma das mais chocantes e que até hoje me causa emoção, por vislumbrar quão vulneráveis são os nossos pequenos, e ainda há a resistência de adoção por brasileiros de crianças negras ou adolescentes.

A qualidade de vida ofertada aos menores pelas famílias adotantes demonstra que não existe distanciamento para um verdadeiro amor, independentemente de gênero, cor ou raça.

Um pensamento para meditação de todos: amamos nossos filhos biológicos porque somos pais. Os pais adotivos amam seus filhos porque querem ser pais.

O instituto da adoção no contexto da Vara da Infância e Juventude é o mais empolgante e apaixonante de todos os temas, notadamente, quando se percebem os esforços empreendidos para a colocação de crianças e adolescentes em famílias substitutas na modalidade de adoção.

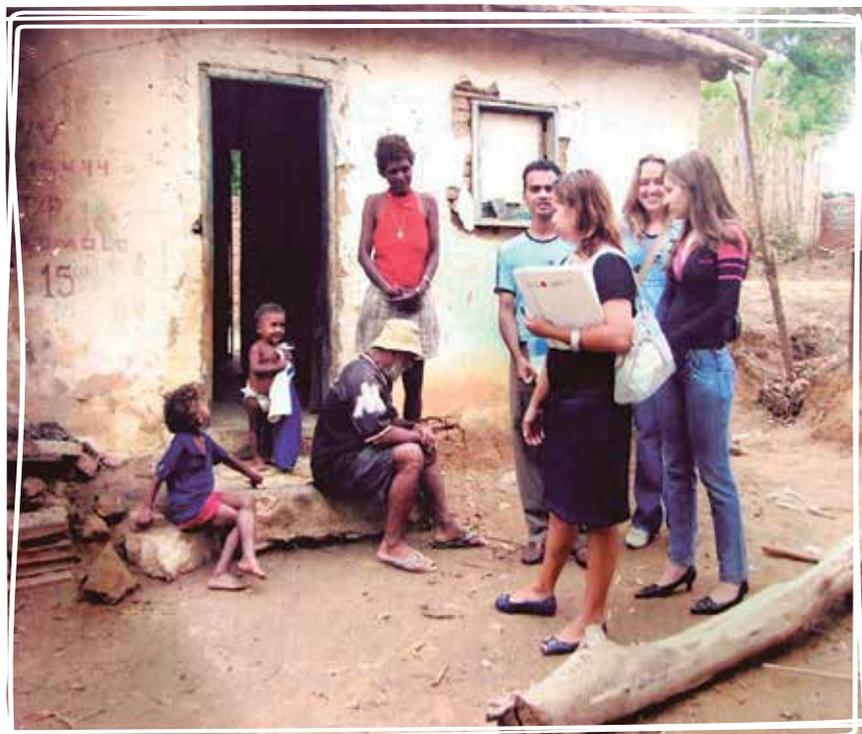
No Brasil, infelizmente, a cultura da adoção ainda é arraigada de diversos preconceitos, pois os pretendentes à adoção querem crianças de pele clara, olhos claros, recém-nascidas e escolhendo até mesmo o sexo.

Difícilmente, os três adotados por casais italianos seriam adotados no Brasil e teriam o mesmo destino que os outros quatro irmãos e tios mais velhos.

Os cidadãos italianos são os que mais adotam no Brasil e exigem menos. Durante toda minha caminhada como magistrado, mais de 90% das adoções internacionais por mim decididas foram para a Itália, e, felizmente, não se tem nenhuma notícia de qualquer desacerto nas adoções.



Em conclusão, pode-se afirmar, com certeza, que sempre haverá uma luz no fim do túnel e que todos aqueles magistrados que exercem a função de Juízes da Infância e Juventude jamais poderão perder a esperança de que a colocação de uma criança ou adolescente em família substituta, seja nacional ou estrangeira, é um trabalho de excepcional sociabilidade e humanização para aqueles que não tinham uma família de sangue acolhedora.







Um menino para ser meu irmão

Rógerson Miranda

— Mamãe, aquele menino serve para ser meu irmão. Podemos levá-lo para casa?

— Não, Léo. Claro que não. A gente não pode sair na rua para passear e simplesmente pegar o primeiro menino que a gente vê. Todas as crianças que estão brincando aqui na praça têm uma família, que ficaria muito triste se eles sumissem de uma hora para outra.

— Mas eu quero ter outro irmão — dizia ele sempre.

Começamos a pensar em adoção quando o nosso filho Leonardo disse que queria ganhar mais um irmão, mas que já fosse grande para brincar com ele. Toda vez que a gente andava na rua ou saía para brincar na pracinha, ele, no auge dos seus quatro anos de idade, queria pegar e levar um novo irmãozinho para casa.

Antes de continuar a história, voltemos um pouco no tempo.

Meu nome é Rógerson Miranda e venho de uma família de pai, mãe e quatro irmãos. Nasci em Belo Horizonte em 1968, e, naquela época, era muito comum brincar na rua: jogávamos bola, bolinha de gude, fazíamos carrinhos de rolimã e não havia um só dia em que não brincássemos com os amigos na rua. Como éramos de uma família pobre, praticamente não ganhávamos brinquedos, mas havia uma grande imaginação para inventar as brincadei-



ras. Eu adorava ter muitos irmãos, pois nunca ficava sozinho em casa e sempre havia alguém para brincar comigo.

Já a minha esposa, Maria Beatriz, nasceu na Cidade do Serro, no interior de Minas, e tinha um único irmão. Apesar da família pequena, era muito comum suas primas que moravam na zona rural passarem algumas temporadas na casa dela para estudar na cidade. Toda vez que alguém saía da roça e precisava de algum apoio na cidade, a casa dela era o destino certo. Assim, a casa sempre estava cheia, e também não faltava gente para brincar.

Assim, a nossa infância foi marcada pela minha alegria em ter muitos irmãos e pela vontade da Beatriz em ter mais irmãos, já que ela gostava muito de brincar com as primas. Nós nos conhecemos em 1996 e, com menos de dois anos, já havíamos nos casado. Sempre tivemos um ótimo relacionamento e uma grande vontade de ter uma família com pelo menos três filhos para deixar a criançada se divertir muito, brincar e fazer uma boa bagunça em casa. Em 2003, nasceu o Leonardo, e, em 2006, a Marina. Depois de algum tempo com os dois filhos biológicos, voltamos a conversar sobre o nosso sonho de termos um terceiro filho, mas decidimos que não queríamos passar novamente pelo processo de gravidez e parto.

— E que tal adotarmos uma criança?

Aí o Léo volta para a história, pois também chegamos à conclusão de que queríamos ter um outro filho, mas que já fosse grande.

Como não conhecíamos ninguém que havia adotado crianças, passamos a ler sobre o assunto para conhecer o processo de adoção.

— Mamãe, aquele menino pode ser o meu irmão?

— Não, Léo, aquele não, mas podemos adotar uma criança que não tenha uma família nem uma casinha para morar.

Depois de participar de palestras e ler muito sobre o assunto, definimos que queríamos um filho que não fosse mais velho do que o Léo (para ele não perder o “título” de primogênito), nem que fosse mais novo que a Marina (para ela não perder o “título” de caçulinha). Queríamos um menino com idade entre três e cinco anos. Entramos na fila de adoção ao final de 2008. Falamos com os nossos dois filhos que eles iriam ganhar mais um irmãozinho.



— Ele vai morar na sua barriga?

— Não, Léo. Ele não vai morar nem nascer da barriga da mamãe e já vai ser grande para brincar com você e com a Marina.

Como queríamos adotar uma criança fora das características mais procuradas pelos adotantes, soubemos que o processo poderia ser mais rápido.

Um ano se passou...

Estávamos no início de 2010. O Léo havia completado sete anos em fevereiro, e a Marina completaria quatro anos em maio. Num dia, durante nossas orações, elevamos o pensamento ao Papai do Céu e pedimos que ele nos encaminhasse a criança que completaria a alegria da nossa família, se isso fosse o melhor para a vida de todos nós.

Poucas semanas se passaram, e recebemos a abençoada ligação. Corremos para a Avenida Olegário Maciel, e lá nos mostraram o perfil do menino e nos contaram sobre a sua vida familiar progressa. Era uma tarde de sexta-feira, e nos perguntaram se gostaríamos de conhecê-lo pessoalmente. Dissemos que sim. Eles nos deram uma carta, o endereço do abrigo onde ele se encontrava e, quando vimos, não acreditamos. Depois de aguardar por mais de um ano, notamos que ele estava num abrigo que ficava a cinco minutos da nossa casa.

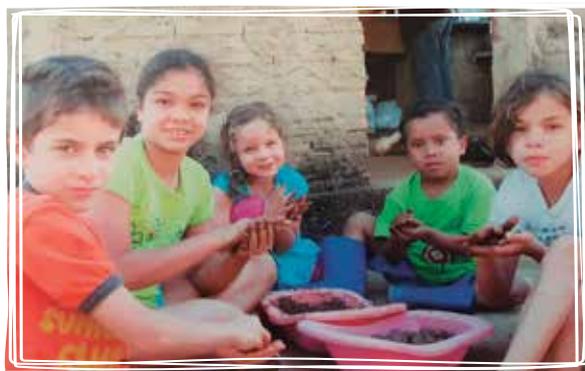
Rumamos para lá e, no mesmo dia, conhecemos o Rafael. Ele tinha três anos (mesma idade da Marina, mas dois meses mais velho do que ela). Ele brincava normalmente com as outras crianças. Um misto de sentimentos tomou conta de nós. A ficha caiu e pensamos: não é a nossa família que o adotará. Ele também precisará adotar a nossa família. Tem que ser um processo de mão dupla. E havia um agravante: ele já havia sido adotado e devolvido. Não queríamos errar. Não tínhamos o direito de fazer isso com ele pela segunda vez. Ninguém poderia brincar com tantos sentimentos envolvidos nesse processo.



Rafael com o Papai Noel ainda no abrigo para crianças.

Passamos a visitá-lo com mais frequência. No início, ele saía para passear e brincar com o Léo e a Marina na praça ao lado do abrigo. Depois, passamos a levá-lo para casa nos finais de semana. Passamos a ter mais contato com ele. Quando tivemos certeza da afinidade dele conosco e com os nossos filhos, pedimos autorização para que ele começasse a viver na nossa casa e formamos uma nova família, agora com três filhos. Ele havia acabado de completar quatro anos.

Enquanto ele se adaptava à nova rotina de morar com uma família, corria, em paralelo, o processo jurídico de perda da guarda pela mãe biológica, de adoção por nossa parte e ainda de troca de nome e sobrenome, com emissão de nova certidão de nascimento. Deu tudo certo.



Brincando com barro na roça: Léo, Camila (prima), Marina, Rafael e Daniela (prima).



O Rafa passou por inúmeras adaptações em sua vida nos meses seguintes: nova casa, nova escola, novos amigos, novas professoras, novos tios, tias, primas, primos e avós. Mudamos o *layout* de nossa casa e demos um quarto novo para ele. A gente ia se adaptando ao jeito dele, e ele ia se adaptando à nova família. Os anos se passaram rápido...

Neste momento em que escrevo, o Rafael está com 14 anos. Quando paramos para pensar, nem dá para acreditar que ele já está conosco há 10 anos. A cada dia que passa, ele vai formando a sua personalidade. Enquanto o Léo e a Marina sempre foram mais tímidos, ele é o brincalhão da casa. É quem traz a gargalhada. Ri de tudo. Gosta de desenhar, já fez curso de circo, tocou violão; é o cara das artes. O Léo e a Marina gostam de ciências exatas; ele não gosta de matemática, mas sempre tirou boas notas na escola. Compensa sua maior dificuldade de aprender com muito estudo. É extremamente esforçado. Mas não há ninguém na escola que não goste dele. Dos colegas de classe, passando pelos professores, pessoal da limpeza e vigilância. É de fácil relacionamento com todos. Respeita o jeito de ser de cada um.

É muito legal acompanhar o Rafael passando pelas novas experiências: a primeira viagem para a casa da avó, para a fazenda do tio, aprender a andar de bicicleta, conhecer a praia, passear em cachoeiras e parques, andar de avião, passar aperto em dia de prova difícil. Em cada nova descoberta, mais brilho nos olhos. É um adolescente como o Léo e a Marina, estuda, corre, joga *videogame*, ajuda nas tarefas de casa e vai abrindo seus espaços e correndo atrás dos seus sonhos.



Com a família em 2020: Rafael, Marina, Rôgeron, Beatriz e Leonardo.



O processo de adoção é maravilhoso. Já me perguntaram:

— Mas você o ama da mesma forma que ama os outros dois?

E digo:

— Claro que não. Eu nunca amei o Léo e a Marina da mesma forma. Como poderia amá-lo igualmente? Acredito que o amor é individual, o amor respeita a forma de ser de cada ser humano, o amor entende as dificuldades das pessoas, o amor ajuda as pessoas a crescerem, a se sentirem valorizadas, a se tornarem seres humanos melhores. Eu o amo e também amo o Léo e a Marina da forma que são. O amor respeita e dá liberdade às pessoas.

Não consigo pensar onde estaria o Rafael hoje se não fosse adotado por nós. Também não sei como estaria a nossa família se o Rafael não estivesse conosco. Mas tenho certeza de que tomamos a decisão certa. Deus fez os nossos caminhos se cruzarem e estamos crescendo juntos. Fizemos tudo da maneira correta, respeitando toda a legislação.

E o Léo?

Além de ser um grande parceiro do Rafa, hoje ele entende perfeitamente que não dava para pegar qualquer menino brincando na praça para ser o seu irmão!









Filhos nascidos no nosso coração

Roldney Bessa Silva



Meu nome é Roldney e vou contar aqui a nossa história de adoção, que foi o acontecimento mais incrível e importante de nossas vidas e que mudou completamente para melhor os nossos caminhos e o dos nossos filhos, dos quais tanto temos orgulho.

Quando eu e a minha esposa, Rosilene, nos casamos, tínhamos como objetivo formar uma família, e adotar era algo em que pensávamos sempre com





muito carinho. Passados os primeiros anos de casados, decidimos conhecer todo o processo de adoção, conforme a lei, para entrarmos na fila. Assim fizemos, preparamos toda a documentação, garantimos segurança e conforto em nossa casa, recebemos as visitas da assistência social, que nos ajudou muito, e, depois de alguns meses, já tínhamos a carta confirmando que agora estávamos, de fato, na fila de adoção; a partir desse momento, era preciso apenas controlar a ansiedade para a chegada dos filhos.

E eis que chegou o dia de que jamais me esqueço: recebi o contato da assistente social informando que havia uma menina de seis anos, muito inteligente e meiga, e que ela tinha um irmãozinho de três anos, que era albino e surdo, sendo a irmãzinha a sua “intérprete”. Nesse momento, senti o coração flutuar, não imaginava nem fazia ideia de como seria ter um filho albino e ainda entrar no mundo fascinante dos surdos. Eu e minha esposa sentimos que Deus estava guiando nossos passos e marcamos de ir ao abrigo para conhecê-los.

Amor à primeira vista! Lembro-me exatamente de que estávamos conversando com a assistente social do abrigo e, então, levaram a Tainá e o Nickolas para conhecermos. A Tainá estava na frente, uma menina linda, meiga, muito receosa e desconfiada, tímida e ficou mais perto da minha esposa; em seguida, o Nickolas, totalmente o oposto, parecia, naquele momento, que eu enxergava um anjinho de Deus, cabelos branquinhos, olhos azuis e um sorriso incrível, superesperto e brincalhão, agarrou-se a mim logo de início, mostrando seus brinquedos, se comunicando da maneira que ele sabia, com alguns gestos; me emocionei muito e não conseguia controlar as lágrimas de felicidade. As outras crianças do abrigo, lindas e educadas, também me encantaram demais. Passamos algumas horas com eles no abrigo e, naquele dia, fomos embora com a certeza de que eram nossos filhos e já comunicamos ao Fórum a intenção de adotá-los; com todo o suporte da assistência social, o processo para a guarda provisória saiu muito rápido.

Dois dias depois de conhecê-los, fomos convidados a voltar ao abrigo, para passar mais algumas horas com eles, e me lembro de que estavam comemorando o aniversário de um ano de uma criança do abrigo. Então, misturamo-nos entre as crianças, e, enquanto a Rose ficava com a Tainá, que ainda estava muito tímida e não se aproximava tanto de mim, eu ficava por conta do Nickolas, que subia no meu colo, corria, pulava, brincava o tempo todo. Mas o momento especial foi depois que cantamos o parabéns, e eu deixei as



meninas do abrigo pintarem meu rosto com a cobertura do bolo! Foi aí que a Tainá, com todo o seu jeito meigo, chegou perto de mim com um guardanapo e falou que ia limpar o meu rosto; com todo o carinho e cuidado, ela foi tirando a cobertura de bolo do meu rosto, momento em que eu tinha certeza de que minha vida agora era dela e do Nickolas. Na mesma semana, conseguimos a guarda provisória e fomos buscá-los definitivamente para fazerem parte de toda a família.

Adotamos as crianças em 2015, e o processo já se encontra finalizado, temos a certidão de nascimento em nosso nome. Tainá, minha princesinha, é superagarrada a mim, até hoje tem aquele cuidado especial de saber como estou, o que me faz acreditar que sempre terei alguém com um guardanapo para limpar meu rosto; e o Nickolas se desenvolveu muito, cada vez mais lindo, e, depois de muitos desafios, conseguimos fazer a cirurgia de implante coclear; agora, ele usa aparelho e consegue escutar, faz terapias e estamos juntos estudando Libras.

Somos imensamente gratos a Deus pelos filhos que Ele nos deu, pelas pessoas que fizeram parte desse caminho, como a assistente social Simoni, que é um anjo em nossas vidas e fez essa união acontecer. Agradeço, todos os dias, por Tainá e Nickolas terem aberto a porta de seus corações para que eu e minha esposa fôssemos adotados por eles como pais.







Na fila da adoção: expectativa e amor

Rosemary Doralice Sant'anna Couto



Meu nome é Rose Doralice, tenho 45 anos, casada há cinco anos com Carlos Magno, de 41 anos, e resido em Belo Horizonte/MG.

É com muita alegria que venho contar como e quando surgiu a minha vontade de adotar o meu primeiro filho ou filha. A minha história sobre a adoção ainda não se concretizou, pois o meu processo está em andamento e aguardo ansiosa, na fila da adoção, o momento da chegada do(a) meu(minha) filho(a). Vou aproveitar esta oportunidade para compartilhar quais são os motivos da minha decisão a respeito da adoção, dos meus sentimentos de alegria, desejos, sonhos, expectativas, ansiedades, medos e inseguranças





nessa longa jornada de espera. Sentimentos esses que imagino serem naturais de toda mãe ou pai que está nessa fase de espera do processo de adoção até a chegada de um filho. Quando ouço as histórias das adoções que já se realizaram, a alegria dessas pessoas que é demonstrada é tão grande, que essa fase de espera do processo fica para trás e esses turbilhões de sentimentos dão espaço ao esquecimento, e logo vem a realização de um sonho e outra fase se inicia.

Eu e meu marido estamos juntos há 16 anos e, desde o início do nosso namoro, já conversávamos a respeito do desejo de adotar uma criança. Quando iniciamos o nosso relacionamento, eu estava desempregada e tinha apenas o ensino médio completo, e ele era estagiário. Durante um longo período dessa trajetória, buscamos a estabilidade. Depois de algum tempo, ele foi admitido na empresa na qual trabalha até hoje, e eu passei em um concurso público e, atualmente, atuo como Oficiala de Justiça no TJMG (Tribunal de Justiça de Minas Gerais) e ainda me formei em Direito. Compramos a nossa tão sonhada casa e nos casamos.

Quando decidimos que já era o momento de aumentarmos a nossa família, uma vez que já havíamos alcançado a tão almejada estabilidade, eu com os meus 43 anos e após uma longa espera para que a gravidez ocorresse naturalmente, resolvi verificar qual o problema estava impedindo que a minha gravidez acontecesse. Depois de consultar um especialista na área e realizar diversos exames e ultrassons, foi constatado que havia uma obstrução em uma das minhas trompas uterinas. Através da realização de um procedimento conhecido como laparoscopia, sanou-se o problema. Passado mais algum tempo, eu fui diagnosticada com um mioma, e mais uma cirurgia foi realizada, com a qual aparentemente havia resolvido o problema. Fiz, ainda, o rastreio de ovulação por um longo período, que também não deu certo.

Após diversas tentativas frustradas, o meu médico me disse que eu estava com problema de fertilização devido à minha idade, bem como a minha reserva de óvulos estava muito baixa. Disse-me ainda que as minhas chances de engravidar de forma natural eram muito baixas. Então, ele me sugeriu que eu fizesse um tratamento de fertilização *in vitro* (FIV) para que eu tentasse engravidar. Esse procedimento consiste em uma das técnicas mais utilizadas pelos casais que têm dificuldades para engravidar.





Diante dessa situação, eu e meu esposo pensamos e resolvemos que não iríamos realizar o referido procedimento. Esse tratamento, além de não ser garantia de sucesso, pode gerar muita frustração, uma vez que poderão ser feitas várias tentativas sem sucesso, além de ser muito dispendioso.

Depois de definirmos que não iríamos realizar o tratamento, após uma profunda reflexão e em comum acordo, chegamos à conclusão de que o nosso filho viria pela via da adoção. A convicção que tenho a respeito da adoção é de que o processo pode até demorar, mas a minha criança vai chegar mais cedo ou mais tarde. Como foi explicado pelo meu médico, a FIV pode ou não dar certo, e as minhas chances eram poucas devido à minha idade e qualidade dos meus óvulos. Por isso, resolvi seguir o meu coração e escolher a adoção, para que fosse possível realizar o meu grande sonho de ser mãe e completar a minha família.

Fiquei muito feliz pela nossa decisão, pois como me foi dito por um grande amigo inseparável, Dr. Fritz, “um filho pode chegar aos braços de uma mulher através do útero de outra mulher”, e eu acredito sinceramente nessas palavras. Não me importo se o meu filho sairá de dentro de mim, e sim que ele já está dentro do meu coração.

Apesar da decisão de que teríamos o nosso filho através da adoção, demos a tomar a iniciativa com as questões burocráticas e necessárias do processo. Foi quando eu determinei uma data limite para entrar com o processo de adoção. Essa data seria no dia do meu aniversário. A partir dessa decisão, comecei a me informar sobre quais eram os trâmites do processo de adoção e separar todos os nossos documentos exigidos. Acho importante dizer que escolhi essa data porque ela tem um significado muito triste para mim, pois, no dia do meu aniversário, no ano de 2015, perdi o meu pai por causa de uma pneumonia, razão pela qual eu gostaria de transformar esse dia em um dia de renascimento e esperança.

Com todos os documentos necessários e devidamente assinados em mãos, reunimo-nos e conversamos de forma franca e decidimos conjuntamente o perfil que era desejado da nossa criança.

No dia 25/9/2018, conforme já havia definido, compareci ao setor de protocolo do Juizado da Infância e Juventude da Comarca de Belo Horizonte e protocolei o meu pedido de habilitação para adoção. A partir desse momen-





to, juridicamente, nascia uma pretendente à adoção. Nesse exato instante, eu estava legalmente grávida. Foi uma emoção indescritível. Dali em diante, os meus dias nunca mais foram os mesmos. Não há um dia sequer em que eu deixe de acompanhar a minha ordem na fila de espera pelo *site* do SNA (Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento). Cada posição diminuída na fila de espera é muito comemorada pelo casal. Entretanto, às vezes, certas angústias e tristezas acontecem quando vários dias se passam sem nenhuma modificação na minha posição na fila. Confesso que, mesmo a minha posição estando um pouco distante na fila, fico imaginando que meu telefone irá tocar a qualquer momento.

Não estou gerando fisicamente o meu filho, mas, no meu coração, sinto-me grávida há dois anos. Esse prazo de gestação é mais longo porque tenho que cumprir os trâmites legais da adoção.

Eu tenho a minha ideia própria do que é adotar. Adotar para mim é sentir saudade do filho que ainda não conheço, é um amor sem limites. Eu já amo incondicionalmente o meu filho, e o meu coração bate forte só de pensar. O importante para mim é o amor, e não o biológico. A minha gravidez não tem tempo determinado, mas será o tempo suficiente para encontrar a criança que Deus preparou para mim, que, com certeza, será um momento muito especial para mim, meu marido e nossos familiares.

Graças a Deus, não tivemos nenhum questionamento da nossa decisão por parte dos nossos familiares. Na época em que estávamos realmente decididos pela adoção, conversamos com as nossas famílias e comunicamos a nossa decisão de que nosso filho seria adotado. Essa notícia foi recebida com surpresa e muita alegria por todos. Eles respeitaram a nossa escolha e também aguardam ansiosos a chegada de mais um membro da família. Eles se sentem grávidos junto conosco.

Cada etapa superada do processo é comemorada com muita emoção. Como já mencionei anteriormente, no dia 25/9/2018, entrei com o processo de habilitação apresentando os documentos na Vara da Infância e Juventude. Após alguns meses, o setor técnico da vara nos convocou para participar do Curso Preparatório para Postulantes à Adoção. Passados mais alguns meses, recebi a ligação da assistente social para agendar uma visita à nossa residência, que deu o seu laudo favorável. O que mais demorou foi a



entrevista com a psicóloga. Primeiro foi realizada a entrevista individual e, posteriormente, foi feita com o casal. Um dia antes do meu encontro com a psicóloga, não consegui dormir de tanta ansiedade e medo de ser reprovada. Graças a Deus, a minha entrevista com ela foi muito tranquila, pois fui muito verdadeira em dizer quais eram os meus objetivos, anseios e motivações que me levavam a escolher o caminho da adoção. A sinceridade é muito importante, e isso foi o fundamental para ultrapassar mais uma etapa do meu processo com sucesso.

A habilitação do casal ocorreu em agosto de 2019. Desde o início do processo de adoção até a habilitação, demorou cerca de 11 meses. Nunca tive tanto prazer em receber um oficial de justiça batendo à minha porta tão cedo para me entregar um mandado de intimação. Quando li a sentença do juiz nos declarando aptos ao cadastro de adoção e deferindo o nosso pedido de habilitação, foi uma emoção tão intensa, que não tenho palavras para descrevê-la. O meu coração transbordou de alegria. Agora, fico sonhando com o dia em que o meu telefone irá tocar para me avisar que o meu momento chegou.

Compreendo que é muito importante cada fase do processo, especialmente o Curso Preparatório para os Postulantes à Adoção. Nesse curso, são explicados os aspectos legais do processo de adoção e esclarecidos todos os procedimentos, etapas e tudo que envolve o tema “adoção”. Por meio do mencionado curso, tive ciência de que há muitas crianças nos abrigos, contudo, nem todas estão aptas à adoção. Antes do curso, eu não compreendia por qual motivo os abrigos têm tantas crianças e o porquê da demora da conclusão de um processo de adoção. Uma das lições mais importantes que aprendi foi não julgar a genitora da criança, e sim nutrir por ela um verdadeiro sentimento de gratidão. Esses esclarecimentos me fizeram refletir sobre quais são as responsabilidades e o real objetivo da adoção.

Aproveito o tempo de espera no decorrer do processo para que eu possa me preparar psicologicamente. Participo de estudos, eventos, palestras e grupos de apoio à adoção, que são fundamentais, haja vista que podemos compartilhar diversas experiências e aprendizagens. Acho extremamente importante esse preparo psicológico para que a minha adoção tenha sucesso. Todo esse tempo de espera, cada minuto que se passa, serve para



confirmar que estou no caminho certo e que já amo o meu filho e o espero ansiosamente.

Apesar de todas as minhas expectativas, ainda não preparei nada material para a criança. Não comprei berço, fralda, roupinhas e outras coisas que serão necessárias. Acho mais interessante separar uma economia para que, no momento certo, eu possa providenciar tais coisas para a criança. Prefiro evitar essas compras nesse período, porque, além de não saber quais serão o sexo e a idade da criança, não sei quando ela virá. O perfil da minha criança que foi escolhido, em relação à sua idade, foi de até três anos. Dependendo da idade da criança, não penso em trocar o seu primeiro nome, pois acho que talvez ela já tenha criado uma identidade com ele. O sexo, a raça e a cor deixei a cargo de Deus, e será uma imensa surpresa.

Às vezes, fico pensando se será menino ou menina, se vai ser de colo ou se estará ensaiando os primeiros passinhos. Fico fantasiando e imaginando todos em família, o primeiro banho, a primeira festinha de aniversário, a primeira ida à praia e o quanto esse filho trará brilho para o meu lar. É muita emoção, não tem como descrever com palavras todos esses sentimentos.

Não posso deixar de dizer também que tenho consciência de que toda família tem os seus desafios e dificuldades, pois somos seres humanos, por isso tento manter os meus pés no chão. Sei ainda que possivelmente poderá existir algum tipo de preconceito e tenho que me preparar e manter o equilíbrio para saber lidar com a situação que porventura venha a ocorrer. Depois que a minha adoção se concretizar, pretendo passar por um acompanhamento psicológico, especialmente no período de adaptação, devido às muitas mudanças.

O tema adoção para mim é muito natural, não tenho nenhum problema em dizer para as pessoas que o meu filho está a caminho através da adoção e fico muito feliz em compartilhar essa notícia. Mas, infelizmente, por desconhecimento, algumas pessoas questionam a minha decisão a respeito da adoção por acreditarem que a criança herda dos seus genitores todas as suas características, inclusive morais, temperamentos, índoles, etc. Eu sinceramente descarto essas possibilidades, uma vez que acredito que um ambiente familiar acolhedor, com bons exemplos, espiritualidade e principalmente muito afeto e respeito, será o caminho que provavelmente for-



mará uma pessoa de bem, independentemente de o núcleo familiar ser constituído pela família tradicional ou pela adoção. Após ouvir um questionamento desse sem nenhum embasamento científico, converso, de forma sincera e respeitosa, com a pessoa que pensa dessa forma, explico o meu ponto de vista e fico muito feliz quando essas pessoas acabam refletindo a respeito do assunto.

Acho que o meu filho terá o direito de saber a respeito da sua história. É muito importante que eu diga a verdade, de que forma ele chegou até a minha família. Por isso, pretendo introduzir esse assunto o mais cedo possível. Inicialmente, começarei contando algumas historinhas infantis que envolvem membros de uma mesma família diferentes entre si e aproveitarei esse momento para ensinar que isso não tem importância, e sim o amor, a união e o respeito entre eles.

Esta história que estou narrando para o presente livro é uma forma de homenagear o(a) meu(minha) filho(a) e demonstrar o quanto ele é esperado, desejado e amado. Uma forma de iniciar contando a história dele com muito respeito e de ensiná-lo que, independentemente de onde ele tenha sido gerado, os laços de amor de uma família são construídos na vivência e no afeto.

Eu acredito muito em Deus e no encontro de almas. E, no dia em que meu telefone tocar e a assistente social da Vara da Infância e Juventude me disser que o(a) meu(minha) filho(a) chegou, será o dia que Deus dirá: hoje o seu dia chegou porque você está preparada para vivenciar a maternidade e completar a sua família, que será muito abençoada.







Adoção - Linhas do amor: costurando vidas

Sirlene Barbosa Rocha Melo

Éramos todos muito parecidos, a colcha era muito uniforme, texturas, cores, comportamentos. De repente a gente queria um retalho diferente, algo que pudesse dar mais cor, mais som, mais amor para nossas vidas.

Em junho de 2007, tivemos a feliz experiência da adoção do meu sobrinho Heitor, que chegou com cinco meses, no dia 21 de junho de 2007. Alessandra e Genésio optaram por não o visitar no abrigo, afirmando que, se fosse filho biológico, só o conheceriam após o parto, motivo pelo qual aguardaram o deferimento da guarda provisória para conhecê-lo. O primeiro filho do casal, o primeiro neto de meus pais e meu primeiro sobrinho. Heitor foi tão bem acolhido e amado por todos, que o desejo de adoção que sempre existiu em mim e em Sérgio, meu marido, se aguçou ainda mais. Logo depois da adoção do Heitor, minha irmã Alessandra e seu marido Genésio engravidaram de uma menina, a Sara, que nasceu em julho do ano de 2008. De repente, meu pai, que queria tanto um neto, estava prestes a ter três netos em apenas um ano.

Heitor chegou para transformar nossas vidas. Adaptação plena, entrega total de toda a família. E a linha do amor continuou a tecer...

Amanheceu, dia 11 de maio de 2008. Dia das mães. Dia lindo. Sol quente. Eu e meu marido resolvemos ir ao abrigo da cidade vizinha de Várzea da Palma. Viagem tranquila, cerca de 30 minutos e já estávamos no abrigo. Fomos muito bem recebidos pelas cuidadoras, e lá havia 28 crianças, dentre



elas seis bebês de 2 a 11 meses. Entramos e começamos a conversar com as crianças maiores. Depois de um tempo, perguntei a uma das cuidadoras se eu podia tirar do berço e carregar os bebês. Ela disse que sim. Meu olhar se voltava para um bebê fofo que estava em um dos carrinhos, mas resisti e peguei primeiro uma menina de dois meses. Linda, mas não consigo me lembrar do seu nome. Depois, não resisti e peguei o meu “amor à primeira vista”. Quando aconcheguei Samuel (ele tinha outro nome, que não combinava com ele) em meus braços, ele olhou para mim e abriu o mais lindo, mais forte, mais radiante sorriso que eu jamais havia saboreado em minha vida. Até aquele abençoado momento, não acreditava em amor à primeira vista. “Meu filho!” — exclamei no fundo da minha alma e do meu útero. Engravi-dei. Depois daquela experiência, não quis pegar outro bebê. Brincamos um pouco com as outras crianças e voltamos para Pirapora. Mas meu coração e meus pensamentos estavam naquele lugar especial em Várzea da Palma.

Na hora do almoço, contamos a novidade para toda a família. “Acho que estou grávida do coração”, eu disse. Todos ficaram emocionados, mas com o pé no chão, exceto eu. Eu nunca na vida tive tanta certeza sobre algo como naquela ocasião. Assim, à noite, liguei para o coordenador do abrigo e, com muita gentileza e sensibilidade, ele me disse que “meu filho” era o único apto para adoção. Os outros bebês somente estavam em medidas protetivas e provavelmente voltariam para suas famílias biológicas. Era para ser. Deus nos fez ir ao abrigo para, no dia das mães, dar-nos um filho.

Na época, em 2008, não havia o CNA. Habilitei em Pirapora, apesar de não ser obrigatório, e, no dia 26/5/2008, levei a habilitação juntamente com a petição inicial de adoção com pedido liminar de guarda provisória no dia 26/5/2008 para Várzea da Palma. Tivemos a doce presença do advogado obstetra Dr. Marcos Corrêa e da assistente social enfermeira Leni, da Comarca de Pirapora, que preparou o estudo social do processo de habilitação. Na quarta-feira, tive a triste informação de que, mesmo não sendo obrigatório, o representante do Ministério Público exigiu a verificação da lista existente na Comarca de Várzea da Palma, alegando que na nossa relação não havia vínculo afetivo. Absurdo! Mesmo o vendo somente uma vez, estabeleceu-se entre nós um vínculo afetivo eterno. Mas, para a fria letra da lei, não. Fiquei extremamente triste, mas Sérgio consolou-me e disse que o que tivesse que ser seria e para confiar em Deus. No mesmo dia, houve um estudo bíblico, e, apesar da tristeza, fui. Cheguei atrasada, e, quando entrei na igreja de São



José, o Padre Tadeu estava lendo a leitura do Livro de Samuel e dizia: “Samuel, Samuel...”. Chorei o estudo inteirinho, e ninguém entendia o porquê. Saí da igreja com a certeza de que Samuel seria meu filho. Na sexta-feira, dia 30/5/2008, Dra. Fabiana, a juíza da comarca de Várzea da Palma, deferiu o pedido de guarda provisória. A assistente social da comarca de Várzea da Palma havia ligado para os 12 casais da lista e nenhum se interessou pela adoção do meu filho. Samuel era meu filho, desde sempre. E assim foi a minha primeira gravidez, com gestação sofrida, dolorida, cheia de dúvidas e incertezas, que durou 20 longos dias. Finalmente, o parto jurídico aconteceu pelas mãos abençoadas da Dra. Fabiana Cardoso Gomes Ferreira. E a história continuou. A linha do amor insistia em tecer...

Heitor, Samuel e Sara cresciam em graça, sabedoria, traquinagem e bagunça. De repente, a casa tinha som, cor, sabor, amor e brinquedos espalhados. Tinha vida! Nada mais exatamente em seu lugar, mas no lugar em que deveria estar. Como uma criança enche e preenche os espaços em nossas vidas! Tudo tinha sentido. E a vida continuava, perfeita, linda! Mas para Samuel faltava algo. E numa quinta-feira, após chegar do colégio, Samuel disse-me: “Mamãe, se você pedir bem forte para Papai do Céu, Ele vai te dar um filho”. Com a firmeza de suas palavras, eu disse que sim, que iria pedir um filho para Papai do Céu. Ele saiu, foi até seu papai e disse a mesma coisa. Naquela noite, começamos a pensar no segundo filho. E pensando, pensando, decidimos que não teríamos um filho biológico, e sim partiríamos para uma nova adoção.

Passados 15 dias, exatamente numa quinta-feira também, dia 11 de setembro de 2014, o telefone toca e uma pessoa muito educada se apresenta como sendo Kelly, assistente social da Comarca de Vespasiano, dizendo que eu e Sérgio estávamos no CNA, e, apesar de o cadastro ter vencido e ser necessário novo estudo social, havia uma menina de um ano e nove meses apta para a adoção que estava dentro do nosso perfil no CNA. Ela nem precisou continuar, naquele momento me senti grávida de novo. Samuel estava em casa e logo percebeu. Disse que era uma menina e não um menino, como ele havia pedido. Ele simplesmente disse: “Ela sabe andar? Então está ótimo, porque vai brincar comigo”. Fechado. Novo parto jurídico marcado. A assistente social enfermeira de Pirapora — Isabel — preparou o estudo social para renovar o cadastro no CNA, e o advogado médico obstetra foi o Dr. Raelte Siqueira. A audiência foi marcada para o dia 29 de setembro, mas,





quando estávamos chegando ao Fórum de Vespasiano, uma ligação nos tira o fôlego: houve um imprevisto, a audiência não iria acontecer naquele dia. Quase passei mal. A bolsa já havia estourado, estava perdendo o líquido amniótico pelos olhos de tanto chorar, não sabia se seria possível esperar mais. Mas a assistente social Kelly me tranquilizou e disse que a audiência seria no próximo dia, às 13 horas. Sabia que seria difícil, mas eu ia conseguir segurar por mais algumas horas para ter minha filha em nossos braços. Ainda não a conhecia, somente sabia que se chamava Luana e tinha 1 ano e 10 meses. Levaram-nos ao abrigo onde ela estava morando provisoriamente, e, quando a vi, sabia que era minha filha. Coisas de mãe. E no dia 30 de setembro de 2014, novamente após 20 dias de gravidez, Luana nasceu para nós, pelas mãos abençoadas da Dra. Bárbara Heliadora Quaresma Bomfim, e o parto finalizou pelas mãos, também abençoadas, de Dr. Espagner Wallysen Vaz Leite, da Comarca de Pirapora, proferindo a sentença de adoção.

Luana era igualzinha ao que eu imaginava nos meus contos de fada: negra, de cabelo “toinhonho”, linda, fofa, carinhosa, forte. No início, quase nem falava, só demonstrava carinho. Aquela criança que chega chegando, iluminando, alegrando a vida de todo mundo. Essa é a nossa Luana. Estavam todos reunidos em nossa casa aguardando a chegada da nossa filha, e, por volta das 20 horas, toda a família a conheceu. Lu dormiu a viagem quase toda. Quando entramos em casa, todos a esperavam: vovôs, vovós, tias, tios, primos e seu irmão Samuel. Luana pulou no colo da avó Luíza como se a conhecesse a vida toda. Foi bem emocionante! E é grudada à avó até hoje. Uma conexão especial. A vida caminhava bela e feliz. Como Deus abençoa nossa família! Tudo perfeito! Um casal de filhos, um menino lindo, inteligente e esperto e uma menina doce, inteligente, linda e atrevida. E um casal de sobrinhos muito especiais, lindos, inteligentes e sapecas.

No início, percebia que Luana tentava nos desafiar no olhar, talvez estivesse, sem saber, testando nosso amor. Mas aos poucos foi percebendo que fazia parte para sempre dessa família. Luana tem o poder de encantar todos que a conhecem. No colégio, cumprimenta e abraça todos, sem distinção: os professores, colegas de classe, as meninas da limpeza, a diretora. É amada e mimada por todos.

E as linhas do amor continuavam costurando. Assim, vieram mais dois sobrinhos biológicos por parte de meus irmãos mais novos, Helena e Benício,





para encantar ainda mais os nossos dias. E quando Luciene, minha irmã, estava grávida do Benício, ela e seu marido Adriano fizeram o curso para habilitar no CNA. Foi um encontro muito emocionante. Nossa família estava lá para falar um pouquinho da nossa experiência com a adoção de duas crianças e da importância de não se preocupar tanto com a idade da criança, porque Samuel chegou com cinco meses, e a Luana, com 1 ano e 10 meses. Não importa a idade, o importante é o amor dedicado, os “nãos” ditos nas horas certas para que os “sins” tenham sentido. E a nossa colcha insistia em crescer.

Em 2017, Luciene e Adriano estavam habilitados e loucos para experimentar novamente a maternidade e paternidade. Em 18 de junho de 2017, foram chamados na Comarca de Januária e lá conheceram uma menina linda de nove anos. Não era o perfil do casal. Luciene conseguiu convencer o seu marido Adriano a ampliar a possibilidade e deixar o cadastro mais aberto. Conversando com a coordenação do abrigo, tiveram a notícia de que a menina que os encantou tinha um irmão. Assim, de uma hora para outra, seriam pais de três filhos: um bebê biológico de um ano, uma menina do coração de nove anos e um menino do coração de oito anos. No final de semana do dia dos pais de 2017, iniciaram a aproximação, que durou um mês, indo todos os finais de semana para Januária. Que desenrolar feliz! No início, houve vários conflitos, desafios mútuos, tentativas de testar o amor, se era verdadeiro ou não. Mas, com amor, firmeza e coragem, enfrentaram todas as intempéries, e, hoje, com as linhas do amor, as vidas foram sendo costuradas e estão em plena harmonia.

Agora eram cinco netos do coração e três netos biológicos. O time estava quase completo.

Nessas idas para Januária por um mês, para a aproximação com Catiely e Mateus, e momentos de alegria e tristeza por ter que voltar para Pirapora sem seus filhos ainda, Luciene e Adriano nos contaram que a Catiely estava um pouco triste, por deixar sua prima biológica de 11 anos no abrigo. E, apesar de eles quererem também adotá-la, não havia condições reais para três adoções. Eu e Sérgio pensamos por alguns minutos e decidimos que os três primos poderiam continuar sendo primos do coração. Assim, naquele momento, num domingo à tarde, decidimos adotar a prima do Mateus e da Catiely. Adriano entrou em contato com o abrigo e a equipe logo o desmotivou,





alegando que a menina já estava em estágio de aproximação com outra pessoa. Ficamos tristes, mas torcendo para que ela fosse feliz na nova família. A adoção de Catiely e Mateus aconteceu em 14 de setembro de 2017, com o deferimento da guarda provisória, e a prima Caroliny também foi adotada na mesma semana. Combinaram com a mãe adotiva de Caroliny para que ela continuasse mantendo contato com os primos. E, assim, trocaram contatos.

Catiely e Mateus chegaram tímidos, desconfiados. Toda a família reunida fazendo a festa e agradecendo a Deus por mais esses presentes em nossas vidas. E, de pouquinho em pouquinho, foram se achegando e conquistando nossos corações. Momentos tensos e prazerosos se misturavam, até tudo se ajeitar.

A vida seguia linda e bela, todos felizes, o time parecia completo. Jefferson, meu irmão, e sua esposa Mércia tiveram o segundo filho biológico em junho de 2019, e a linha do amor continuava costurando.

Em julho de 2019, as assistentes sociais da nossa Comarca de Pirapora, Izabel e Bárbara, extremamente dedicadas, e de forma especial a essa área de adoção, convidaram as três irmãs e seus maridos, juntamente com os filhos, para fecharmos o encontro anual sobre adoção na comarca. E lá fomos, a família toda. Foi uma troca de experiências enriquecedora para todos os envolvidos. Sabíamos que todo o curso foi mais voltado para adoção tardia, grupo de irmãos, crianças com necessidades especiais e a difícil situação da chamada “devolução”. Abordamos também esses temas nas nossas falas.

Após o curso, Luciene e Adriano despertaram para a situação de Caroliny, a prima biológica da Catiely e do Mateus. Começaram a perceber que a mãe adotiva da Caroliny não postava fotos da menina há algum tempo nas redes sociais. E, no domingo à tarde, no dia 28 de julho, a família toda reunida, Adriano enviou uma mensagem para a mãe adotiva da Caroliny perguntando como ela estava. Para nossa surpresa e imensa tristeza, ficamos sabendo que a menina estava há seis meses de volta num abrigo. Passamos o resto do domingo chorando, e eu e Sérgio decidimos saber o que estava acontecendo realmente. Assim, engravidamos da nossa terceira filha.

Conseguimos contato com o abrigo de Araçuaí e confirmamos que nossa filha estava lá. Sabíamos, também, que, apesar de haver um processo ainda em tramitação, não haveria possibilidade de restabelecer o vínculo entre



mãe e filha. Renovamos nosso cadastro no SNA, com o auxílio da enfermeira Bárbara, assistente social da Comarca de Pirapora, e, em 4 de outubro de 2019, protocolamos o pedido de adoção com liminar de guarda provisória no Fórum de Araçuaí, pelo nosso advogado, o médico obstetra Dr. José Patrício da Silveira Neto, e fomos para o abrigo conhecer nossa mais nova velha filha.

Quando toda a família tinha ido numa visita em Januária para conhecer a Catiely e o Mateus, vimos a Carolyn de longe, e ela não quis se aproximar da nossa família. Como já sabíamos da impossibilidade da adoção, também preferimos não nos aproximar dela. Por isso, agora seria a primeira vez que conversariamos com ela. A instrução que eu tinha por parte da Tamara, psicóloga do abrigo, um amor de pessoa e uma profissional maravilhosa, era para não falar ainda do interesse da adoção, em decorrência do desenrolar do processo de destituição do poder familiar. Então, eu precisaria me controlar muito.

Quando entramos no abrigo, não consegui. Olhei para minha filha Carolyn e chorei, chorei, chorei por cerca de 10 minutos. Um choro diferente, nunca tinha sido assim, não conseguia nem falar. Quando me acalmei, Tamara logo disse que Carol já estava sabendo de tudo. Que alívio! Se não já teria estragado tudo, porque não consegui me controlar. Era como se o líquido amniótico estivesse jorrando de dentro de mim. O parto precisa ser marcado para o mais breve possível. Minha filha tinha passado toda a infância em um abrigo. Foi adotada com 11 anos, e, após apenas um ano e quatro meses, novamente retornara a um abrigo, em uma cidade totalmente desconhecida, onde não havia nenhum outro tipo de vínculo a não ser com a mãe adotiva. Um lugar totalmente hostil para ela. Precisava tirar minha filha dali o quanto antes. Esse era nosso grande desejo. Combinamos de passar o final de semana juntos, já como estágio de aproximação. Enquanto estávamos conhecendo a história de Carolyn, o Fórum de Araçuaí ligou dizendo que o juiz em substituição (porque a comarca estava desprovida de juiz) da Comarca de Medina marcara uma audiência para a próxima terça-feira, dia 8 de outubro, e que, como ele já sabia do caso da Carolyn e do nosso desejo da adoção, haveria a possibilidade do deferimento da guarda provisória. Tudo perfeito! Como estávamos felizes! Foi um final de semana incrível. Samuel e Luana já estavam se envolvendo com a nova irmã, e ela, aos poucos, ia se aproximando também.



Na segunda-feira, uma triste notícia tira-nos o chão: o juiz havia tido um problema sério de saúde e ficaria 30 dias afastado. O parto teria que ser adiado. Muito sofrimento, mas a certeza de que cada coisa tem sua hora certa para acontecer. Voltamos para Pirapora, 500 quilômetros de distância de nossa filha. Sabíamos que toda a equipe do abrigo era muito competente. A coordenadora Eliene, a assistente social Rafaela, a psicóloga Tamara e todas as cuidadoras com quem convivemos no final de semana eram incríveis. Mas lugar de filho é do lado, bem juntinho dos pais.

Outro juiz em substituição foi nomeado da Comarca de Pedra Azul e designou audiência para o dia 30 de outubro. Os dias pareciam que não passavam, as contrações só aumentavam, quase não havia líquido amniótico mais. Nossa filha precisava nascer. Chegamos a Araçuaí com a certeza de retornarmos juntos para casa. Toda a equipe da rede da cidade envolvida com o abrigo estava presente para a audiência concentrada, mas, infelizmente, sem ninguém entender bem o que aconteceu, o juiz determinou que as quatro crianças abrigadas deveriam permanecer no abrigo. Não quis nem ouvir as partes envolvidas. Tristeza total. Uma dor insuportável atravessou o meu peito. Todos nós estávamos transpassados pela dor. Mas tínhamos que ser fortes. Carol era a que mais sofria com tudo aquilo. Precisávamos passar segurança para ela. Como foi difícil novamente retornar para Pirapora sem nossa filha! Os dias se passavam e nós rezávamos para o Tribunal prover a Comarca de Araçuaí. Todos os dias conversávamos pelo telefone, e a dor da saudade só aumentava. Mas tínhamos a certeza de que um dia, e não demoraria, a dor seria transformada em uma explosão de alegria. E, quando há amor, a linha não deixa de costurar...

No dia 9 de dezembro, o Dr. Jorge assumiu a Comarca de Araçuaí e, com uma incrível sensibilidade, teve contato com nosso processo e marcou a audiência para o dia 13 de dezembro. Rezamos muito, já não havia mais possibilidade de permanecer com a gravidez, nossa filha precisava nascer. No dia 13 de dezembro de 2019, novo parto jurídico, realizado pelo recém-juiz Dr. Jorge Arbex Bueno, um anjo abençoado por Deus, que possibilitou o nascimento da nossa terceira filha. Dessa vez, a gravidez durou exatos 138 dias. Quanto tempo! Penso que todo juiz que trabalha com Infância e Juventude deveria ser como o Dr. Espagner e o Dr. Jorge. Precisam ter uma sensibilidade especial para entender casos de colocação de crianças e adolescentes



em famílias substitutas. Um abrigo, por melhor que seja, não é o lugar para uma criança ou adolescente permanecer. Não é um lar.

Assim, no dia 14 de dezembro, chegamos em casa, toda a família novamente reunida para receber nossa filha. Quanta emoção. Cartazes com frases lindas espalhadas pela Vila Aconchego, todos os avós, tios, primos. Ufa! Não teve quem conseguisse segurar as lágrimas de alegria. E, assim, o time ficou completo: seis crianças do coração e quatro crianças biológicas. Meus pais com 10 netos.

Caroliny está se adaptando à sua família. Alguns conflitos, alguns “nãos” necessários, mas muito amor e muito carinho. Amor é construção, e de pedacinhos em pedacinhos vamos construir nossa história. Alinhava um retalho ali, emenda outro acolá. Alguns momentos bem tensos e difíceis, que precisam de firmeza e amor para serem superados. Com a chegada de Catiely, Mateus e Caroliny, percebemos que adoção tardia não é um “bicho de sete cabeças”. Ser pai e mãe é desafio e construção. E não importa se é biológico ou por adoção. Ser pai e mãe é escolha e compromisso. Nossa família é grata a Deus por nos abençoar tanto. Assim, cada pedacinho de tecido foi se misturando um com os outros, com cores, tamanhos e formatos diferentes. Uns se achegando aos outros, todos costurados com a linha do amor, e, com um toque especial de cuidado e carinho e muitos sorrisos, a nossa colcha de retalhos vai se formando e construindo nossa família e nossa história.

De vez em quando algum ponto tenta se desfazer e a gente precisa fazer uns consertos, refazer alguns pontos, para que os pedacinhos de vida não se separem uns dos outros. Este é o momento da correção fraterna, de ajoelhar e pedir força e sabedoria para Deus. Porque quem ama cuida e estabelece limites.

E hoje, dia 25 de novembro de 2020, o último ponto do pedacinho desprendido da vida de Carol foi costurado a nossas vidas. Novamente pelas mãos abençoadas do Dr. Espagner Wallysen Vaz Leite, e com o auxílio da advogada obstetra Dr.^a Thaís Rayane Fonseca, finalizamos, com muita alegria, nosso terceiro parto jurídico, pela sentença de adoção proferida.

E a nossa colcha não acabou, não está terminada. Há espaço para outros pedacinhos de retalhos para serem costurados com muito cuidado com a linha do amor. Sempre haverá espaço para mais um pedacinho. Porque cada



um que chega acrescenta mais vida em nossas vidas. E a gente sabe que esses pedaços chegarão, e que essa colcha ficará mais viva, mais linda, mais com a presença de Deus. Sinceramente, esta história não acabou.









Uma inesperada história de amor

Solange Aparecida Silva Santos

Vou fazer aqui um breve relato da minha história antes da adoção: solteira, sem filhos e sem companheiro, na época, tinha 46 anos e desejava sim ser mãe, mas esse desejo sempre entrava em conflito com a minha vontade irresistível de ir aonde eu quisesse, e viajar era o que eu mais gostava de fazer... Mas, aos poucos, a adoção foi se destacando para mim como algo que iria se concretizar.

Assim, dois meses antes de receber minha filha, fiquei sabendo que uma mulher, diante da sua situação financeira, havia se decidido por ganhar seu bebê e logo entregá-lo para adoção. Até então não sabia como proceder e também não tinha me interessado por esse assunto. Minha irmã Lucimar, uma das pessoas que mais me incentivou a adotar, insistiu comigo para passar no hospital e procurar saber se era verdade que havia lá um bebê que seria entregue para adoção, e, caso houvesse, se eu poderia me candidatar. Assim procedi, mas a mulher, naquele momento, demonstrou incerteza. Mesmo assim, propus a ela fazer um chá de bebê para sua criança e ainda ajudar no que fosse possível.

Após esse incidente, procurei a assistente do Fórum, para conhecer os trâmites da adoção, e dei início à habilitação para a adoção, na certeza de que demoraria um bom tempo para acontecer e ciente de que poderia rejeitar, se não estivesse preparada.

No dia 3 de agosto de 2018, após visita da assistente social à minha casa, compareci à sala da assistente social do Fórum, para finalização do estudo social. Ela me falou de uma bebezinha cuja mãe, viciada em drogas, tinha falado que iria colocá-la para adoção, pois não tinha condições de criar essa filha. Porém esclareceu ainda que, naquele dia, a criança já estava com alta, e a mãe estava vendo com os parentes, para ficarem com a guarda. Fiquei feliz com a possibilidade de a própria família ficar com a bebê. Falou também que havia 19 pessoas habilitadas, e eu ainda estava no processo de habilitação.

Na segunda-feira, à tardezinha, soube que a bebê iria mesmo para a adoção, pois a família informou que também não tinha condições de cuidar dela. E, mais ainda, a bebezinha precisava de acompanhamento médico com urgência, pois tinha nascido com 29 semanas, baixo peso e problema cardíaco.

A assistente social do Fórum ligou para todos os interessados, mas, sabendo da situação da bebê, os habilitados informaram que não tinham condições financeiras e tempo naquele momento para enfrentar essa situação. Diante disso, a esperança cresceu, não sei por que, mas, naquele momento, eu queria lutar com unhas e dentes por aquela bebê, e olha que não sabia nada sobre ela, além do que relatei aqui. Procurei novamente a assistente social para saber da possibilidade, ela me falou que ia ter uma reunião com o juiz e a promotoria para decidir o que fazer, porque a preocupação era que a bebê precisava de acompanhamento médico com urgência. Nessa reunião, a assistente social falou do desinteresse dos habilitados à adoção e que o meu processo estava em andamento, mas que eu tinha interesse na adoção e estava disposta a fazer o possível. Aí foi quando eles pediram meu processo e decidiram, diante do estado de saúde da bebê, me conceder a guarda.

Isso tudo aconteceu em dois dias, na terça-feira, precisamente às 16 horas, soube que teria grande chance de ser mãe, pois iam me conceder a guarda. A assistente social então veio me explicar a real situação da minha pequena: além dos problemas já informados, ela ainda tinha nascido com uma síndrome, que se manifestava por uma paralisia facial, além de ter apenas um ouvido e um rim funcionando. Ainda, o que mais preocupava os médicos era o descontrole hormonal, levando inclusive a pensar em genitália ambígua. Perguntou-me se, mesmo assim, era certo que eu queria a guarda; só baixei a cabeça e perguntei a Deus: “E, agora, me ajude a tomar a decisão!” Ela esclareceu que minha bebê teria de tomar remédios, inclusive para o cres-



cimento. Senti a presença de Deus dizendo: “Eu estou no controle, apenas aceite”. E destaco aqui que tive ainda de escolher o nome imediatamente, porque os meus colegas já queriam saber como se chamaria a minha pequena!

Uma hora depois, precisamente às 17 horas, fui conhecer minha pequena Manuela, que, até então, era conhecida como Stéfane; na época, tinha dois meses e meio e pesava 2 kg e 700 g. Estava na neonatal do hospital da minha cidade. Quando cheguei, vi aquele serzinho esperniando como se gostasse daquele lugar, já peguei no colo e tive uma sensação maravilhosa, que acredito ser a mesma que a mãe sente quando o filho nasce. Falei com minha filha: “Vamos para casa”; naquele momento, só queria protegê-la e lutar por ela. Como fui informada que só no dia seguinte poderia levá-la, corri atrás do enxoval nos minutos que restavam antes de o comércio fechar, na certeza de que não poderia comprar mais que o necessário naquele momento, pois não sabia quanto ia gastar com o tratamento. Fui também avisar os meus familiares, porque não tinha falado para ninguém ainda.

Lembro-me de que deixei para falar com minha mãe no dia seguinte, para não a deixar preocupada, e, quando liguei dizendo que a neta dela havia nascido, ela me perguntou quantos eram! Eu respondi: “Sua neta, mãe!” — ela, sem entender nada, pois nem sonhava o que estava acontecendo, tornou a perguntar quantos nasceram, referindo-se à minha gata, que estava para ter seus gatinhos! Foi aí que expliquei o que tinha acontecido e perguntei se ela me apoiava na decisão, pois meu vínculo e o consentimento dela eram muito importantes para mim. Ela logo disse: “O que você faz que eu não apoio? Claro que sim.” Após os trâmites legais, na quarta-feira, o conselho tutelar compareceu ao hospital e me passou a responsabilidade, até que fosse concedido o termo de guarda provisória.

Minha “Luella” foi para a minha casa. Já cheio de mimos, o enxovalzinho deixou de ser pequeno, amigos, colegas de serviço e parentes resolveram esse probleminha num piscar de olhos.

Na mesma semana, já passei na pediatra, e esta explicou a situação e já me falou o nome de uma médica de Montes Claros renomada na área de endocrinologia pediátrica. Lembro-me de que estava no mês de agosto e só havia vaga com ela em novembro, falei da necessidade, da urgência, da indi-



cação médica, e a secretária informou que, no máximo, conseguiria um mês depois. Voltei à pediatra para me indicar outro especialista, mas ela insistiu em dizer que aquela médica era a melhor.

Pensei, se ela é a melhor, vou começar a ficar de plantão no consultório a partir daquele dia até ser atendida, avisei a secretária a minha intenção, me lembro de que ela falou que isso não iria adiantar, esclareci que não tinha nada a perder, fui de mala e cuia para a cidade de Montes Claros.

No mesmo dia, a médica atendeu, explicou a situação de Manuela, isso em relação à alteração hormonal, que era o caso que requeria ação rápida. Disse que haveria uma possibilidade remota de que Manuela poderia ter tido um estresse na UTI, devido à intubação, e, em decorrência desse estresse, o descontrole hormonal teve início. Pediu que repetisse os exames. Lembro-me de que não conseguiam tirar o sangue da minha Luela, porque não tinha veia, de tão pequenina era minha menina; como não tinha coragem de ficar com ela, porque não conseguia ver ser furado o bracinho, fui para o corredor e deixei nas mãos das atendentes. Nesse dia, me senti como uma “vaca pegadeira”, que fica desesperada quando vê o bezerro berrando por algum motivo. Minha Luela chorava, e eu, lá fora, só queria arrancá-la daquele lugar. Após duas ou três tentativas, não aguentei e não deixei colher o sangue. Levei-a para o hospital onde ela nasceu, e a enfermeira da neonatal conseguiu colher o material.

Quando recebi o resultado, para nossa surpresa e graças a Deus, minha Luela já estava com os hormônios bem mais baixos, levando a crer que a médica estava certa.

Na época, inclusive, como não sabia como agir, cadastrei Manuela no Sara Kubitschek, e lá fizeram vários exames de imagem, constando que, quanto ao ouvido e ao rim, mesmo possuindo apenas um de cada, estes estavam muito bem. Quanto ao problema cardíaco, com o tempo, voltaria à normalidade.

Minha Luela crescia com graça e sabedoria, porém, com 10 meses de idade, voltou a ter uma saúde delicada. Foi diagnosticada com pneumonia, e o problema era que os remédios não estavam resolvendo. Em dois meses, ela ficou internada durante cinco dias, tomou antibiótico quatro vezes. Procurei uma médica pneumologista indicada pela nossa pediatra, mas minha meni-



na melhorava uma semana e caía de novo, os médicos sem entender o que estava acontecendo.

Após dois meses de luta, lembro-me de que a médica passou oito remédios, alguns tendo de ser tomados duas ou três vezes por dia. Como era um remédio logo após o outro, ela acabava vomitando, para aumentar meu desespero.

Cada vez mais a via perdendo peso; desesperada, sem saber o que fazer, marquei uma consulta em BH, no Ipsemg, com uma alergista. Ao ser recebida, logo a médica reclamou por que haviam mandado aquele caso para ela, pois não tinha como me ajudar diante da complicação. Indicou-me um professor da UFMG, logo consegui marcar.

Quando a levei, expliquei o caso, ele fez a consulta, me pediu para fazer os testes de alergia, me lembro de que, quando voltei, ele estava medindo, com uma régua, as radiografias que eu havia levado para ele, achei estranho, foi quando ele me disse que, além de minha pequena não ter alergia a nada, ela também nunca havia tido uma pneumonia!

O que ela tinha era um pulmão bem menor que o outro, do mesmo lado direito, em que tem a paralisia facial, falta o ouvido e o rim; assim, esse pulmão faz um esforço maior para acompanhar o outro, gerando o chiado, e esse chiado é o que levava a crer que ela tinha pneumonia. Esse médico assegurou, então, que não haveria mais necessidade de tomar todos aqueles remédios. O que Manuela precisava era de ter uma vida mais liberta.

Cumpri à risca a recomendação desse “anjo” que Deus colocou na vida de Manuela. Ela começou a falar com oito meses e a caminhar com um ano e sete meses. Hoje, é uma criança saudável, inteligente e muito esperta, sem falar que é amável e amada por todos.







O arco-íris da adoção

Valéria Cristina Barbosa Pacheco

Ah, minha história começou há bastante tempo, antes mesmo de eu nascer, quando eu nem existia materialmente, mas já havia sido concebida por meus pais em seus corações. Hoje tenho três anos, eu me chamo Sophia; meu pai tem 51 anos, e minha mãe tem 49 anos de idade. Nós nos conhecemos nos meus primeiros dias de vida, eu era bem pequenininha, pesava apenas dois quilos, precisava tanto deles, e eles precisavam tanto de mim! Depois que Deus cruzou os nossos caminhos, nunca mais nos desgradamos, com exceção de três tristes noites em que, cruelmente, me obrigaram a passar longe deles porque fui tirada de seus braços e levada para uma instituição de acolhimento. Mas isso contarei melhor adiante, até porque toda essa tristeza teve um final feliz.

Meus pais se conheceram há 32 anos, eram bem novinhos, minha mãe tinha apenas 16 anos, e meu pai apenas 18 anos. Eles namoraram muito tempo, noivaram e se casaram há 16 anos e sempre pensaram em ter filhos, mas quis o destino que, pelo viés da biologia, essa concepção não acontecesse. De início, minha mãe não entendia a razão de Deus agir assim; ela é presbiteriana desde criança, ouvia sempre, nas pregações da Igreja, que os filhos são herança do Senhor e se perguntava a razão pela qual nosso Deus a teria deserdado. Mas mal sabia ela que os planos dele eram muito, mas muito maiores e que, em algum lugar do plano divino, lá estava eu esperando para que pudesse ser a filha que eles tanto queriam.

Por não conseguir engravidar, minha mãe sofreu muito, ela insistia em um projeto que não era de Deus, submeteu-se a quase uma dezena de fertili-





zações *in vitro*, gastou muito dinheiro, endividou-se, chorou, padeceu, não entendia a razão de Deus privá-la da maternidade.

Na primeira fertilização, minha mãe engravidou, mas a gravidez não foi adiante. Na verdade, bem no dia do aniversário dela de 40 anos, em setembro de 2011, ela recebeu um resultado de ultrassom que revelava que a gestação não havia tido sucesso, e, daí em diante, houve várias tentativas frustradas de engravidar, todas sem sucesso. Meu avô materno se chamava Dewton, era um pai muito amoroso, mas muito franco também; ele faleceu no ano seguinte a essa perda do bebê de meus pais e dizia que, tomando tantos remédios para induzir ovulações e conseguir uma fertilização *in vitro*, minha mãe estava indo contra a natureza divina; ele dizia que, se Deus não permitiu uma gestação, era porque não era esse o plano dele para ela, mas minha mãe insistia e não queria desistir, ela parecia estar *cega* diante dos projetos que o Senhor havia traçado para a vida dela e tapava os ouvidos ao que meu avô dizia, quando, na verdade, hoje ela entende que ele estava totalmente certo.

Minha mãe insistiu nessas fertilizações durante anos, até que, nos primórdios do ano de 2016, resolveu desistir quando um médico, com certeza enviado por Deus, usou de expressões grosseiras e de uma franqueza visceral para indagar a ela a razão pela qual uma mulher já naquela idade estaria insistindo em uma gestação e foi bem sincero em afirmar que, mesmo se ela engravidasse, a chance de aborto seria enorme. Esse médico falou para minha mãe que a única chance de ela ter um bebê seria por meio de uma doadora de óvulos ou pela adoção. Nossa, minha mãe saiu daquele consultório muito nervosa e dirigiu de volta para a cidade em que moramos disposta a arrancar de dentro dela esse assunto chamado maternidade.

Quando chegou à nossa cidade, que se chama Frutal, minha mãe chorou muito contando ao meu pai tudo o que o médico lhe havia dito, e ele a consolou dizendo que poderiam viajar, viver a vida, que se não era para ser, então, tudo bem, aceitariam, e o assunto permaneceu por um tempo encerrado.

Aqui preciso fazer um parêntese para contar que minha mãe é advogada, formou-se aos 21 anos de idade, advoga há quase 30 anos, é apaixonada por temas ligados à área da infância e juventude, sempre ajudou muito em processos dessa natureza em nossa comarca, atuando voluntariamente, por



amor mesmo à causa. Ela nunca havia entendido a razão de tanta paixão por adoções desde que iniciou sua carreira, mas quis o destino que a história que hoje narro a vocês mostrasse a ela o porquê de tanta devoção pelo tema.

De início, minha mãe não admitia, de forma alguma, a possibilidade de ser mãe pela via da adoção. Ela atuava em processos para vincular juridicamente pais e filhos, sempre chorava de emoção com as sentenças, amava o que fazia e que continua fazendo, mas achava que adoção não era algo que se encaixaria na vida dela; dizia que não teria tanto amor assim para dar, achava que alguém que adota é um ser humano muito, mas muito mais evoluído que ela.

Num belo dia, exatamente em 25 de agosto de 2016, meus pais estavam na sala assistindo à TV e, de repente, começaram a conversar sobre filhos. Minha mãe mostrou a foto de uma menina negra linda que foi adotada por famosos atores globais dos quais minha mãe é uma grande admiradora, quando, por volta das 20 horas, em meio a esse assunto, fui concebida mentalmente por eles de um modo realmente sobrenatural, surreal, divino. Minha mãe diz que sentiu como se uma luz — e essa Luz é claro que é Jesus! — tivesse invadido aquele ambiente e plantado nos corações deles um amor por mim que superaria toda e qualquer dificuldade.

Naquela noite, minha mãe orou muito e pediu a Deus que, se fosse da vontade dele mesmo, que Ele mostrasse a ela por meio de sonhos, sinais ou como Ele quisesse. No dia seguinte, ainda sem entender que sentimento novo era aquele de tanto amor por alguém que ela nem conhecia, minha mãe pensou em enviar uma mensagem a uma cliente paulista que havia adotado uma criança há 20 anos e da qual ela havia sido advogada; pensou em perguntar como estava sendo a experiência e, como resposta clara de Deus às orações, essa cliente, com a qual ela não falava há anos, havia mandado uma mensagem de uma mão entregando uma luz em outra mão e dizendo que não abrisse mão dessa bênção. Ah, minha mãe entendeu que não tinha volta, eu já estaria a caminho em algum lugar do plano divino e já estava definitivamente instalada dentro do coração dela.

Daí em diante, meus pais buscaram a habilitação para adoção, cumpriram todos os requisitos, fizeram o curso, enfim, foram habilitados e começaram



a me aguardar, até que, em outubro de 2017, exatamente no Dia das Crianças, eu cheguei ao mundo. Eles eram os primeiros do Cadastro Nacional de Adoção, sabiam que eu era a filha que eles tanto esperavam, souberam de minha existência, porque moramos em uma cidade pequena, e começaram a lutar por mim.

Eu era muito pequena, minha genitora não tinha a menor condição de ficar comigo, e, por amor, ela preferiu me entregar para adoção, foi à Promotoria de Justiça, assinou a declaração de entrega voluntária. Eu tinha apenas poucos dias de vida, tinha baixo peso, e minha mãe não queria que eu fosse institucionalizada, e aí começaram alguns problemas em nossa vida que deixaram marcas profundas em meus pais.

Moramos em uma pequena cidade e, após essa declaração, minha mãe me conheceu por meio de terceiras pessoas. Quando nossos destinos se cruzaram, sabíamos que éramos mãe e filha, não havia mais volta, e minha mãe tudo fez para tentar evitar que eu fosse institucionalizada porque não sabia se eu resistiria.

Foi aí que minha mãe ajuizou ação de guarda, conseguiu a liminar para que eu ficasse em casa com meus pais. Mas, quando eu tinha um mês e meio de vida, infelizmente, fui alvo de uma ordem de busca e apreensão, fui literalmente tirada dos braços de meus pais e levada para um abrigo no dia 19 de dezembro de 2017.

Esse dia nunca mais será esquecido pelos meus pais. Mas minha mãe se levantou do chão para onde havia sido atirada, viajou 700 quilômetros de baixo de uma tempestade, até chegar a Belo Horizonte, e, no dia 22 de dezembro de 2017, conseguiu uma liminar em *habeas corpus* deferida pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que ela tanto respeita, onde, inundada por lágrimas, foi acolhida com imenso amor, respeito, zelo e cuidado. Essa liminar determinava que eu fosse **IMEDIATAMENTE** devolvida aos meus pais, de onde nunca deveria ter saído.

Na sequência dessa história, minha mãe ainda teve que retornar ao Tribunal para suplicar que a liminar fosse ratificada ao término do plantão do recesso forense, e, mais uma vez, deu tudo certo.



Em 22 de fevereiro de 2018, minha mãe foi a Belo Horizonte fazer uma sustentação oral no *habeas corpus* que impetrou, tendo eu própria como paciente, e, graças a Deus, o pedido foi acolhido à unanimidade, garantindo que nossa família permanecesse unida.

Assim, pela pronta prestação jurisdicional do Tribunal de Justiça mineiro, consegui voltar para meu lar, voltei a dormir em meu bercinho, em meu quarto, retornei aos braços dos meus pais, de onde nunca mais saí.

Somos muito felizes, minha mãe não se cansa de dizer que agradece por eu existir e por eu tê-la escolhido. Meu pai se desdobra para cuidar de mim e me ama, somos muito parecidos, quase almas gêmeas. Eles optaram por não ter babá, pois não querem perder um minuto do meu desenvolvimento.

O amor da adoção nos uniu e nos faz muito felizes. Agora esperamos um irmãozinho ou irmãzinha.

Pela adoção, nossas vidas se transformaram, e meus pais dizem que tudo o que fazem é pensando em mim, por mim, para mim.

Que Deus nos abençoe!

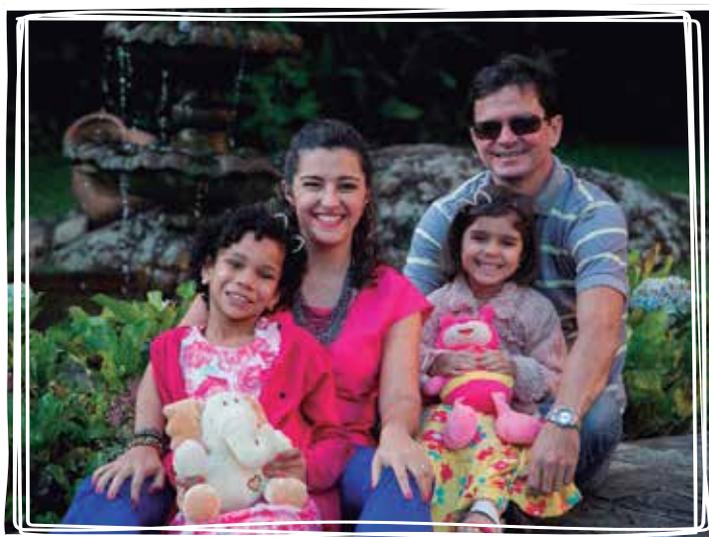






Marronzinha, dos cabelos cacheados!

Vanessa Santos Gomes



Tudo começou no carnaval de 2009. Éramos noivos, cheios de planos para o casamento e, após assistirmos a uma reportagem sobre adoção, começamos a refletir sobre a possibilidade de sermos pais adotivos, por que não?

Começamos, daquele dia em diante, a vislumbrar a família que iríamos construir, desejávamos ter dois filhos, um casal, e combinamos que um seria concebido pela gestação e outro pelo coração. Em julho de 2010, nós nos casamos e, após 11 meses, fomos presenteados por Deus com o nascimento





de nossa filha Marília, uma menina linda, que, desde muito pequenina, recebeu a sementinha da ideia de adoção. Ter um irmãozinho adotivo começou a fazer parte de suas imaginações e sonhos, isso mesmo, um irmãozinho! Estávamos convictos de que seríamos pais de um garoto, havíamos até mesmo sugerido um nome para nosso futuro filho.

Mas a providência divina nos revelou algo bem diferente. Em outubro de 2014, decidimos procurar o núcleo de assistência social da Vara de Infância e Juventude de minha cidade, Manhuaçu, para obter maiores informações sobre o processo de adoção. Estávamos decididos e providenciamos todos os documentos para dar entrada ao processo de inscrição no Cadastro Nacional de Adoção. Porém, horas antes de levar os documentos até a assistente social, eu decidi conversar com minha filha Marília, que, na época, tinha apenas três anos. Expliquei a ela que aqueles papéis eram o primeiro passo para conseguirmos adotar um irmãozinho para brincar com ela. Marília, com toda aquela espontaneidade sem filtros, comum a uma criança de três anos, respondeu-me:

— Mamãe, eu não quero um irmãozinho!

Congelei! Pensei: mas como assim? E agora? Como eu deveria agir? O que falar?

E ela continuou:

— Eu quero uma irmãzinha, marronzinha, dos cabelos cacheados!

Arrepiei e imediatamente liguei para o meu marido e, em uma rápida conversa, aceitamos o pedido de nossa filha. Para mim aquela fala soou como um sinal.

O tempo passou e, no início de 2015, já estávamos incluídos no Cadastro Nacional de Adoção. Optamos por uma menina que se enquadrasse no perfil denominado de adoção tardia, entre três e nove anos de idade, sem outras restrições.

Para nossa alegria e alívio de corações aflitos por um telefonema, recebemos a primeira ligação, numa sexta-feira, dia 25 de novembro de 2016. A assistente social de uma cidade localizada no Triângulo Mineiro entrou em contato comigo e me deu uma das notícias mais importantes da minha vida.



Um misto de ansiedade e alegria tomou conta do meu ser. Eu só consigo comparar a emoção desse momento com aquela que eu senti quando abri o exame laboratorial confirmando a minha gravidez em 2010. Eu estava grávida novamente! E agora era uma menina de sete anos que morava em uma cidade chamada Conceição das Alagoas, a pouco mais de mil quilômetros de distância da minha. A assistente me disse que, na segunda-feira, eu poderia conversar por telefone com a menina. Aquele final de semana parecia não ter fim, nunca desejei tanto uma segunda-feira.

Finalmente, chegou o dia do telefonema. Eu não conseguia conter aquela avalanche de emoções; estava insegura quanto à reação dela, como ela iria receber a notícia, como seria o primeiro contato. Eu e meu marido estávamos juntos nesse primeiro encontro telefônico, falamos um pouco sobre nós, sobre a alegria em poder conhecê-la e, quando eu afirmei que, em breve, iríamos vê-la e abraçá-la, ela me emocionou dizendo:

— Vem hoje, mãe!

Naquele momento, eu tive a certeza de que ela era a minha filha, de que havíamos encontrado a nossa filha. E, para completar a emoção, ao trocarmos fotos, vimos que ela era a irmãzinha marronzinha dos cabelos cacheados que Marília pediu.

Ela se chamava “Adriana”, morava, há um ano, em um abrigo para crianças em condições de vulnerabilidade, tinha os cabelos curtos e enroladinhos, estava muito magra, tinha um semblante sofrido, um sorriso tímido, um histórico triste e violento, diagnósticos médicos imprecisos e duvidosos, que me faziam a cada dia querer antecipar o encontro, recebê-la em meus braços e apresentar a ela um novo mundo de amor e acolhimento.

Conversávamos por telefone todos os dias, e, a cada dia, crescia em nós a certeza de que estávamos no caminho certo. A assistente social nos explicou que a situação de “Adriana” era muito delicada, ela estava prestes a completar oito anos, e suas chances de ser adotada diminuía a cada ano que se passava, devido ao perfil e à faixa etária pelos quais a maioria dos casais adotantes optam. E ainda nos contou que um outro casal já a havia conhecido, mas não quiseram dar continuidade ao processo, pois acreditaram que ela não seria capaz de se desenvolver devido aos diagnósticos apresentados em sua pasta. Por fim, fomos informados que haveria uma

audiência coletiva do Juiz da Vara da Infância e Juventude no dia 12 de dezembro e que, se realmente quiséssemos e conseguíssemos estar presentes nessa audiência, poderíamos obter a guarda provisória de “Adriana”. Não pensamos duas vezes, aceitamos de imediato.

Pronto! Minha cesariana do coração estava com data marcada! Entre o primeiro contato telefônico e o dia da audiência, foram exatos 15 dias. Era necessário correr, para que tudo estivesse pronto para a chegada de nossa “bebê”, comecei a providenciar o enxoval, comprar roupas, organizar o quarto com uma nova cama, um novo guarda-roupa, e, principalmente, agendar médicos. Essas coisas de mãe prestes a dar à luz um filho.

Após uma longa viagem, chegamos à cidade onde ela se encontrava no dia 11 de dezembro de 2016. E como foi o primeiro encontro presencial? Foi um encontro de almas. Fui recebida com um abraço apertado seguido por um pulo no colo e uma alegria nos olhos daquela criança que eu sonhei em ver desde 2009. E, para confirmar a providência divina, “Adriana” nasceu no dia 27/2/2009, na mesma semana em que eu e Wagner, pela primeira vez, começamos a vislumbrar a ideia de adoção. Saímos para passear, comer pizza, brincar e conversar. Tínhamos tanta coisa para falar, ouvir, transmitir. Foi verdadeiramente o meu segundo presente de Deus. Era o meu presente de Natal.





Em nossas primeiras conversas, agora frente a frente, eu e minha nova filha começamos a falar sobre o seu nome, o significado dele, e fui surpreendida com um pedido:

— Mãe, eu não quero me chamar “Adriana”. Você pode me chamar de Isabela?

Eu balancei a cabeça acenando que sim. E ela continuou:

— Vida nova, novo nome!

Aquele pedido confirmou minhas suspeitas, minha filha era realmente capaz de pensar por si só, de fazer escolhas. Muito diferente do que informavam os supostos diagnósticos médicos que ela possuía, como retardo mental leve, esquizofrenia e outros transtornos.

Chegou o dia da audiência, conversamos com o juiz sobre o pedido que nossa filha nos fez referente à troca do nome, ele nos informou que era possível sim alterar o nome e nos orientou que, somente depois do processo concluído de adoção, com a nova certidão, seria possível documentalmente essa troca; enquanto isso, poderíamos chamá-la pelo nome de Isabela e informar a todos, inclusive a escola sobre isso.

Recebemos, ao sair da audiência, uma pasta com os históricos de vida e escolar, laudos médicos, receituários, uma sacola cheia de remédios e uma criança ansiosa por uma família, por ser aceita em um lar. Ela demonstrava a todo momento, com o olhar, o quanto queria continuar conosco, o quanto desejava se encaixar em nossas vidas. Após horas viajando, finalmente chegamos à nossa casa, o novo lar de nossa filha Isabela. Era o começo de uma nova vida para todos nós, um sonho estava se realizando, cheio de desafios a serem superados.

Marília, que até então era a filha única, foi promovida a irmã mais nova, pois Isabela é dois anos mais velha. Isabela possuía muitas dificuldades de relacionamento, era uma menina insegura, cheia de vícios comportamentais, próprios de uma criança que teve que sobreviver em ambientes impróprios, degradantes, ela usava a mentira para se proteger, a pirraça para obter algo ou simplesmente ser notada e desafiava a nossa autoridade, porque ela não conhecia essa relação de pai e filha, mãe e filha, era tudo muito novo. Como



cobrar um comportamento adequado de uma criança que não foi educada para isso? A partir dessas constatações, pudemos refletir sobre o processo de humanização do homem e concluímos que ninguém nasce humano, mas, sim, torna-se humano. E, nesse processo de tornar-se humano, Isabela buscou na irmã mais nova o seu referencial. Observamos como ela admirava a irmã e como ela desejava aprender com ela. Ela era a mais velha, mas não tinha a vivência e a experiência de uma irmã mais velha.

Com relação à vida escolar, Isabela sempre frequentou escolas da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), devido aos diagnósticos, na verdade, pressupostos médicos, que recebeu ao longo de sua vida. E assim, com quase oito anos de idade, ela não reconhecia letras nem números, não havia sido alfabetizada. E os relatórios da escola nos apresentavam uma criança totalmente em conflito, ela não tinha uma convivência harmoniosa com os professores e as crianças no ambiente escolar e no abrigo em que vivia. Foi uma menina que sofreu vários tipos de violência, desde física a psicológica. Era um desafio, e nós estávamos dispostos a superá-lo, mas não conseguiríamos sozinhos, precisávamos da experiência de profissionais e, principalmente, do apoio familiar.

Houve medo por parte de alguns familiares de que pudéssemos estar errados, de que não seríamos capazes de aguentar tamanho “fardo”, chegaram a nos sugerir que desistíssemos dessa ideia maluca de adoção. Mas como seria possível desistir de um filho? Aquelas palavras me atormentavam. Foi a partir de então que eu assumi um compromisso pessoal de fazer dar certo! Transformar aquele bichinho do mato em uma menina educada, com princípios éticos e morais. Não foi fácil, a trajetória é árdua, mas, da mesma forma que encontramos pessoas que, por medo, tentaram nos frear, houve também aquelas que nos ampararam com conselhos e ombro amigo e nos ajudaram a levantar quando caíamos na rotina pesada do educar.

Ainda havia outros detalhes muito sutis na personalidade de Isabela, ela tinha uma imagem invertida sobre si mesma, não se aceitava, sempre dizia que queria ser loira com cabelos lisos. Entendemos que era preciso buscar ajuda de profissionais que pudessem nos orientar quanto ao modo de agir, acolher e vivenciar essas peculiaridades do pensamento humano. E assim o fizemos, nos cercamos de vários profissionais, neurologista, psiquiatra, psicóloga, neuropsicopedagoga, fonoaudióloga.



Conseguimos agendar um neurologista um mês após o “nascimento” de Isabela em nossas vidas, fizemos uma bateria de exames, e foi comprovado que Isabela não tinha nenhuma doença, todos aqueles diagnósticos que recebemos eram inverídicos, baseados apenas em observações superficiais. O neurologista nos encaminhou a um psiquiatra para analisar melhor o único transtorno que possivelmente Isabela teria, o TDAH, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Com as observações realizadas por mim, pelas professoras e a neuropsicopedagoga, conseguimos fechar um diagnóstico com o psiquiatra, realmente Isabela possuía TDAH.

Procuramos cercá-la de estímulos, os mais variados, os quais nunca havia recebido, e, em três meses, Isabela já estava lendo, pouco tempo depois já escrevia palavras, frases. Todos estavam surpreendidos com os avanços escolares de nossa filha.

Mas ainda faltava algo muito importante a ser trabalhado, a autoestima. Para isso, sugeri que lêssemos, em família, um livro chamado *Minha família é colorida*, de Georgina Martins, e, a partir da leitura, propus às duas, Marília e Isabela, que escrevessem como era a nossa família. Isabela conseguiu se expressar escrevendo que a nossa família também era colorida, o papai tinha olhos verdes, a irmã a pele branquinha, a mamãe cabelos cacheados e ela era marronzinha como a irmã sonhou e havia nascido do coração da mamãe. Elogios, regras e amor com disciplina, essa foi a nossa receita diária para superarmos os desafios que, a cada dia, nos eram impostos. E a receita deu certo, ela se tornou uma mocinha linda, amável, segura, determinada, cheia de sonhos e feliz com a própria aparência.

Ao longo desses quatro anos que Isabela chegou para nós, buscamos proporcionar a ela momentos singulares em família, realizar desejos simples, como receber um presente das mãos do Papai Noel, viajar, conhecer o mar, possuir um álbum de fotografias, soprar as velinhas do bolo de aniversário, assistir a um filme comendo pipoca. Não poderíamos reescrever o seu passado, tampouco apagá-lo de suas lembranças, mas sempre acreditamos que poderíamos povoar sua cabeça com memórias afetivas significativas, que tornariam o seu presente e futuro muito melhor.



Marronzinha, dos cabelos cacheados!

Em dezembro de 2018, finalmente chegou ao fim o processo de adoção e pudemos registrar, em nosso nome, aquela menina marronzinha dos cabelos cacheados que nasceu para nós.





Conheça outras emocionantes histórias de adoção, acessando a coleção especial, na Biblioteca Digital do TJMG:

bd.tjmg.jus.br > Comunidades e Coleções > Coleções Especiais > Adoção: corações que se abriram para acolher e amar



